FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.963 TERÇA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 2022 R$ 5,00

Escândalo derruba Ribeiro do MEC

Ministro deixa cargo após suspeita de que, a pedido de Bolsonaro, pastores tenham criado balcão de negócios na Educação

Milton Ribeiro chega ao prédio onde mora, em Brasília, após ser exonerado da Educação Pedro Ladeira/Folhapress

Sob pressão há uma semana, Milton Ribeiro (Educação) foi exonerado do cargo ontem, em tentativa do governo de reduzir o desgaste sobre Jair Bolsonaro (PL).

Ribeiro cai após indícios de esquema informal de obtenção de verbas dentro do ministério, envolvendo dois pastores sem cargo público, o que incluiria pagamento de propina. Em carta, o ministro se disse inocente.

Prefeitos apontam que o balcão de negócios seria operado por Gilmar Santos e Arilton Moura, ligados a Bolsonaro, e priorizava a liberação de valores para gestores próximos a eles e a prefeituras indicadas por políticos do centrão.

No último dia 21, a Folha revelou áudio no qual o ministro dizia priorizar amigos de Gilmar Santos a pedido do presidente e sugeria haver uma contrapartida supostamente direcionada à construção de igrejas.

Bolsonaro chegou a dizer que punha a "cara no fogo" por Ribeiro, que é pastor, mas foi convencido por aliados a mudar de ideia após a bancada evangélica se afastar do titular do MEC. O escândalo também enfraquece o discurso de que não há corrupção no governo.

Por ora, a pasta fica sob o comando do secretário-executivo, Victor Godoy Veiga, mas aliados do centrão cobiçam o cargo. Política A4 e A5

Escolhido por ser pastor, Milton Ribeiro fez gestão ideológica na

Análise **João M. Borges**
Ministro ilustra governo que une descaso e mitomania na

Bolsonaro demite presidente da Petrobras

O presidente da Petrobras, general Joaquim Silva e Luna, recebeu ontem a comunicação de que deixará o comando da estatal e será substituído por Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE).

A saída se dá após desgaste com Jair Bolsonaro (PL) por causa do mega-aumento de preços dos combustíveis.

Em quase um ano da gestão de Silva e Luna, a gasolina subiu 17%, e o diesel, 47%. A empresa chegou a segurar por quase dois meses o repasse da alta do petróleo no mercado internacional para evitar reajustes aos consumidores. O militar vinha sofrendo pressão pública de Bolsonaro para revisar os valores nas bombas.

A demissão por causa dos preços repete o desfecho do antecessor, Roberto Castello Branco, indicado por Paulo Guedes (Economia) para comandar a petroleira e demitido em fevereiro de 2021.

O nome de Adriano Pires não foi bem aceito pela ala militar, que é ligada ao ministro Bento Albuquerque (Minas e Energia).

Economista, Pires já era conselheiro do governo e agradava por ter defendido não repassar aos postos a volatibilidade das cotações globais. Também é a favor da reforma do ICMS sobre combustíveis. Mercado A11

Análise **V. Torres Freire**
Presidente joga para a galera e quer estatal cúmplice A14

Para 68%, governo tem papel na alta dos combustíveis

Na visão de 68% dos brasileiros, o governo de Jair Bolsonaro (PL) tem responsabilidade pela alta no preço dos combustíveis, aponta pesquisa Datafolha. O aumento da inflação é atribuído em maior ou menor grau à gestão federal por 75% dos entrevistados. Mercado A15

Chefe do Exército deve assumir pasta da Defesa

Jair Bolsonaro planeja alçar Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, atual chefe do Exército, a ministro da Defesa —o titular, Braga Netto, se filiou ao PL e deve ser vice na chapa de Bolsonaro. A troca abriria espaço a um nome mais alinhado ao Planalto à frente da Força. Política A6 e A7

Ministros veem censura do TSE na decisão do Lollapalooza

A decisão do ministro Raul Araújo, do Tribunal Superior Eleitoral, a favor de Jair Bolsonaro no Lollapalooza deixou a corte eleitoral e o STF estarrecidos. Magistrados buscam derrubar a determinação o quanto antes. Ontem, o presidente do TSE, Edson Fachin, disse que levará o caso a plenário assim que Araújo liberar o processo e indicou ser contrário à decisão do colega. Política A6

Trabalhadores realizam o plantio de cana-de-açúcar no interior de São Paulo José Sáboa/Folhapress

EDITORIAIS A2

Rechaçar a censura
Sobre decisão de ministro do TSE contra festival.

Uruguai dividido
Acerca de vitória apertada do governo em referendo.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

29° 19°

0h 6h 12h 18h 24h

	Hoje	Amanhã
Rio	22 32	21 35
Brasília	17 30	16 29
Ribeirão	20 32	20 33

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723 33965

Cecilia Machado
O Brasil a ser decidido por elas

Mulheres fazem parte de um eleitorado mais indeciso: pelo Datafolha, 39% das mulheres não sabem em quem irão votar (ante 25% dos homens). Esse gap de gênero na intenção de voto é uma novidade que deve passar a ser explorada nas campanhas dos presidenciáveis. Mercado A28

Novas práticas para educar crianças dividem pais e avós

Lista do que mudou na educação das crianças últimos 40 anos inclui alimentação, castigos e até os cuidadores. As novas práticas têm causado divergências entre pais e avós, causando maior estranheza nos mais velhos. Equilíbrio B4

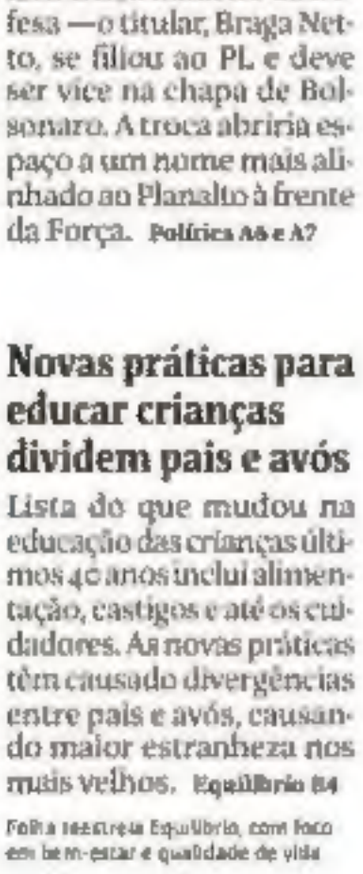
Folha reestreia Equilíbrio, com foco em bem-estar e qualidade de vida

agrofolha

Depois da 'vaca louca'

China amplia compra de carne bovina do Brasil após pausa no ano passado A18

+ Petróleo e clima vão ditar os preços do álcool na safra 2022/2023 A18
+ Feiras agro retornam, e fabricantes projetam crescimento no ano A22



Elisabete Junqueira, criadora do portal Avosidades, com o neto Rafael, 7

Karime Xavier/Folhapress

Ilustrada C1

Oscar à flor da pele

Tapa do ator Will Smith no apresentador Chris Rock na cerimônia do Oscar no domingo (27) mostra que astros de Hollywood também são vulneráveis e carregam estresse provocado pela era Covid-19.

Flórida veta 'ideologia de gênero' e ameaça docente

A Lei de Direitos dos Pais na Educação, apelidada de Don't Say Gay, sancionada ontem, permite a pais processarem docente que fale de sexualidade. Mundo A12

Banca do Antfer
Telegram: https://t.me/bancadoantfer
Issuhub: https://issuhub.com/user/book/1712
Issuhub: https://issuhub.com/user/book/41484

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (financeiro, planejamento e novos negócios), Marcelo Benez (comercial) e Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Rechaçar a censura

Decisão sobre Lollapalooza viola direitos de que se valem apoiadores de todos os candidatos

Com uma argumentação pobre do ponto de vista jurídico e frágil no plano da lógica, o ministro Raul Araújo, do Tribunal Superior Eleitoral, tentou impor censura prévia ao Lollapalooza, festival musical realizado em São Paulo.

Atendeu com isso a demanda dos advogados do presidente Jair Bolsonaro (PL), que procuraram o TSE no sábado (26) devido a alegada propaganda eleitoral antecipada e pediram que manifestações políticas fossem proibidas nos shows.

Na véspera, as cantoras Marina e Pabllo Vittar tinham aproveitado o palco do festival para atacar o ocupante do Palácio do Planalto e enaltecer o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Faziam uso da liberdade de expressão e manifestação artística, um direito protegido pela Constituição —e do qual se valem também os apoiadores de Bolsonaro, do área cultural ou não.

O TSE não costuma ter dificuldades para compreender o óbvio. Seu presidente, o ministro Edson Fachin, lembrou que a posição do tribunal é de "rechaço pleno e firme de qualquer forma de censura".

Daí por que causou espécie a decisão de Araújo. Mesmo que o direito não seja uma ciência exata, alguns parâmetros devem ser seguidos para que as sentenças não se confundam com meras canetadas nem expressem o puro arbítrio dos magistrados.

Araújo se descolou de todas as balizas que deveriam guiar sua argumentação. Contrariou a Constituição e os princípios nela elencados, ignorou normas que tratam diretamente do assunto e deu de ombros para a jurisprudência do colegiado a que pertence.

Por fim, afastou-se de seu próprio histórico de interpretação liberal da lei: em fevereiro, ele havia negado pedido do PT para retirar outdoors de apoio a Bolsonaro, embora a legislação expressamente vede a utilização dessas placas.

Para piorar, nem bem a canetada de Araújo tinha secado e Bolsonaro participava de ato partidário, no domingo (27), que havia despertado preocupações de sua própria equipe jurídica, diante dos riscos de vir a ser considerado campanha eleitoral antecipada.

A lei não permite que se peça voto explicitamente antes de 16 de agosto. O presidente não chegou a violar essa norma, mas discursou como candidato e atacou Lula, seu principal adversário no pleito.

Se a concomitância dos eventos já colocava em xeque a ação bolsonarista e a decisão de Araújo, artistas e público do festival trataram de debochar de seu conteúdo e demonstrar como, na prática, a ordem não poderia ser cumprida.

Mas daí não decorre que o assunto deva ser dado por superado. Decisões que pretendam retomar a censura precisam ser expostas como um retrocesso obscurantista e rejeitadas pelas cortes. Fachin, felizmente, indicou ter consciência de sua responsabilidade.

Uruguai dividido

Aprovação apertada de pacote em referendo mostra dificuldades do governo de centro-direita

Oficialmente, os uruguaios foram às urnas no domingo (27) para um referendo sobre um amplo pacote legislativo aprovado há quase dois anos. No jogo político, entretanto, a votação popular se converteu num teste de apoio à gestão do presidente Luis Lacalle Pou.

A vitória do novo diploma, embora pela estreita margem de um ponto percentual, representa um triunfo do mandatário uruguaio e dá fôlego à coalizão que o sustenta.

No centro da disputa estavam 135 artigos da chamada Lei de Urgente Consideração (LUC), uma colcha de propostas aprovadas no começo do governo de Lacalle Pou. A norma, considerada a base do programa da centro-direita uruguaia, altera dezenas de leis preexistentes e constituiu o carro-chefe da campanha presidencial vitoriosa.

Abrange desde as condições de reajuste do preço dos combustíveis até os limites do direito de greve, passando pelo papel do Estado na economia, na educação e na segurança. Entre outros pontos, estabelece o fim do monopólio estatal de serviços como internet, telefonia, eletricidade e hidrocarbonetos.

Os aspectos mais controversos do pacote instituem uma equivocada política linha-dura na segurança pública uruguaia.

Constam da LUC a duplicação de penas para crimes cometidos por adolescentes e tráfico de drogas, bem como a limitação das possibilidades de liberdade condicional —o que não deixa de ser um contrassenso num país em que o consumo de maconha é legalizado.

O pacote também cria a Secretaria de Inteligência Estratégica, com a prerrogativa de acessar informações sigilosas de cidadãos sem a obrigatoriedade de uma decisão judicial, "caso sejam necessárias para a segurança do país".

Ativistas e siglas de esquerda conseguiram coletar quase 800 mil assinaturas contra a lei, mais do que o suficiente para tentar impugná-la nas urnas. O governo, por sua vez, colocou todo o seu peso em favor da LUC, tendo o próprio Lacalle Pou desempenhado o papel principal na campanha.

Se o respaldo popular ao novo pacote de leis pode impulsionar o governo, dando-lhe força para avançar em sua agenda de reformas do Estado, o poder de mobilização demonstrado pela oposição prefigura um duro embate nas eleições gerais de 2024.

No espírito da lei

Hélio Schwartsman

O ministro Raul Araújo, do TSE, deu um show ao tentar proibir manifestações políticas de artistas durante o Lollapalooza. A liminar expedida por Araújo é tecnicamente indigente, como mostrou meu amigo Uirá Machado, contraria decisão recente e unânime do STF, que considerou inconstitucionais atos da Justiça Eleitoral que proíbam a livre manifestação de cidadãos mesmo em espaços públicos como universidades, e ainda produziu o efeito inverso ao pretendido pelos requerentes, já que, na prática, "obrigou" quase todos os artistas e o público do Lollapalooza a fazerem manifestações contra Bolsonaro.

É preciso, porém, resistir à tentação de culpar apenas Araújo pelo dislate judicial. Esse tipo de confusão só é possível porque nossa legislação eleitoral e as infindáveis resoluções que a complementam são péssimas. Tratam o eleitor como um ser semi-incompetente, que precisa ser arrastado até a urna (o voto no Brasil é obrigatório) e tem de ser isolado de toda e qualquer influência não oficial, ou acabará votando contra sua própria vontade (o que quer que isso signifique).

E os equívocos da legislação não se limitam a essa filosofia maluca. No afã de tentar controlar tudo, em busca de um equilíbrio impossível, as normas se perdem em insignificâncias, mas nem por isso deixam de recender a autoritarismo. O tamanho máximo do cartaz eleitoral que o cidadão pode fixar em sua janela é de 0,5 m²; simpatizantes de um candidato só podem ocupar 25% do tempo de propaganda a que ele tem direito.

Com o início da campanha oficial, liberdades constitucionais, como a de expressão e reunião, sofrem limitações pouco razoáveis. No dia do pleito propriamente dito, vale uma espécie de estado de exceção. Quem ousar distribuir santinhos pode ser preso. Alguns juízes importam até a "sharia" islâmica, proibindo a venda de álcool em suas comarcas.

Araújo erra, mas traduz bem o espírito da legislação.

helio@uol.com.br

Obrigada, Pabllo Vittar!

Cristina Serra

A decisão do ministro Raul Araújo, do TSE, de impor censura em um festival de música, é um alerta inquietante do que vem por aí. Confundir atos de expressão individual de artistas com "propaganda político-eleitoral" já preocupa bastante por ignorar direito garantido pela Constituição. Mas não surpreende, considerando despacho anterior do mesmo juiz, mantendo painéis de rua com propaganda do candidato à reeleição.

Bolsonaro faz campanha todos os dias. Cada vez que abre a boca é para minar a democracia, as instituições republicanas e as eleições, atacar ministros do STF e do TSE, infringir a lei. Tudo às claras, como fez ao convocar para o "lançamento da pré-candidatura" dele. Mas o juiz apressou-se em tentar calar artistas. A percepção de que a justiça tem lado é muito perigosa.

Tudo isso me fez lembrar a canção de Belchior, "Como Nossos Pais", de 1976. A ditadura censurava, matava, torturava, prendia e arrebentava. "Há perigo na esquina", diz um verso. É a mesma canção que diz: "Para abraçar seu irmão/E beijar sua menina na rua/É que se fez o seu braço/O seu lábio e a sua voz". É aí que entra Pabllo Vittar, a cantora que desencadeou a reação dos advogados de Bolsonaro e a decisão estapafúrdia do juiz.

A voz, o lábio, o braço, o corpo inteiro da Pabllo Vittar, sua coragem, valem por mil manifestos políticos. Sua disposição para o enfrentamento da hipocrisia, da discriminação e de preconceitos têm imensa capacidade mobilizadora. Pabllo certamente sabe que se torna um alvo fácil, exposta à ira de reacionários covardes, mas não se deixa intimidar.

Pabllo é a combinação irresistível de "cabelo ao vento, gente jovem reunida", luminosa, transgressora, transformadora. Como disse um amigo meu, precisamos "vittalizar" o Brasil. Vi e revi a imagem da Pabllo e me peguei cantando de novo Belchior: "Pois vejo vir vindo no vento/O cheiro da nova estação/Eu sei de tudo na ferida viva/Do meu coração".

Obrigada, Pabllo Vittar!

O Lollapalooza é só o começo

Alvaro Costa e Silva

Há gente horrorizada com o escândalo do MEC, que se revelou um balcão para a liberação de verbas, sendo a moeda corrente a compra de Bíblias ou o recebimento de barras de ouro (afinal, o garimpo é coisa nossa). Em essência, é um velho golpe de corrupção tantas vezes praticado, mais um "desvio de merenda", agora com a participação de pastores lobistas que têm trânsito livre no Palácio do Planalto.

Pensando bem, ninguém deveria estar surpreso. Bolsonaro não poderia oferecer o que não tem e o que despreza: educação.

Até agora quatro foram os ocupantes da pasta; cada um pior que o outro. O olavista Ricardo Vélez ficou três meses, mas teve tempo de mandar que alunos fossem filmados cantando o Hino Nacional e recitando o lema "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Entrou Abraham Weintraub, animador de auditório da extrema direita, mais interessado em prender ministros do STF, a quem chamou de "vagabundos", antes de se esconder nos EUA. O economista Carlos Decotelli apresentou um currículo cheio de informações falsas e teve a nomeação cancelada.

Sondado, o empresário Renato Feder, defensor da extinção do ministério e da privatização de todo o ensino público, recusou a oferta. O cargo ficou vago por um mês até a chegada do pastor Milton Ribeiro, com seu ar de superioridade moral, fachada que esconde uma usina de preconceitos contra homossexuais, estudantes com deficiências e a população menos favorecida (para ele, a universidade deveria ser "para poucos").

Ribeiro agiu para atender "um pedido especial" do presidente. O ministro vai embora, mas Bolsonaro continua com o rabo preso —e ainda não se sabe até onde o rabo poderá crescer. O estrago na campanha de reeleição está feito. Se há gente perplexa com a gatunagem no MEC, imagine quando for aberta a caixa-preta do orçamento secreto destinado ao centrão. As ruas poderão virar um enorme Lollapalooza.

Ocupar para resistir

Preto Zezé

Presidente nacional da Central Única das Favelas - Cufa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista

Por Nega Gizza

Quero usar este espaço para falar de "ocupação", do lugar onde a mulher tem estado e aonde ela quer chegar.

Seja no profissional, na política, nas empresas públicas e privadas e no mundo virtual, as mulheres têm se feito presente, não com a proporção devida, mas valorizamos esse avanço, pois é parte de uma estratégia de progresso que as mulheres da Cufa incentivam há anos.

Nossas lideranças dentro das favelas, que são 47% femininas, segundo pesquisa do Instituto Data Favela, atuam justamente para tirá-las da subjugação da sociedade machista. Mas estamos também aqui como um grupo ativista, fazendo incidência política no estado para corrigir desigualdades e pautar uma agenda política que favoreça a equidade de gênero.

É incontestável a participação das mulheres nas instâncias de organização política da sociedade. Construímos organizações e movimentos sociais, fazemos a luta sindical e potencializamos a luta nos partidos políticos, entretanto essa expressiva participação política não se converte em presença nos espaços de poder.

Numa sociedade machista, dominada pela lógica heteropatriarcal, só é possível enfrentar as desigualdades de gênero criando políticas que promovam o acesso das mulheres aos postos de poder, já que a maioria das regras institucionais relativas a essa questão foram criadas por homens.

Constatamos que limitar essas estratégias à reserva de cotas para disputas nos pleitos eleitorais não responde ao desafio de garantia da igualdade de gênero, que, segundo a ONU Mulheres, é condição fundamental para um regime democrático, justo e inclusivo.

Considerando a diversidade das mulheres brasileiras, é preciso reconhecer que as negras e indígenas estão ainda mais sub-representadas, fato relacionado às desigualdades históricas, ao pouco investimento para que as mulheres tenham oportunidade de desenvolver seus potenciais de liderança e às dificuldades de conciliar as tarefas da vida doméstica, em nosso contexto relegado quase exclusivamente às mulheres e que exercem um peso ainda maior para as mães solo de territórios periféricos. Somase a isso a batalha diária pela sobrevivência.

Para 2022, programamos o Encontro Internacional de Mulheres da Cufa, que vai proporcionar novos saberes e experiências através de palestras, treinamentos e workshop com outras referências femininas.

A voz ativa das mulheres na tomada de decisões é fundamental para que possamos avançar na definição de políticas públicas de redução da exclusão.

Nega Gizza é rapper, ativista social, uma das fundadoras da Cufa e do movimento de mulheres da instituição

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com essa natureza não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Gentileza e autocontenção

Escolher entre matemática e empatia é dilema inexistente nas escolas privadas

Fernando Cássio
Educador, doutor em ciências (USP) e professor da UFABC, integra a Rede Escola Pública e Universidade (Repu) e o comitê diretivo da Campanha Nacional pelo Direito à Educação

"Você acha mais importante a escola dar aula de matemática ou de empatia?", indagou a colunista Laura Mattos nesta Folha (17/3). A pergunta, aparentemente endereçada aos 20% da população pagante de mensalidades em escolas privadas, pretende chamar atenção para os inovadores programas escolares voltados ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais como resiliência, persistência, foco e empatia.

Dentre os exemplos de produtos educacionais elencados no artigo estava uma atividade oferecida a estudantes do quarto ano do ensino fundamental e baseada na história de vida de José Datrino (1917-1996), o Profeta Gentileza. O objetivo pedagógico da empresa proponente era levar os estudantes a encontrarem situações em que "a gentileza faz a diferença", ajudando a lidar, por exemplo, com a frustração de um eventual mau desempenho escolar.

A provocação contida na pergunta serve apenas à economia da lacração nas redes sociais, posto que escolher entre matemática e empatia é dilema inexistente nas escolas privadas. Nestas, com ou sem aulas de empatia, jamais vai faltar aula de matemática. Além disso, programas de autoajuda infantojuvenis já existem nas escolas privadas mais caras do país desde os anos 1990, sob eufemismos como "educação em direitos humanos", "inteligência emocional" e "projeto de vida".

A fim de abocanhar uma fatia maior do mercado, esses programas se adaptaram ao ensino apostilado de qualidade questionável que fagocitou as classes médias mais remediadas nas últimas décadas. Acrescidos de um verniz científico, foram repaginados como "habilidades socioemocionais" a partir da aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com o empenho do empresariado —tão interessado em vender seus produtos para escolas privadas quanto em emplacar a gentileza como política pública para quem tem a escola pública como única opção na vida. É esta última a verdadeira oportunidade de negócio.

No perigoso cruzamento entre o jornalismo de opinião e a assessoria de imprensa, o texto serve a três propósitos: 1) estimular as famílias a buscarem um novo diferencial de mercado na educação privada; 2) informar os mantenedores das escolas privadas sobre a existência de pacotes prontos para o ensino de habilidades socioemocionais; e, mais importante, 3) advertir os gestores das redes públicas para que não fiquem de fora dessa revolução educacional.

De fato, é na seara do ensino público onde a escolha entre aulas de matemática e de empatia ganha maior relevância. A mesma BNCC que celebra o ultraindividualismo e postula a necessidade de ensinar habilidades socioemocionais também promove um esvaziamento radical dos conteúdos escolares, sobretudo no ensino médio.

A "liberdade de escolha" —uma das grandes promessas do novo ensino médio aos estudantes— sempre foi fato dado para as classes médias e elites, para as quais não faz sentido escolher entre aulas de matemática ou empatia. Já para os não agraciados com a dádiva da liberdade, a opção entre empatia e matemática é dada a partir de fora, por políticas de centralização curricular como a BNCC. Para os mais pobres, menos matemática e mais empatia.

Nas escolas estaduais, estudantes do ensino médio já vêm protestando contra a falta de conteúdos e a substituição das aulas por telecursos. "TV eu tenho em casa, venho na escola para ter professor!", gritaram recentemente secundaristas do Paraná. Em São Paulo, os estudantes vêm utilizando os televisores instalados nas salas de aula para se divertir no TikTok. Magnânimos, os arautos das tecnologias empresariais de autocontenção concluem que a revolta e o sarcasmo dos estudantes demonstram a necessidade de se aprender mais gentileza e resiliência na escola pública.

É sintomático que os pacotes de habilidades socioemocionais propagandeados no artigo enfatizem o desenvolvimento da gentileza e da empatia em detrimento, por exemplo, da solidariedade. Consciência social sim, mas com limites. Na pedagogia do amor defendida pelos ricos, gentileza gera gentileza. Ninguém conta aos estudantes que o saudoso profeta fluminense, para além do repisado mote, pregava o amor entre as pessoas em oposição ao capitalismo e à obsessão individualista pelas coisas venais.

[...]

É sintomático que os pacotes de habilidades socioemocionais enfatizem o desenvolvimento da gentileza e da empatia em detrimento, por exemplo, da solidariedade. Consciência social sim, mas com limites. Na pedagogia do amor defendida pelos ricos, gentileza gera gentileza

Redução do IPI retira R$ 6,9 bilhões da saúde e da educação

Neste momento, é imperativo sair em defesa do financiamento de ações sociais

Barjas Negri
Ex-ministro da Saúde (2001, governo FHC) e ex-prefeito de Piracicaba (2005-2012 e 2017-2020)

Foi com muito trabalho e articulação de parlamentares, de governantes e da sociedade civil que foi possível conquistar um seguro de proteção ao financiamento da saúde pública, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS), e da educação.

Por isso, a União é obrigada a aplicar 18% de seus impostos com educação e 15% de suas receitas líquidas com saúde. Os estados devem aplicar 25% dos seus impostos com educação e mais 12% com saúde. E, finalmente, os municípios repassam 25% e 15%, respectivamente. São chamadas de obrigações legais, que garantem o acesso à educação pública a milhões de crianças e jovens todos os anos —e o SUS mostrou toda a sua força na pandemia, mesmo com seu subfinanciamento.

Agora, o governo federal, por ações do Ministério da Economia, decidiu diminuir as alíquotas do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) em 25% para a maioria dos produtos industrializados. Em que pese a intenção da iniciativa em reduzir preços das mercadorias, vai abrir mão de R$ 19,5 bilhões de impostos por ano. Há três lados perversos dessa iniciativa que precisam ser lembrados.

O primeiro é que os recursos do IPI compõem os Fundos de Participação dos Estados (FPE) e dos Municípios (FPM), o Fundo de Compensação das Exportações e o Fundo de Desenvolvimento Regional —e, acreditem, 59% pertencem aos estados e municípios, que vão ter que reduzir importantes despesas em ações sociais realizadas nos municípios, tão necessárias em tempos de crise econômica e de pandemia.

O segundo refere-se às questões da redução dos desequilíbrios regionais, uma vez que o FPE e o FPM alocam mais recursos nos estados e municípios do Nordeste, sendo a principal fonte de receita das menores cidades em todo Brasil; logo, os que serão os mais afetados.

O terceiro e último aspecto a ser mencionado é que essa diminuição de receita do IPI subtrai R$ 6,9 bilhões do conjunto das três esferas de governo, que deveriam ser aplicados obrigatoriamente em educação (R$ 4,1 bilhões) e saúde/SUS (R$ 2,8 bilhões), prejudicando e muito as ações de âmbito local, uma vez que grande parte delas (educação básica e SUS) é bastante municipalizada. Na saúde, por exemplo, onde há subfinanciamento de ações, é preciso aportar mais recursos, não subtrair.

Lamentável é a não participação dos ministérios da Saúde e da Educação nessa discussão, que, ao longo dos últimos anos, não deram muita contribuição ao avanço da educação pública e do Sistema Único de Saúde. Essa pouca participação contribuiu para atrapalhar.

É preciso que a Frente Nacional de Prefeitos (FNP), a Confederação Nacional dos Municípios (CNM), os Conselhos Nacionais de Saúde e de Educação, as entidades de vereadores e os parlamentares comprometidos com essas duas importantes áreas debatam formas de compensação da redução dessas despesas que, por pouco, não foi maior, pois essa era a intenção do Ministério da Economia em promover uma redução de 50% do IPI, não 25%. É imperativo sair em defesa do financiamento de ações sociais, principalmente em momentos delicados como este de pandemia e de baixo crescimento da economia.

[...]

O governo federal decidiu diminuir as alíquotas do IPI em 25% para a maioria dos produtos industrializados. Em que pese a intenção da iniciativa em reduzir preços das mercadorias, vai abrir mão de R$ 19,5 bilhões de impostos por ano. Há três lados perversos dessa iniciativa que precisam ser lembrados

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Imagem da gravação em que Milton Ribeiro trata de um esquema de obtenção de verbas envolvendo dois pastores sem cargo público

E o chefe?

O ministro da Educação é exonerado devido aos "direcionamentos de verbas públicas" relatados pela imprensa. E quem ordenou que os "pastores" fossem atendidos pelo ministro? Não está faltando alguma coisa em mais essa trama que acontece em outra estrutura paralela?
Rosana Gomes (São Paulo, SP)

★

Mais uma vez vemos a queda de um ministro, abalado por denúncias. É algo a que já nos acostumamos. Fatos são vazados, tudo é mais ou menos apurado e, no final, o único resultado prático será a perda do cargo pelo ministro. Ninguém que conheça os meandros da política brasileira espera que algo além disso aconteça. E o maior vencedor dessa história será o centrão, dono de uma trajetória bem conhecida pelos brasileiros.
Marcos de Luca Bathen (Goiânia, GO)

★

1. Quem extorquiu dinheiro e barras de ouro dos prefeitos? Os pastores. 2. Quem deu poderes aos pastores para extorquir? O ministro. 3. Quem mandou o ministro dar poderes aos pastores? O presidente. Conclusão: quem deve perder o cargo e responder a processo é o presidente, depois os demais.
Otavio Gomes (Guaratinguetá, SP)

★

Resta saber quem será a nova nulidade a assumir a pasta. Do "governo" Bolsonaro a única certeza possível é que nada que preste virá.
Alex Sgobin (Campinas, SP)

Desgoverno

Quero parabenizar Cristina Serra pelo artigo "Os amigos do pastor Gilmar" e Alvaro Costa e Silva por "Cocar dá azar" (Opinião, 26/3). Ambos explicitaram em sua plenitude o que é esse desgoverno vergonhoso de Jair Bolsonaro. Estão de parabéns.
Cláudia Nunes Patrocínio (São Paulo, SP)

Biden e as mulheres

Os leitores que não entenderam o que Joe Biden disse ("Por Deus, Putin não deve continuar no poder", Mundo, 27/3) é porque não sabem que Biden tem a seu lado duas mulheres inteligentes: a vice-presidente e a presidente da Câmara dos Deputados. Enquanto isso, o presidente daqui tem a seu lado militares de pijama e evangélicos histéricos.
Marcelo Cioti (Atibaia, SP)

Tapa na cara

"Will Smith dá tapa em Chris Rock em momento tenso da cerimônia do Oscar" (Ilustrada, 27/3). Assustada com a quantidade de pessoas justificando a agressão física em nome da honra da família. Estamos retrocedendo, voltamos a viver sob a lei de talião. Mulheres clamando por um homem que a defenda, reforçando o estereótipo de que somos o sexo frágil. Dois homens negros, irmãos na ancestralidade, se agredindo num evento transmitido para o mundo todo, num país tão racista. É muita gente achando graça.
Juliana Torres Miyoshi (Rio de Janeiro, RJ)

★

Chris Rock foi deselegante, com uma piada totalmente sem graça. Mas o que Will Smith fez foi desnecessário demais.
Bianca Moreira (Brasília, DF)

Deplorável. Nenhum tipo de violência pode ser aceito. Se Hollywood agir como de praxe, Will Smith será colocado na geladeira por muitos anos. Todos saíram perdendo.
Christian Crave (São Paulo, SP)

Nostálgica...

Comecei com a Bia Braune ("Se eles são bonitos, sou Alain Delon", Ilustrada), depois passei para a Lygia Maria ("Que falta faz Millôr Fernandes", Opinião) e em seguida baixei os olhos em Ruy Castro "Réquiem para o telefone", Opinião)! Depois disso tudo, não pude deixar de confirmar: a **Folha** desta segunda-feira estava nostálgica!
José Antonio Garbino (Bauru, SP)

Petróleo

Fico pasmo como ninguém fala do sistema de preços da maioria dos países produtores de petróleo. Em muitos desses países há dois preços para os combustíveis: um, módico e estável, para o consumo interno; outro, em dólar e seguindo os preços do cartel da Opep, para exportação. A Petrobras, que produz 80% do nosso combustível em moeda local, insiste na política suicida de "paridade de preço internacional", como se o Brasil fosse um país importador de petróleo tal qual Portugal, Itália, França e outros.
Valério Bronzeado (João Pessoa, PB)

★

A indicação de Adriano Pires para a presidência da Petrobras é uma incógnita. Ou ele terá de fazer tudo ao contrário do que escreveu em seus artigos ou não vai durar um mês no cargo.
Vital Romaneli Penha (Jacareí, SP)

Algoritmos

Acabo de ler e compartilhar com meus gerentes de banco o artigo de Luiz Felipe Pondé na **Folha** desta segunda-feira ("Banking e burbárie", Ilustrada, 28/3). Brilhante abordagem sob o ponto de vista dos cinquentões. A inteligência artificial e os algoritmos estão nos matando, as conversas por WhatsApp também. Ninguém mais "fala"! A comunicação como um comportamento verbal humano entre as pessoas está acabando?
Francisco Alberto Coutinho (São José dos Campos, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

GUIA (25.MAR, PÁG. 2) Os cinemas Cinemark Villa Lobos, Espaço Itaú de Cinema Augusta e Cinesesc foram localizados de maneira errada no mapa que acompanhava o texto "De volta ao escurinho". Veja abaixo a localização correta das salas.

política

PAINEL | Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Controle de danos

A troca no Ministério da Educação estancou por ora o incêndio que se iniciava entre Jair Bolsonaro (PL) e uma de suas principais bases eleitorais, os evangélicos. Essa vinha sendo uma das maiores preocupações do presidente, segundo auxiliares. Havia uma avaliação de que o balcão de negócios instalado por Milton Ribeiro estava respingando em todo o segmento. Ao mesmo tempo, a nomeação do secretário-executivo, Victor Godoy, foi elogiada pela bancada evangélica.

QUE PUXA Pesaram na saída de Ribeiro do cargo os sinais de cansaço que ele próprio vinha dando. A interlocutores ele afirmou estar chateado e preocupado com o assédio que a família vinha sofrendo.

DISFARCE Ribeiro viajou a Brasília no sábado (26) para conversar com Bolsonaro e foi visto no aeroporto usando óculos escuros, máscara e boné, que dificultavam que fosse reconhecido.

HISTÓRICO O ministro do TSE Raul Araújo, que deu liminar censurando manifestações no festival Lollapalooza, votou no último dia 22 para o ex-procurador da Lava Jato Deltan Dallagnol pagar indenização de R$ 75 mil ao ex-presidente Lula (PT) por ter apresentado um Power Point no qual o apontava como centro de esquema de corrupção.

CURRÍCULO Tido como conservador, Araújo ocupa uma das vagas do TSE reservadas a ministros do STJ. Originário do TJ do Ceará, foi indicado à corte superior por Lula.

ACORDO Ministro da Ciência, Marcos Pontes diz que Bolsonaro se comprometeu a nomear Paulo Alvim, secretário de Empreendedorismo e Inovação da pasta, como seu substituto. Ele será candidato a deputado federal por SP.

ESTRATÉGIA Como mostrou o Painel, Pontes vinha se movimentando para evitar que seu substituto fosse escolhido pelo centrão e chegou a falar em desistir das eleições.

TCHÊ Ministro do Trabalho, Onyx Lorenzoni tem dedicado a reta final de sua gestão ao Rio Grande do Sul, onde deve disputar a eleição para governador. Desde fevereiro, dos 32 dias com agenda pública, 15 tiveram compromissos no estado ou com lideranças dele.

PROPAGANDA O PT fará representação junto ao Ministério Público Federal contra o ministro Tarcísio Freitas (Infraestrutura) em razão de vídeo institucional que ele gravou para anunciar obra na pista do aeroporto de Congonhas, em São Paulo.

NÃO PODE Segundo o partido, Tarcísio relaciona a obra no vídeo diretamente a Bolsonaro, em vez de mencionar o governo federal, ferindo o princípio da impessoalidade.

VITRINE Aliados do prefeito de SP, Ricardo Nunes (MDB), dizem que as ações habitacionais planejadas por sua gestão serão trunfos na disputa de 2024 com Guilherme Boulos (PSOL), cuja atuação está centrada na moradia. Em um dos projetos, a prefeitura prevê a compra de 45 mil imóveis populares, com investimento de R$ 8 bilhões.

AQUECIMENTO Para Boulos, os projetos são "fumaça". "Ele prometeu moradia, e isso qualquer um com boca pode fazer. Outra coisa é fazer, e até agora não se viu nada, nenhuma unidade construída", diz. Nunes não quis comentar.

SOMBRA O governador Eduardo Leite (PSDB-RS) iniciará uma espécie de "campanha paralela" à Presidência a partir da semana que vem. A ideia é estruturar uma coordenação política que inclua integrantes de outros partidos, como União Brasil e MDB. Em seguida, deverá começar a fazer viagens pelo país.

PAZ E AMOR Uma estratégia dos apoiadores é não colocar a movimentação do gaúcho como de enfrentamento ao governador de SP, João Doria (PSDB), que venceu a prévia tucana em 2021. "Ninguém tem nada contra o Doria, mas não temos o direito de privar o país de uma alternativa", diz o deputado Aécio Neves (MG).

PEDIR MÚSICA Os "nãos" que ouviu de Geraldo Alckmin, Rodrigo Pacheco e Eduardo Leite arranharam a imagem de Gilberto Kassab (PSD) como oráculo político. Ele disse a aliados que reveses são normais e que não vai se abater.

FIM João Doria fará na quinta (31) o evento de despedida do Governo de SP e transmissão do cargo para seu vice, Rodrigo Garcia (PSDB). Para o evento, no Palácio dos Bandeirantes, todos os 645 prefeitos do estado foram convidados. Mais de 500 já confirmaram presença.

PAUTA A Open Society debaterá nesta quarta (30) a violência contra mulheres na política, com Anielle Franco, diretora do Instituto Marielle Franco, a senadora Kátia Abreu (PP-TO) e a ex-deputada Manuela D'Ávila (PCdoB-RS). O debate será mediado pela jornalista da Folha Patrícia Campos Mello e transmitido ao vivo nos perfis da entidade no YouTube e no Facebook a partir das 18h30.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

O ex-ministro da Educação Milton Ribeiro chega à sua casa após pedir exoneração do MEC Pedro Ladeira/Folhapress

Ministro Milton Ribeiro é exonerado após suspeitas de corrupção no MEC

Titular da Educação deixa cargo no governo federal uma semana após áudio revelado pela Folha em que cita pedido de Bolsonaro

Ricardo Della Coletta, Paulo Saldaña e Mateus Vargas

BRASÍLIA O ministro Milton Ribeiro (Educação) foi exonerado do cargo nesta segunda-feira (28) para tentar reduzir o desgaste do governo do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Ele escreveu uma carta de demissão, entregue ao presidente nesta tarde no Palácio do Planalto, e a exoneração foi publicada em edição extra do Diário Oficial da União.

Ribeiro se tornou alvo de grande pressão após a revelação de indícios de um esquema informal de obtenção de verbas envolvendo dois pastores sem cargo público, o que incluía pagamento de propina —Bolsonaro diz que em seu governo não há corrupção.

Prefeitos apontam que essa espécie de balcão de negócios seria operado pelos pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, ligados a Bolsonaro, e priorizava a liberação de valores para gestores próximos a eles e a prefeituras indicadas pelo centrão, bloco político de sustentação ao governo.

Interlocutores relataram à Folha que o ministro inicialmente havia discutido uma licença para se concentrar em sua defesa. Mas destacaram que não havia justificativa para que o ministro apresentasse uma licença e que, portanto, haveria a exoneração.

Com a saída de Ribeiro, o MEC deve ficar sob o comando do secretário-executivo, Victor Godoy Veiga. Mas aliados do centrão cobiçam o cargo.

Na última quinta-feira (24), Bolsonaro disse que 'bota a cara no fogo' por Ribeiro, que é evangélico e pastor, mas diante das recentes revelações perdeu o apoio até mesmo de integrantes da bancada evangélica no Congresso.

A situação do ministro se agravou na segunda-feira da semana passada, após a revelação pela Folha de áudio em que Ribeiro afirma que o governo prioriza prefeituras cujos pedidos de liberação de verba foram negociados pelos pastores Gilmar e Arilton.

Na gravação, Ribeiro diz ainda que isso atende a uma solicitação de Bolsonaro e menciona pedidos de apoio que seriam supostamente direcionados para construção de igrejas. A atuação dos pastores junto ao MEC foi revelada anteriormente pelo jornal O Estado de S. Paulo.

"Foi um pedido especial que o presidente da República fez para mim sobre a questão do [pastor] Gilmar", diz o ministro na conversa obtida pela Folha em que participaram prefeitos e os dois religiosos.

Em seguida, o prefeito Gilberto Braga (PSDB), do município maranhense de Luís Domingues, afirmou que um dos pastores que negociam transferências de recursos federais para prefeituras pedia 1 kg de ouro para conseguir liberar verbas de obras de educação.

A declaração do prefeito foi dada ao jornal O Estado de S. Paulo, e a Folha confirmou com outras duas pessoas presentes no local onde o pedido de propina foi feito.

Já na sexta-feira, em entrevista à Folha, o prefeito de Piracicaba (SP), Luciano Almeida (União Brasil), disse que recebeu pedido de dinheiro para que o município abrigasse um evento com a presença do ministro em agosto de 2021.

O gestor municipal afirma que se recusou a fazer o pagamento e que o encontro acabou não se concretizando. Dois servidores do alto escalão do MEC disseram que os pastores com supostos privilégios dentro da pasta estariam à frente dessa negociação.

Os pastores Gilmar e Arilton têm, ao menos desde janeiro de 2021, negociado com prefeituras a liberação de recursos federais para obras de creches, escolas, quadras ou para compra de equipamentos de tecnologia.

Os dois pastores têm proximidade com Bolsonaro desde o primeiro ano do governo. A atuação deles junto ao MEC foi revelada anteriormente pelo jornal O Estado de S. Paulo.

Na semana passada, o ministro da Educação negou em nota ter determinado alocação de recursos para favorecer qualquer município.

Continua na pág. A5

ENTENDA O CASO

Qual foi o desgaste do ministro?
Ele se tornou alvo de pressão após revelação de indícios de esquema informal de obtenção de verbas envolvendo dois pastores sem cargo público. Prefeitos dizem que uma espécie de balcão de negócios no MEC seria operado pelos pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, ligados a Bolsonaro

O que gerou a pressão política para sua demissão?
Sua situação se agravou após a revelação pela Folha de áudio em que Ribeiro diz que o governo prioriza prefeituras cujos pedidos de liberação de verba foram negociados pelos pastores Gilmar e Arilton. Na gravação, diz ainda que isso atende a solicitação de Bolsonaro e menciona pedidos de apoio supostamente direcionados para construção de igrejas. "Foi um pedido especial que o presidente da República fez para mim sobre a questão do [pastor] Gilmar", diz o ministro na conversa

Quais outros casos foram revelados sobre o MEC?
O prefeito Gilberto Braga (PSDB), de Luís Domingues (MA), disse que um dos pastores que negociam transferências de recursos federais para prefeituras pedia 1 kg de ouro para liberar verbas para educação à cidade. A declaração foi dada ao jornal O Estado de S. Paulo, e a Folha confirmou com outras duas pessoas presentes no local onde a propina foi pedida. Em entrevista à Folha, o prefeito de Piracicaba (SP), Luciano Almeida (União Brasil), disse que recebeu pedido de dinheiro para que o município abrigasse um evento com a presença do ministro em agosto de 2021. O prefeito diz que se recusou a pagar e que o encontro acabou não acontecendo. A Folha ouviu de dois servidores do alto escalão do MEC que os pastores com supostos privilégios dentro da pasta estariam à frente dessa negociação.

O que Ribeiro diz?
Negou em nota ter determinado alocação de recursos para favorecer municípios e disse que Bolsonaro não tenha pedido para que os pleitos dos pastores fossem atendidos, mas só que todos os indicados por eles fossem atendidos.

As suspeitas serão investigadas?
Sim. A Polícia Federal abriu dois inquéritos. O primeiro na Superintendência da PF no Distrito Federal, para apurar suspeitas apontadas em relatório da Controladoria-Geral da União sobre distribuições de verbas do FNDE (Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação). Outra investigação foi instaurada na sede do órgão, no setor que cuida de inquéritos que tramitam no STF (Supremo Tribunal Federal).

O escândalo respinga em Bolsonaro?
O caso pode impactar a campanha pela reeleição de Bolsonaro. Pessoas próximas o aconselharam a demitir Ribeiro, para evitar desgaste político, mas ele resistiu até o ministro pedir demissão.

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,50

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
361.387 exemplares (Fevereiro de 2022)

Ministros que caíram em meio a crises

GUSTAVO BEBIANNO
O titular da Secretaria-Geral da Presidência, foi o primeiro ministro a ser demitido, em 18 de fevereiro de 2019 após se tornar o centro de uma crise instalada depois que a Folha revelou a existência de um esquema de candidaturas laranjas do PSL para desviar verba pública eleitoral. O partido foi presidido por ele durante as eleições de 2018. O ex-ministro morreu em 14 de março de 2020, aos 56 anos

RICARDO VÉLEZ RODRIGUEZ
Foi demitido da Educação em 8 de abril de 2019. A saída ocorreu em meio a uma crise envolvendo disputas entre militares e seguidores do escritor Olavo de Carvalho. No lugar de Vélez, entrou Abraham Weintraub, da ala ideológica dos bolsonaristas. Na época, Vélez disse que a imprensa pautava a imagem de que nada funcionava no MEC, o que, segundo ele, não seria verdade

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS CRUZ
O general foi demitido do comando da Secretaria de Governo da Presidência da República em junho de 2019. Desde que chegou ao Planalto, Santos Cruz se envolveu em seguidas crises com os filhos do presidente, além de um embate com o escritor Olavo de Carvalho, guru de Bolsonaro. A comunicação do governo era um dos principais pontos de disputa

LUIZ HENRIQUE MANDETTA
Ainda no início da pandemia de Covid-19, o ministro Luiz Henrique Mandetta (Saúde) foi demitido em abril de 2020 pelo presidente Jair Bolsonaro, após um longo processo de embate entre eles diante das ações de combate ao coronavírus. A relação entre Bolsonaro e Mandetta estava desgastada por divergências entre os dois na condução do combate à pandemia

SERGIO MORO
Então ministro da Justiça e Segurança Pública, Sergio Moro deixou o governo em abril de 2020 apontando fraude no Diário Oficial da União no ato da demissão de Maurício Valeixo do comando da Polícia Federal e criticou a insistência do presidente Bolsonaro para a troca do comando do órgão. Moro afirmou que Bolsonaro queria ter acesso a informações e relatórios confidenciais de inteligência da PF

ABRAHAM WEINTRAUB
Weintraub durou 14 meses no cargo e saiu em junho de 2020, em uma gestão coroada por controvérsias, insultos, projetos que não andaram, derrotas no Congresso, ausência de diálogo e falta de liderança nos rumos das políticas públicas. Foi contra o STF, porém, que o ex-ministro cruzou limites legais e institucionais, chamando os ministros "vagabundos" em reunião ministerial de 22 de abril de 2020

MARCELO ÁLVARO ANTÔNIO
Demitido no começo de dezembro de 2020, o então ministro do Turismo era pivô de um esquema de candidaturas laranjas do PSL em Minas Gerais. A decisão pela exoneração, porém, foi tomada após Álvaro Antônio ter enviado uma mensagem em um grupo interno do governo, acusando o ministro-chefe da Secretaria de Governo, Luiz Eduardo Ramos, de ser "traíra"

RICARDO SALLES
O ministro do Meio Ambiente pedia demissão em junho de 2021. Sua gestão foi marcada por ações contrárias ao objetivo da pasta. Em dois anos e meio no cargo, reduziu a fiscalização e a participação da sociedade civil na elaboração de políticas para o setor. Ele pediu demissão quando virou alvo de inquérito no STF por envolvimento em operação da PF que mira suposto favorecimento a madeireiras

Continuação da pág. A4

Ele afirmou ainda que Bolsonaro não teria pedido para que os pleitos dos pastores fossem atendidos, mas somente que todos os indicados por eles fossem atendidos.

As revelações a respeito do balcão de negócio do MEC resultaram na instauração de apurações. A Polícia Federal abriu na sexta-feira (25) dois inquéritos que miram a atuação dos pastores na liberação de verbas do ministério.

O primeiro deles foi aberto na Superintendência da PF no Distrito Federal e irá apurar as suspeitas apontadas em um relatório da Controladoria-Geral da União sobre distribuições de verbas do FNDE (Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação).

O FNDE é um órgão ligado ao MEC controlado por políticos do centrão, bloco que dá sustentação a Bolsonaro desde que ele se viu ameaçado por uma série de pedidos de impeachment e recorreu a esse apoio em troca de cargos e repasses de verbas federais. O fundo concentra os recursos federais destinados a transferências para municípios.

A outra investigação foi instaurada na sede do órgão, no setor que cuida de inquéritos que tramitam no STF (Supremo Tribunal Federal), e tem como alvo o ministro Milton Ribeiro e a fala dele em áudio revelado pela **Folha**.

No caso do ministro, serão apuradas suspeitas de corrupção passiva, tráfico de influência, prevaricação e advocacia administrativa. O inquérito que mira Ribeiro foi autorizado pela ministra Cármen Lúcia, do STF, e atendeu a pedido do procurador-geral da República, Augusto Aras.

Além do flanco jurídico, o caso envolvendo Ribeiro e os pastores tem potencial de prejudicar a campanha de Bolsonaro. Pessoas próximas ao presidente chegaram a aconselhá-lo desde que o caso eclodiu a demitir o ministro da Educação, justamente para evitar o desgaste político.

Bolsonaro, no entanto, resistiu. O principal argumento da ala que defendia a demissão —ou ao menos o afastamento— do ministro é que as suspeitas abalam o discurso repetido à exaustão por Bolsonaro de que ele comanda um governo sem corrupção.

Milton Ribeiro diz ser inocente e que áudio mudou sua vida

BRASÍLIA O ministro da Educação, Milton Ribeiro, escreveu uma carta com pedido de exoneração do cargo nesta segunda-feira (28). Ribeiro se tornou alvo de grande pressão após a revelação de indícios de um esquema informal de obtenção de verbas envolvendo a intermediação de dois pastores sem cargo público.

A exoneração foi publicada em edição extra do Diário Oficial nesta segunda (28).

Logo no início da carta, Ribeiro escreve que "desde o dia 21 de março minha vida sofreu uma grande transformação". Foi neste dia que a **Folha** revelou áudio em que o próprio ministro diz priorizar amigos do pastor Gilmar Santos a pedido de Bolsonaro e sugere ainda haver uma contrapartida supostamente direcionada à construção de igrejas.

Prefeitos apontaram nos últimos dias a existência de uma espécie de balcão de negócios no MEC, operado pelos pastores Gilmar e Arilton Moura, ligados a Bolsonaro.

Ribeiro nega ter praticado atos ilegais. "Tenho plena convicção que jamais pratiquei ato de gestão que não fosse pautado pela legalidade, pela probidade e pelo compromisso com o Erário. As suspeitas de que foram cometidos atos irregulares devem ser investigadas com profundidade."

"Meu afastamento visa, mais do que tudo, deixar claro que quero uma investigação completa e isenta."

"Agradeço e despeço-me de todos que me apoiaram nesta empreitada, deixando o compromisso de estar pronto, caso o Presidente entenda necessário, para apoiá-lo em sua vitoriosa caminhada", diz o agora ex-ministro na carta.

Em uma primeira versão da missiva, compartilhada por membros do governo federal e parlamentares, Ribeiro afirmava que voltaria ao governo depois de demonstrar sua inocência. Isso foi retirado na versão final do documento.

Pela manhã, Ribeiro passou horas em reunião fechada com o secretário-executivo da pasta, Victor Godoy Veiga, cotado para assumir seu lugar.

Milton Ribeiro reafirma na sua carta de demissão que ele próprio levou ao conhecimento da CGU (Controladoria-Geral da União), em agosto passado, denúncia sobre a atuação dos pastores Arilton Moura e Gilmar Santos.

O agora ex-ministro escreve ainda na carta que a competência para liberações é do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), que é ligado ao MEC e controlado pelo centrão.

"Cumpre ressaltar que os procedimentos operacionais relacionados à liberação de recursos pelo FNDE não são de competência direta do Ministro da Educação", diz o texto.

PS e RDC

Leia mais em Cotidiano B1

NELSON WILIANS ADVOGADOS APRESENTA

EstúdioFOLHA

Nelson Wilians Group anuncia filiais em todos os estados brasileiros até o fim de 2022

Grupo investe em tecnologia, serviços estratégicos para desenvolvimento de negócios e projetos sociais

Para continuar atendendo às crescentes necessidades do mercado, o Nelson Wilians Group (NW Group) anunciou que, até o fim deste ano, terá filiais em todos os estados do país. O grupo tem investido em inovações tecnológicas para aplicação corporativa, serviços estratégicos para desenvolvimento de negócios e projetos sociais.

"Apesar de fundado em 2008, foi durante o período pandêmico que nossa tríade de sucesso NW Soluções, NW Negócios & Investimentos e Instituto Nelson Wilians, estruturas que compõe o NW Group, nasceu. Para atender justamente o leque de possibilidades, oportunidades e necessidades do mercado e dos players que o compõem", explica Fernando Cavalcanti, vice-presidente.

Com sedes em Campinas e São Paulo, o plano de expansão do grupo prevê a inauguração de duas novas filiais só neste mês de março – em Brasília e Alphaville –, além de mais um andar na matriz, em São Paulo. Nos próximos meses, as movimentações continuarão em Cuiabá, Rio Preto, Uberlândia, Goiânia, Caruaru e Florianópolis, até alcançar municípios em todos os estados brasileiros.

"Fizemos questão de abrir filiais próprias e, indispensavelmente, com profissionais locais que estejam a par da região de se fazer negócios, considerando as dimensões continentais do Brasil e as peculiaridades de cada região. Mantendo, assim, a qualidade em nosso atendimento", complementa Cavalcanti.

Vale ressaltar que as filiais do NW Group funcionarão em endereços diferentes do Nelson Wilians Advogados, que conta com escritórios em todo o país.

SERVIÇOS

Como principal front para o desenvolvimento de negócios, o grupo conta com a Nelson Wilians Negócios & Investimentos (NWNI), que desenvolve trabalhos estratégicos de soluções corporativas. Além disso, mapeia oportunidades de atração de investimentos e de novos negócios para o Brasil, incluindo também a Internacionalização de empresas brasileiras para América Latina, Europa e Ásia.

"Quando se trata da internacionalização de uma empresa, identificamos o que ela necessita, desde a estruturação administrativa, passando por estudos de mercado, contatos comerciais, entre outras possibilidades, incluindo, também, a captação de recursos, em que acessamos nossos parceiros internacionais", esclarece o CEO do grupo, Nelson Wilians.

Nelson Wilians, presidente do NW Group, e o vice-presidente, Fernando Cavalcanti

O vice-presidente complementa, ressaltando a importância deste tipo de serviço: "Nossa tríade viabiliza fusões e aquisições em diversos setores econômicos e cada trabalho é realizado sob medida para os clientes, de acordo com suas necessidades específicas", diz.

NOVAS SOLUÇÕES

Em 2020, o Ministério da Economia divulgou dados que apontam um recorde em números de novas empresas abertas no país, encerrando o ano com cerca de 20 milhões de negócios ativos, o que representa um aumento de 6% em comparação a 2019.

"Dentro deste cenário, encontramos empresas de pequeno e médio porte que, inclusive, também estão entre nossos clientes. Hoje, no Brasil, 90% das empresas possuem um perfil familiar. E 5% dessas empresas enfrentam dificuldades para perpetuação do negócio, sem conseguir ultrapassar, no mínimo, a terceira geração", explica Cavalcanti.

Considerando realidades como essa, o grupo tem ampliado o rol de serviços oferecidos, para acompanhar as necessidades do mercado. Hoje, além das soluções já desenvolvidas, o NW Group tem explorado o planejamento patrimonial, chave para a preservação do patrimônio familiar.

"Os negócios familiares representam uma considerável parcela do PIB brasileiro, além de empregarem cerca de 75% dos trabalhadores do país. Isso demonstra a importância de auxiliarmos nesses negócios ativos com soluções que precisam lidar, mitigando conflitos familiares, antecipando a sucessão, organizando os bens familiares ou da empresa familiar, entre outros importantes aspectos que interferem diretamente no desempenho do negócio", complementa o vice-presidente.

PILAR SOCIAL

O Instituto Nelson Wilians (INW), parte da tríade do NW Group, surge como ferramenta indispensável na luta pelo empoderamento social como condição para a superação de desigualdades. Em apenas cinco anos, o INW consolidou-se como uma organização social com valores de uma administração responsável e transparente.

A concretização do instituto se deu da união de todas as partes interessadas do NW Group, trazendo para perto pessoas que também acreditam no poder de transformação da educação, e que encontraram no INW a possibilidade de se engajar em iniciativas sociais.

Em 2021, o instituto atingiu números expressivos, chegando à marca de 60 mil pessoas beneficiadas diretamente por seus projetos. Conectado a 140 organizações, que também impulsionam o rompimento das barreiras das desigualdades e das vulnerabilidades, investiu na formação de jovens protagonistas e agentes de transformação social.

"Esse resultado é fruto de uma corrente solidária que mobiliza pessoas no país inteiro. Apenas a assessoria jurídica pro bono reúne mais de 400 voluntários comprometidos em empoderar pessoas para exercerem plenamente sua cidadania e terem seus direitos garantidos. Durante o ano todo, trabalhamos em 14 projetos com o objetivo de mitigar as desigualdades e contribuir para o exercício pleno da cidadania", conclui Anne Wilians, presidente e fundadora do INW.

EstúdioFOLHA | Ateliê de produção de conteúdo em todas as plataformas |

Ministros veem censura do TSE em decisão sobre Lollapalooza

Integrantes de STF e corte eleitoral discutem como revertê-la o quanto antes

Julia Chaib e Matheus Teixeira

BRASÍLIA A decisão do ministro Raul Araújo, do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) a favor do presidente Jair Bolsonaro no festival Lollapalooza surpreendeu ministros da corte eleitoral e do STF (Supremo Tribunal Federal).

Os magistrados se falaram ao longo do último domingo (27) em busca de uma solução para derrubar a determinação o mais rápido possível.

Integrantes de ambas as cortes conversaram e mandaram sinais a Araújo de que o cenário ideal seria ele revogar a própria decisão.

Araújo decidiu liminarmente no último sábado (26) que manifestações a favor ou contra qualquer candidato ou partido político estavam proibidas no Lollapalooza, sob pena de multa de R$ 50 mil.

Na decisão, Araújo acatou parcialmente um pedido da campanha de Bolsonaro, realizado na manhã do mesmo dia após as manifestações políticas de Pabllo Vittar e da cantora galesa Marina.

Os advogados do PL também haviam solicitado a condenação do festival por propaganda eleitoral antecipada, pedido que não foi aceito.

Durante sua apresentação, Pabllo Vittar fez um gesto com os dedos polegar e indicador, formando a letra "L", em apoio ao ex-presidente Lula (PT). Depois, desfilou em meio ao público com uma bandeira com o rosto do petista.

Nesta segunda-feira (28), o presidente da corte eleitoral, Edson Fachin, afirmou que levará o caso a plenário assim que Araújo liberar o processo para julgamento e indicou ser contrário à decisão do colega.

"O tribunal, por sua maioria, fixa a interpretação majoritária que, na matéria, tem sido de rechaço pleno e firme de qualquer forma de censura", afirmou ele.

Ministros das cortes superiores acreditam que o teor da ordem pode ser interpretado como censura. Há o receio de que o TSE acabe deslegitimado nesse processo, o que deu início à articulação para reverter a liminar.

Em conversas reservadas, os magistrados criticaram a decisão de Araújo e avaliaram que a ordem vai na contramão da jurisprudência, que exige pedido expresso de voto de pessoa relacionada à candidatura para caracterização da campanha eleitoral antecipada.

Além disso, causou estranhamento o fato de o ministro ter usado menos de uma página para fundamentar uma decisão de tamanho impacto.

Embora costume se dividir em outros temas, o Supremo e o TSE têm o histórico de andarem unidos na defesa de causas que envolvam a liberdade de expressão, como nesta situação.

Integrantes de STF e STJ avaliam que o plenário do TSE deve usar o caso para definir critérios claros que estabeleçam quando uma declaração caracteriza ou não campanha antecipada. O tribunal eleitoral é composto por três ministros do STF, dois do STJ e dois oriundos da advocacia.

Um ministro do Supremo diz em caráter reservado que sempre há manifestações de empresários e artistas a favor e contra outros pré-candidatos, mas que, para decidir se há configuração de ato ilegal de pré-campanha, pode ser necessário avaliar se a pessoa tem ligação com os partidos.

Esses limites terão de ser definidos pela corte, analisa.

Ministros também avaliam ser possível questionar a constitucionalidade da decisão.

Assessores do Supremo lembram que o debate pode se assemelhar a julgamento ocorrido em 2018 sobre operações policiais realizadas dentro de universidades públicas para investigar denúncias de propagadas político-partidárias naqueles estabelecimentos.

A avaliação da corte foi que os atos infringiram feriram a liberdade de expressão de alunos e professores. Na ocasião, o STF julgou o caso logo após decisão de instância inferior e decidiu por unanimidade vedar qualquer ordem judicial que proibia declaração política nas instituições de ensino.

Na época, a polêmica surgiu depois de policiais retirarem faixas e apreenderem materiais em universidades públicas de vários estados com base em artigo da Lei Eleitoral que proíbe propaganda em prédios públicos.

Uma das faixas retiradas, por exemplo, dizia "Direito UFF Antifascista", na Universidade Federal Fluminense, em Niterói (RJ).

A ministra Cármen Lúcia foi a relatora e deu um voto enfático, que foi acompanhado por todos os colegas. "Impor-se a unanimidade impedindo-se ou dificultando-se a manifestação plural de pensamento é trancar a universidade, silenciar estudantes e amordaçar professores", disse.

Agora, está em debate uma decisão do TSE, tomada pelo ministro Raul Araújo, que também pertence ao STJ.

Araújo já avaliou de maneira distinta uma representação do PT contra outdoors de apoio ao presidente Bolsonaro espalhados pela região Centro-Oeste.

A legislação eleitoral não permite o uso de outdoors —nem durante a campanha— desde 2006. E, desde 2015, o entendimento sobre propaganda eleitoral foi alterado, ficando caracterizada a propaganda antecipada quando há pedido explícito de voto em algum candidato.

O ministro Luiz Edson Fachin, presidente do TSE Pedro Ladeira - 23.fev.22/Folhapress

PL retira ação no TSE contra festival

O PL decidiu retirar o processo apresentado ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) que resultou na decisão do ministro Raul Araújo de tentar censurar o Lollapalooza. A ordem para que o partido pedisse o encerramento da ação partiu do presidente Jair Bolsonaro (PL), que teria ficado irritado com a iniciativa da legenda, segundo a coluna de Mônica Bergamo. Assim, tornou-se menos provável que haja julgamento do caso no plenário da corte.

Braga Netto se filia ao PL com expectativa de ser vice de Bolsonaro

Julia Chaib e Marianna Holanda

BRASÍLIA O ministro da Defesa, Walker Braga Netto, já se filiou ao PL de Valdemar Costa Neto e deve disputar a campanha ao lado do presidente Jair Bolsonaro (PL), como seu vice.

O general assinou a ficha para entrar no partido, mas não fez nenhuma divulgação ainda. Seus aliados não descartam, porém, que possa migrar para outra sigla.

Apesar da filiação ao PL, ele é cortejado por outras legendas, como o PP. Havia uma tentativa do entorno do presidente de tentar composição com outras siglas. A expectativa era que a vice pudesse ser de alguém do partido de Ciro Nogueira (PP), ministro da Casa Civil.

Se Braga Netto ficar no PL e sair como vice de Bolsonaro, será chapa "puro-sangue" - raridade em eleições presidenciais.

O entorno do general diz que tudo pode acontecer até o prazo de desincompatibilização, em 2 de abril, quando terá de deixar a pasta se quiser concorrer.

Braga Netto não compareceu ao evento do PL neste domingo, que teve clima de comício eleitoral, com a presença do presidente.

Segundo organizadores do evento, isso foi por dois motivos: por estar à frente da Defesa ainda e para evitar caracterizar o evento como lançamento de chapa.

Sua ausência foi combinada com a campanha e com Bolsonaro, mas ele é dado como certo na chapa presidencial.

O ministro João Roma (Cidadania) disse que nada é imutável, mas que está claro o general service. "O presidente já deu sinalizações, mas acho que nada é imutável. Ele tem muitas opções salutares. Mas (...) acho que está muito clara a sinalização que ele [Bolsonaro] deu", afirmou.

Decisões individuais fora do tom são armadilhas no caminho do Tribunal Superior Eleitoral

ANÁLISE

Eloísa Machado de Almeida

Professora e coordenadora do Supremo em Pauta FGV Direito SP

Decisão liminar do ministro Raul Araújo considerou que a manifestação de artistas em festival de música criticando Jair Bolsonaro e manifestando apreço por Lula seria um tipo de ilícito eleitoral, uma propaganda eleitoral antecipada, e proibiu as mesmas no restante do festival, sob pena de multa.

Muitas das regras eleitorais têm por objetivo garantir alguma igualdade de condições entre candidaturas.

É a partir da noção de uma competição justa que o resultado das eleições é legitimado.

Por exemplo, se candidatos esconderam gastos de campanha (caixa dois), usaram a máquina pública a seu favor ou seu tempo para depreciar adversários, a lei diz que eles estariam se beneficiando de condições que os colocariam em posição de vantagem frente aos demais na corrida eleitoral.

As regras relativas à vedação da campanha antecipada compartilham do mesmo propósito: na competição por votos, nenhum dos candidatos pode sair na frente.

Absolutamente nada disso estava em questão no festival de música.

Gritar "Fora, Bolsonaro!", muito além de criticar sua candidatura, é exercício do direito ao protesto contra um presidente que está no cargo, em exercício. Não tem nada, absolutamente nada, com propaganda antecipada.

Da mesma forma, manifestação individual de apoio a um candidato é protegida pelo direito que todos nós temos de nos manifestarmos e nos posicionarmos politicamente.

Direito ao protesto e à manifestação política estão amparados pela Constituição e são centrais à democracia.

Não por outro motivo, o Código Eleitoral deixou bem claro que manifestações políticas e artísticas, que não impliquem pedido explícito de voto ou sejam feitas em eventos políticos eleitorais animados por shows, não configuram nenhum ilícito eleitoral.

Porém, mesmo diante da clareza da Constituição e o Código Eleitoral, a decisão monocrática do ministro Raul Araújo determinou "proibição legal, vedando a realização ou manifestação de propaganda eleitoral ostensiva e extemporânea em favor de qualquer candidato ou partido político por parte dos músicos e grupos músicas que se apresentem no festival", sob pena de multa.

O ministro entendeu que "os artistas e cantores referidos que se apresentaram no evento musical em testilha, além de destilar comentários elogiosos ao possível candidato, pediram expressamente que a plateia presente exercesse o sufrágio em seu nome", ainda que nem o requerente da medida de censura —o PL pelo qual o presidente Bolsonaro tentará a reeleição— tenha afirmado isso em sua representação.

Com isso, a decisão extrapolou os fatos e a causa de pedir indicados na representação.

Ao se afastar da legislação, da Constituição, da interpretação dos tribunais e do processo que regula a prestação jurisdicional eleitoral, a decisão do ministro Raul Araújo se tornou ato de censura. Censura judicial, mas ainda assim, censura.

A censura é vedada em nosso ordenamento jurídico e se torna ainda mais grave quando se dá no âmbito de críticas ao governo.

Criticar livremente um governo, ainda que de forma deseducada, não pode ser proibido por legislação eleitoral, por legislação de segurança nacional, não pode gerar dossiês de monitoramento nem representações criminais de poderosos contra seus críticos.

Não é por acaso que tudo isso tenha acontecido neste governo: está em curso uma retração do espaço cívico e democrático no país, muitas vezes protagonizado pelas instituições que deveriam contê-la.

É é nessa dimensão que a decisão liminar do ministro Raul Araújo se torna ainda mais grave: ela expõe o Tribunal Superior Eleitoral e toda a Justiça Eleitoral a críticas de seletividade, excessiva politização e interferência indevida no jogo político.

Cada decisão monocrática fora do tom será uma armadilha no caminho do TSE.

Seja porque não se cercou de cautelas básicas para assegurar que decisão teria o destinatário correto (erros na identificação da pessoa jurídica responsável pelo festival de música atrasaram a notificação), seja porque artistas assumiram o risco econômico da multa, o fato é que a decisão não surtiu efeitos concretos no último dia do festival de música e foi sonoramente descumprida.

Ruim para o ministro Raul Araújo, péssimo para o tribunal, que tem se esforçado para manter a integridade das eleições e de suas decisões, não obstante ataques orquestrados e organizados por apoiadores do presidente em exercício, Jair Bolsonaro.

A decisão liminar é monocrática e não representa a posição do tribunal como um todo, que deverá se reunir nas próximas sessões para rever os seus termos.

Colegiadamente, os ministros reunidos deverão enfrentar o desafio que o uso de monocráticas traz para o tribunal.

Há formas de sair dessa armadilha: quando o Supremo Tribunal Federal foi desafiado pela crise política e sanitária, reorganizou sua maneira de julgar: passou a decidir rápida, pública e colegiadamente, como pesquisa sobre a atuação do STF no enfrentamento à Covid já demonstrou.

Há, assim, aprendizado institucional para lidar com os desafios do Brasil em crise e o Tribunal Superior Eleitoral deve incorporá-los. Afinal, a quem interessa uma Justiça Eleitoral fragilizada nas eleições de 2022?

> [...]
>
> Está em curso uma retração do espaço cívico e democrático no país, muitas vezes protagonizado pelas instituições que deveriam contê-la

Presidente sente-se mal e dá entrada em hospital

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) sentiu-se mal na noite desta segunda-feira (28) e precisou ir para o hospital realizar exames. O mandatário foi encaminhado para o Hospital das Forças Armadas, na região de Brasília, após sentir um desconforto no estômago, segundo o ministro Fábio Faria (Comunicações)

O chefe do Executivo era aguardado para participar da cerimônia de filiação ao Republicanos de dois de seus ministros: o titular da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, e Damares Alves, ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos. A mesa dos convidados inclusive tinha uma plaquinha de identificação com o nome de Jair Bolsonaro.

Durante o evento, Marcos Pereira, presidente do partido, surpreendeu os presentes ao informar que Bolsonaro havia faltado à cerimônia para fazer exames.

"Ele estava fazendo exames com os médicos da Presidência. Foi o que me informaram. Ela [Michelle Bolsonaro] estava até preocupada querendo ir embora logo", disse. "Falaram que ele estava com refluxo e dor no estômago."

Ao sair do evento, Michelle disse que seu marido "está bem, graças a Deus".

COMO CHEGAMOS AQUI?

A decisão do ministro Raul Araújo, do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), que classificou como propaganda eleitoral declarações das cantoras Pabllo Vittar e Marina no festival Lollapalooza, encerrado neste domingo (27), provocou manifestações de artistas e deve ser levada ao plenário da corte eleitoral. Araújo acolheu a reclamação do PL, partido do presidente Jair Bolsonaro, feita na noite de sexta-feira (25), após as artistas fazerem gestos contra o chefe do Executivo e a favor do ex-presidente Lula, principal rival do mandatário no pleito. O ministro havia negado a retirada de outdoors promovendo a reeleição do presidente.

FOLHA EXPLICA

Campanha eleitoral antecipada tem burla de partidos e leniência do TSE

Tribunal censura festival, mas legendas fazem eventos políticos e expõem candidatos na mídia

O que diz a lei sobre propaganda eleitoral antecipada?
A legislação só permite campanha a partir de 16 de agosto. Comícios não são permitidos até lá, nem eventos públicos de lançamento de pré-candidatura, situação não prevista na legislação eleitoral.

Há liberação apenas para reuniões internas para discussão e escolha de candidatos.

O entendimento consensual é de que propaganda antecipada ocorre quando se pede voto em algum candidato, o que não ocorreu Lollapalooza.

Diogo Rais, professor de direito eleitoral e digital da Universidade Mackenzie e cofundador do Instituto Liberdade Digital, diz que o conceito de propaganda eleitoral foi modificado desde 2015, passando a ter uma interpretação muito mais aberta.

Segundo ele, diante da ausência de pedido de voto para este ou aquele pré-candidato, a decisão liminar do TSE está equivocada. "É uma decisão que amplia a restrição ao pedido de voto e dá outra amplitude a ela. Em regra, as restrições devem ser interpretadas restritivamente, e não de maneira ampliada. Todos podem fazer o que a lei não proíbe, sob pena de o juiz legislar."

"Essa decisão é censura", avalia a empresária Paula Lavigne, criadora do grupo 342 Artes, projeto de combate à censura que reúne parte da classe artística brasileira.

"O Lollapalooza não é um evento voltado para política, enquanto Bolsonaro vem fazendo eventos voltados para a política. Ele teria que ser muito mais multado que o festival", diz.

O que Pabllo Vittar e Marina fizeram no Lollapalooza?
Na sexta-feira (25), antes de deixar o palco do festival, a cantora Pabllo Vittar pegou uma bandeira vermelha com o rosto do ex-presidente Lula no meio da plateia. O ato gerou alguns gritos a favor do petista, e contrários a Bolsonaro, que se misturaram com os aplausos à artista.

Em outros momentos do show, a cantora também fez um "L" com a mão.

No palco vizinho, a cantora Marina Diamandis xingou os presidentes do Brasil e da Rússia em sua apresentação. "Foda-se o Putin, foda-se Bolsonaro, estamos cansados dessa energia", disse.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) durante evento no domingo (27) Pedro Ladeira - 27.mar.22/Folhapress

O que Bolsonaro e o PL fizeram neste final de semana?
Bolsonaro participou de evento partidário em clima de comício antecipado no domingo (27), apesar das orientações da equipe jurídica diante dos riscos de se enquadrar em crime eleitoral.

Com ataques ao ex-presidente Lula, o presidente discursou como candidato, um dia após anunciar que esse encontro do PL seria como um lançamento de sua pré-candidatura à reeleição.

Especialistas ouvidos pela Folha, incluindo um ex-ministro do TSE que pediu anonimato, identificaram no evento deste domingo com Bolsonaro elementos de campanha antecipada. Para eles, apresentar-se como candidato, fazer menções ao pleito e a seu principal adversário e pedir apoio da plateia são elementos que, fora do cronograma eleitoral, configuram a campanha extemporânea.

O evento pode motivar apuração por abuso de poder econômico, procedimento que, embora improvável na prática, em tese poderia ser capaz de inviabilizar uma candidatura e ser avaliado em conjunto com outros atos de Bolsonaro típicos de campanha ao longo dos últimos meses, como as motociatas.

A campanha do chefe de Bolsonaro chegou a mudar o anúncio do evento, que inicialmente seria o lançamento da pré-candidatura, após o sinal vermelho da equipe jurídica.

Os organizadores alteraram o material de divulgação e passaram a chamar o evento de "Movimento Filia Brasil".

A lei eleitoral veta manifestações a favor ou contra qualquer candidato ou partido?
Juristas ouvidos pela Folha consideram que a decisão confunde propaganda eleitoral com liberdade de expressão e pode criar um ambiente de medo entre artistas, o que é ruim para a democracia brasileira. Segundo alguns, é um caso de censura.

Segundo Fernando Neisser, presidente da Comissão de Direito Político e Eleitoral do IASP, o Instituto dos Advogados de São Paulo, a decisão faz uma leitura equivocada da lei, reformada recentemente para dar mais liberdade ao debate público. "Criticar um governante em exercício ou cantar o nome de um possível candidato não são atos de propaganda antecipada ilegal, pois não há pedido explícito de voto nem uso de meio proibido pela lei", afirma ele.

"É uma decisão bizarra", avaliou Daniel Sarmento, professor de direito constitucional da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). "É uma violação muito clara à Constituição de 1988, que nega a censura, e também à jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, que deixou claro que proibir o showmício não era impedir que os artistas se manifestassem publicamente sobre seus candidatos", completa.

Como os partidos burlam a lei eleitoral para promover seus pré-candidatos?
As legendas estão colocando seus respectivos presidenciáveis e demais candidatos no centro da propaganda que começou a ser veiculada no final de fevereiro no rádio e na TV, apesar de a lei vedar a prática.

Há ainda meios de promoção das candidaturas que não tem regras específicas, caso dos podcasts de entrevistas. Ao contrário dos programas em rádio e televisão, não há obrigatoriedade de dar o mesmo tempo para os candidatos adversários, por exemplo.

Outra via de divulgação que desafia a Justiça Eleitoral são os aplicativos de mensagem.

Bolsonaro quer colocar comandante do Exército na Defesa

Marianna Holanda, Vinicius Sassine e Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) quer aproveitar a reforma ministerial em abril para tentar ampliar sua influência no comando do Exército em ano eleitoral, quando disputará a reeleição.

Integrantes do governo dizem que uma promoção do general Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, atual comandante do Exército, a ministro da Defesa serve a dois propósitos: colocar à frente das três Forças um nome que agrada ao Exército, que reúne o maior número das tropas, e, principalmente, acomodar à frente da Força terrestre alguém alinhado ao Palácio do Planalto.

É dado como certo que o general Marco Antônio Freire Gomes assumirá o comando do Exército. Hoje, ele é comandante de Operações Terrestres.

O ministro da Defesa, Walter Braga Netto, se filiou ao PL e deve disputar o pleito com Bolsonaro (PL), como vice.

A troca no comando está prevista para este mês de março. Freire Gomes deve deixar o comando de Operações Terrestres na próxima quarta (30). No dia seguinte, ocorreria a troca de comandante do Exército, conforme os preparativos burocráticos em curso na Força.

Em 31 de março completam-se 58 anos do golpe militar de 1964. A troca de comandante poderá ser efetivada neste dia. Bolsonaro, no começo de seu mandato, determinou a comemoração da data, rememorada em cerimônias nos quartéis.

Apesar da movimentação interna, ainda não há confirmação oficial da troca no Exército.

Freire Gomes foi cotado para o posto quando da demissão do ex-ministro Fernando Azevedo da Defesa e dos comandantes das três forças. O presidente o considera mais próximo ao bolsonarismo.

Naquele momento, março de 2021, foi colocada a questão da tradição por antiguidade, em que assume o posto o mais antigo na carreira. Oliveira preenchia esse critério, e Freire Gomes ainda não estava nas primeiras posições da fila.

Aliados dizem que Bolsonaro se "encantou" com Freire Gomes em viagem à Rússia, em fevereiro. O general acompanhou a comitiva presidencial representando o atual comandante.

Ainda que o presidente acredite que ampliaria sua influência no Exército indicando Gomes, integrantes da Força disseram que ele é respeitado pelos colegas e não embarcaria em uma "aventura" em ano eleitoral, com contestação do resultado das urnas.

Depois de reduzir as críticas às urnas eletrônicas após os atos de raiz golpista do 7 de Setembro, Bolsonaro voltou a questionar o sistema.

Seu novo mantra é argumentar que as Forças Armadas apresentaram ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) uma série de sugestões para supostamente prevenir o risco de fraude no sistema eleitoral.

"Dá para você fazer umas eleições limpas desde que acolhidas em comum acordo essas sugestões por parte das Forças Armadas. Não podemos disputar umas eleições sob o manto da desconfiança, isso é ruim para o Brasil", declarou Bolsonaro em 21 de março.

Integrantes do Alto Comando do Exército ouvidos pela Folha, sob a condição de anonimato, minimizam o impacto de mais uma troca na Força.

Para esses generais, a saída de Edson Leal Pujol no ano passado foi mais traumática.

Pujol foi dispensado do cargo de comandante no mesmo contexto da demissão do então ministro da Defesa, Fernando Azevedo. Foi a pior crise militar desde a década de 70.

Bolsonaro fez as mudanças, que incluíram as trocas dos comandantes de Marinha e da Aeronáutica, para ter maior controle das Forças Armadas.

Integrantes do Alto Comando acreditam que um novo comandante —o terceiro em menos de quatro anos— serviria apenas a um mandato tampão.

Eles avaliam que haverá uma troca em 2023, seja em caso de deslocamento do poder, com eleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), ou em caso de reeleição de Bolsonaro, que partiria para um segundo mandato disposto a "zerar o jogo", na visão dos militares.

O que eles já ouviram é que Bolsonaro está disposto a colocar um integrante do Exército como ministro da Defesa, e que seria o atual comandante.

Da Marinha, há movimentos para que o comandante, almirante Almir Garnier Santos, vire ministro.

Parte do Exército se diz incomodada com nova troca no comando da Força. Generais dizem, reservadamente, que a troca "vulgariza" a instituição e demonstra mais uma tentativa de ampliação da politização das tropas por Bolsonaro —ainda que se diga que isso não tem chances de ocorrer.

Durante a viagem à Rússia, ele voltou a adotar um tom similar ao de 7 de Setembro para criticar ministros do STF (Supremo Tribunal Federal).

política

A riqueza do liberalismo brasileiro

A imagem do movimento pode estar suja, mas não faltam liberais dispostos a limpá-la

Joel Pinheiro da Fonseca
Economista, mestre em filosofia pela USP

A reputação do liberalismo no Brasil está manchada. E quem a manchou foi a parcela (infelizmente expressiva) dos liberais que embarcaram de corpo e alma no projeto bolsonarista. Inicialmente extasiados, vislumbravam uma "primavera liberal" no governo de um presidente que defendia abertamente tortura e grupos de extermínio, exaltava a ditadura militar e dizia preferir um filho morto a um filho homossexual.

Não é que eles gostassem da truculência e da ignorância de Bolsonaro (alguns, é bem verdade, gostavam sim). É que, em nome da prometida liberalização econômica, topavam tudo. Assim, a acusação do professor Rodrigo Jungmann em seu artigo de domingo está correta: "Nossos liberais são em grande parte responsáveis eles mesmos por este estado de coisas [a noção distorcida que o público tem do liberalismo]. E o são em razão do que bem poderia ser chamado de obsessão pela economia."

Essa obsessão não é de hoje. Nomes importantes do pensamento liberal brasileiro, como Eugênio Gudin e Roberto Campos, também cometeram o erro fatal de transigir com a parte política do liberalismo, apoiando a ditadura (não esqueçamos que seus adversários desenvolvimentistas e marxistas incorriam no mesmo exato erro, mudando apenas o tipo de ditadura).

Ainda assim, tinham uma visão mais ampla do que os liberais bolsonaristas de hoje. Para Gudin e Campos, tão importante quanto a liberalização do mercado era garantir a educação básica de qualidade. Não veriam com bons olhos a pasta da Educação entregue a ideólogos delirantes e pastores corruptos.

É importante notar, contudo, que muitos liberais não cederam à tentação economicista e se colocaram contra o bolsonarismo desde seu início. Mesmo quando não era fácil, mesmo quando apontar a incompetência e a má-fé do governo era recebido com vaias por plateias ditas liberais, como ocorreu com Demétrio Magnoli no Fórum da Liberdade de 2019 em Porto Alegre.

De lá para cá muita coisa mudou. Antigos entusiastas pularam do barco. Não se espera grandes coisas de Paulo Guedes. O desastre econômico, educacional, ambiental, diplomático e democrático é incontornável.

É neste momento de necrose do bolsonarismo, em que qualquer pretensão de agenda já foi sacrificada em nome do poder, é justamente a parte do liberalismo brasileiro que não se rendeu ao bolsonarismo que ganha destaque. É o caso, por exemplo, do Livres.

Lá atrás, em 2018, o Livres era a tentativa de renovação de um partido político: o PSL. A chefia do partido, no entanto, resolveu encampar a candidatura de Jair Bolsonaro, ao que o grupo deixou a sigla, transformando-se num movimento apartidário e, inicialmente, sem muita clareza do futuro.

Foi uma decisão custosa à época, mas o grupo entendeu que seu valor básico de liberdade —econômica, social e política— era incompatível com os preconceitos e valores antidemocráticos que Bolsonaro trazia. Nisso, se diferenciaram do próprio Rodrigo Jungmann, que aderiu fervorosamente ao bolsonarismo e até fez campanha pelo Capitão.

Hoje o Livres tem mais de 40 representantes em cargos eletivos e 4 mil associados. Seus membros são presença constante no debate público. Inspirados por intelectuais como José Guilherme Merquior, priorizam a liberdade individual sem esquecer do compromisso social.

A imagem do liberalismo pode estar suja. Mas não faltam liberais brasileiros aptos e dispostos a limpá-la com suas ideias e seu exemplo.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas| SEG. Celso R. de Barros| TER. Joel P. da Fonseca| **QUA. Elio Gaspari**| QUI. Conrado H. Mendes| SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida| SÁB. Demétrio Magnoli

Eduardo Leite durante entrevista coletiva nesta segunda (28) Gustavo Mansur/Divulgação Palácio Piratini

Leite anuncia renúncia ao Governo do RS e diz que ficará no PSDB

Governador recusa convite do PSD para disputar Planalto e sugere que pode vir a estar na campanha presidencial

PORTO ALEGRE, SÃO PAULO E BRASÍLIA Ao anunciar que permanece no PSDB e renuncia ao Governo do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite afirmou nesta segunda-feira (28) que está se apresentando ao país em eleições que considera críticas e que se vê em condições de ser candidato ao Planalto.

O PSDB, no entanto, já escolheu o governador de São Paulo, João Doria, como presidenciável da sigla, em prévias que Leite perdeu em novembro passado.

Por isso, em entrevista à imprensa, Leite não disse de modo explícito que pretende ser candidato no lugar de Doria, mas deixou claro que é uma opção para o PSDB e os demais partidos da terceira via, sobretudo MDB e União Brasil —as três siglas acertaram que irão apresentar uma candidatura única.

"Eu estou me apresentando para dar essa colaboração, para que a gente viabilize uma alternativa para o país, para que a gente promova a união do centro democrático", declarou.

O gaúcho afirmou que "muita gente acredita" que ele deve estar na liderança e disse se sentir preparado para concorrer, além de ter vontade e disposição de contribuir num projeto nacional.

Leite afirmou ainda que não está desrespeitando as prévias e disse que telefonou para Doria e teve com ele uma conversa amigável.

Como revelou a **Folha**, o governador gaúcho decidiu não aceitar o convite do PSD de Gilberto Kassab para ser candidato a presidente da República, mas deixará o Palácio Piratini até dia 2 de abril, prazo legal, para tentar viabilizar sua candidatura ao Planalto pelo PSDB e como representante da terceira via.

Na última pesquisa do Datafolha, divulgada na semana passada, Leite apareceu com 1% as intenções de voto no cenário em que ele substitui Doria como candidato. O governador paulista marca 2%.

No evento, Leite evitou definir seu futuro político e não descartou concorrer ao Legislativo ou à reeleição, caso o caminho para o Planalto não se viabilize. "A renúncia me abre muitas possibilidades e não me retira nenhuma. [...] Estarei onde eu melhor puder ajudar", disse.

Aliados de Leite no PSDB, liderados pelo deputado Aécio Neves (PSDB-MG), trabalham para que o nome do gaúcho seja chancelado por outros partidos da terceira via, sob o argumento de que ele seria um candidato mais viável que Doria.

A aposta é de que Doria não deve decolar nas pesquisas até o meio do ano, o que levaria o PSDB a buscar alternativas. Como mostrou o Painel, o plano é que Leite viaje pelo país e inicie sua pré-campanha.

Leite endossou essa tese ao dizer que a política é dinâmica e que a escolha de um presidenciável não depende apenas das prévias, mas "de novos atores que se envolvem", referindo-se aos partidos aliados. Como a **Folha** mostrou, porém, o gaúcho enfrenta resistência mesmo nessas siglas.

Ele disse que, ao se apresentar, não quer dispersar candidaturas, mas, ao contrário, unificá-las. E também afirmou "não querer passar por cima de ninguém".

Aliados de Doria, porém, rechaçam a troca da candidatura, argumentando que as prévias foram um processo legítimo registrado na Justiça Eleitoral. Neste domingo (27), Doria afirmou que desrespeitar as prévias seria um golpe.

"As prévias valem. Qualquer outro sentimento diferente disso é golpe. Uma tentativa torpe, vil, de corroer a democracia e fragilizar o PSDB", afirmou.

O governador também retuitou uma mensagem do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). "As prévias do PSDB foram realizadas democraticamente. Assim sendo, penso que devem ser respeitadas", publicou FHC nesta segunda.

Respondendo a jornalistas, Leite minimizou a pecha de golpista. Ele resgatou uma fala de Doria em que o paulista admite retirar sua candidatura em nome de união na terceira via para afirmar que ambos estão com o mesmo propósito.

Leite voltou a dizer que é importante avaliar não só a intenção de votos, mas também quem tem menor rejeição, cenário que o favorece em relação a Doria.

Em vídeo para as redes sociais, Leite afirmou que vai "renunciar ao poder para não renunciar à política". "Preciso participar ativamente desse momento tão decisivo do nosso país e no meu estado", completou, ressaltando que irá viajar pelo país e falar com jovens.

O PSDB exaltou a decisão de Leite de permanecer no partido e elogiou seu governo. "Com diálogo, entendimento e coerência política, soube equacionar problemas gravíssimos que duravam décadas", afirmou em nota.

Durante meses, Leite chegou a conversar com o PSD e ensaiar uma migração, vendo aliados como os secretários estaduais Agostinho Meirelles e a ex-senadora Ana Amélia Lemos se filiando ao partido. Por fim, decidiu permanecer no partido pelo qual se elegeu vereador e prefeito em Pelotas e governador em 2018.

Na entrevista, Leite agradeceu a confiança e a sensibilidade de Kassab. Afirmou que, se estivesse pensando em projeto pessoal e não coletivo, o PSD seria um caminho fácil para a candidatura nacional.

Leite foi convencido por aliados tucanos de que sua candidatura no PSD seria isolada, sem a coligação com siglas aliadas, e pressionada por membros da sigla aliados ao presidente Jair Bolsonaro (PL) ou ao ex-presidente Lula (PT).

Depois de tentar lançar Leite e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) sem sucesso, agora Kassab mira no ex-governador Paulo Hartung (ES) como nome do partido para o Planalto.

Crítico da reeleição, o governador já havia prometido não concorrer a um segundo mandato, apesar de pedidos de aliados para que reconsidere. Ele afirmou que sua posição se mantém.

No entanto, encontrar um nome para a sucessão de sua gestão e definir a costura política entre partidos da base tem se mostrado difícil. Enquanto Leite pontua bem nas pesquisas estaduais, seus indicados não.

Na entrevista, Leite defendeu o nome de seu vice, Ranolfo Vieira Júnior, que trocou o PTB pelo PSDB depois de críticas de Roberto Jefferson à gestão, como seu candidato no estado. "O PSDB tem um grande nome para continuar liderando esse projeto", disse.

Ele também afirmou que vai buscar convergência com o MDB, partido da sua base que apresentou o nome do deputado Gabriel Souza para o Governo do Rio Grande do Sul. **Fernanda Canofre, Carolina Linhares, Bruno Boghossian e Julia Chaib**

Kassab lança prefeito para disputa do Governo de SP

O presidente do PSD, Gilberto Kassab, decidiu lançar o prefeito de São José dos Campos, Felício Ramuth, 53, ao Governo de São Paulo. Ramuth, que está no segundo mandato, terá que renunciar até sábado (2). O anúncio desta segunda (28) vem no mesmo dia em que Kassab perdeu sua opção de candidato ao Planalto, o governador Eduardo Leite (PSDB-RS). Depois de tentar lançar Leite e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), sem sucesso, Kassab agora mira o ex-governador Paulo Hartung (ES).

Lula vai ao Rio para tentar pacificar relação do PT com Freixo

Catia Seabra e Ana Luiza Albuquerque

RIO DE JANEIRO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva viajou ao Rio de Janeiro com a missão de unificar o PT em torno da candidatura de Marcelo Freixo (PSB) ao Palácio Guanabara.

Também quer reforçar a presença de Lula no domicílio eleitoral de Jair Bolsonaro (PL). O petista se reuniu com prefeitos da base aliada do presidente.

Na conversa, na tarde desta segunda (28), com a presença de prefeitos da Baixada, Lula lembrou ações de seu governo para as administrações municipais.

Segundo participantes, ele citou a criação do Ministério das Cidades como exemplo de política voltada aos prefeitos, além da instalação de espaços para atendimento na CEF (Caixa Econômica Federal) e no próprio Palácio do Planalto.

Lula disse que, em sua gestão, os prefeitos eram atendidos independentemente da coloração partidária. Ainda segundo participantes, pregou o fim do clima de um contra o outro.

A agenda de seis dias no estado incluiu reunião nesta segunda com a direção estadual do PT, para desencorajar manifestações contrárias ao nome de Freixo, vindas especialmente do grupo do ex-presidente da sigla Washington Quaquá.

Para apaziguar a situação, Lula se reuniu com o presidente da Alerj (Assembleia Legislativa do Rio), o petista André Ceciliano, que é pré-candidato ao Senado.

Lula patrocinou um encontro entre Freixo e Ceciliano para selar a composição dessa chapa. Os três jantaram no domingo (27) na casa de Freixo.

Depois de conversar com a direção estadual do PT, a tarefa será solucionar um problema com o PSB, que tem Alessandro Molon como candidato ao Senado. Lula defende o nome de Ceciliano para o Senado.

O PT disse ao PSB que não aceita lançar candidatura avulsa ao Senado para que Molon mantenha a sua.

Molon, presidente estadual do PSB, foi indicado para a disputa ao Senado. Em defesa da chapa puro-sangue, PSB cita o Piauí como exemplo de onde PT terá candidato ao governo e ao Senado.

100 ANOS DE CAPAS DA FOLHA CHEGANDO À SUA CASA DE UMA SÓ VEZ.

FRETE GRÁTIS*

APENAS 3x de R$ 43,30

Feitas no calor da hora, as primeiras páginas dos jornais são o rascunho inaugural da história. Não por acaso, décadas depois, tornam-se um documento essencial para a compreensão do passado e dos fatos que mais intensamente marcaram o país e o mundo.

A mais nova edição do livro "Primeira Página" reúne as capas mais importantes da **Folha** nos últimos 100 anos e convida o leitor a viajar no tempo por meio das manchetes e entender o momento presente. Não perca.

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

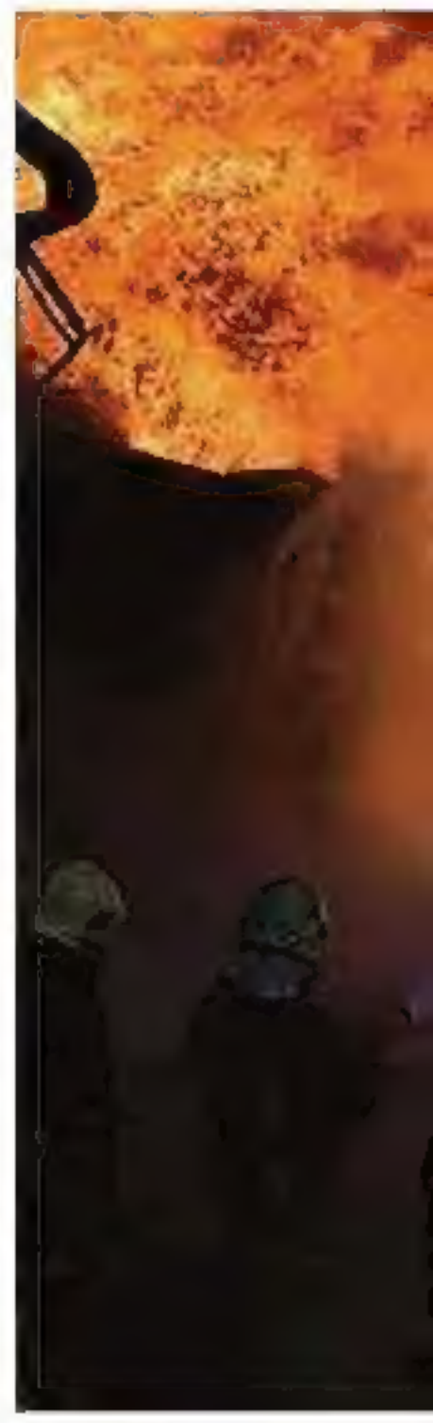
folha.com/primeirapagina

Compre por aqui
ESCANEIE O QR CODE

*Para os estados de SP, MG, RJ e PR.

mundo guerra na ucrânia

Soldado ucraniano caminha em Mala Rogan, cidade retomada dos russos perto de Kharkiv Aris Messinis/AFP



Se Putin usar arma nuclear e vencer, outros farão o mesmo, diz especialista

Para integrante do Boletim dos Cientistas Atômicos, Ocidente deveria ter integrado a Rússia após Guerra Fria

ENTREVISTA
SHARON SQUASSONI

Igor Gielow

SÃO PAULO Se Vladimir Putin empregar armas nucleares na guerra contra a Ucrânia e sair vencedor, isso irá encorajar outros atores com bombas atômicas a utilizarem o armamento para resolver suas pendências territoriais, Coreia do Norte à frente.

A análise é feita por Sharon Squassoni, 59, professora de relações internacionais da Universidade George Washington (EUA) com 30 anos de experiência em questões de desarmamento nuclear e membro do Conselho de Ciência e Segurança do Boletim dos Cientistas Atômicos.

A entidade foi criada em 1947 por envolvidos na construção da bomba atômica americana, preocupados com os riscos de sua invenção. Além de promover pesquisas, o Boletim divulga todo ano a posição do ponteiro do Relógio do Juízo Final.

Este ano, antes da guerra, ele foi mantido a cem segundos da meia-noite, nível mais próximo do apocalipse de sua história. Putin colocou suas forças nucleares, as mais poderosas do mundo ao lado das americanas, em alerta e sugeriu que irá usar a bomba caso alguma nação se intrometa no conflito, o que deixou a Otan (aliança militar ocidental) sem ação direta.

Analistas especulam se o russo poderia usar uma arma tática, de menor potência, em caso de se ver à beira da derrota ou para acelerar o fim do conflito. A Otan tem discutido como reagir a isso.

"Ninguém sabe se Putin vê alguma vantagem [em usar a bomba]. Racionalmente, não há nenhuma", disse. Ela é moderadamente otimista, acreditando que é improvável que a situação escale para o uso de armas nucleares ou para um confronto com a Otan, mas considera o risco presente.

Ela vê chance de Putin inspirar bem tanto a China ou os rivais Índia e Paquistão, mas sim os norte-coreanos. Na semana passada, Pyongyang testou um míssil intercontinental com capacidade nuclear que, quando estiver operacional, pode atingir todo o território americano —Washington é a garantidora nuclear da segurança da rival Coreia do Sul.

A professora, que falou por e-mail, aponta para erros do Ocidente no pós-Guerra Fria, como permitir a proliferação de armas táticas e não ter integrado a Rússia à arquitetura de segurança da Europa.

Qual é o risco de uma escalada nuclear na crise da Ucrânia? Sempre há o risco de uma escalada quando países com armas nucleares se envolvem em conflitos, pois não temos "firewalls" na guerra. O fato de que a Rússia está em guerra com um vizinho, próxima a países da Otan e de que a Ucrânia pediu assistência do Ocidente aumenta os riscos de os russos ampliarem o conflito. Ninguém sabe se Putin vê alguma vantagem política ou militar em se aproximar mais do uso de armas nucleares. Racionalmente, não há nenhuma. É improvável que o uso de armas nucleares para assustar a Otan ou coagir a Ucrânia à rendição funcione.

O fim da Guerra Fria trouxe uma falsa sensação de segurança sobre o risco nuclear. Houve complacência por parte do Ocidente? Acho que o Ocidente perdeu a oportunidade de conceber uma arquitetura de segurança diferente na Europa, uma que abrangesse a Rússia, e também reduzir drasticamente as armas nucleares, especialmente táticas. Mas a democracia nunca se enraizou na Rússia e Putin ficou mais ousado com o tempo. A janela não ficou aberta por muito tempo.

Como a sra. avalia o impacto do conflito em outros teatros que podem ver uma escalada nuclear? É muito provável que os Estados Unidos ajudem Taiwan, principalmente se os chineses usarem força militar sem justificativa, como a Rússia fez, e os taiwaneses provavelmente responderão com tanto entusiasmo quanto a Ucrânia.

É difícil ver como a experiência da Rússia [na invasão da Ucrânia] afetará Índia/Paquistão/China. Como a Rússia, o Paquistão sugeriu que usaria armas nucleares em seu próprio solo para impedir um avanço convencional.

É claro que, se a Rússia usar uma arma nuclear e interromper o conflito a seu favor, valerá tudo para uma potencial escalada nuclear em outros casos em que disputas territoriais desencadearem conflitos. Nesse caso, talvez eu esteja mais inclinada a me preocupar com a península coreana.

A doutrina russa prevê o uso de armas nucleares caso haja risco existencial. Putin citou tal risco ao falar da guerra e então fez as ameaças conhecidas. O quão sério pode ser esse aparente blefe? Não acho que alguém acredite que a Rússia esteja sob risco existencial, mas isso não importará para Putin se ele decidir que é assim. O que importa é se os oficiais seguirão ordem para lançar um ataque nuclear. Eles podem não ter problemas com um ataque de demonstração, por exemplo, em uma área remota sobre a água, mas podem achar difícil executar uma ordem que alvejaria civis ou que contaminaria uma grande área ou afetaria outros países. Putin deve no mínimo entender que quebrar o tabu nuclear fará dele um pária para sempre.

As armas táticas não estavam sob o guarda-chuva dos acordos de controle. Isso foi um erro? A primeira prioridade no final da Guerra Fria era garantir que os acordos estratégicos fossem implementados e que o vasto complexo de armas nucleares da Rússia fosse seguro para que materiais e armas não desaparecessem. E, claro, para garantir que as armas em solo da Belarus, Ucrânia e Cazaquistão fossem desmanteladas.

Armas nucleares táticas eram um problema menor. Em retrospectiva, parece um erro não tê-las eliminado, como eliminamos até recentemente os mísseis terrestres de alcance intermediário sob o tratado INF, assumindo que elas são mais empregáveis do que as armas estratégicas.

Não sei se isso é verdade, mas espero que não descubramos. Foi um erro não abordar itens da agenda de controle de armas que a Rússia propôs ao longo dos anos, como limites nas defesas antimísseis.

Uma das críticas à Otan na crise diz respeito à falta de alternativas militares para deter a agressão russa, devido ao risco óbvio de escalada. Existe alguma saída para essa armadilha? A dissuasão é uma questão de percepções: Putin claramente acreditava que não enfrentaria oposição viável na Ucrânia, que a rendição seria rápida e que a economia russa resistiria às sanções, mas eventualmente elas seriam suspensas.

Ele não contava com o envolvimento da Otan —uma razão para tomar a Ucrânia agora é fechar para sempre a oportunidade de ela entrar na aliança. A Otan tem uma ampla gama de opções militares caso a Rússia ataque um país-membro. Ameaças nucleares russas contra uma aliança que contém três Estados com armas nucleares seriam de fato muito desaconselhadas.

No entanto, se alguns dos tratados de controle de armas que foram abandonados estivessem em vigor e funcionando, poderia ter sido mais difícil para a Rússia invadir. Também é possível que nada teria impedido Putin.

33º dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
- Sob domínio dos separatistas e agora reconhecidas por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Ataques relatados
- Anexada pela Rússia em 2014
- Maior usina nuclear da Europa

Autoridades locais dizem que retomaram controle total da cidade, bombardeada há semanas

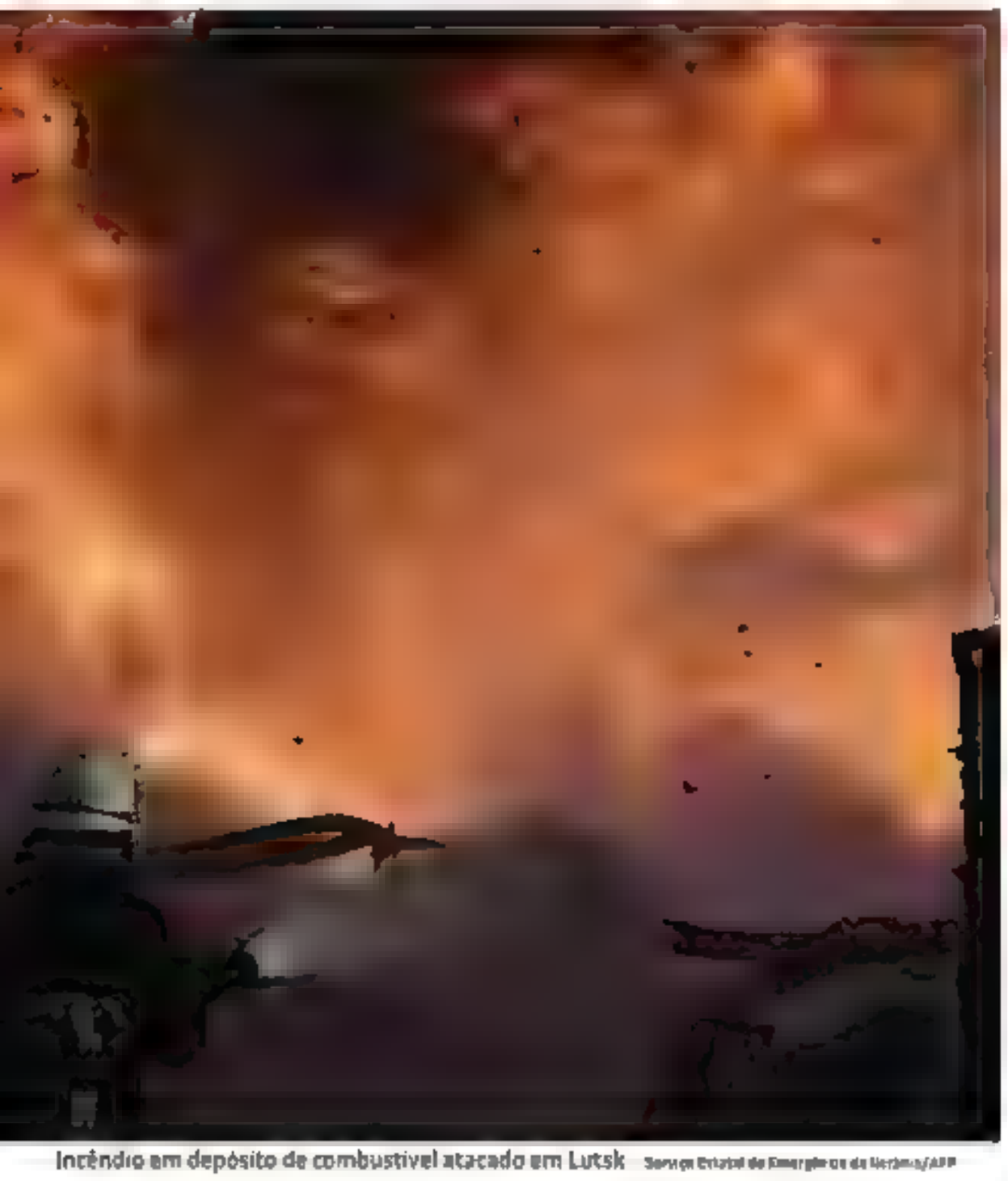
Incêndios relatados na zona de exclusão em torno da usina nuclear

Forças ucranianas alegam ter reconquistado porções da região de Sumi

Tropas ucranianas dizem que retomaram territórios na periferia

Fontes: Graphic News e The New York Times

Sharon Squassoni, 59
É membro do Conselho de Ciência e Segurança do Boletim dos Cientistas Atômicos. Trabalha há 30 anos na área de não proliferação e desarmamento, tanto para o governo americano quanto para o Congresso. É professora pesquisadora no Instituto de Política de Ciência e Tecnologia, na Universidade George Washington.



Incêndio em depósito de combustível atacado em Lutsk Serviço Estatal de Emergência da Ucrânia/AFP

Ucrânia diz que não espera avanços em diálogo com Rússia na Turquia

SÃO PAULO Ucrânia e Rússia se preparam para as primeiras negociações de paz a serem feitas de forma presencial em mais de duas semanas, que devem ocorrer a partir desta terça-feira (29) na Turquia —mas não há expectativas de grande avanço disseram autoridades ucranianas nesta segunda (28).

O fato de a rodada ocorrer presencialmente, pela primeira vez desde uma reunião tensa entre os chanceleres dos dois países em 10 de março, porém, pode sinalizar uma mudança de tom. Isso à medida que a Rússia tem encontrado dificuldade em avançar e ganhar território na Ucrânia.

Relatos de autoridades locais dizem que as tropas de Kiev têm conseguido retomar o controle de porções importantes do território.

Em Irpin, cidade nos arredores da capital e uma artéria para chegar à cidade as forças do país teriam retomado controle total, segundo o prefeito Oleksandr Markushin. Partes das periferias de Sumi e de Kharkiv também teriam sido retomadas, mas as informações não puderam ser confirmadas de maneira independente.

Já na região da usina de Tchernóbil, onde ocorreu o mais grave acidente nuclear da história, em 1986, novos incêndios foram registrados, de acordo com informações do governo. O órgão das Nações Unidas responsável pelo assunto desse que apesar disso não há alterações no quadro de segurança local.

Os movimentos no front parecem desenhar uma consequência do anúncio russo de que já teria completado a primeira etapa da guerra e agora, buscaria avançar no Donbass. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos, nesta segunda, também relatou que os russos estariam mudando seu foco no conflito para agora controlar a região a leste, onde estão as repúblicas separatistas de Luganski e Donetsk.

Ainda assim, a Ucrânia teve de suspender o funcionamento de corredores humanitários para retirada de civis. Autoridades do país justificaram a medida alegando ter informações de possíveis ataques por parte dos russos nesses locais.

Até aqui, o conflito gerou 3,8 milhões de refugiados, segundo dados da ONU. A maioria emigrou para a Polônia, onde entraram quase 2,3 milhões de ucranianos.

No campo da diplomacia, o presidente dos EUA Joe Biden, que no sábado havia dito que Putin "não pode permanecer no poder" afirmou nesta segunda que não retira o que disse. Segundo ele a fala foi uma manifestação pessoal, não política a diplomacia americana vinha tentando colocar panos quentes e esclarecer que Washington não pretende mudar o regime na Rússia.

Já o secretário-geral da ONU, o português António Guterres, disse ter orientado o chefe de ajuda internacional do organismo a falar com as partes envolvidas sobre a possibilidade de um cessar-fogo humanitário na Ucrânia e tentar mudar a negociação.

O chanceler ucraniano, Dmytro Kuleba, afirmou em discurso televisionado que a principal meta do país nas negociações desta terça, na Turquia, será estabelecer um cessar-fogo, indicando que um ponto final nos ataques não está no horizonte próximo.

Quando os dois lados da guerra se viram pela última vez, a Ucrânia acusou o chanceler russo, Serguei Lavrov, de ignorar apelos por um cessar-fogo, e Lavrov afirmou que o tema nem estava na agenda. Desde então, eles se reuniram apenas por videochamada.

com AFP e Reuters

Oligarca teve sintoma de envenenamento, segundo jornal

SÃO PAULO Dois ucranianos que integram as comitivas de negociações com a Rússia e o oligarca russo Roman Abramovich apresentaram sintomas de um possível envenenamento após reunião em Kiev no começo do mês. A informação foi divulgada na segunda-feira (28) pelo jornal americano The Wall Street Journal.

Os sintomas incluíram vermelhidão nos olhos, com dor constante e lacrimejamento, além de descamação da pele no rosto e nas mãos, de acordo com o veículo americano. Todos passam bem.

Especialistas que analisaram o caso a pedido do Wall Street Journal disseram ser difícil afirmar se o incidente foi provocado por um agente químico ou biológico ou por algum tipo de ataque com radiação eletromagnética.

Pessoas envolvidas no caso acusaram os russos de terem cometido o suposto envenenamento em uma tentativa de sabotar as negociações para pôr fim à guerra.

Abramovich viajou a Kiev a pedido do governo ucraniano para ajudar a negociar o fim da guerra na Ucrânia, segundo o Wall Street Journal. Entre os negociadores supostamente envenenados está o deputado Rustem Umerov.

O Kremlin não comentou o caso, enquanto autoridades ucranianas buscaram minimizar o caso. Um dos advogados dos negociadores de Kiev, Mikhailo Podoliak classificou as informações de especulações que entrariam no campo das teorias da conspiração. O próprio Umerov pediu que não se confie "em informações não verificadas".

O chanceler Dmytro Kuleba usou de ironia em uma entrevista à TV ucraniana, dizendo que orienta qualquer um que vá a negociações com a Rússia "a não comer ou beber nada e preferencialmente evitar de tocar em superfícies".

À Reuters um funcionário da inteligência americana afirmou sob anonimato que as avaliações iniciais dos EUA são de que os sintomas teriam surgido por um fator ambiental externo —ou seja, não por envenenamento.

Último jornal independente russo fecha até fim da guerra

Último grande jornal independente da Rússia, o Novaia Gazeta (novo jornal) editado pelo coganhador do Prêmio Nobel da Paz de 2021 Dmitr Muratov, anunciou nesta segunda (28) que irá suspender suas atividades até o fim da guerra na Ucrânia após advertência do governo. Também nesta segunda-feira, o Ministério da Justiça da Rússia classificou a rede de comunicação pública alemã Deutsche Welle de agente estrangeira, rotulo que cerceia a atuação de meios de comunicação no país.

Guerra faz Biden pedir gasto militar recorde em 2023

Maior orçamento de defesa dos EUA em tempo de paz reflete também a rivalidade crescente com os chineses

SÃO PAULO A guerra na Ucrânia fez o governo de Joe Biden apresentar ao Congresso o maior orçamento militar em tempos de paz de sua história: US$ 813 bilhões (R$ 4,9 trilhões nesta segunda, 28) para 2023, 4,5% a mais do que previsto no ano fiscal de 2022.

O ano fiscal americano compreende o período entre 1º de outubro do ano corrente e 30 de setembro do seguinte. Do valor total, US$ 773 bilhões (R$ 3,7 trilhões) são exclusivamente do Departamento de Defesa. São valores nominais. Em termos de percentual do Produto Interno Bruto, deverá haver uma recuperação para o nível de 2010 (3,7%), após uma queda em 2021 (3,29%).

"Nosso orçamento reflete nossa Estratégia Nacional de Defesa e o foco desta estratégia no desafio da China. Ele preserva nossa preparação e dissuasão contra as ameaças que encaramos hoje: a aguda ameaça de uma Rússia agressiva e a emergência constante de ameaças colocadas por Coreia do Norte, Irã e organizações extremistas", afirmou o secretário Lloyd Austin.

Há ênfase em desenvolvimento de novas armas: US$ 130 bilhões (R$ 623 bilhões) são destinados para mísseis hipersônicos e outros sistemas. É o maior gasto do tipo da história.

Refletindo a agitação no mercado de defesa, com o rearmamento já anunciado de países como a Alemanha, os americanos reduziram de 85 para 61 os pedidos de novos caças de quinta geração F-35.

O motivo especulado é atender mais rapidamente os novos clientes internacionais do jato da americana Lockheed, que por anos patinou em vendas. Além de Berlim, que anunciou que irá comprar 35 deles, nesta segunda o Canadá fechou um dos maiores negócios do gênero no mundo e vai adquirir 88 F-35.

Estimada em 19 bilhões de dólares canadenses (R$ 72,5 bilhões), a negociação é uma grande derrota para os suecos da Saab, que tentavam emplacar o Gripen, caça que foi comprado pela Força Aérea Brasileira e será produzido no interior de São Paulo. Em janeiro, o Gripen já havia perdido para o F-35 na grande concorrência para fornecer 64 aviões para a Finlândia.

Como a Folha mostrou, os EUA estão emergindo como os maiores ganhadores com o apetite renovado por defesa, ainda mais que negócios com a Rússia podem ser afetados pelas sanções contra o país.

O Egito, terceiro maior comprador de armas russas de 2017 a 2021, já trocou um lote de caças pesados Sukhoi-35S por um do americano F-15.

US$ 813 bi

orçamento militar apresentado pelo governo Biden ao Congresso para o ano fiscal de 2023, aumento de 4,5% em relação ao de 2022

No período, os EUA dominaram 39% do mercado mundial e os russos vinham em segundo lugar, com 19%. Para Moscou, a esperança que seus dois maiores compradores, China e Índia, sigam ignorando a pressão de Washington.

Também em decorrência da guerra nas franjas orientais da Otan (aliança militar liderada pelos EUA), Biden pediu um aumento de quase 10% no gasto da Iniciativa de Dissuasão Europeia, que envolve o rearmamento de aliados, chegando a US$ 4,2 bilhões (R$ 20,1 bilhões). Só a Ucrânia deve ganhar US$ 300 milhões (R$ 1,4 bilhão).

A tríade nuclear, composta pelos três vetores de lançamento de armas atômicas (submarinos, lançadores em solo e bombardeiros) ganhará US$ 34 bilhões (R$ 163 bi).

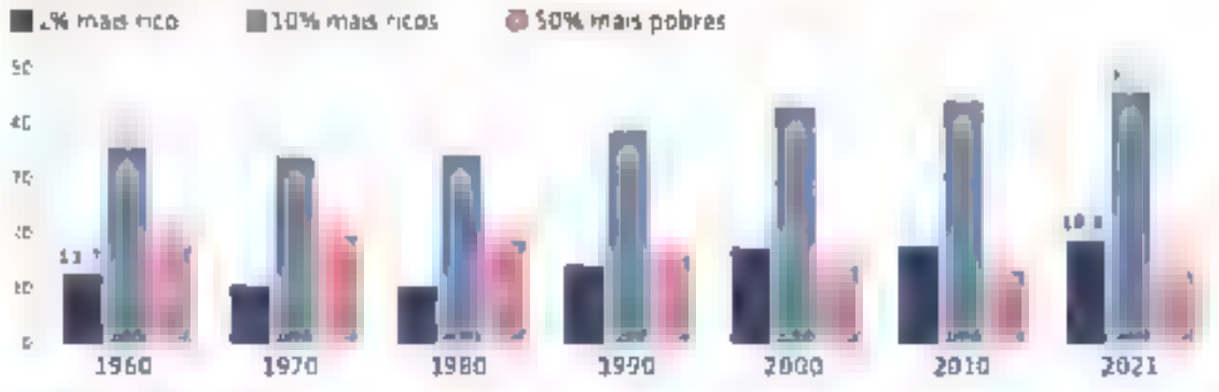
Os EUA são líderes indiscutíveis em gasto militar mundial. Segundo o IISS (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres), em 2021 os EUA gastaram US$ 754 bilhões (R$ 3,6 trilhões).

A China foi a segunda colocada, com US$ 207,3 bilhões (R$ 994 bilhões), seguida por Reino Unido (US$ 71,6 bilhões, R$ 343 bilhões), Índia (US$ 65,1 bilhões, R$ 312 bilhões) e a Rússia, com US$ 62,1 bilhões (R$ 298 bilhões). O Brasil está em 16º na tabela, com US$ 21,8 bilhões (R$ 104 bilhões) gastos na área.

Aqui, contudo, entre 85% e 90% do valor vai para pessoal e custeio. Já os americanos gastam quase 30% com equipamento. **Igor Gielow**

Concentração no topo aumenta nos EUA

Renda apropriada, em % do total



Fonte World Inequality Database

Americano propõe taxação de fortunas mirando déficit e desigualdade social

Fernando Canzian

SÃO PAULO Ao anunciar proposta de um dos maiores orçamentos militares da história, de US$ 813 bilhões (R$ 3,9 trilhões), o presidente dos EUA Joe Biden, apresentou ao Congresso moção para que o país passe a tributar mais os chamados super-ricos —o que incluiria bilionários como Jeff Bezos (Amazon) e Mark Zuckerberg (Meta/Facebook).

A proposta cumpre uma das promessas de campanha do democrata e, se aprovada, reforçará o caixa para elevar em mais de 4% o orçamento exclusivo do Departamento de Defesa no ano fiscal de 2023, que começa em 1º de outubro.

Ela também mira a redução da desigualdade de renda nos EUA, em alta firme há 50 anos, e abre precedente para que outros países possam tentar algo parecido —algo discutido há anos na Europa.

Nos últimos 50 anos, enquanto a apropriação da renda pelos mais ricos disparou entre os americanos, a metade mais pobre viu sua participação cair de 20,2% do total, em 1970, para pouco mais de 13% no ano passado, segundo dados da World Inequality Database, plataforma da Escola de Economia de Paris sob a supervisão do economista Thomas Piketty.

O democrata pede ao Congresso a criação de uma alíquota mínima de 20% sobre os rendimentos de famílias com patrimônio superior a US$ 100 milhões (R$ 480 milhões).

Aquelas com patrimônio maior do que isso, e que não recolhem 20% em impostos sobre a combinação de sua renda declarada e ganhos com ativos, como ações, devem pagar taxas adicionais até chegarem ao novo patamar de 20%.

A tributação deverá ocorrer mesmo que o indivíduo que detém ações em valorização não se desfaça delas. Hoje, ganhos de capital são taxados apenas quando realizados (como na venda dos papéis) e têm tributação menor do que a da renda do trabalho, por exemplo.

No ano passado, causou polêmica nos EUA informação divulgada pelo site ProPublica dando conta de que Warren Buffett, do fundo Berkshire Hathaway e um dos homens mais ricos do mundo, pagou o equivalente a apenas 0,1% de imposto sobre o crescimento de seu patrimônio durante quatro anos —enquanto um americano médio paga em média 14%.

Embora sua fortuna tenha aumentado em US$ 24 bilhões no período, Buffett declarou US$ 125 milhões de renda —já que tem como principal estratégia de investimentos o chamado "buy and hold" (comprar e manter ações por longos períodos). Segundo o mesmo levantamento e pelas mesmas razões, Bezos pagou o equivalente a 1% em impostos; e Elon Musk, da Tesla, 3,3%.

A Casa Branca estima que a nova taxa poderá reduzir o déficit dos EUA em cerca de US$ 360 bilhões em uma década.

mundo

'Don't Say Gay' põe pressão em escolas na Flórida

Lei veta chamada 'ideologia de gênero' e permitirá a pais processarem docentes que falem sobre sexualidade em sala

Rafael Balago

WASHINGTON Pedir aos alunos que falem sobre suas famílias é algo comum na pré-escola. Na Flórida, a atividade poderá se tornar um problema para os professores.

Uma nova regra, chamada Lei de Direitos dos Pais na Educação e apelidada pelos críticos de "Don't Say Gay" (não diga gay), foi aprovada pelo Senado estadual em 8 de março e sancionada pelo governador, o republicano Ron De Santis, nesta segunda (28).

O texto diz que "instruções sobre orientação sexual ou identidade de gênero não podem ser dadas no jardim de infância e até o terceiro ano do ensino fundamental, o que afeta crianças de até oito anos". Indica que esses conceitos não devem ser debatidos "de modo que não seja apropriado à idade" e "de acordo com padrões estaduais".

Os porens: o currículo escolar da Flórida não prevê a abordagem desses temas nessa faixa etária, e o projeto não define quais seriam os parâmetros estaduais.

A lei, porém, restringe conteúdos sobre igualdade e preconceito em relação a indivíduos LGBTQIA+, potencialmente em todas as séries. Poderá restringir clubes formados por estudantes de apoio aos gays. Um professor pode não ser capaz de indicar livros ou lições que discutam a homossexualidade ou a identidade de gênero de modo afirmativo" avalia Jeremy Young, gerente-sênior da Pen America, entidade de defesa da liberdade de expressão.

Assim, docentes e especialistas críticos ao projeto apontam que a principal consequência da lei será tornar o ambiente escolar mais hostil e menos acolhedor.

"Tenho uma filha de quatro anos, fase em que as crianças aprendem sobre feriados como o Dia de Ação de Graças. Imagine que, na segunda-feira, um aluno diga sobre o encontro de sua família: 'Minha tia levou sua esposa'. Se outro aluno pergunta como assim?' o que o professor deveria fazer?", exemplifica Kevin Goldberg, especialista da Freedom Forum, entidade de defesa de direitos civis.

"É uma atividade sobre famílias, que ensina sobre tradições, mas ele pode não saber como lidar com isso, por risco de ter problemas."

Clay Calvert, diretor do projeto Primeira Emenda, da Universidade da Flórida, avalia que os docentes poderão passar a praticar autocensura por medo de que eles e a escola sejam processados pelos pais.

"Nenhum professor ensina seus alunos a serem gays. Acreditamos na inclusão e na diversidade, e precisamos aceitar as crianças como elas são. Se a criança quiser falar sobre seus pais gays, deve poder fazer isso na sala de aula sem se sentir intimidada", pondera Karla Hernandez Mats, presidente do sindicato United Teachers of Dade, da região de Miami.

Segundo ela, educadores LGBT estão se sentindo ameaçados —uma delas teria dito que já decidiu deixar a profissão. "Temos falta de professores nos EUA. É uma carreira nobre, mas estressante e mal paga, e as pessoas não estão mais querendo entrar nela."

A Don't Say Gay é só mais um exemplo de uma onda que tenta aumentar o controle dos pais sobre o conteúdo escolar nos Estados Unidos. O tema foi usado com sucesso na eleição estadual da Virgínia, em novembro. O republicano Glenn Youngkin foi eleito em um estado até então sob controle democrata prometeu na campanha acabar com o ensino da chamada teoria crítica da raça —que não fazia parte do currículo.

Em novembro deste ano haverá eleições regionais na Flórida e em outros 35 estados, além da renovação de parte do Congresso. De olho em atrair votos, políticos republicanos têm reforçado o apoio a pautas capazes de atrair o eleitorado conservador.

"A lei diz aos pais que seu direito de criar os filhos não termina quando eles entram na sala de aula. Reconhece que os pais não são o inimigo", disse o senador estadual Danny Burgess, que votou a favor da medida. "A lei simplesmente diz que deve haver um limite de idade para certas discussões. Isso não é um conceito novo nem radical."

> Projetos como esse não resolvem nenhum problema. Em vez disso, atacam de forma vergonhosa e colocam em perigo estudantes LGBTQIA+, a quem o Estado tem obrigação de proteger
>
> **Cathryn M. Oakley**
> diretora da Human Rights Campaign

Ele e outros defensores da proposta argumentam que ela foi deturpada, já que não veta o uso de termos como "gay". Segundo essa linha, as crianças podem ficar confusas ao aprenderem muito cedo sobre identidade de gênero.

"[A lei] protegerá crianças pequenas do que é, de fato, uma preparação sexual. Nos seus 5 anos, material explícito e inapropriado tem inundado salas de aula", escreveu Jay Richards, pesquisador do Heritage Foundation, think tank conservador. Ele cita o caso de um professor do estado de Washington que teria lido, para uma sala de primeiro ano, um livro infantil chamado "I Am Jazz" que trata de transição de gênero.

Os democratas se opuseram à medida, inclusive em nível nacional. "Por que políticos da Flórida estão decidindo que precisam discriminar crianças membros da comunidade LGBTQIA+? É por maldade? É por querer que as crianças tenham tempos mais difíceis na escola e na comunidade?", questionou Jen Psaki, porta-voz da Casa Branca de Joe Biden.

Projetos como esse não resolvem nenhum problema. Em vez disso, atacam de forma vergonhosa e colocam em perigo estudantes LGBTQIA+, a quem o Estado tem obrigação de proteger e tratar de forma igual", diz Cathryn M. Oakley, diretora de legislação estadual na Human Rights Campaign. Um levantamento da entidade mostrou que 25 leis consideradas anti-LGBTQIA+ foram aprovadas nos EUA em 2021 —e cerca de 300 propostas desse tipo foram apresentadas em 33 estados.

Neste mês, parlamentares da Geórgia propuseram uma lei similar à Don't Say Gay, e o Senado da Flórida debate outra lei, chamada de Stop Woke Act, que prevê restrições a discussões de temas como desigualdade racial em locais de trabalho e salas de aula, numa eventual aprovação, empresas que tratarem do tema com seus funcionários poderiam ser processadas.

Especialistas lembram que textos assim podem parar na Justiça, com base na Primeira Emenda, que garante a liberdade de expressão. "Ao dar aulas, professores são pagos para repassar conteúdo, de modo que a Primeira Emenda não se aplica a eles nesse contexto. Mas a norma também diz que as pessoas —os estudantes— têm direito a receber informações, e essa nova lei poderá ser questionada por restringir esse direito" analisa Calvert.

Talibã impede afegãs de viajarem desacompanhadas

CABUL | REUTERS E AFP O Talibã endureceu o código de conduta imposto nos últimos dias a uma série de restrições ao comportamento dos cidadãos no Afeganistão, como a proibição de que mulheres viajem sozinhas de avião e de que funcionários públicos trabalhem sem barba e a segregação dos parques por gênero.

O Ministério para a Propagação da Virtude e Prevenção do Vício, responsável por esse tipo de regra, não confirmou publicamente as medidas, mas fontes disseram às agências de notícias AFP e Reuters que elas já estão em vigor.

Nesta segunda-feira (28), representantes do regime fundamentalista estavam patrulhando as entradas dos serviços públicos para verificar se os funcionários estavam usando barba e vestimentos típicos da etnia pashtun —blusa e calças largas e um chapéu ou turbante—, segundo disseram três fontes a Reuters. Eles também foram instruídos a garantir que fizessem suas orações nos horários corretos.

No domingo (27), os parques passaram a ser segregados por sexo, com as mulheres autorizadas a entrar três dias por semana e os homens, nos outros quatro dias, incluindo o fim de semana, o que significa que nem casais e famílias podem frequentar esses locais juntos.

As mulheres, que enfrentam a maior parte das rígidas restrições ditadas pelo grupo, também foram atingidas pelas novas medidas. Depois de terem as escolas de ensino médio para as meninas no mesmo dia em que haviam prometido abri-las, os talibãs ordenaram que as companhias aéreas só permitam que embarquem em seus voos passageiras acompanhadas por parente do sexo masculino.

Os talibãs já haviam proibido as mulheres de viajarem sozinhas por terra, caso o trajeto supere 72 quilômetros, mas até agora elas tinham permissão para embarcar em voos.

O grupo fundamentalista prometeu que apresentaria uma versão mais tolerante do rígido código de comportamento que seu regime (no poder em seu primeiro período, de 1996 a 2001, mas, desde agosto, reverteu duas décadas de avanços nos direitos das afegãs. Elas foram excluídas da maioria dos cargos públicos e do ensino médio e são obrigadas a usar roupas de acordo com uma interpretação estrita do Alcorão, o livro sagrado do islamismo.

Dois funcionários das companhias aéreas Ariana Afghan e Kam Air afirmaram na noite deste domingo (27) que os talibãs ordenaram que não permitam às mulheres que viajem sem a presença de um parente do sexo masculino.

A decisão foi adotada após uma reunião na quinta-feira entre representantes do Talibã, das duas companhias aéreas e autoridades migratórias do aeroporto, informaram à AFP os dois funcionários que pediram anonimato.

O regime afirmou que não divulgou nenhuma diretriz para proibir as viagens de mulheres sozinhas em aviões, mas uma carta enviada por um executivo da Ariana Afghan aos trabalhadores da companhia confirma as novas instruções, que devem ser aplicadas a todos os voos. "Nenhuma mulher pode viajar em um voo local ou internacional sem um parente masculino" afirma o documento.

Dois agentes de viagens procurados pela AFP também confirmaram que pararam de emitir passagens para mulheres que viajam sozinhas.

Um passageiro de um voo da Kam Air que iria de Cabul a Islamabad na sexta-feira também disse que algumas mulheres que viajavam sem um parente do sexo masculino não conseguiram embarcar.

Ainda não está claro se a regra se aplica a mulheres estrangeiras, mas a imprensa local informou que uma afegã com passaporte americano foi impedida de pegar um voo na semana passada.

Os fundamentalistas também parecem ter iniciado uma repressão aos meios de comunicação. Nesta segunda-feira, na província de Kandahar, os serviços de inteligência talibãs executaram operações contra quatro emissoras de rádio que tocam música e prenderam seis jornalistas. No domingo, o grupo ordenou a interrupção dos programas da BBC nas emissoras afiliadas do grupo britânico.

Chandan Khanna - AFP

HONDURAS APROVA EXTRADIÇÃO DE EX-PRESIDENTE AOS EUA

A Suprema Corte de Honduras autorizou, nesta segunda-feira (28), a extradição para os Estados Unidos do ex-presidente do país, Juan Orlando Hernández. O político é acusado pela Justiça americana de participar de um esquema de tráfico de drogas. Ele se entregou à polícia hondurenha em fevereiro e aguardava a decisão sobre seu futuro. Os promotores de Nova York acusam o ex-presidente, que deu lugar à esquerdista Xiomara Castro em 27 de janeiro, após oito anos no cargo, de ter ligações com o tráfico de drogas desde 2004. Segundo a promotoria, ele participou de uma operação para que Honduras recebesse toneladas de cocaína vindas da Colômbia e da Venezuela —o destino final da droga seria os EUA. JOH, como também é conhecido, nega todas as acusações e afirma que elas são uma vingança movida pelos mesmos traficantes que seu governo capturou ou extraditou para o território americano. Na foto, a esposa de JOH, Ana Garcia, participa de um protesto em Tegucigalpa contra a extradição do ex-presidente

Bolsonaro demite general e indica economista para comandar Petrobras

Saída de Silva e Luna acontece após desgastes em razão de megarreajuste dos combustíveis

Julia Chaib, Julio Wiziack e Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O presidente da Petrobras, general Joaquim Silva e Luna, recebeu nesta segunda (28) a comunicação de que deixará o comando da estatal e que será substituído pelo economista Adriano Pires.

A informação tinha sido confirmada à Folha por aliados do militar e auxiliares do Palácio do Planalto e do Ministério de Minas e Energia.

No início da noite, o Planalto confirmou a troca e anunciou a composição do novo conselho.

A demissão do militar ocorre após uma série de desgastes com o presidente Jair Bolsonaro (PL) em razão do mega-aumento dos preços nos combustíveis promovido pela empresa.

Pires é diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE). O nome dele porém, não foi bem-aceito em alas do governo, especialmente entre os militares de alta patente ligados ao ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, que trabalharam para segurar Silva e Luna no cargo.

Na prática, as mudanças no comando da Petrobras só devem ocorrer dentro de duas semanas, após a Assembleia Geral de Acionistas, quando o governo trocará seus representantes do conselho de administração, grupo responsável por definir o plano estratégico da companhia.

A assembleia está prevista para o próximo dia 13, e Silva e Luna precisa ser excluído do conselho pela assembleia a fim de abrir caminho para a aprovação de Pires como novo presidente.

De acordo com o comunicado do governo, o presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, outro nome forte para comandar a estatal, ocupará uma cadeira no conselho ao lado de Pires. Landim foi indicado para presidente do conselho.

Após a posse dos novos conselheiros, Pires deverá ser conduzido à diretoria executiva, assumindo o comando da empresa.

Os demais integrantes do conselho indicados pelo governo são: Sonia Villalobos, Luiz Henrique Caroli, Ruy Schneider, Marcio Weber, Eduardo Karrer e Carlos Eduardo Lessa Brandão.

As ações da estatal, que já vinham em queda nesta segunda-feira diante do recuo de 10% do preço do petróleo foram afetadas pela notícia de troca de comando.

As 16h45, a notícia sobre a mudança no comando da estatal resultou em um imediato mergulho de 1,6% no preço das ações preferenciais da empresa. Isso poderia ter levado a companhia a uma queda de 3,7% no dia. A recuperação, porém, foi rápida e proporcional ao tombo. Os papéis encerraram o dia com recuo de 2,17%.

Luna vinha sofrendo pressão para revisar a alta nos preços após variações na cotação do barril do petróleo. O general foi pressionado publicamente pelo próprio Bolsonaro e pelo presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL).

O militar, porém, dizia internamente que as variações eram conjunturais, não estruturais, e que não havia chegado a hora de rever o mega-aumento promovido pela empresa.

Em quase um ano da gestão de Silva e Luna, os preços da gasolina aumentaram 27%, e os do diesel, 47%. O botijão de gás subiu 27%, e o GNV (gás veicular), 44%.

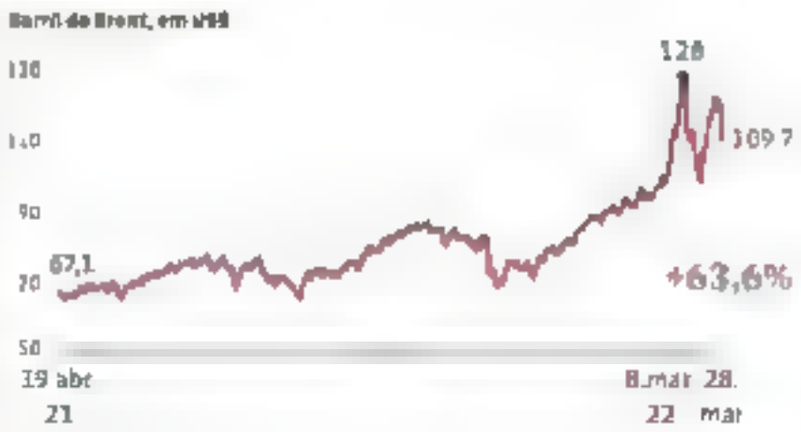
A alta, no entanto, seria maior porque, neste ano, a empresa chegou a segurar por quase dois meses o repasse da valorização do petróleo para evitar aumentos para os consumidores.

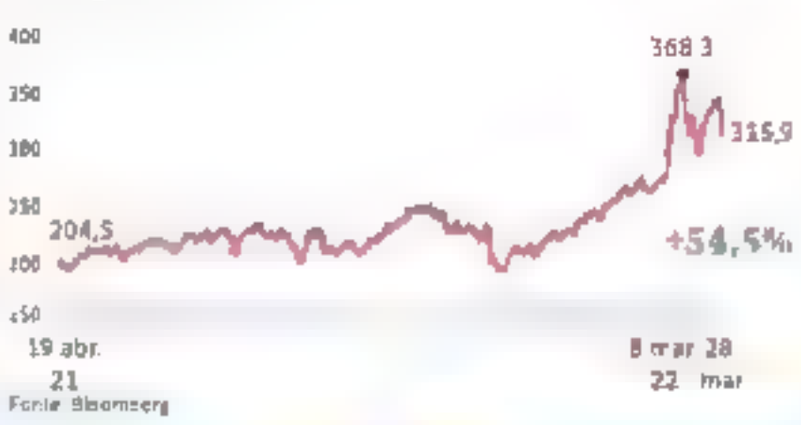
Somente em janeiro e fevereiro de 2021, essa poupança de atrasos e descontos nos reajustes fez a empresa deixar de ganhar ao menos R$ 3,5 bilhões, valor que totalizou R$ 17,4 bilhões no acumulado até fevereiro deste ano, de acordo com cálculos da Folha feitos com base em dados da ANP (Agência Nacional de Petróleo) e da própria Petrobras.

A demissão de Luna repete o desfecho que teve Roberto Castello Branco, indicado do ministro Paulo Guedes (Economia) para comandar a Petrobras e que foi demitido em fevereiro de 2021.

Leia mais nas págs. A14 e A15

Flutuação do petróleo e da gasolina desde que Joaquim Silva e Luna assumiu a presidência da Petrobras





Fonte: Bloomberg

Joaquim Silva e Luna durante sua posse na presidência da Petrobras, em abril do ano passado, general foi informado de que deixará o comando da estatal Pedro Ladeira - 8.abr.21/Agência Petrobras

Indicado, Adriano Pires defendeu conter preços e é pró-privatização

Julio Wiziack
e Nicola Pamplona

BRASÍLIA E RIO DE JANEIRO O economista Adriano Pires já era um fiel conselheiro do governo e, recentemente, ao dizer "as coisas certas" na hora certa, recebeu a indicação para substituir o general Joaquim Silva e Luna no comando da Petrobras. Luna foi comunicado sobre sua demissão nesta segunda-feira (28).

Assessores do Planalto afirmam que, há alguns meses, Pires defendeu publicamente a necessidade de não repassar a volatilidade do petróleo —insumo básico para a gasolina e o diesel— para o consumidor.

Esse vinha sendo o principal foco de conflito entre Jair Bolsonaro (PL) e o presidente da estatal. Luna defendia a política de preços da companhia, com repasses da alta do petróleo para o consumidor, e Bolsonaro buscava retardar esses reajustes ao máximo como forma de segurar a inflação.

Pesquisa do Datafolha divulgada nesta segunda (28) mostrou que 75% dos brasileiros consideram Bolsonaro o responsável pela alta dos preços (leia à pág. A15). Os combustíveis estão entre os itens que mais pesam no cálculo da inflação (IPCA), que, nos últimos 12 meses, acumula alta de 10,54%, já são mais de seis meses com o índice nesse patamar.

Em declarações recentes sobre os preços após o início da guerra na Ucrânia, Pires tem sustentado que o cenário excepcional demanda uma visão diferente sobre o tema.

"Não dá para dizer se o barril vai a R$ 150 ou a US$ 200. Agora, se isso acontecer, o Brasil e o mundo vão ter que apertar o botão de calamidade pública e não vão poder aumentar os preços ao consumidor. É um fenômeno mundial" afirmou no fim de fevereiro ao site Poder 360.

Pires também propôs ao governo uma reforma da tributação de combustíveis, começando pelo ICMS. Ele defendeu uma única alíquota, cobrada em reais por litro.

Essa foi a base do projeto de lei que o governo conseguiu aprovar no Congresso, mas que ainda enfrenta resistência dos estados.

Para o economista, essa alíquota deveria ser calculada com prazos mais longos do que os atuais 15 dias, como forma de amortizar os repasses de custos do petróleo das refinarias para as distribuidoras.

Para incentivar a estabilização dos preços no mercado interno, Pires avaliava a criação de um novo imposto —algo criticado pela equipe econômica— ou um fundo específico, que foi usado em outros países e resultou em fracasso.

Doutor em economia industrial pela Universidade Paris 13, Adriano Pires atua no mercado há mais de três décadas.

Atualmente, dirige o CBIE (Centro Brasileiro de Infraestrutura), uma consultoria especializada em regulação e estratégia do setor de energia, que presta serviços para governos e empresas. Também integra o time de analistas do Instituto Millenium, formado por especialistas alinhados com o ideário liberal do ministro da Economia, Paulo Guedes.

O economista Adriano Pires, que hoje dirige o CBIE (Centro Brasileiro de Infraestrutura) Leo Pinheiro - 7.mai.21/Valor/Agência O Globo

Em sua consultoria, Pires tem atuado recentemente para o setor de distribuição de gás natural, como consultor da Abegás (Associação Brasileira das Distribuidoras de Gás Canalizado), setor hoje dominado pela Compass, controladora da Comgás.

É colunista do site Poder 360 e analista com presença frequente em reportagens sobre o setor de petróleo na imprensa brasileira.

Em outubro de 2021, escreveu em sua coluna que a solução para os preços dos combustíveis no Brasil é privatizar a Petrobras, em uma crítica contra a concessão de subsídios ocultos com o represamento de preços à custa das finanças da estatal.

"A solução definitiva só virá com a privatização da Petrobras. Enquanto a empresa for de economia mista, tendo o Estado como controlador, os seus benefícios corporativos e as práticas monopolistas serão mantidos —a favor da corporação e, muitas das vezes, contra os interesses do Brasil."

Pires teve participação na criação da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis), durante o governo Fernando Henrique Cardoso, num momento de abertura do mercado brasileiro de petróleo a empresas privadas.

Na época, comandada por David Zylbersztajn, a ANP defendia a venda das refinarias da Petrobras para pôr fim ao monopólio estatal no segmento, após a abertura da área de exploração e produção a petroleiras estrangeiras com os leilões de áreas petrolíferas iniciados em 2000.

Durante os governos petistas, foi um crítico do represamento de preços dos combustíveis, divulgando estimativas sobre as perdas da Petrobras ao manter os valores em períodos de alta das cotações internacionais.

Para o analista Ilan Arbetman, da Ativa Investimentos, trata-se de uma indicação técnica com perfil reconhecido pelo mercado como um executivo que não romperia com a estratégia adotada pela Petrobras nos últimos anos.

"O perfil de Pires também ajuda a mitigar os efeitos oriundos desse novo possível movimento [de mudanças na estratégia]", afirmou.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Boletim

O empresário Mauro Aguiar, diretor do Colégio Bandeirantes, um dos mais tradicionais de São Paulo, avalia que a troca do ministro da Educação a essa altura do governo só vai tumultuar. "Tem muita coisa boa que foi aprovada no Conselho Nacional de Educação, como o novo Enem, e que precisa ser tocada para a frente. Essa briga não tem nada a ver com educação, com o que é melhor para os alunos. Isso é uma briga política. O ambiente lá não é para amadores", afirma Aguiar.

GIZ Milton Ribeiro foi demitido do cargo para tentar reduzir o desgaste do governo Bolsonaro na crise em que a pasta se envolveu após a revelação de indícios de um esquema informal de obtenção de verbas envolvendo dois pastores sem cargo público.

CANETA Para Aguiar, a situação é condenável, mas não é novidade. Ele diz que sempre existiu lobby dentro do MEC, independentemente de qual seja o governo. "Para conseguir qualquer coisa no Ministério da Educação, primeiro, tem que contratar um escritório em Brasília. Para conseguir chegar dentro do Ministério. Essa coisa de dizer que [agora] o ministério está aparelhado, não. Ele sempre esteve aparelhado", diz o empresário.

PALCO As empresas de eventos acompanham com preocupação os desdobramentos da decisão do TSE que proibia manifestações favoráveis ou contrárias a qualquer candidato ou partido político no Lollapalooza no sábado (27).

MICROFONE Para Clinio Bastos, sócio da Camarote Marketing, empresa de eventos de Salvador (BA), sempre houve manifestações políticas em aglomerações, e vetá-las é censura. "Não tem como controlar. Pode falar com o artista antes, mas quando ele sobe no palco, o show é dele. Vai fazer o quê? Desligar o microfone?", diz.

ARQUIBANCADA "Ao mesmo tempo que a gente não gostaria que o evento se tornasse plataforma política, a gente também não vê com bons olhos a censura", diz Cristiano Botinha, diretor da V3A. Alessandro Possoni, sócio da Guichê Web, diz que os atos devem ser livres, mas teme os possíveis efeitos das manifestações dos artistas em um momento de polarização política.

CADEIRA O IBDP (Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário) preparou um comunicado para defender que o atual presidente do INSS, José Carlos Oliveira, seja nomeado para o Ministério do Trabalho e Previdência. Onyx Lorenzoni se prepara para deixar o cargo e disputar o governo do Rio Grande do Sul.

DECOLAGEM A Eve, subsidiária da Embraer produtora de aeronaves elétricas conhecidas como carros voadores, anuncia nova expectativa de entrega de seus veículos chamados evtols. São 340 unidades esperadas no segundo ano de operação, que será em 2027. Até 2030, o número de entregas sobe para mil.

BATERIA Segundo a empresa, o plano é superar US$ 1 bilhão em receita até 2027 e US$ 4,5 bilhões em 2030. O valor estimado de cada unidade está no patamar de US$ 3 milhões. A Eve diz que também quer fazer prestação de serviços para outras fabricantes. A projeção para a receita em serviços e suporte gira em torno de US$ 500 mil por evtol por ano.

BILHETE O TCE-SP determinou a suspensão do leilão para a concessão da prestação dos serviços lotéricos, que estava marcado para acontecer nesta terça (29). Entre as justificativas para a medida aparecem a ausência de divulgação ampla, inclusive internacional, prazo curto, falhas de modelagem e outras.

BOMBA A nova mudança no comando da Petrobras, anunciada pelo governo Bolsonaro nesta segunda-feira (28), é criticada por empresários, mas o nome de Adriano Pires é elogiado. Para José Augusto de Castro, presidente da AEB (associação de comércio exterior), a troca é política. Ele critica a reviravolta na administração em curto espaço de tempo. O general Joaquim Silva e Luna assumiu em abril do ano passado.

ÓLEO "É surpresa trocar um presidente da Petrobras agora, sendo que o último saiu pelo mesmo motivo, que é o preço do petróleo. Não tem previsibilidade", diz Castro. Apesar disso, na avaliação dele, o economista Adriano Pires, indicado para substituir o general Joaquim Silva e Luna no cargo, é uma pessoa muito competente na área.

GASOLINA José Ricardo Roriz, presidente da Abiplast (associação da indústria de plásticos), aponta que causa estranheza. "Ele [Adriano Pires] sempre defendeu a atual política da Petrobras", afirma.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS

Mín. em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência fevereiro

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que presta serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Pessoas de baixa renda podem recolher sobre 5% do salário mínimo. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15 mar.

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 18 mar. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.256,32	Valor, em R$
Empregado	98,48
Empregador	259,25

O prazo para o empregador recolher o trabalhador doméstico vence em 7 mar. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Bolsonaro joga para a galera ou quer Petrobras cúmplice de crime

Intervenções na empresa ou em preços são limitadas por lei das estatais, das empresas abertas e por estatutos da petrolífera

ANÁLISE

Vinicius Torres Freire

> [...] Ao meter a mão na empresa outra vez, Bolsonaro aumenta os custos financeiros da companhia, "tudo mais constante" (quem vai emprestar dinheiro à Petrobras ou comprar suas ações vai colocar na conta do preço o risco de um "dedaço" governamental)

SÃO PAULO Jair Bolsonaro espumou de raiva quando a Petrobras decidiu fazer um baita reajuste de combustíveis, em março. Desde então, queria a cabeça de Silva e Luna. Além de aplacar a sua raivinha, o que pode conseguir com a nomeação do terceiro presidente da empresa em três anos e três meses de governo?

Primeiro, jogar para a galera. Segundo pesquisa Datafolha deste mês, 68% do eleitorado diz que o governo Bolsonaro é responsável pelos aumentos dos combustíveis. Talvez Bolsonaro queira salvar uns votos dizendo que "tentou", mas que o "sistema" não o deixa trabalhar.

A fim de fazer que o demissão renda mais, que resulte em uma intervenção nos preços, por exemplo, teria de cometer uns crimes e contravenções. Mais do que isso, teria de convencer a nova direção da empresa a ser cúmplice.

O novo presidente da empresa será Adriano Pires, professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e fundador e sócio do Centro Brasileiro de Infraestrutura. Na maior parte da carreira, defendeu políticas "liberais", para resumir. Nos últimos tempos, era meio lobista e consultor de empresas e interesses bem pouco liberais. Ainda assim, teria de renegar muito do que pregou durante a vida para fazer o que Bolsonaro quer. Fora o risco de processo.

Bolsonaro queria nomear Rodolfo Landim, presidente do Flamengo. Mas Landim não queria ficar no dia a dia da empresa e, segundo rumor no Planalto, seria preciso colocar um nome "técnico" no comando. "Técnico", "liberal" ou não, Pires tem de cumprir leis e estatutos da petroleira.

A Lei das Estatais proíbe intervenções várias na empresa. Na prática, a Petrobras tem de ser administrada quase como uma empresa privada, afora uma ou outra imposição menor e explícita da lei.

Qualquer desvio do "curso normal dos negócios", como a venda de produtos a preços abaixo da cotação de mercado, teria de: 1) estar definida em lei, regulamento, prevista em algum tipo de acordo público com o governo federal (no caso); 2) "ter seu custo e suas receitas discriminados e divulgados de forma transparente, inclusive no plano contábil".

O estatuto da comercializadora de combustíveis da Petrobras diz que, "se as obrigações e responsabilidades a serem assumidas são diversas às de qualquer outra sociedade do setor privado que atue no mesmo mercado", a Petrobras deverá ressarcir a comercializadora pelo prejuízo.

Se a Petrobras fizer tal coisa, terá problema com os acionistas minoritários, para começar, e com a Lei das Sociedades Anônimas. Mas passemos. Alguém pode dizer que isso é especulação legalista. Afinal, Bolsonaro prometeu dar um golpe na eleição e ficou por isso mesmo.

O governo poderia mudar os estatutos da empresa. Pode fazer mais, mesmo cumprindo a Lei das Estatais, na qual se prevê "a consecução de objetivos de políticas públicas".

O governo Bolsonaro fez alguma coisa nesse sentido? Não. É complicado fazer tal coisa? É. O artigo 90 da Lei das Estatais diz o seguinte: "As ações e deliberações do órgão ou ente de controle [União, no caso] não podem implicar interferência na gestão das empresas públicas e das sociedades de economia mista a ele submetidas..."

No mais, ao meter a mão na empresa outra vez, Bolsonaro aumenta os custos financeiros da companhia, "tudo mais constante" (quem vai emprestar dinheiro à Petrobras ou comprar suas ações vai colocar na conta do preço o risco de um "dedaço" governamental). De leve, o problema é contagioso, afeta o "ambiente de negócios". Trata-se de um país em que o governo pode tentar levar os lucros de modo arbitrário. Não é animador para quem quer investir em refinarias, por exemplo.

Custo com automóvel sobe até 38% em 12 meses, puxado pela alta dos combustíveis

Leonardo Vieceli

Impacto no bolso do motorista

Variação dos preços acumulada em 12 meses, até fev.22

Em %

Fonte: IPCA, IBGE

RIO DE JANEIRO Abastecer o carro, fazer a manutenção do veículo ou trocar de automóvel. Tudo isso passou a custar mais para o motorista brasileiro, mostra o IPCA.

No acumulado de 12 meses até fevereiro, o que mais chama atenção é a disparada dos combustíveis. Até o mês passado, o gás veicular teve inflação de 38,41%. É a maior alta de uma lista com 16 subitens, entre produtos e serviços, que integram o IPCA e pesam no bolso de quem tem carro.

Logo em seguida vem o etanol, cujos preços subiram 36,17%. A gasolina, por sua vez, avançou 32,62%, a terceira maior alta da lista.

Na pandemia, os preços de combustíveis subiram diante do avanço do petróleo no mercado internacional e da alta do dólar. Os dois fatores são levados em consideração pela Petrobras na hora de definir os preços nas refinarias.

Essa situação ajuda a explicar a inflação de produtos como a gasolina e o gás veicular, aponta João Luiz Zuñeda, sócio-fundador da consultoria MaxiQuim.

Já no caso do etanol, lembra o analista, houve impactos nos preços com as perdas na safra de cana-de-açúcar no ano passado, já que o insumo é utilizado na produção do combustível.

Além disso, a alta da gasolina tende a levar mais motoristas a cogitar o uso de etanol, afirma Zuñeda. Com uma demanda mais aquecida, os preços desse combustível pegam carona na carestia e também costumam ser pressionados.

"Quando a gasolina sobe muito, o etanol também costuma subir muito", diz Zuñeda.

Como os dados do IPCA vão até fevereiro, ainda não captam o impacto do mega-aumento dos combustíveis anunciado em 10 de março.

A escalada da inflação para o motorista vai além das bombas dos postos de combustíveis. Conforme o IPCA, os preços dos pneus subiram 28,30% nos 12 meses até fevereiro. No óleo lubrificante, a alta acumulada chegou a 20,61%.

Trocar de carro também virou uma tarefa mais custosa. A inflação do automóvel novo atingiu 18,49% até fevereiro. Já o usado subiu 16,97% no acumulado até o mês passado.

De acordo com analistas, a alta nos preços dos carros reflete a desarticulação das cadeias produtivas do setor automotivo na pandemia.

É que a crise sanitária interrompeu a operação de fábricas, gerando escassez de insumos. Assim, houve impactos sobre os valores finais dos automóveis.

O seguro de veículos, por sua vez, acumulou alta de 14,96% nos 12 meses até fevereiro. Acessórios e peças avançaram 10,12%. Já a pintura dos veículos teve alta de 9,41%.

"Como o preço do carro subiu, outros itens, como seguro e manutenção, também sobem", avalia Braz. "Se o automóvel está mais caro, o seguro também vai ter de aumentar, porque a indenização vai ficar mais cara."

O diesel, mais associado ao transporte de cargas, tampouco escapou da carestia, gerando descontentamento de caminhoneiros. Até fevereiro, acumulou alta de 40,54%.

> **+** **DÓLAR INTERROMPE SEQUÊNCIA DE OITO QUEDAS** Lockdown em Xangai devido à Covid-19 e expectativa de novas conversas entre Rússia e Ucrânia criaram a atmosfera para queda de 10% no petróleo Brent nesta segunda (28). O Ibovespa recuou 0,29%. O dólar subiu 0,56%, para R$ 4,77, e interrompeu sequência de oito quedas

Para 68%, combustível caro é responsabilidade do governo

Índice vai a 79% entre os que escolhem Moro e a 87% para quem vota em Ciro

Alexa Salomão

BRASÍLIA Para a maioria dos brasileiros, 68%, o governo do Jair Bolsonaro tem responsabilidade pela alta no preço dos combustíveis. A percepção foi identificada por pesquisa do Datafolha, publicada no mesmo dia em que o presidente decidiu trocar o comando da Petrobras.

Para 39%, a gestão bolsonarista tem muita responsabilidade pelo aumento da gasolina, do diesel e do gás de cozinha. Outros 29% consideram que o governo tem ao menos um pouco de responsabilidade. Na avaliação de 30%, o governo não tem responsabilidade.

A pesquisa Datafolha foi realizada na terça (22) e na quarta-feira (23) com 2.556 eleitores em 181 cidades de todo o país. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou menos.

O aumento dos combustíveis é uma das maiores preocupações do governo, pois os reajustes, cada vez mais altos, são interpretados como um risco à reeleição do presidente e tem gerado pressão dentro do próprio governo por uma solução para amenizar o preço para o consumidor final.

No Datafolha, quando se avalia a preferência política do entrevistado, a percepção da responsabilidade do governo pelos aumentos dos combustíveis sofre alterações.

Quem declara intenção de votar em Bolsonaro está dividido. Nesse grupo, 54% acreditam que o governo tem responsabilidade, o percentual mais baixo no recorte que considera intenção voto. Nessa fatia, 44% acreditam que a responsabilidade é pouca, e apenas 14% dizem que o governo tem muita responsabilidade.

Em contrapartida, 43% dos que se declaram eleitores de Bolsonaro afirmam que o atual governo não tem nenhuma responsabilidade pelo aumento no preço dos combustíveis —percentual mais alto entre os que isentam o governo.

Quem declara intenção de votar em candidatos da chamada terceira via está no grupo mais crítico ao governo. Entre os que avaliam votar em Ciro Gomes (PDT), 87% acreditam que o governo Bolsonaro tem responsabilidade pela alta do preço, sendo que 54% dizem que é muita a responsabilidade.

No caso de quem avalia votar em Sergio Moro (Podemos), 79% afirmam que o atual governo tem muita responsabilidade, com 46% afirmando que é muito responsável.

No que se refere a eleitores que declaram preferência por João Dória (PSDB), 71% dizem que o governo tem responsabilidade, sendo que 41% avaliam como muita.

Entre os que declaram votar no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, 71% também acreditam que o governo tem responsabilidade, mas esse grupo vê uma responsabilidade maior do governo: para 51%, a gestão de Bolsonaro tem muita responsabilidade.

Pelo recorte de religião, os católicos acompanham a média, mas a atenção a posição de outros grupos religiosos.

Entre os evangélicos, segmento que tem muitos bolsonaristas, 64% acreditam que o governo tem responsabilidade, contingente abaixo da média. Entre os espíritas, no entanto, 82% declaram que o governo tem responsabilidade, sendo que 61% dizem que é muita.

No recorte por região, o Sul é o mais insatisfeito, com 72% dizendo que o governo tem responsabilidade na alta dos combustíveis. O Nordeste acompanha a média, mas a maioria, 42%, acredita que o governo tem muita responsabilidade.

Há oscilações importantes também quando se avaliam as respostas por ocupação.

Entre assalariados que não têm carteira assinada, 74% dizem que o governo tem responsabilidade no aumento dos combustíveis, com 43% afirmando ser muita. Leitura similar é feita por funcionários públicos: para 73%, o governo tem responsabilidade, sendo que 43% dizem ser muita.

Entre os desempregados que desistiram de procurar emprego, 72% acreditam que o governo tem responsabilidade, sendo que 46% dizem que é muita.

Quem atua de forma mais independente tem uma visão diferente. Entre os empresários, 65% dizem que o governo tem responsabilidade, um percentual abaixo da média. Entre eles, 35% dizem que é um pouco, e 30%, muita. Outros 35% afirmam que o governo não tem responsabilidade.

No caso de autônomos e profissionais liberais, 66% dizem que o governo tem responsabilidade, sendo que 38% afirmam ser muita, e 28%, um pouco. Outros 31% afirmam que o governo não tem responsabilidade.

75% atribuem à gestão Bolsonaro culpa pela inflação

BRASÍLIA Apesar de o governo ter reforçado o discurso de que a inflação é consequência de crises globais e ações de terceiros, como governadores que impuseram o distanciamento social contra a Covid-19, é grande a parcela de brasileiros que atribuem à gestão de Jair Bolsonaro responsabilidade pela alta de preços.

O descontentamento foi identificado pelo Datafolha. Tanto numa pesquisa realizada em setembro do ano passado quanto no levantamento mais recente, em março, 75% apontam que o governo tem responsabilidade pela inflação.

A comparação das duas pesquisas mostra que caiu o número de brasileiros que atribuem muita responsabilidade ao governo. Essa parcela foi de 41% para 36%. Em contrapartida, aumentou de 34% para 39%, a fatia que atribui um pouco de responsabilidade. Houve uma ligeira queda, de 23% para 21%, no contingente que não vê nenhuma responsabilidade.

Entre eleitores que declaram avaliar votar em candidatos da chamada terceira via, estão os mais críticos ao governo. Segundo o levantamento, 87% dos que declaram intenção de votar em Ciro Gomes (PDT) consideram que o governo tem responsabilidade pela alta da inflação, e 30% dizem que a gestão bolsonarista tem muita responsabilidade.

Entre os que declaram intenção de votar em Sergio Moro (Podemos), 82% têm a avaliação de que o governo tem responsabilidade, sendo que 42% consideram ele tem muita responsabilidade. No caso de eleitores de André Janones (Avante), 80% dizem que o governo tem responsabilidade, e a metade avalia como um pouco.

Mesmo quem está na base de apoio de Bolsonaro acredita que o governo tem responsabilidade pela inflação, nem que seja um pouco. Essa percepção é compartilhada até por eleitores declarados. O levantamento mostra que 75% deles acreditam que o governo tem responsabilidade pelo descontrole dos preços.

Essa avaliação também é feita por 72% dos evangélicos, 75% dos moradores do Centro-Oeste, região que concentra o agronegócio, e 79% dos moradores do Sul, que votaram em peso para eleger Bolsonaro.

A inflação começou a subir durante a pandemia, mas disparou mesmo no ano passado. Em 2019, por exemplo, o IPCA, que mede a inflação oficial, fechou ano com alta de 4,31%. Em 2020, passou para 4,52%. Mas fechou 2021 acumulando alta de 10,06%.

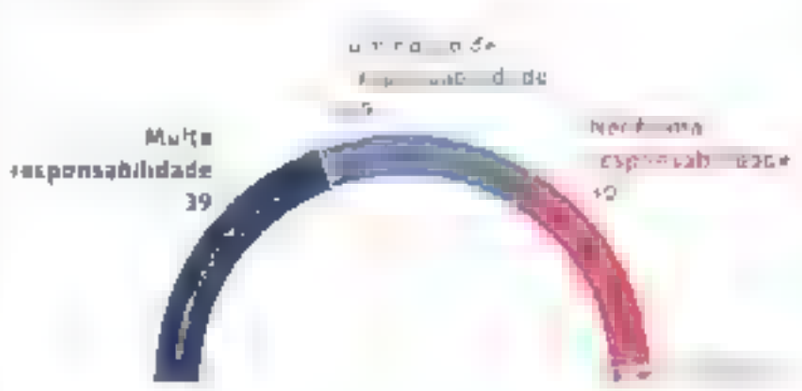
Uma confluência de fatores críticos eleva os preços. Secas no Sul, chuvas torrenciais no Sudeste, ruptura da cadeia global de fornecimento de peças industriais, aumento do frete marítimo e disputa por contêineres. Recentemente, o cenário piorou com a invasão da Ucrânia pela Rússia e uma escalada de sanções de países ocidentais contra o governo de Vladimir Putin.

Dois itens essenciais estão entre os mais afetados por esse multiplo desarranjo e encarem mês após mês. De um lado, os alimentos, como o trigo do pãozinho, hortaliças. De outro, a energia, incluindo gasolina, diesel e gás de cozinha. Como ambos são básicos na economia, eles não só puxam o custo de vida para cima como também ajudam a disseminar a inflação por outros setores.

O peso do governo

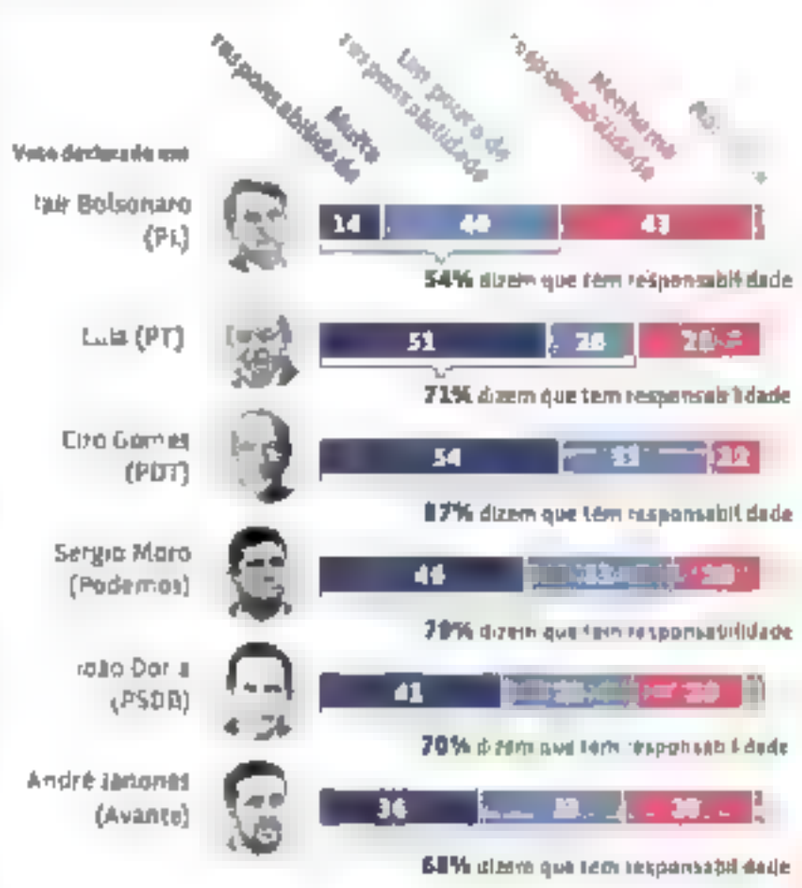
A maior parte considera que o governo tem muita responsabilidade no aumento de preço de gasolina, diesel e gás de cozinha

Grau de responsabilidade do governo do presidente Jair Bolsonaro na alta dos combustíveis, em %

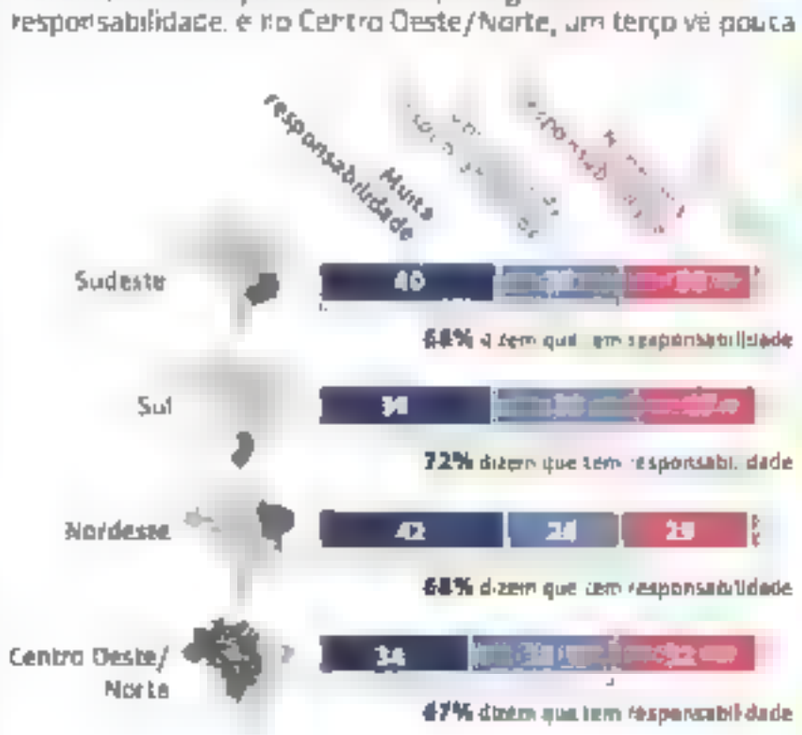


Quem se declara eleitor da terceira via se mostra mais crítico ao governo

Grau de responsabilidade do governo pela alta no preço dos combustíveis, por intenção de voto, em %



A percepção de que o governo tem responsabilidade pela alta do preço dos combustíveis é maior no Sul, no Nordeste a maior parte acredita que o governo tem muita responsabilidade, e no Centro-Oeste/Norte, um terço vê pouca

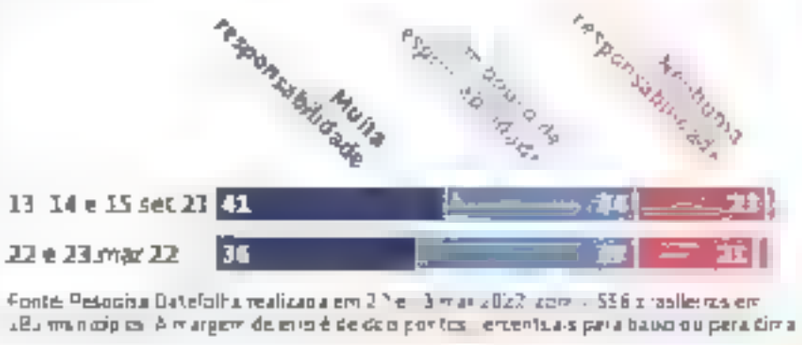


A maioria também considera que o governo tem responsabilidade na alta da inflação

Grau de responsabilidade do governo na alta da inflação, em %

No entanto, cai percentual dos que atribuem ao presidente muita responsabilidade pela inflação

Em %



Fonte: Pesquisa Datafolha realizada em 22 e 23 mar. 2022, com 2.556 eleitores em 181 municípios. A margem de erro é de dois pontos percentuais para baixo ou para cima

Gestores indicam ações para pós-pandemia

Papeis de empresas que se beneficiam da retomada das atividades têm potencial de valorização, avaliam especialistas

FOLHAINVEST

Lucas Bombana

SÃO PAULO O avanço da vacinação entre jovens e adultos e a redução no número de internações e mortes por causa da Covid reforçam o cenário de que 2022 deve apresentar alguma recuperação na economia.

Nesse sentido, mesmo com as perspectivas de um crescimento baixo da economia do país para neste ano, gestores de fundos têm a avaliação de que existem boas oportunidades na Bolsa de Valores em ações de empresas que se beneficiam do ciclo de retomada das atividades e do retorno a uma rotina mais próxima à pré-pandêmica.

Em especial, no caso de negócios de consumo e varejo, que tiveram em 2021 resultados até melhores do que em 2019, antes dos impactos da pandemia. [illegible] shoppings e redes de vestuário, por exemplo.

[illegible] de investimentos e gestor de recursos [illegible] Capital, Rodrigo Heilberg, diz que tem [illegible] no portfólio dos fundos ações de empresas como Iguatemi e grupo SBF, controlador da Centauro.

Dados divulgados no final de janeiro, assinala o gestor, mostraram que os shoppings da rede Iguatemi reportaram recorde de vendas no quarto trimestre de 2021, com um volume de R$ 4,7 bilhões que representou um crescimento de 30,6% na comparação com o mesmo período de 2020 e de 11,8% ante igual intervalo em 2019. "Com as vendas fortes, os aluguéis estão em níveis robustos", afirma o gestor.

Heilberg diz que a alta recente do Ibovespa nos primeiros meses do ano foi sustentada principalmente pela entrada de fluxo estrangeiro no mercado local.

Só que os investidores internacionais, diz o gestor, costumam alocar os recursos majoritariamente em papeis de grandes exportadoras de commodities ou de bancos.

"Vemos muitas oportunidades interessantes em setores [illegible] que ficaram para trás", afirma o fundador da [illegible].

Ele acrescenta que o segmento agrícola, por meio de posições nas empresas Boa Safra, BrasilAgro e Vittia, e de energia, via Light e Eneva, também compõem a carteira dos fundos.

Sócio fundador e gestor da GTI Administração de Recursos, [illegible] Malls, [illegible] entre as ações no portfólio que espera que se beneficiem [illegible] normalização das atividades, como das estratégias principais de crescimento das empresas.

"O Pão de Açúcar vem se reestruturando nos últimos anos, vendeu alguns ativos não essenciais como os pontos do Extra, vai voltar a investir na sua principal marca e hoje vale cerca de um terço do que deveria."

Além dos nomes de caráter mais doméstico, Gordon diz que [illegible] crescimento econômico global.

[illegible] de componentes automotivos Iochpe-Maxion, que tem boa parte da receita oriunda do exterior, bem como das exportadoras de commodities Vale, Petrobras, Gerdau e Suzano.

"O Itaú Unibanco, que apresentou números bastante sólidos em 2021 e que deve voltar a entregar um resultado robusto neste ano, também é uma posição importante nos nossos fundos", acrescenta o gestor da GTI.

Sócio fundador da Apex Capital, Paulo Weickert diz que tanto Itaú como Banco do Brasil e BTG Pactual apresentaram resultados fortes no quarto trimestre, acima do consenso de mercado, se destacando em relação aos pares na última temporada de balanços.

Apesar do baixo crescimento econômico esperado para o ano e a consequente desaceleração na concessão de crédito, Weickert afirma que os juros de volta [illegible] compensar parte desse impacto negativo nos balanços dos bancos.

"A gente acha que a Bolsa está barata e que há várias oportunidades", afirma o sócio da Apex, que aponta que tem [illegible] Arezzo e [illegible] entre as ações nas carteiras dos fundos mais bem posicionadas para tirar melhor proveito da retomada das atividades à frente.

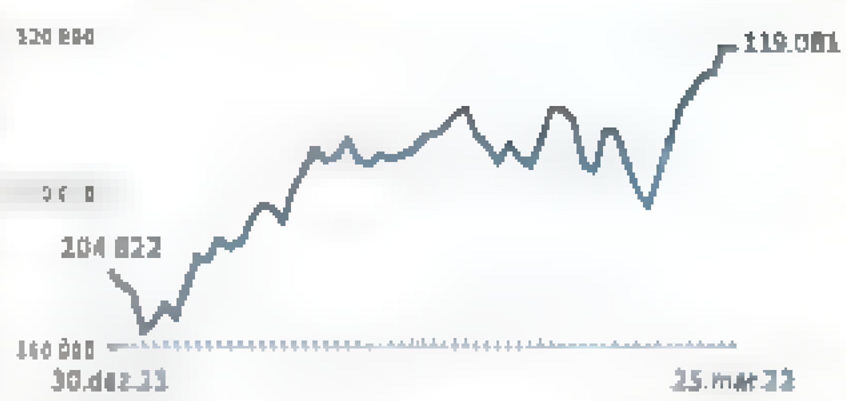
Gestor da Neo Investimentos, Augusto Lange diz que, dentro do setor financeiro, prefere os papéis de seguradoras aos dos bancos.

"As seguradoras tiveram um aumento expressivo da sinistralidade pelas internações hospitalares e pelo número de mortes. Isso tende a arrefecer ao longo dos próximos meses se não tivermos nenhum repique da pandemia", afirma Lange, lembrando que os bancos precisam lidar com a redução na demanda por crédito ante uma economia que não cresce e com a crescente concorrência trazida pelas fintechs.

Ele diz também gostar de empresas do ramo de vestuário, pelo impacto positivo gerado pela volta às atividades presenciais [illegible] [illegible] da desaceleração na inflação de insumos.

Desempenho da Bolsa brasileira em 2022

Ibovespa, em pontos



Fonte: Economatica

Arrecadação federal cresce 5,3% em fevereiro e chega a recorde de R$ 148,7 bi

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA A Receita Federal registrou uma arrecadação de R$ 148,7 bilhões no mês de fevereiro, o que representa um crescimento de 5,27% na comparação com igual mês de 2021, já descontada a inflação.

Esse é o melhor resultado para o mês na série histórica atualizada pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), iniciada em 1995. Ainda assim, o dado representa uma desaceleração em relação ao mês de janeiro, quando a arrecadação cresceu 18%.

Segundo a Receita, a alta nas receitas em fevereiro vem da melhora na atividade econômica na comparação com um ano atrás — com mais vendas em serviços e maior valor em dólar das importações.

Com o desempenho, a arrecadação acumula uma alta real de 12,92% no primeiro bimestre do ano. O resultado soma R$ 384 bilhões.

O desempenho favorável das receitas tem levado o governo a revisar suas projeções para o ano de 2022. Na terça-feira (22), o Ministério da Economia cortou sua projeção de déficit para o ano para R$ 66,9 bilhões, mesmo com os cortes de tributos anunciados recentemente.

Na previsão para o ano, houve um crescimento de R$ 87,5 bilhões na projeção de arrecadação, puxado principalmente pelo maior volume de receitas com royalties de petróleo (alta de R$ 38,6 bilhões), dividendos de empresas estatais (acréscimo de R$ 11,9 bilhões) e concessões (aumento de R$ 11,2 bilhões).

Desse incremento, aproximadamente R$ 42 bilhões serão apropriados pela União. O restante é repartido com estados e municípios.

No mês de fevereiro, a Receita registrou uma alta real de 6,7% com PIS/Cofins, somando R$ 32 bilhões. A principal explicação, segundo o órgão, é o crescimento no volume de serviços consumidos por famílias e empresas no mês passado.

"A venda de serviços vem apresentando resultados positivos, apesar de a taxa de crescimento ser menor em relação ao ano anterior", disse o chefe do Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros da Receita Federal, Claudemir Malaquias.

Apesar do cenário favorável nas receitas, economistas têm afirmado que a melhora é influenciada pela inflação. Embora o resultado das receitas seja corrigido pelo IPCA, boa parte dos números escapa desse ajuste. A inflação de 2021 ficou em pouco mais de 10%, mas os preços da gasolina, por exemplo, subiram 47,49%.

Malaquias, por sua vez, ressaltou que os dados da arrecadação ainda não refletem as recentes desonerações feitas pelo governo federal, pois boa parte dos dados de fevereiro diz respeito a fatos geradores ocorridos em janeiro.

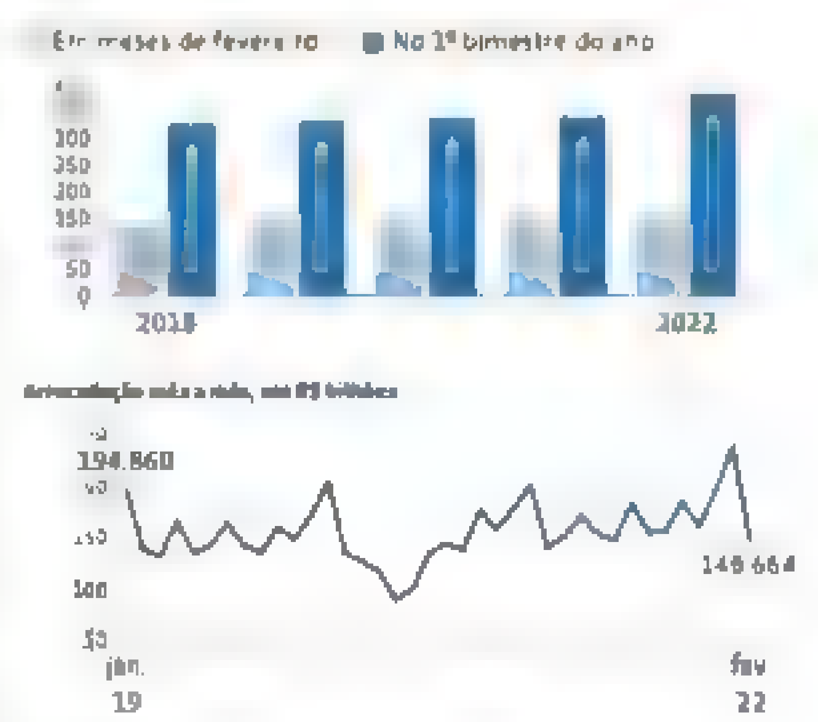
Dessa forma, o técnico explicou que as medidas devem começar a ser percebidas a partir do mês de março.

Duas desonerações são mais significativas. Em fevereiro, Bolsonaro assinou um decreto que promoveu um corte linear de 25% nas alíquotas do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados), medida que tem um impacto de R$ 21,1 bilhões, sendo praticamente metade disso na arrecadação federal. O restante é subtraído dos cofres estaduais.

Em março, o Congresso aprovou e o presidente sancionou mudanças na cobrança do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) sobre combustíveis. O texto também zerou as alíquotas de PIS/Cofins sobre diesel, biodiesel, gás de cozinha e querosene de aviação. O impacto é de R$ 14,9 bilhões em 2022, porque a medida começou a valer apenas no mês de março.

Arrecadação recorde

Receitas em fevereiro têm alta de 5,27% ante igual mês de 2021, já descontada a inflação



12,92%

É a alta real das receitas federais no primeiro bimestre do ano

Fonte: Receita Federal

Lar Sírio Pró-Infância

Edital de Convocação para Assembleia Geral Ordinária

[illegible]

Prefeitura Municipal de [illegible]

[illegible]

Vidroporto S.A.

CNPJ/ME nº [illegible]

Aviso aos Acionistas

[illegible]

COMUNICADO DE ABANDONO DE EMPREGO

Solicitamos que o Sr. [illegible] DOS SANTOS [illegible], portador da CTPS nº 5184490, Série 0010ES, funcionário da empresa FRUTMEL FRUTAS LTDA, CNPJ 24.818.652/0001-38, FAZ. VALE VERDE, CORREGO ARARIBOIA - ZONA RURAL, CEP 29786-000 - VILA VALÉRIO/ES, a comparecer ao nosso Departamento Pessoal no prazo de 72 horas.

INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A. - IPT.

[illegible]

Cotação – Processo IPT Nº 04.00141.2022 – [illegible]

Objeto: Prestação de serviços de movimentação interna de resíduos não perigosos e bens e serviços descartados das áreas internas do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo S.A.

Cotação – Processo IPT Nº [illegible].2022 – [illegible]

Objeto: Fornecimento de coletor de dados.

Cotação – Processo IPT Nº 04.00143.2022 – [illegible]

Objeto: Fornecimento de bobinadeira a gasolina e podador de galhos.

Cotação – Processo IPT Nº 04.00144.2022 – [illegible]

Objeto: Fornecimento de certificado digital e-cpf A3

Data Final para apresentação de proposta: [illegible]

Esclarecimentos adicionais poderão ser obtidos através dos telefones-email: (11) 3767-4636 [illegible] – Departamento de Compras.

ipt

[illegible] Vara Cível do Foro de [illegible] - SP

[illegible]

PREFEITURA MUNICIPAL DE QUATÁ

EXTRATO DE DECISÃO DE HABILITAÇÃO E PROPOSTA. [illegible]

PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE SALESÓPOLIS - ESTADO DE SÃO PAULO

AVISO DE LICITAÇÃO

[illegible]

Servidor terá novo prazo para mudança em aposentadoria

Medida tenta aplacar demanda por reajustes no funcionalismo federal

Idiana Tomazelli
e Fábio Pupo

Protesto de servidores na frente da sede do BC, em janeiro Pedro Ladeira - 18.jan.22/Folhapress

BRASÍLIA Na tentativa de aplacar as demandas por reajustes salariais no funcionalismo em ano eleitoral, o governo Jair Bolsonaro (PL) vai reabrir o prazo para que servidores federais que ingressaram na carreira até 2013 possam mudar seu regime de aposentadoria e aderir ao Funpresp, fundo de previdência complementar — com parte da contribuição bancada pela União.

A migração é vantajosa para o governo porque acelera a redução do número de servidores com direito ao benefício integral, acima do teto do INSS (hoje em R$ 7.087,22), pago com recursos públicos.

Integrantes da equipe econômica ouvidos pela **Folha** argumentam que a mudança de regime também pode ser benéfica para os servidores, uma vez que as contribuições descontadas do salário tendem a cair — deixando uma parte maior da remuneração livre para gastos pessoais.

Hoje, funcionários que fazem parte do regime próprio da União pagam contribuições que chegam a 22% sobre a remuneração, quando o salário é maior que R$ [illegible],46. As alíquotas crescentes para o funcionalismo foram estipuladas na reforma da Previdência, que entrou em vigor no início de 2019.

Em troca, ele assegura no futuro um benefício no valor equivalente ao salário — muitas vezes próximo do teto do funcionalismo (hoje em R$ 39,2 mil). Esses valores de contribuição podem superar R$ 4.000.

Com a migração, o servidor passa a pagar duas contribuições, uma sujeita ao teto do INSS, de R$ 7.087,22 (ou seja, o pagamento será de no máximo R$ 828,38), e outra, ao Funpresp.

A contribuição complementar incide sobre a parcela do salário que supera o teto do INSS. Ou seja, se o servidor ganha o teto do funcionalismo, a alíquota da Funpresp é cobrada sobre aproximadamente R$ 32,1 mil.

O servidor pode escolher entre três alíquotas: 7,5%, 8% ou 8,5%. Assim que ele optar pela contribuição, a União entra com um pagamento da mesma magnitude. Na previdência complementar, há uma espécie de conta individual do segurado — e quanto maior for sua poupança, maior será o benefício no futuro.

A lei prevê que o servidor que faz a migração tem direito à aposentadoria pelo regime próprio da União (mas sujeito ao teto do INSS), à aposentadoria complementar pela Funpresp e a um benefício especial, pago pelo governo, para compensá-lo pelas contribuições maiores já recolhidas até hoje.

Parte dos integrantes defende a medida como uma forma, ao lado da elevação de benefícios (como o vale-alimentação), de oferecer aos funcionários públicos alternativas aos reajustes. Outros, no entanto, afirmam que as demandas por maiores salários não vão parar.

A decisão sobre valer ou não a pena migrar vai depender das condições de cada servidor.

Um funcionário público que hoje ganha R$ 25 mil mensais e integra o regime antigo de aposentadoria paga R$ 3.700 de contribuição. Com a migração, o pagamento máximo cairia a R$ 2.350, já somando os recolhimentos ao regime próprio da União e à Funpresp.

Além do valor da contribuição, no entanto, será preciso avaliar a perspectiva de benefício a ser obtido no futuro com a previdência complementar.

A oportunidade é dada àqueles que ingressaram até 2013 porque a partir desse ano todos os novos concursados já ingressaram no novo regime, que prevê aposentadoria pelo teto do INSS e complementação pela Funpresp.

Funcionários do BC farão greve; Planalto teme impacto no Pix

BRASÍLIA Por reajuste salarial e reestruturação de carreira, os servidores do Banco Central vão entrar em greve por tempo indeterminado a partir de 1º de abril.

A decisão foi aprovada em assembleia nesta segunda (28), com o apoio de mais de 90% dos 1.300 servidores da ativa que participaram da deliberação, segundo o Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal).

A autoridade monetária não havia se pronunciado sobre o assunto até a publicação deste texto.

A aprovação da greve acendeu um alerta no Planalto. Fontes ouvidas pela **Folha** relatam temor de que a paralisação comprometa a atividade do BC — sobretudo as operações de câmbio e o Pix.

A pressão começou após o presidente Jair Bolsonaro (PL) ter acenado com reajustes aos policiais federais, categoria que compõe sua base de apoio.

Os servidores do Banco Central querem um reajuste salarial de 26,3%. No banco, analistas recebem um salário bruto que vai de cerca de R$ 19 mil a R$ 27 mil, enquanto a remuneração de técnicos varia em torno de R$ 7.500 a R$ 12,5 mil. Entre os pedidos prioritários relativos à pauta não salarial, os funcionários pedem a mudança da nomenclatura de analista para auditor, por exemplo. **Nathalia Garcia e Idiana Tomazelli**

Regime híbrido de trabalho já está em vigor

SÃO PAULO A medida provisória que formaliza a criação do regime híbrido de trabalho foi publicada nesta segunda (28) no Diário Oficial da União. As novas regras foram anunciadas na sexta (25) e já estão em vigor.

O teletrabalho já havia sido incluído na CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) em 2017, na reforma trabalhista, mas definia que a atividade tinha de ser predominantemente executada fora das dependências da empresa. Com a nova regra, o teletrabalho ou trabalho remoto não é descaracterizado pelo número de dias em que ele é realizado na empresa ou na casa do funcionário.

A MP 1.108 também criou a figura da contratação por produção ou tarefa. Nesses casos, os empregadores não precisarão controlar o número de horas trabalhadas pelo funcionário. **Fernanda Brigatti**

Entenda as principais mudanças sobre regime de trabalho

1) FORMALIZAÇÃO DO TRABALHO HÍBRIDO

- O trabalho pode ser realizado nas dependências da empresa ou fora dela, independentemente do número de dias. Até então, a legislação exigia que, por exemplo, de cinco dias de trabalho, somente dois poderiam ser presenciais, ou o modelo deixaria de ser considerado teletrabalho
- Com isso, o trabalho híbrido, adotado por muitas empresas em meio à pandemia, passa a existir formalmente. Para quem já trabalhando está no modelo, é provável que a empresa já tenha incluído o home office ou o regime parcial em contrato ou nas políticas internas e, nesses casos, não haverá necessidade de mudar os contratos

2) JORNADA DE TRABALHO

- As empresas poderão controlar a jornada de seus funcionários que estão em regime híbrido. Para advogados ouvidos pela **Folha**, a obrigação de realizar esse controle não está totalmente clara na medida provisória
- Na avaliação do professor de direito do trabalho Ricardo Calcini, a efetivação do controle de jornada passa a ser opcional
- A legislação previa a dispensa desse controle, o que também fazia com que não houvesse pagamento de horas extras nesse modelo. A exceção é prevista pelo artigo 62 da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Além daqueles em teletrabalho, os que exercem atividade externa incompatível com horários fixos e gerentes ou ocupantes de cargos de gestão não estão sujeito à jornada
- A medida provisória publicada pelo governo na segunda muda a redação da exceção feita ao teletrabalho. O texto da CLT passa a dizer que não estão sujeitos ao controle de jornada "os empregados em regime de teletrabalho que prestam serviço por produção ou tarefa"
- Para a advogada Ursula Cohim Mauro, do Orizzo Marques Advogados, o que fará diferença é o que será acordado com a empresa. "A partir do momento em que o empregador quiser o trabalhador disponível das 9h às 18h, isso é uma jornada fixa e essa pessoa precisa ter controle de jornada e pagamento de horas extras"
- José Carlos Wahle, sócio da área trabalhista do Veirano Advogados, diz que a jurisprudência trabalhista já previa que mesmo quem estava em teletrabalho já tinha controle de jornada, uma vez que as ferramentas de trabalho à distância permitiam saber quanto tempo aquele funcionário trabalhou
- A advogada Flávia Azevedo, também do Veirano, diz que apesar da presunção de que não era necessário controlar jornada no teletrabalho, as empresas acabavam optando pela definição de um intervalo para as atividades, de modo a evitar judicialização
- Para a **Folha**, na sexta, o procurador-geral do Trabalho, José de Lima Ramos Pereira disse considerar a dispensa de controle inconstitucional mesmo para os contratos por tarefa ou produção, pois abrem margem para abusos
- "Vejo também com preocupação que esse contrato por produção seja usado apenas para afastar o pagamento de horas extras, o que será considerado fraude"

3) LEI BRASILEIRA PARA QUEM ESTIVER EM OUTRO PAÍS

- Quem estiver vivendo em outro país também ficará sujeito à legislação brasileira, mas a medida provisória abre a possibilidade de empregador e empregado fecharem acordo para afastar a aplicação da lei 7.064, de 6 de dezembro 1982, que trata da situação de trabalhadores contratados ou transferidos para o exterior

4) ACORDOS E CONVENÇÕES COLETIVAS DOS ESTADOS

- Os trabalhadores que estão em outros estados ficarão submetidos aos acordos e convenções coletivas fechados onde a empresa estiver instalada, mesmo que a sede seja em outro lugar
- Assim, um trabalhador contratado por uma filial de Santa Catarina, por exemplo, terá os benefícios formados pelas convenções daquele estado, mesmo que a sede seja no Rio

5) DESCONEXÃO E TEMPO À DISPOSIÇÃO

- A utilização de softwares e outras ferramentas digitais ligadas ao trabalho, fora da jornada normal, não constitui tempo à disposição do empregador, diz a MP. O texto da medida prevê, porém, que trabalhadores e patrões possam definir, por acordo individual ou coletivo, limites a esse tipo de utilização

Anion Química Industrial S/A
CNPJ: 42.534.164/0001-87

Demonstrações Contábeis - Exercícios findos em 31 de dezembro de 2021 e de 2020

Balanço Patrimonial - R$	2021	2020
Ativo Circulante	[illegible]	[illegible]
Caixa e equivalentes de caixa	[illegible]	[illegible]
Contas a receber de clientes	[illegible]	[illegible]
Estoques	[illegible]	[illegible]
Impostos a recuperar	[illegible]	[illegible]
Despesas antecipadas	[illegible]	[illegible]
Outras contas a receber	[illegible]	[illegible]
Não Circulante	[illegible]	[illegible]
Outras contas a receber LP	[illegible]	[illegible]
Imobilizado	[illegible]	[illegible]
Total do Ativo	[illegible]	[illegible]

Demonstração do Resultado do Exercício - R$	2021	2020
Receita Operacional Líquida	[illegible]	[illegible]
Custo das Mercadorias Vendidas	[illegible]	[illegible]
Lucro Bruto	[illegible]	[illegible]
(Despesas)/Receitas Operacionais		
Administrativas	[illegible]	[illegible]
Comerciais	[illegible]	[illegible]
Outras receitas (despesas) operacionais	[illegible]	[illegible]
Resultado antes das Receitas (Despesas) Financeiras Líquidas e Impostos - R$	[illegible]	[illegible]
Receitas financeiras	[illegible]	[illegible]
Despesas financeiras	[illegible]	[illegible]
Outras despesas e receitas não operacionais	[illegible]	[illegible]
Lucro antes do Imposto de Renda e da Contribuição Social	[illegible]	[illegible]
Imposto de renda e contribuição social - correntes	[illegible]	[illegible]
Lucro Líquido do Período	[illegible]	[illegible]

[illegible]

agrofolha

Carnes à venda em mercado de Hong Kong, que é um dos principais compradores de produtores brasileiros

China impulsiona embarques de carne

Exportações no 1º bimestre
Em mil toneladas

US$ 1,78 bilhão
Foi a receita do setor em janeiro e fevereiro

Principais mercados

	Embarques em mil toneladas
China	140,9
EUA	43,4
Egito	31,7
Hong Kong	20,6
Chile	10,6
Israel	10
Emirados Árabes Unidos	9,3
Rússia	8,8

Fonte: Abrafrigo (Associação Brasileira de Frigoríficos)

China amplia compra de carne bovina de produtores brasileiros

País asiático retoma encomendas após pausa por casos de 'vaca louca' registrados em 2021

MARCELO TOLEDO

RIBEIRÃO PRETO Impulsionadas pelo consumo asiático, principalmente da China, as exportações brasileiras de carne bovina bateram recorde neste início de ano. Os resultados projetam um 2022 favorável aos pecuaristas e frigoríficos.

Especialistas afirmam que nem mesmo os impactos provocados pela guerra na Ucrânia devem prejudicar significativamente os embarques.

Em fevereiro, foram exportadas 182.341 toneladas de carne bovina (in natura e processada), conforme a Abrafrigo (Associação Brasileira de Frigoríficos). O resultado é recorde para o mês, e a receita alcançou US$ 975,8 milhões.

A China não comprava do Brasil desde 4 de setembro, num embargo de mais de 90 dias motivado por dois casos atípicos da doença EEB (encefalopatia espongiforme bovina), mais conhecida como "vaca louca".

O retorno ao mercado ocorreu meses após a confirmação científica da OIE (sigla em inglês para Organização Internacional de Saúde Animal) de que os casos não trariam danos ao rebanho, por serem de geração espontânea e não por contaminação.

Os dados da associação de frigoríficos mostram que, só em fevereiro, houve um aumento de 47% no volume e de 77% na receita em comparação com o mesmo mês do ano passado. Ocorreu ainda um ciclo de expansão no mês anterior, inclusive no preço médio das carnes.

Foram exportadas 342,3 mil toneladas no primeiro bimestre deste ano, com faturamento que atingiu US$ 1,78 bilhão, segundo a Abrafrigo, com dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

> Mesmo com a queda na perspectiva de crescimento econômico, o ano para as exportações de carne vai ser bom
>
> **Marcos Fava Neves**
> Docente da USP (Universidade de São Paulo) especializado em agronegócio

O preço médio da carne subiu 20% em dólares em relação ao início do ano passado.

A China comprou 140,9 mil toneladas nos dois primeiros meses do ano, ou 41% do total. Embora tenha visto sua participação recuar —era 47% em 2021—, o total supera os embarques no mesmo período do ano passado, quando o país importou 119 mil toneladas.

Os EUA são o segundo maior mercado neste ano, com 43,5 mil toneladas, ou 12,7% do total, seguido pelo Egito, com 31,7 mil toneladas (9,3%), e Hong Kong.

A redução percentual da China mesmo comprando mais significa que os exportadores brasileiros conseguiram ampliar as vendas para outros destinos, entre eles a Rússia. No total, houve alta nos embarques para 88 países, enquanto outros 36 compraram menos.

"O gado, teoricamente, foi menos impactado nessa confusão, porque basicamente toda a nossa produção é no pasto. O pessoal de aves e suínos acabou tendo um novo impacto negativo, mais na perspectiva do que nos preços, por conta dos grãos. A Rússia e a Ucrânia são relevantes em milho e trigo, e o cenário ficou bem mais complicado", disse César Castro, especialista de agronegócio do Itaú BBA.

Com a incerteza rondando trigo e milho, o risco para carnes acaba sendo indireto, diz Castro. Haverá encarecimento em algum momento, o que vai pressionar ainda mais o consumidor. "Boi, tudo que a gente tiver, acaba exportando para a China."

Outros mercados que figuram no alto do ranking são Hong Kong, Israel, Chile, Filipinas, Emirados Árabes Unidos, Itália e Rússia.

"Mesmo com a queda na perspectiva de crescimento econômico global [por conta da guerra], o ano para as exportações de carne vai ser bom" disse Marcos Fava Neves, docente da USP (Universidade de São Paulo) especializado em agronegócios.

De acordo com ele, os impactos da guerra poderão fazer a economia mundial crescer de 0,8% a 1% a menos, o que significaria uma alta de cerca de 4% no ano.

"Isso representa oportunidades boas para as carnes, principalmente a bovina e predominantemente na Ásia, que vem batendo recordes de importações. É torcer para que não tenha nenhum tipo de problema, embargo sanitário. Não tendo, deve ser muito bom" disse Neves.

Castro afirmou que o forte volume exportado, porém, tem suas consequências para os frigoríficos que não vendem para o exterior, já que eles não conseguem precificar a carne no mercado interno.

Trabalhadores fazem plantio da cana-de-açúcar na região de Pontal, interior de São Paulo

Petróleo e questões climáticas vão ditar os preços do álcool na safra 2022/2023

PONTAL (SP) A influência do preço do petróleo sobre o valor do etanol nas bombas será mais forte ao longo de 2022. É o combustível fóssil que vai definir o ritmo dos reajustes, o que já foi visto neste mês.

Após a Petrobras ter anunciado um aumento de 18,8% no preço da gasolina e de 24,9% no valor do diesel no último dia 11 de março, o etanol também ficou mais caro para os motoristas nos postos.

Conforme levantamento da S&P Global Commodity Insights, a alta chegou a 5% em apenas uma semana após o reajuste feito pela petrolífera.

Analista sênior de biocombustíveis da S&P, Beatriz Pupo afirma que o impacto direto da alta do petróleo pode se traduzir em preços de etanol mais atrativos para os produtores por aumentar o piso do álcool hidratado, que é o vendido nos postos. A previsão da consultoria é que a produção total na safra 2022/2023 fique em 29,3 bilhões de litros.

"Até agora, os preços domésticos do etanol foram sustentados por fortes valores internacionais de petróleo bruto e por um aumento concomitante na demanda doméstica de hidratado, uma vez que a paridade na bomba de gasolina ficou abaixo do ponto de equilíbrio de 70% na região Sudeste", diz a analista.

Essa conta é feita com base no consumo médio dos combustíveis. Em geral, um veículo abastecido com etanol rende, em média, 30% a menos do que se estivesse com gasolina.

Portanto, para compensar no bolso, o preço do álcool na bomba deve ser inferior a 70% do cobrado pelo litro da gasolina.

Além do petróleo, o clima é também uma das incógnitas para os usineiros no atual ciclo canavieiro.

Embora a previsão seja de crescimento em relação à temporada anterior, há preocupação por conta das condições climáticas no primeiro terço da safra. De acordo com a consultoria Datagro, houve piora no cenário em virtude dos incêndios e das geadas que ocorreram no ano passado.

A temporada 2022/2023, que começa em abril, deverá moer 562 milhões de toneladas no centro-sul do país, segundo a consultoria.

O montante é superior aos 525 milhões previstos para a safra 2021/2022, mas poderia ser melhor se não fossem as questões do clima. Com esse volume, as usinas produzirão mais etanol e mais açúcar, conforme a previsão da consultoria.

São projetados 29,8 bilhões de litros de etanol (incluindo de milho) na safra 2022/2023, ante os 27,7 bilhões previstos para a safra compreendida entre abril de 2021 e março de 2022.

Para o açúcar, a projeção aponta 33 milhões de toneladas, ante as 32,1 milhões de toneladas da safra 2021/2022.

A safra seguirá alcooleira, com 55,3% da cana-de-açúcar transformada em etanol anidro (misturado à gasolina antes da venda) e hidratado (vendido diretamente nos postos), índice ligeiramente superior aos 55,1% do mix de produção da safra 2021/2022.

Para a região Nordeste, a Datagro projeta colheita de 5,1 milhões de toneladas, acima das 5,5 milhões de toneladas da safra 2021/2022, com a produção praticamente estabilizada de etanol e açúcar.

Docente da USP (Universidade de São Paulo) especializado em agronegócios, Marcos Fava Neves afirma que a perspectiva de preços para a safra é boa para os produtores pelo fato de a oferta de cana-de-açúcar estar equilibrada, enquanto o consumo está maior.

"Provavelmente teremos preços bons, já que a oferta e a demanda de açúcar estão equilibradas e o petróleo com preço alto. Vamos entrar [na safra] com estoques baixos e consumo em alta."

Marcelo Toledo

Lucro cai e incertezas pairam sobre a agricultura em 2022

Custos subiram, e menor renda no campo respinga sobre toda a economia

ANÁLISE

Mauro Zafalon

SÃO PAULO A bonança dos anos recentes da agropecuária está acabando. Um conjunto de incertezas —que vão desde a dúvida de quando e onde será a produção seguinte até fatores ainda mais afeitos ao setor, como a guerra entre a Ucrânia e a Rússia— dá à atividade um risco ainda maior.

Embora tenham trazido bons preços à agricultura, esses fatores fizeram disparar os custos, restringindo as margens de lucro no campo.

Este ano será um divisor de águas. Em face dos preços altos das commodities, o setor ainda vai movimentar muito dinheiro, mas o saldo final na ponta do lápis não será equivalente ao de anos anteriores.

Dentro do próprio Brasil, já é evidente uma disparidade entre as principais regiões agrícolas. Após duas quebras de safra e baixa produtividade, boa parte dos produtores do sul está no vermelho. Os olhares agora se voltam para a safrinha de milho, que está sendo semeada.

Já no Centro-Oeste, que é a principal região produtora do país, a soja foi recorde. Os produtores obtiveram bons preços, embora tenham tido custos de produção maiores.

Os agricultores das diversas regiões do país, porém, entram na safra 2022/2023 —a que será semeada no segundo semestre— com custos elevados e que não foram vistos na última década.

Na avaliação do Ministério da Agricultura, neste ano os produtores do Sul vão deter apenas 21% do VBP (Valor Bruto da Produção Agropecuária). Em 2021, esse percentual era de 29%.

Já a participação dos produtores do Sudeste sobe de 2,3% para 27%, e a dos do Centro-Oeste, de 33% para 34%.

O VBP representa o volume produzido e os preços recebidos dentro da porteira.

Embora a demanda agrícola esteja aquecida, o setor está refletindo os desarranjos econômicos mundiais.

Quando a economia começava a assumar os efeitos da pandemia de Covid-19, que reduziu a oferta de insumos e elevou preços, estoura a guerra na Ucrânia, com efeitos ainda mais adversos para os produtores brasileiros.

Agora, além de lidar com questões internas, como renegociação de dívidas, seguro difícil, descapitalização, aumento de custos e dificuldades de acesso ao crédito, o setor agrícola passa a depender de forma mais intensa, de fatores externos.

O principal deles é a dificuldade na obtenção de fertilizantes, uma vez que Rússia e Belarus são responsáveis por 28% desses insumos importados pelo Brasil.

As incertezas dos produtores são relevantes: eles não sabem quando e a que preço o adubo vai chegar para o plantio do segundo semestre.

Com tamanha dependência externa de insumos, inclusive de agroquímicos e de máquinas agrícolas, os produtores nacionais devem reduzir investimentos e podem perder competitividade no mercado externo.

A avaliação da produção brasileira e da renda dos agricultores passa, em boa parte, pelo cultivo da soja, que ocupa 41 milhões de hectares de plantio no país.

O custo médio de produção do grão em Mato Grosso, feito com base na antecipação das compras mensais dos insumos pelos produtores, subiu para R$ 4.704 por hectare na safra 2022/2023.

[...]

O Brasil vende muito para poucos e compra muito de poucos. Pelo menos 70% da soja brasileira exportada vai para a China, que acaba de anunciar uma redução nas expectativas de crescimento do seu PIB

Esse valor representa uma evolução de 62% em relação à média de 2021/2022, de acordo com dados do Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária).

Até fevereiro, 56% dos insumos que serão utilizados no estado já haviam sido adquiridos, mas a um preço bem superior ao de um ano atrás.

Os produtores que ainda não adquiriram os insumos vão despender bem mais a partir de agora devido aos efeitos da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Haverá um forte estreitamento de margens.

Considerados os custos médios dos macronutrientes, a evolução dos preços dos fertilizantes, do ano passado para este, foi de 111%. Alguns produtos específicos tiveram alta bem mais acentuada, segundo o Imea.

Os números da soja, a commodity de maior liquidez e de maior importância para o país, mostram quanto uma redução de margens no campo pode significar para a economia como um todo.

A área, que há uma década era de apenas 25 milhões de hectares, vem crescendo 3,1% ao ano, o que se explica pela boa liquidez do setor.

Há três anos, o Valor Bruto da Produção da soja era de R$ 230 bilhões. No ano passado, atingiu R$ 454 bilhões, uma alta de 54%. Nesse mesmo período, o milho, outra cultura importante, teve evolução de 108%.

Soja e milho somam 59% do valor da produção nacional. Os 41% restantes dividem-se entre as outras 22 culturas acompanhadas pelo Ministério da Agricultura.

Um impacto negativo nas duas principais culturas deixa de irrigar boa parte da economia nacional. Para cada real que a agricultura perde as cidades deixam de movimentar R$ 1,20.

Cálculos da consultoria MacroSector indicam que as receitas nominais da agricultura, que vinham em um crescente nos últimos anos, subiram 63% no ano passado. A evolução deste ano, no entanto, será bem menor, segundo os analistas.

Os efeitos das políticas externas em tempos de guerra também influenciam o agronegócio brasileiro, uma vez que o setor é altamente dependente do exterior, tanto nas vendas de produtos como nas compras de insumos.

A recente elevação mundial de preços dos alimentos e a consequente alta da inflação fazem os países adotarem medidas restritivas na economia.

O Fed (Banco Central dos Estados Unidos) já iniciou o processo de elevação das taxas de juros e sinaliza que novas altas virão pela frente.

No Brasil, a estimativa do mercado é que a Selic feche o ano em 13%.

A desaceleração das economias traz restrições no emprego e na atividade econômica, reduzindo renda. Alimento é essencial, mas a alta de preços coloca um percentual maior da população mundial na linha da pobreza.

As mudanças econômicas trazem incertezas sobre os preços dos produtos agrícolas. A alta do dólar norte-americano deprime os preços internacionais das commodities.

Além disso, juros elevados atraem fundos de investimento —que, atuantes no mercado de commodities, dão sustentação às negociações em patamares elevados. Com possibilidades de rendimento maior em outros setores, esses fundos deixam o agrícola, que sobe, assim, depressão de preços.

Tudo isso gera incerteza em um segmento que planta com custos muito elevados, mas, mesmo com a demanda existente, não vem garantia de preços das commodities.

Some-se a essas condições o problema de concentração de mercado do Brasil. O país vende muito para poucos e compra muito de poucos. Pelo menos 70% da soja brasileira exportada vai para a China, que acaba de anunciar uma redução nas expectativas de crescimento do seu PIB.

Já 38% dos fertilizantes adquiridos vêm de apenas dois países. Um deles, a Rússia, está envolvido em uma guerra e, por dificuldades internas e por logística, tem gargalos no fornecimento desses insumos.

A invasão russa na Ucrânia elevou também o patamar dos preços de combustíveis.

Componente importante na produção agrícola, principalmente no setor de cana-de-açúcar, o petróleo é mais um fator de pressão nos custos dos produtores projetados para este ano. Além disso, essa commodity faz parte da formação dos preços dos fertilizantes.

Mais que em anos recentes, hoje plantar tornou-se uma atividade de risco.

agrofolha

Fotos Felipe Abreu/Projeto Ais de Cores

Pequenos produtores se unem para crescer no pós-pandemia

Compras coletivas e 'seguro' contra queda de preço ajudam a enfrentar custos maiores

Luiz Antonio Cintra

SÃO PAULO Alta dos fertilizantes, diesel caro, paralisação das compras nos meses mais difíceis da pandemia, incerteza sobre plantio e comercialização. Nos dois últimos anos, foi esse o contexto dos agricultores familiares ouvidos pela Folha.

Entre eles, é consenso que fazer parte de uma associação ou cooperativa fez toda a diferença neste período difícil.

Conseguiram descontos nas compras coletivas de insumos ou contratação de prestadores de serviços, bem como garantiram acesso direto a clientes dispostos a pagar mais pelo viés social ou ambiental da produção.

A opção pelo associativismo é importante, dizem, mesmo quando as cotações em alta ganham as manchetes, passando a impressão de que tudo corre bem com os produtores rurais. É o que diz Vânia Lúcia Pereira, presidente da Coopfam (Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo) e produtora de café orgânico.

"A gente constatou que era melhor não ter tido a alta porque o impacto [do aumento dos custos] foi muito maior, mais que dobrou no caso dos produtores de café convencional", diz a presidente da Coopfam, hoje com 540 participantes e área média cultivada de 20 hectares.

A associação sentiu o baque dos custos em novembro passado, na hora da última adubação para a safra deste ano.

"Além das compras coletivas, quando conseguimos descontos, melhoramos a margem porque fazemos exportação direta, e antes exportávamos por trading", diz Vânia.

Cerca de 95% das 80 mil sacas produzidas anualmente seguem para fora do país, em um esquema de comercialização conhecido como fair trade (comércio justo).

São clientes da Alemanha, EUA, Austrália, Japão, entre outros países. "O fair trade garante o preço mínimo. Até 2020, os produtores chegaram a ter um prêmio de R$ 100 a R$ 200 por saca, serve como garantia para os períodos em que o preço cai", diz Vânia.

Para ter acesso ao certificado fair trade, é preciso atestar que o café é produzido em condições adequadas para os produtores familiares.

Os cooperados também se beneficiam da assistência técnica e da redução das despesas com armazenagem e insumos. A cooperativa possui uma torrefação, para venda no varejo com marca própria.

Com uma propriedade de dois hectares (20 mil metros quadrados), a 1.300 metros de altitude, em Piatã (BA), na Chapada Diamantina, o casal Deusemi e Gilvarde de Oliveira adquirem fertilizantes e sacaria por meio da Coopiatã (Cooperativa de Cafés Especiais e Agropecuária de Piatã).

Com o apoio, foram premiados em dois concursos. "As premiações foram muito importantes, começaram a vir nos visitar para conhecer o café", diz Deusemi.

Exportaram para Japão e Inglaterra, além de melhorar a rentabilidade ao vender para uma cafeteria de Brasília e a outro parceiro em Salvador.

Mas agora Deusemi se preocupa com a possibilidade de as cotações caírem. "O café subiu muito, mas o fertilizante também. E se cair o café mas o fertilizante, não?"

Produzindo em São Roque de Minas (MG), Ivair José de Oliveira toca a fabricação de queijo da Canastra com a esposa, Lúcia. Contou também com a filha na pandemia.

No início de 2022, viu as vendas caírem pela metade.

"A margem caiu bastante porque não deu para repassar o aumento dos custos", diz Ivair, que desde janeiro dirige a Aprocan (Associação dos Produtores de Queijo Canastra).

Ele avalia que, como produtor, uma das vantagens da associação é a consultoria veterinária para manter a saúde do rebanho. Outra foi a visibilidade quando seu queijo foi premiado na França, em 2019.

O caminho até Paris, diz ele, só foi possível por causa dos apoios. "A Aprocan ajuda na legalização da produção, além das parcerias com o Sebrae para participar das feiras", diz ele.

Também fez cursos de manejo do gado leiteiro na associação, onde adquire embalagens e coalho.

Hoje com 68 associados e produção de 2.000 peças ao dia, a Aprocan, diz Ivair, ajudou a manter a boa reputação do queijo da Canastra.

No litoral alagoano, a mudança no ambiente de negócios ocorreu com o apoio oficial do governo espanhol, do governo de Alagoas e do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) de Alagoas, em um projeto chamado Ostras Depuradas. O trabalho envolve cerca de 100 famílias em cinco comunidades pesqueiras.

Coordenado pelo IABS (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade), um dos objetivos da iniciativa foi dar condições para os produtores melhorarem a segurança sanitária.

Além de mesas de PVC para cultivo das ostras, iniciativa do Sebrae Alagoas, o IABS coordenou a instalação de uma depuradora para eliminar o risco de infecção.

Participante do projeto, Maria Sebastiana da Conceição, a dona Bastinha da comunidade de Palateia, em Barra de São Miguel (AL), lembra que, sem a depuração, o destino das ostras seria a venda nas praias, a preço menor.

"A situação melhorou quando a nossa associação começou a fazer o cultivo, e depois com o IABS comprando e depurando as nossas ostras", diz Sebastiana. "Com isso, podemos vender em São Paulo e outros lugares porque é uma ostra saudável. A gente precisa dessas parcerias, sem essa ficha caída" avalia.

No caso da produção de algodão orgânico branco e colorido naturalmente, em Remígio (PE), no Assentamento Queimadas, José Silvério da Silva conta nos últimos anos com compradores franceses.

Hoje 140 produtores produzem em associação, por meio da Rede Borborema de Agroecologia, em oito cidades da região. Exportam para a França a maior parte das 300 toneladas anuais. Desde o fim de 2021, enviam também para uma indústria têxtil paulista.

"Vendemos o algodão orgânico por quase o dobro do preço do convencional, e um pouco mais que isso no caso do orgânico colorido naturalmente", diz Silva.

Desenvolvido pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), o algodão colorido naturalmente passou a ser produzido por Silva em 2004, ainda representando parcela pequena da produção.

O fair trade garante o preço mínimo. Até 2020, os produtores chegaram a ter um prêmio de R$ 100 a R$ 200 por saca, serve como garantia para os períodos em que o preço cai

Vânia Lúcia

Presidente da Coopfam (Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo) e produtora de café orgânico

A Fazenda de ostras em Alagoas é parte de projeto que envolve 100 famílias

Vânia Lúcia Pereira, presidente da Coopfam (Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo)

Ivair José de Oliveira cuida da fabricação de queijo da Canastra em São Roque de Minas (MG)

Deusemi de Oliveira cultiva café em uma propriedade de dois hectares (20 mil metros quadrados), a 1.300 metros de altitude, em Piatã (BA), na Chapada Diamantina

APRENDEMOS A SUPERAR
DESAFIOS COM QUEM
MAIS ENTENDE DO ASSUNTO:
O HOMEM DO CAMPO.

#FEITAPRAQUEMFAZ

3 ANOS
DE GARANTIA

A Chevrolet S10 conta com toda a força do motor turbodiesel 2.8, mais segurança com o alerta de detecção de pedestre e com tecnologias inéditas e exclusivas, como o Wi-Fi nativo* e o MyLink com projeção sem fio. Isso tudo sem falar do novo e imponente design. Chevrolet S10. Há mais de 25 anos superando todos os obstáculos. Porque o que não derruba deixa mais forte.

FIND NEW ROADS

Saiba tudo sobre a Chevrolet S10 em:
chevrolet.com.br/picapes/nova-s10-high-country

CHEVROLET

Juntos salvamos vidas.

Os veículos Chevrolet estão em conformidade com o Proconve - Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores. SAC: 0800 702 4200.
*Wi-Fi native é um serviço prestado pela Claro S.A.

Movido a biometano que pode ser gerado na fazenda, o trator T6 Methane Power da New Holland Agriculture, é produzido na Inglaterra FOTO DIVULGAÇÃO

Máquinas conectadas se destacam na volta das feiras

Eventos presenciais retornam com recordes de público e de novos negócios

RIBEIRÃO PRETO (SP) A retomada de grandes eventos agrícolas no Brasil após um hiato de dois anos devido à pandemia de Covid-19 permitiu aos agricultores conhecer de perto máquinas mais conectadas. Os principais fabricantes projetam investimentos e receitas bilionárias no setor nos próximos anos.

Alguns equipamentos foram lançados virtualmente na pandemia, mas 2022 marca a possibilidade de os compradores vê-los em operação, o que ajuda na decisão de compra. Com essa proximidade, as empresas do setor estimam um crescimento de ao menos 5% nos negócios deste ano.

O retorno dos grandes eventos na região Sul ocorreu com recorde de vendas em relação ao período pré-pandemia.

Na 22ª Expodireto Cotrijal realizada em Não-Me-Toque (RS) no início de março, os negócios somaram R$ 4,9 bilhões, de acordo com estimativa dos organizadores.

O montante representa um aumento de 87% em relação aos R$ 2,6 bilhões de 2020. A feira reuniu 263 mil visitantes, mais que os 156 mil da edição presencial anterior.

"A moeda do produtor é a soja. Como dobrou de preço, os negócios à vista cresceram, embora o volume maior ainda tenha sido concretizado via bancos", disse o presidente da Cotrijal, Nei César Manica, no encerramento da feira.

Já a Agrishow (Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação), que é o mais esperado evento do agro no calendário rural, está confirmada para ocorrer entre os dias 25 e 29 de abril em Ribeirão Preto, após dois anos de adiamentos e cancelamentos devido à Covid-19.

Em Uberaba, no Triângulo Mineiro, a 87ª edição da Expozebu foi lançada no último dia 16 e projeta R$ 900 milhões em negócios entre 30 de abril e 8 de maio. Entre leilões e shoppings de animais, serão 41 atividades neste ano, ante as 36 da última edição.

"Estamos preparando o evento desde 2020, quando precisamos cancelar por conta da pandemia. Esse encontro foi muito esperado, desejado, e por isso promete surpreender", disse Rivaldo Machado Borges Júnior, presidente da ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), que organiza a feira.

Evento que recebe visitantes nacionais e estrangeiros, a Expozebu terá protocolos diferentes para os públicos. Brasileiros terão de levar cartão de vacinação e fazer exame num laboratório em frente ao parque, ou levar laudo de que tiveram Covid-19 recentemente e estão curados. Estrangeiros, obrigatoriamente, farão exame laboratorial.

A Expodireto Cotrijal deu indicações de como serão as feiras que virão a seguir. A Case, marca do grupo CNH Industrial, apresentou em Não-Me-Toque uma colheitadeira com sistema que se autorregula e encontra o ponto de trabalho para cada situação, sem intervenção do operador.

Já a New Holland, outra marca da empresa, exibiu o primeiro trator movido a biometano no mundo, que foi desenvolvido na Inglaterra e estava em testes no Brasil havia cinco anos.

A CNH projeta um crescimento de 24% nos negócios globais até 2024. O agro representou 76% da receita de US$ 17,8 bilhões do ano passado, ante 16% do setor de construção e 8% do braço financeiro do grupo.

Para alcançar essa marca, a empresa projeta lançar outros veículos movidos a combustíveis alternativos. O foco está na demanda de seus principais mercados, como Estados Unidos e Brasil. A América do Sul representa 16% da receita, ante 37% de Europa e América do Norte.

"A demanda global por produtos agrícolas está crescendo, assim como os custos, o que faz os agricultores buscarem formas de melhorar a produtividade e isso direciona os avanços tecnológicos na cadeia" afirmou o presidente da divisão de agricultura do grupo, Derek Nelson.

Apesar das dificuldades econômicas do Brasil, Oddone Incisa, diretor financeiro da CNH, disse que o agronegócio "caminha com as próprias pernas" já que o mercado é global. Ele afirmou ainda que os financiamentos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) tem sido importantes para as vendas de veículos agrícolas.

A John Deere, que projeta crescimento de mercado de 5% na América Latina neste ano, informou que a digitalização da agricultura, que já era uma realidade, foi impulsionada pela pandemia — apesar dos desafios estruturais do setor como a conectividade no campo.

"Mesmo diante de um cenário ainda incerto de pandemia e com os recentes impactos da guerra entre Rússia e Ucrânia, estamos otimistas com a retomada das feiras agrícolas presenciais, que são uma das principais maneiras de cultivar relacionamentos, firmar negócios e conhecer novas tecnologias" disse Marcelo Lopes, diretor de vendas da John Deere Brasil.

A empresa lançou uma plataforma em parceria com a Climatempo e a consultoria Safras & Mercado, além de firmar acordo com a Claro para ampliar a conectividade.

"Atualmente, cerca de 150 mil hectares estão conectados por meio dessa iniciativa, com outros 7 milhões prospectados", afirmou o diretor.

A Massey Ferguson, por sua vez, lançou na pandemia produtos como um trator e um pulverizador com tecnologia que, segundo a fabricante, auxilia o produtor rural a ganhar até duas sacas por hectare. Ambos serão vistos nas feiras presenciais, segundo o diretor de vendas da marca, Alexandre Stucchi.

"As feiras são vitrines dos nossos produtos e oportunidade de mostrar o que há de mais tecnológico em máquinas para obter maior produtividade no menor tempo para execução das atividades agrícolas, e são também oportunidades estratégicas para mantermos a proximidade com os produtores" disse Stucchi.

A fabricante apresentou na Expodireto Cotrijal a plantadeira MF 500 Solo+ desenvolvida para o cultivo de soja e milho em terras baixas.

"Os preços das commodities, as safras recordes e o impacto positivo do câmbio fazem com que o produtor siga investindo em máquinas que lhe permitam maior produtividade conectadas a novas tecnologias para produzir mais gastando menos e com menor impacto ao meio ambiente" afirmou o diretor de vendas da Massey Ferguson.

A Valtra lançou na pandemia um pulverizador voltado aos agricultores de pequenas e médias propriedades. Com opções de barras de pulverização de 25 e 28 metros, o equipamento traz um motor que de acordo com a fabricante permite economizar até 60% de combustível.

Segundo Alexandre Vinicius de Assis, diretor de vendas da Valtra, alguns fatores convergem para o crescimento na venda de maquinários em 2022, entre eles o fato de o produtor rural vir de safras excelentes no ano passado, com boa produtividade e rentabilidade positiva o que possibilita fazer investimentos e agregar tecnologia ao seu negócio.

Na Fendt, o diretor comercial para a América do Sul, Jose Galli, viu os negócios crescerem no Cerrado e no Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia) durante a pandemia.

"Nossas vendas normalmente são frutos de uma relação próxima com os agricultores, e isso não mudou mesmo com o distanciamento social" disse. "Acredito que a situação trouxe outras formas de negócio, comercialmente falando."

No início da pandemia, a Fendt, que chegou ao país em 2019, lançou um trator de forma virtual. A retomada dos eventos presenciais é vista por Galli com otimismo, já que a marca está em expansão.

Foram abertas em 2021 concessionárias em Balsas (MA), Campo Novo do Parecis (MT), Sidrolândia e Maracaju (MS), Rio Verde (GO) e Luís Eduardo Magalhães (BA).

"A expectativa é de um crescimento acima do projetado para o mercado, e o reflexo disso é que entregaremos, em 2022, as metas estipuladas para 2025," disse.

Plantadeira MF 500, da Massey Ferguson, tem diferentes níveis de distribuição das sementes

Equipamentos conectados da John Deere têm sido exibidos em feiras agrícolas

A moeda do produtor é a soja. Como dobrou de preço, os negócios à vista cresceram, embora o volume maior ainda tenha sido concretizado via bancos

Nei César Manica
Presidente da Cotrijal

FEIRAS AGRÍCOLAS EM 2022

Tecnoshow Comigo
4 a 8/4, em Rio Verde (GO)

Agrishow
25 a 29/4, em Ribeirão Preto

Show Rural
26 a 28/4, em Medianeira (PR)

Expozebu
30/4 a 8/5, em Uberaba (MG)

Showtec
23 a 27/5, em Maracaju (MS)

Bahia Farm Show
31/5 a 4/6, em Luís Eduardo Magalhães (BA)

Hortitec
22 a 24/6, em Holambra (SP)

Enfloor & Garden Fair
17 a 19/7, em Holambra (SP)

Fenasucro
16 a 19/8, em Sertãozinho (SP)

Expointer
24/8 a 4/9, em Esteio (RS)

Expoflora
2 a 25/9, em Holambra (SP)

VAIVÉM DAS COMMODITIES | Mauro Zafalon
mauro.zafalon@uol.com.br

Com quebra de safra, receitas de soja participam menos da balança do agro

A soja, o carro-chefe das exportações do agronegócio brasileiro, não terá um cenário tão favorável quanto o previsto inicialmente.

Em janeiro, as receitas com as exportações do complexo soja (grãos, farelo e óleo de soja) eram estimadas em US$ 48 bilhões, segundo a Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais).

Nesta segunda-feira (28), a associação reviu essas receitas para US$ 51,4 bilhões, devido à quebra na safra de soja e à consequente redução no volume das exportações.

Inicialmente, eram esperadas até 14 milhões de toneladas mais na safra deste ano, devendo ficar em 125,3 milhões, segundo a entidade.

A Conab, órgão do governo, e algumas consultorias privadas, como a AgRural, já estimam a safra nacional em um volume inferior a 122 milhões de toneladas.

Com uma oferta menor de soja, a Abiove reviu suas previsões de exportação. Estimadas em 91,1 milhões de toneladas, as vendas externas deverão recuar para 77,7 milhões neste ano, conforme nova estimativa.

Quebra de safra derruba exportação

Receitas anuais do complexo soja
Em US$ bilhões

* Estimativas feitas em jan.22 ** Estimativa feita em mar.22 Fontes: Abiove e Secex

Mesmo com um volume menor de soja exportado, as receitas ainda serão superiores às de 2021, quando o país arrecadou US$ 48 bilhões. Esse aumento ocorre devido aos preços mais elevados neste ano. No ano passado, as exportações ocorreram por US$ 449 por tonelada. Neste ano, deverão ficar em US$ 5[illegible], com boas perspectivas de rentabilidade.

As mudanças nos setores de farelo e de óleo de soja serão pequenas, uma vez que volumes e preços deste ano não terão muitas variações em relação ao do ano passado.

O desempenho do complexo soja inibe a evolução das exportações do agronegócio, que somaram US$ 120 bilhões em 2021. Contudo, elas poderão ser compensadas, em parte, pelas de milho.

A safra brasileira promete ser boa, e os preços do cereal estão aquecidos no mercado externo. A Ucrânia, a quarta maior exportadora mundial de milho, teve a produção e a exportação detidas pela guerra com a Rússia.

No ano passado, devido à quebra da segunda safra de milho no Brasil, as exportações, previstas inicialmente em 44 milhões de toneladas, ficaram em apenas 20,4 milhões e renderam US$ 4,2 bilhões. Em 2019, foram 43 milhões de toneladas, com receitas de US$ 7,3 bilhões, segundo dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

O complexo soja tem sido o maior item das exportações do agronegócio brasileiro. Segundo a Abiove, desde 2018 rendeu mais de US$ 214 bilhões, o país angariou a marca de US$ 355 bilhões em receitas nos últimos dez anos.

Mesmo com a redução da safra, a Abiove mantém a perspectiva de moagem de 48 milhões de toneladas de soja internamente neste ano (0,5% a mais do que em 2021).

Com esse patamar praticamente estável de moagem de soja, a produção e a exportação de farelo e de óleo terão pouca variação em relação a 2021.

O óleo de soja, que compõe pelo menos 70% das matérias-primas utilizadas na produção de biodiesel, terá uma demanda um pouco menor neste ano devido à redução da mistura desse combustível ao diesel.

DRIBLANDO A INFLAÇÃO

O ano passado foi um período muito difícil para os confinadores de gado. Os preços da arroba estiveram em patamar recorde, mas os custos também subiram. "Foi difícil transformar inflação em ganhos."

Assim o pesquisador do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) [illegible] ao balanço do setor em 2021. Apesar disso, o saldo foi positivo, sobretudo os investimentos tecnológicos, que cresceram 6,6%, uma taxa, no entanto, bem distante dos 33,83% de 2020.

Esses números têm como base um programa de acompanhamento do setor feito pelo Cepea e pela DSM-Tortuga, empresa voltada para suplementação nutricional animal. Para este ano, a rentabilidade do setor deverá ser de 12,5%, com rendimento de 4,1% nos meses em que o gado estiver confinado.

Para o pesquisador, os ganhos estão associados ao uso de tecnologia gestão e, é claro, à continuidade do apetite chinês.

TRIGO TROPICAL O [illegible] da Embrapa para [illegible] foi aprovado pelo Ministério da Agricultura. Os recursos serão de US$ 2,9 milhões para serem aplicados em três anos.

TRIGO TROPICAL 2 A Embrapa participa com transferência de tecnologia para produtores e caracterização dos materiais para a produção. Além disso, a empresa se dedicará a combate da brusone, principal doença da cultura do cereal na região.

SEMENTES Uma das tarefas do grupo é organizar a produção de sementes, instalando novos campos de multiplicação. Será necessário também um refinamento metodológico para uma definição mais apurada do zoneamento agrícola, a fim de evitar riscos na produção.

PÃOZINHO A [illegible] do trigo, devido à guerra da Rússia e da Ucrânia, chegou à farinha e a seus derivados. Os dados da Fipe, referentes aos últimos 12 dias, indicam aumento de 2,5% no preço do pão, de 2,7% no do macarrão e de 2,2% no da farinha.

Eletrobras
MINAS E ENERGIA
PÁTRIA AMADA BRASIL

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Sobre o Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental – EIA/RIMA do empreendimento Usina Hidrelétrica Tabajara, a IBAMA comunica que realizará de forma híbrida as audiências públicas para apresentação e discussão do empreendimento. As audiências públicas estão convocadas nas seguintes datas, horários e locais: dia 04/04/2022, horário 17h (horário de Rondônia), local: Associação dos Agropecuaristas localizada na Avenida Duque Alves, s/n – setor industrial – quadra 143 – Machadinho D Oeste. No dia 07/04/2022, horário 18h (horário de Rondônia), local: Campo de futebol, ramal da Vila Tabajara. As Audiências serão transmitidas de forma (híbrida) e o link para acesso da gravação está disponível no site [illegible] onde constam as informações sobre a realização e canais de suporte à consulta ao EIA/RIMA.

[illegible]

As audiências presenciais serão gravadas pelos meios cabíveis. Sua participação é muito importante. Acesse e Participe!

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DE PARNAÍBA
AVISO DE LICITAÇÃO
Pregão Eletrônico nº 052/2022 Proc. Adm. nº 189/2022
Objeto: [illegible] de empresa especializada para FORNECIMENTO DE SOLUÇÃO INFORMATIZADA EM NUVEM, conforme descrição contida em Termo de Referência, visando [illegible] e atendimento da [illegible] de licenciamento de obras [illegible] e atendimento de demandas ambientais urbanísticas e de fiscalização ambiental, durante o prazo mínimo de 12 (doze) meses. Do Edital: O edital completo poderá ser consultado e/ou obtido a partir do dia 29/03/2022, no endereço eletrônico [illegible] bem como por meio do site [illegible] na aba serviços para a [illegible] de disputa de preços. Dia 06/04/2022 às 09h30m.
[illegible], 28 de março de 2022
ORDENADOR DE PREGÃO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO
COMANDO DE AVIAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO
ABERTURA DE PREGÃO ELETRÔNICO
Encontra-se aberto no COMANDO DE AVIAÇÃO DA POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO – [illegible]

EMAE – Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A.
CNPJ nº 02.312.167/0001-42 NIRE nº 35300153343 Companhia Aberta
Capital Subscrito e Integralizado: R$ 286.41[illegible]
Convocação
[illegible]
[illegible]
LUIZ CARLOS [illegible]
Presidente do Conselho de Administração

Rossi Residencial S.A.
[illegible]
[illegible]
Edital de Convocação de Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária
[illegible]
Mario [illegible]
Presidente do Conselho de Administração
(28, 29 e 30/03/2022)

CRITERIA CAPITAL S.A.
[illegible]
Ata de Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária Realizada em 29/11/2021
[illegible]

[illegible]

MUNICÍPIO DE MOGI DAS CRUZES
HOMOLOGAÇÃO
PREGÃO PRESENCIAL Nº 94/2021 - PROCESSO Nº 38.139/2021
OBJETO: AQUISIÇÃO DE LICENÇAS E SOFTWARE PARA MONITORAMENTO E PRODUTIVIDADE NA [illegible]
EMPRESA: [illegible] TECNOLOGIA, INFORMÁTICA E COMÉRCIO LTDA
VALOR GLOBAL: R$ [illegible]
Mogi das Cruzes, SP, 24 de março de 2022
PATRICIA HELEN GOMES DO SANTOS - Secretária Municipal de Educação
[illegible]
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 21/2022 - PROCESSO Nº 38.195/2021 E APENSOS
OBJETO: REGISTRO DE PREÇOS PARA FORNECIMENTO DE MEDICAMENTOS PARA ATENDIMENTO DE [illegible]
EMPRESAS: [illegible] COMERCIAL HELIO CRAVEIRO E REPRESENTAÇÕES EIRELI; DIMASTER COMERCIAL EIRELI; [illegible]
VALOR GLOBAL: R$ 899.143,76 (oitocentos e noventa e nove mil, cento e quarenta e três reais e setenta e seis centavos)
Mogi das Cruzes, em 24 de março de 2022
ZENO MARCONDES - Secretário Municipal de Saúde
[illegible]
PREGÃO ELETRÔNICO Nº [illegible] - PROCESSO Nº 38.195/2021 E APENSOS
OBJETO: REGISTRO DE PREÇOS PARA FORNECIMENTO DE MATERIAIS DE ENFERMAGEM
EMPRESAS: [illegible]
Mogi das Cruzes, em 24 de março de 2022
ZENO MARCONDES JUNIOR - Secretário Municipal de Saúde

MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE

Estado de São Paulo

EXTRATO DE CREDENCIAMENTO PÚBLICO

Edital de Chamada Pública 004/2022

Processo Administrativo nº 18.167/2021

Objeto: "CREDENCIAMENTO PÚBLICO DESTINADO À SELEÇÃO DE ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL (OSC'S) INTERESSADAS EM CELEBRAR ACORDO DE COOPERAÇÃO

[redacted]

Horário Oficial de Brasília), de segunda a sexta-feira (dias úteis).

LOCAL: Avenida Presidente Kennedy nº 5.000 Vila Tupi - Praia Grande/SP. CEP 11.704-900, 1º andar, no Departamento de Licitações da Secretaria de Administração.

A PREFEITURA DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE, através da Secretaria de Assuntos Institucionais, torna público que estará aberta a prazo para recebimento das Entidades

[redacted]

para o fornecimento das [redacted] das Hipóteses [redacted]

das 10h00 às 16h00

Local e horário para retirada do edital: Avenida Presidente Kennedy, nº 5.000, 1º Andar, Vila Mirim

[redacted]

no Diário Oficial do site www.praiagrande.sp.gov.br

Praia Grande, 25 de março de 2022

[redacted]

PREFEITURA DE BOITUVA

AVISO DE LICITAÇÃO PREGÃO PRESENCIAL Nº 1/2022

[redacted]

Companhia Lithographica Ypiranga

(A [redacted])

CNPJ/MF nº 033.157/0001-05 - NIRE 35.300.040.894

Convocação - Assembleia Geral Ordinária (artigo 203)

Ficam os [redacted] para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária, a fim de cumprir o disposto no artigo 203 da Lei nº 6.404/76, a realizar-se na sede social da Rua Tagipuru, 235, 1º andar, sala 14, São Paulo/SP, em 29/04/2022 às 12hs, para deliberar sobre as seguintes matérias constantes da ordem do dia: [redacted]

São Paulo, 28 de março de 2022. Rodney de Araujo Sousa - Presidente

SINDICATO DOS TÉCNICOS EM NUTRIÇÃO E DIETÉTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CNPJ 06.229.271/0001-37 Situado na Rua Dona Punha, nº 102, Cj. 82, Bairro Funda, São Paulo, SP

[redacted]

MUNICÍPIO DE GUARUJÁ-SP

[redacted]

COMUNICADO RELEVANTE Nº 004/2022 DE 28 DE MARÇO DE 2022 REFERENTE À CONCORRÊNCIA INTERNACIONAL SEINFRA Nº 003/2021

[redacted]

MINAS GERAIS

Prefeitura Municipal de São Carlos

[redacted]

COMUNICADO DE REABERTURA

OBJETO: CONTRATAÇÃO DE EMPRESA ESPECIALIZADA PARA A REFORMA E REVI

NO MUNICÍPIO DE SÃO CARLOS, COMUNICA-SE, pela presente a REABERTURA d

[redacted]

[redacted]

Companhia de Saneamento de Pedregulho
Ata de Sorteio - 1 Sorteio

[redacted]

SUPERINTENDÊNCIA DE ÁGUA E ESGOTO DE OURINHOS

[redacted] - Criação - Nova sede

[redacted]

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Companhia Paulista de Parcerias - CPP

[redacted]

Aviso aos Interessados

Ficam os [redacted] à disposição dos [redacted] para [redacted] até [redacted] a [redacted] Administrativa.

PREFEITURA DE REGISTRO

COMUNICADO

SUSPENSÃO TEMPORÁRIA DO PREGÃO ELETRÔNICO Nº 051/2022

Referente: Registro de Preços pelo Período de 12 (Doze) Meses, para Aquisições Futuras de Ares-Condicionados e Câmbias de Ar, Destinados às Secretarias da [redacted]

[redacted]

Comunicamos à [redacted]

[redacted]

Prefeitura Municipal da Estância Turística de Guaratinguetá

[redacted]

[redacted]

[redacted]

[redacted]

Data de abertura da Licitação: Processo: Pregão Presencial nº 038/22

Objeto: Registro de preços para futura aquisição de água mineral para a Secretaria Municipal de Saúde. Local da sessão pública: PREDIO DA PREFEITURA MUNICIPAL localizado na RUA

seminarios

[redacted] precisa ser discutido.

- saúde
- meio ambiente
- economia
- meio ambiente
- e muito mais

Acesse o site
folha.com/seminariosfolha

SUPERINTENDÊNCIA DE ÁGUA E ESGOTO DE OURINHOS

[redacted] - Criação - Nova sede

[redacted]

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL

CNPJ/ME nº 33.042.730/0001-04 - NIRE 35300158086 - Companhia Aberta

[redacted]

PREFEITURA MUNICIPAL DE CESAR DE LANGE

[redacted]

PREFEITURA MUNICIPAL DE LENÇÓIS PAULISTA

[redacted]

Pregão - SEDUC/PRG.2021/00731 (2021/0001946) - Objeto: [redacted]

FUNDAÇÃO BENEFICENTE DE PEREIRA - FUNDEPE

[redacted]

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS PAULISTA - SP

[redacted]

Endereço: [redacted] - Fernandópolis - SP - CEP 15.600-000 - Fone/Fax: (XX17) 3379-9000 - e-mail: [redacted]

PERNAMBUCO

SECRETARIA DE SAÚDE

[redacted]

Objeto: Seleção [redacted]

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JANDIRA

AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO

PREGÃO ELETRÔNICO Nº 11/22 Processo nº 14.637/2021

[redacted]

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL

[redacted]

[redacted]

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 2022/0139

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 2022/0139 de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é Registro de Preço para futura e eventual aquisição de equipamento hospitalar, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: Até [redacted] com [redacted] até as 12:00 do dia [redacted]. DO CREDENCIAMENTO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.compras.ce.gov.br. Fortaleza, Casa Civil do Estado, em Fortaleza, 28 de Março de 2022. ISABEL MARIA SILVA BEZERRA

Ordenadora de Despesas

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUVERAVA

AVISO DE LICITAÇÃO Nº [redacted]

[redacted]

MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE

Estado de São Paulo

[redacted]

[redacted]

Praia Grande, 24 de março de 2022

[redacted]

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUVERAVA

AVISO DE LICITAÇÃO Nº [redacted]

[redacted]

PREFE TURA MUN CIPAL DE ILHA SOLTEIRA

Prefeitura da Estância Turística de Salto

PREFE TURA MUNICIPAL DE FERNANDOPOLIS - SP

CEUQ (concreto betuminoso usinado a quente) em vários ruas e avenidas de diversos bairros do município de Fernandopolis/SP, com fornecimento de material e mão de obra, conforme Memorial Descritivo e Planilha de Medição de Obra e Cronograma

Monitoria de Desenvolvimento

SENDAS D STR BU DORA S A

Companhia Brasileira de Distribuição

PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLANDIA

TP - Trunto Participações e Investimentos S A

Declaro à at. de retenção para seu pagamento o prazo não inferior ao exigido na Lei das S.A. e Artigo 8º do ICVM 481, a compensação de legal-ato vincula. São Paulo, 28 de março de 2022
João W ter Gomes – Presidente do Conselho de Administração (Id. 3h e 30/03/2022)

MUNICÍPIO DE REGINÓPOLIS

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAIBUNA - SP

AVISO DE SUSPENSÃO TEMPORÁRIA DE PROCESSO LICITATÓRIO

Objeto: Aquisição de relógio de ponto digital com arquivo AFD e crachá para os Departamentos da Prefeitura da Estância Turística de Paraibuna
Critério de Julgamento: Menor Preço Por Lote Único, com data de realização do certame para o dia 01/04/2022 às 09:00 horas. Motivo: Análise de impugnação de Edital, encaminhada por DIMEP COMÉRCIO ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA.
Informações, Telefone (12) 3874-2080, Ramal 4 e E-mail: licitacao@paraibuna.sp.gov.br

Paraibuna, 28 de março de 2022
Victor de Cassio Miranda - Prefeito Municipal.

Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Jaboticabal (SAAE)

abilidade.
Shalom Engenharia e Cons
Serviços e Transportes Ltda
rastreada. A presente

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20/2022

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 20/2022, do Hospital de Base do Estado – HBE, cujo OBJETO é Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de material médico-hospitalar, com especificações constantes no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.go.gov.br, abertura das 08:00 do dia 29/03/2022 até o dia 12/04/2022 às 09:00 (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.saude.go.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Goiânia, 23 de Março de 2022.

Companhia Brasileira de Distribuição

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20/2022

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 20/2022, da Secretaria de Saúde – SES, cujo OBJETO é Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de medicamentos, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.go.gov.br, abertura das 08:00 do dia 28/03/2022 até o dia 12/04/2022 às 09:00 (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço acima ou no site www.saude.go.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Goiânia, 23 de Março de 2022. JOSÉ CÉLIO BASTOS DE LIMA

ESTADO DE GOIÁS

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 20/2022

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico Nº 20/2022, da Secretaria de Desenvolvimento Agrário – SDA, cujo OBJETO é Registro de Preço para futuras

conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS

/04/2022 às 09:00 (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.saude.go.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Goiânia, 21 de Março de 2022. ROBINSON DE SOUSA E VELOSO - PREGOEIRO

PREFE TURA MUN CIPAL DE FERNANDOPOLIS - SP

Objeto: "ELABORAÇÃO DE ATA DE REGISTRO DE PREÇOS PARA AQUISIÇÃO DE MEDICAMENTOS QUE SERÃO NECESSÁRIOS PARA ATENDER AOS PACIENTES DA UPA (UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO), SAMU

preço para o item 8: CRISTALIA PRODUTOS QUIMICOS FARMACEUTICOS LTDA. Apresentou o menor preço para os itens: 34, 35, 36, 40, 44. COMERCIAL

apresentou o menor preço para o item: 45. CONSULMED DISTRIBUIDORA DE MEDICAMENTOS E PRODUTOS HOSPITALARES E.IRELI. Apresentou o mesmo

MED DISTRIBUIDORA DE MEDICAMENTOS LTDA. Apresentou o menor pr
para o item: 28, objeto deste pregão. Fracassados os itens: 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9,
11, 12, 13, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 41, 47, 48, 49, 50 e 51.

Prefeito Municipal

Na sede do Município sito a Rua Dr Costa Aguiar nº 113 Centro Campestre/SP O prazo para o Registro será de 15 (quinze) dias a partir desta publicação Ivo Ivan José Di Corato - Presidente

UPL

PROCEDIMENTO
AVISOS DE ABERTURA
DE LICITAÇÃO

Vicente de Paulo de Lara,
Aparecida Rogeria Costa

Para o Requerido acima citado
Você deverá comparecer

Salem, MA 01970

Tyler R Quesnel, Esq

Cha ese, MA 02 18

de Família do Essex tanto entre a realização do serviço por meio do redamante ou de advogado do redamante, dentro do prazo estabelecido

TESTEMUNHA Jennifer M R Lovett, Primeira Juiz desse Tribunal

Data: 24 de março 2022

Prefeitura Municipal de Jaboticabal - SP

TERMO DE HOMOLOGAÇÃO AO ACI

Objeto: REGISTRO DE PREÇO

HOMOLOGO todo o procedimento praticado pela Pregoeira e Equipe de Apoio, homologando a adjudicação feita ao(s) licitante(s) acima: automóvel, usado, uma camioneta veículo Valor

R$ 4,58; 11. Principal, ALIMENTAR DISTRIBUIDORA DE CARNES & FRIOS EIRELI R$ 3,80; 12. Reservada, FRUTTI MAIS COMERCIO DE BEBIDAS E ALIMENTOS

PRODUTOS ALI
COMERCIAL RIÃO AGONC
BONSO LTDA, R$ 4,24; 10. I

ENE DE SOUZA E COMERCIO DE ALIMENTOS EIRELI, R$ 4,78

9. R$ 3,80; 84. Reservada, LRS FOODS EIRELI – EPP, R$ 3,80; 85. Principal, ALIMENTAR DISTRIBUIDORA DE CARNES E FRIOS EIRELI R$ 3,80; 86. Reservada, G.M COMERCIO E REPRESENT DE PRODUTOS ALIMENT EM GERAL EIRELI EPP, R$ 3,80; 87. Principal, ALIMENTAR DISTRIBUIDORA DE CARNES E FRIOS EIRELI R$ 3,79; Reservada, G.M COMERCIO E REPRESENT DE PRODUTOS ALIMENT EM GER

PRODUTOS ALIMENT EM GERAL EIRELI EPP R$ 4,78

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARRUDAS

Telefone/fax: (17) 3552-1144 ou pelo e-mail: licitacoes@arrudas.sp.gov.br PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE ARRUDAS, 28 de março de 2022. ALCEMIR CASSIO GREGORIO - Prefeito

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JANDIRA

AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO

PREGÃO ELETRÔNICO Nº 17/22 - Processo Nº 27797/21

MUNICÍPIO DE TAPEJARA DA SERRA

REGINÓPOLIS, 24 DE MARÇO DE 2022
RONALDO BRASILINA CORREA - PREFEITO MUNICIPAL DE REGINÓPOLIS

aprovado pela Junta Comercial, Industrial e Serviços (JUCISP) sob o nº 3.[illegible] em sessão realizada em 21/03/2022, sendo publicado o objeto da sociedade: [illegible] comércio varejista internacional.

CIA DE FERRO LIGAS DA BAHIA FERBASA

Bahia, 24 de março de 2022
Benildo de Oliveira Lopes - Presidente do Conselho de Administração

DECLARAÇÃO DE PROPÓSITO

As pessoas físicas e/ou jurídicas abaixo identificadas, por intermédio do presente instrumento, I – DECLARAM que intenção de constituir uma instituição com as

Paulo - SP Cartorário (não se aplica), Capital social: R$ 2.500.000,00 (e quinhentos mil reais, representado por 2.500.000 cotas. Composição societária: CF FINANCIAL Holding Financeira (a ser constituída) controladora; Nível 1 CF FINANCIAL BRASIL HOLDING LTDA. (a ser constituída) sociedade limitada que terá como objeto social exclusivo a participação societária em instituições e funcionar pelo Banco Central do

BANCO CENTRAL DO BRASIL Departamento de Organização do Sistema Financeiro – Deorf Gerência Técnica em São Paulo (GTSP) Processo nº 203116. São Paulo, 28 de março de 2022. Nesse caso pessoas físicas e jurídicas que pretendam exercer o

Na sede do Município sito a Rua Dr Costa Aguiar nº 113 Centro Campestre/SP O prazo para o Registro será de 15 (quinze) dias a partir desta publicação Ivo Ivan José Di Corato - Presidente

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 2022[illegible]

A Secretaria de Casa Civil torna pública a REMARCAÇÃO do Pregão Eletrônico Nº 20220065, da[illegible] de Secretaria de Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futura e eventuais[illegible] de Medicamentos. MOTIVO: Alteração no Edital. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.go.gov.br, alterado de Nº 630022, data: 12/04/2022, às 9h (horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.pregao.go.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, dos Portadores, 22 de março de 2022. DORISLEIDE CANDIDO DE SOUSA

MUNICÍPIO DE REGINÓPOLIS

[illegible] à Câmara autorização para alienar [illegible] imóvel pelo [illegible] Nomes [illegible] a[illegible] em [illegible] público [illegible] valor[illegible]

cogna

COGNA Educação S.A.

CNPJ nº [illegible] - NIRE 35 [illegible]

Companhia Aberta

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA

A [illegible]

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS - SP

TOMADA DE PREÇOS Nº 016/2021 - PROCESSO Nº 436/2021

...apresentada à Licitação ... por ... decidiu **CLASSIFICAR** ... para a empresa **ENGLON ENGENHARIA & CONSTRUÇÃO LTDA - EPP**

Fernandópolis-SP, 25 de março de 2022
CIBELE BERGER SANCHES CARBONE
Gerente de Suprimentos

PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURISTICA DE BARRA BONITA

EDITAL Nº ... PREGÃO ELETRÔNICO

... PREGÃO PRESENCIAL PARA REGISTRO DE PREÇOS ...

PREFEITURA MUNICIPAL DE SUD MENNUCCI

... PREGÃO PRESENCIAL Nº 009/2022 PROCESSO Nº 041/2022 ...

... PREGÃO PRESENCIAL Nº 010/2022 ...

Prefeitura da Estância Turistica de Salto

...

PREFEITURA MUNICIPAL DE LENÇÓIS PAULISTA

...

PREFEITURA MUNICIPAL DE LENÇÓIS PAULISTA

...

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAPUÍ - SP

...

Prefeitura da Estância Turistica de Salto

...

COGNA EDUCAÇÃO S.A.

Companhia Aberta

...

HOSPITAL ...

...

Equatorial Pará Distribuidora de Energia S.A.
Companhia Aberta de Capital Autorizado
CNPJ/MF nº 04.895.728/0001-80
AVISO AOS ACIONISTAS

Acham-se à disposição dos Senhores Acionistas da Equatorial Pará Distribuidora de Energia S.A. na Rodovia Augusto Montenegro, km 6,5, Belém, e na página de Relações com Investidores (acesso às páginas da Companhia via internet: http://equatorialenergia.com.br/), os documentos a que se refere o artigo 133, da Lei nº 6.404, de 15.12.76, relativos ao exercício findo em 31.12.2021.

Belém, 21 de março de 2022
...
Diretora de Relações com Investidores

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALFREDO MARCONDES

...

PREFEITURA MUNICIPAL DE FERNANDÓPOLIS - SP

...

MUNICÍPIO DE NARANDIBA

...

SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO DE BARRETOS
ABERTURA DE LICITAÇÃO

OBJETO: A presente licitação versa-se de REGISTRO DE PREÇOS para locação de 400 (quatrocentos) hidrômetros do cavalete Ultra Vendas para Laboratório de Água. Conforme as Normas de Serviços ...

...

CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

...

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL

...

CIDADE DE SÃO PAULO
SUBPREFEITURAS
VILA MARIA/VILA GUILHERME

O Subprefeito da Vila Maria/Vila Guilherme, Roberto de Godoy Carneiro, ...

Portaria 081/SMSP/SPVG/AB/2011 RETIFICA a proprietário do veículo abaixo relacionado a comparecer à sede Subprefeitura situada à Rua General Mendes nº 111, no prazo de 30 dias a contar da data desta publicação, para providenciar a retirada, sendo-lhe as exigências legais, sob pena de ser alienado por meio de leilão.

Nome	Placa	Chassi	Modelo/Cor/Ano
Roberto Braga Rodrigues	DED 0612 São Paulo/SP	9BD17808123235265	FIAT MOC Palio Young Cor Cinza Ano 2001 MD 2002
Nome	Placa	Chassi	Modelo/Cor/Ano
Salim de Camargo Rezende	DIO 882 São Paulo/SP	9BWBS11WZ2T 04588	HONDA MOD Civic LX Cor Prata Ano 2001 MD 2002

SUPERINTENDÊNCIA DE ÁGUA E ESGOTO DE OURINHOS
AVISO DE LICITAÇÃO - LEILÃO

...

COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SAO PAULO - METRÔ
AVISO AOS EX-PROPRIETARIOS DE IMÓVEL

A **COMPANHIA DO METROPOLITANO DE SÃO PAULO - METRÔ**, em cumprimento à determinação legal disposta no Art. 519 do Código Civil, faz saber aos ex-proprietários do imóvel desapropriado por utilidade pública abaixo descrito, que venha(m) ele(s) ainda não utilizado pela obra, em caso disso, intimado aos ex-proprietários, pelo preço atualizado pelo qual foi desapropriado o imóvel ou seu remanescente, para que exerçam seu direito de preempção, querendo no prazo de 30 (trinta) dias a contar da data de publicação deste aviso, sob pena de caducidade, como segue,

Processo desapropriação	Endereço	Ex-proprietários/CPF
232.0 ... 2008.8.26.0063 VEP	Avenida Adolfo Pinheiro, 384	Nilvado Gonçalves/075 ... 078 Maria de Fátima Leopoldino

Os ex-proprietários deverão protocolizar correspondência manifestando seu interesse na retrocessão na Rua Boa Vista, 75, Protocolo Geral, CEP 01.014-001, São Paulo ...

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

METRÔ

mercado

Brasil para elas

Restam poucas dúvidas de que o próximo presidente será decidido pelas mulheres

Cecilia Machado

Economista-chefe do Banco BOCOM BBM e professora da EPGE (Escola Brasileira de Economia e Finanças) da FGV

Nas últimas semanas, diversas pesquisas de intenção de voto para as eleições presidenciais foram divulgadas. Comparar e interpretar cada novo resultado não é tarefa simples: há diferenças nas amostras, nos questionários de entrevista, ou mesmo na forma como a informação é coletada, se por telefone ou em entrevistas presenciais. Mas, apesar das diferenças, é possível traçar um padrão recorrente nos resultados: o gap de gênero nas intenções de voto para o candidato Jair Bolsonaro.

De acordo com a mais recente pesquisa do Datafolha, 30% dos homens e 29% das mulheres declaram intenção de voto em Lula, um gap de gênero de um ponto percentual, enquanto 20% dos homens e 18% das mulheres declaram intenção de voto em Bolsonaro, um gap de gênero de 12 pontos percentuais (pp). O gap de gênero nas intenções de voto também está presente nas mais recentes pesquisas do Modal Mais (17,9 pp), Instituto Paraná (11,5 pp), PoderData (8 pp), BTG (12 pp), Genial (11 pp) e Ipespe (12 pp).

Se de um lado é evidente que as mulheres estão menos inclinadas a votar em Bolsonaro, também é verdade que elas fazem parte de um eleitorado mais indeciso: pelo Datafolha, 25% dos homens e 30% das mulheres não sabem em quem irão votar. Os números indicam que o gap de gênero nas intenções de voto —seja para Bolsonaro, seja na indefinição da escolha— é uma novidade que deve passar a ser explorada nas campanhas dos principais presidenciáveis.

O gap de gênero nas intenções de voto é fenômeno recente na democracia brasileira. Desde 1989, a primeira eleição após a redemocratização do país, todos os principais candidatos à Presidência receberam apoio semelhante entre os gêneros. Inclusive em eleições disputadas por candidatas mulheres, como nas duas vitórias de Dilma Rousseff. Mas, em 2018, pesquisa realizada pelo Datafolha às vésperas do segundo turno (25/10/18) indicava que 55% dos homens e 42% das mulheres votariam em Bolsonaro, um gap de 13 pontos percentuais. Naquele ano, Bolsonaro levou as eleições devido à vantagem de votos que teve no Sul e no Sudeste, apesar do gap de gênero.

O que então explica essa nova postura do eleitorado feminino brasileiro? O menor interesse das mulheres pela política terá tornado indecisas? Ou há maior demanda das mulheres por políticas assistenciais —uma bandeira tradicionalmente associada à agenda de esquerda?

Nenhuma dessas hipóteses convence: hoje as mulheres são a maioria do eleitorado e comparecem às urnas em maior proporção que os homens. Além disso, a votação em partidos de esquerda pelas mulheres ocorre em todos os extratos de renda e escolaridade, e políticas assistenciais vêm sendo praticadas por governos dos mais variados espectros ideológicos, a exemplo do Auxílio Brasil no atual governo. Muito mais interessante é a perspectiva apresentada por Cascio e Shenhav em "A Century of the American Women Voter".

Para elas, não foram as mulheres que mudaram. Mas sim os partidos políticos e a pauta e forma de seus candidatos, com marcada posição sobre os direitos das mulheres e às pautas de gênero. Em 1980, o Partido Republicano dos EUA, sob o comando de Reagan, abraçou uma série de posições anti-aborto e contra a cláusula constitucional de igualdade de direitos, inaugurando o gap de gênero nas intenções de voto da democracia americana.

Aqui no Brasil, esquerda e direita nunca tiveram posições marcadamente antagônicas com relação ao papel das mulheres na sociedade. Ao contrário, a total ausência de planejamento do governo em pautas direcionadas ao eleitorado feminino ao longo das últimas décadas é coerente com um perfil de votação que independe do gênero.

Diversos temas sensíveis, como aborto ou licenças parentais compartilhadas, são assuntos não nomeados por nenhum candidato em passado recente.

Até 2018, Bolsonaro iniciou no país uma discussão francamente aberta sobre como ele vê o papel da mulher na sociedade, se tornando grande responsável pelo gap de gênero nas intenções de voto que surgiu no Brasil.

Em 2022, o cenário será diferente.

A conquista do eleitorado feminino se tornou peça-chave para a vitória, em eleição polarizada e disputada voto a voto. Restam poucas dúvidas de que, desta vez, o próximo presidente do Brasil será decidido pelo eleitorado feminino.

DOM Samuel Pessôa | SEG Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos | TER Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI Gida Berto, Solange Srour | SEX Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Não consigo gastar tudo, por mais criativo que seja, diz CEO do Nubank

David Vélez e Elie Horn, da Cyrela, doarão maior parte de suas fortunas e esperam mais adesões a pacto

Eliane Trindade

SÃO PAULO "No ano passado, o valor da empresa ficou enorme. Um dia, você acorda e pensa: Nossa, o que a gente faz com essas ações? É muito dinheiro. Não precisamos, não temos uma vida de luxos."

O relato é de David Vélez, 40, sobre as inquietações ao ingressar no rol de bilionários da nova economia, como sócio-fundador e CEO (presidente-executivo) do Nubank, fintech de serviços financeiros digitais.

Um despertar marcado por lances grandiosos em 2021. Em 8 de dezembro, o unicórnio fundado pelo colombiano em 2013 estreava na Bolsa de Nova York valendo US$ 41,5 bilhões.

O IPO, venda pública de ações, fez do banco digital brasileiro o mais valioso da América Latina, à frente de gigantes como Itaú e Bradesco.

Segundo Vélez, parecia ambição absurda construir um banco do zero no Brasil, depois de brigar com o gerente de uma agência de uma instituição tradicional na Faria Lima. "Parecia impossível ter mais concorrentes entre os agentes financeiros e incluir milhões de pessoas nesse setor."

Decidiu empreender deixando uma carreira bem-sucedida de executivo. "Estamos no oitavo para o nono ano da história do Nubank. O crescimento foi muito mais rápido do que imaginamos. Ninguém esperava chegar a quase 50 milhões de clientes", diz Vélez.

Cinco meses antes do IPO, em 11 de agosto de 2021, ele e a mulher, a economista peruana Mariel Reyes, 41, haviam aderido ao The Giving Pledge, encabeçado por Bill Gates e Warren Buffett.

Tornaram-se assim signatários de um pacto, já firmado por 231 bilionários de 28 países desde 2010, de destinar pelo menos metade de suas fortunas para causas sociais ao longo da vida.

Mesmo compromisso público assumido em 2014 por Elie Horn, 77, fundador da Cyrela, e sua mulher, Susy, 66, que se comprometeram a doar 60% de um patrimônio avaliado em US$ 1,3 bilhão.

"É o teste que Deus está colocando para a gente. O que fazer com isso? As ações subiram 30 vezes da noite para o dia" afirma Horn, sobre o processo de abertura de capital, em 2005, que elevou o valor da construtora e incorporadora em 480%, chegando a R$ 5,6 bilhões.

Os dois empresários e suas mulheres se reuniram em um bate-papo virtual "Filantropia como Escolha de Vida", 3ª edição dos Diálogos do Movimento Bem Maior para inspirar outros bilionários brasileiros.

A Folha teve acesso com exclusividade à conversa mediada pela empreendedora social Monique Evelle. O vídeo estará disponível no canal do YouTube do movimento a partir das 11h desta terça-feira (29).

Ao longo de 50 minutos, os dois casais pioneiros falam de valores e desejos que os movem nessa jornada de criar mais impacto social como resultado do sucesso empresarial que galgaram.

"Depois de ler muitos livros de filantropos, chegamos à conclusão de que era uma responsabilidade e também oportunidade ser estratégico no uso desse dinheiro, e gastá-lo do melhor jeito nas próximas cinco décadas", diz Vélez.

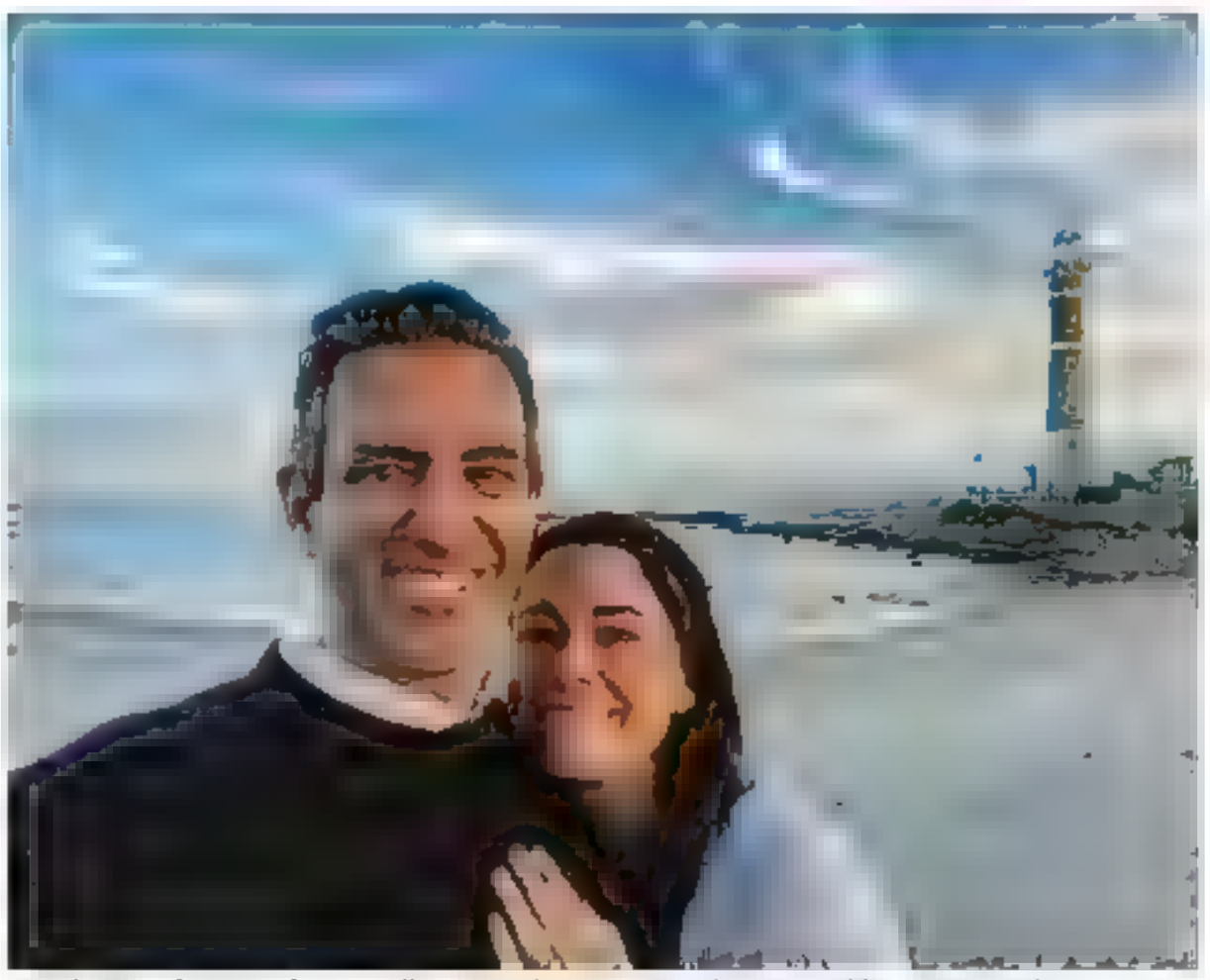
Uma inspiração foi a biografia "The Billionaire Who Wasn't" (O Bilionário que Não Era, em tradução livre), que narra a trajetória de Chuck Feeney, cofundador do Duty Free Shoppers Group.

O americano criou uma fundação, a The Atlantic Philanthropies, pela qual doou toda sua fortuna, estimada em US$ 8 bilhões.

"Ele é fantástico" afirma Horn, que ouviu uma fala do filantropo em um encontro do Giving Pledge em San Francisco, nos EUA. "Esse senhor é um exemplo para nós todos."

"É incredutável o impacto que ele criou. Eu o livro e pensei: essa é a vida que eu quero viver" conta o colombiano. "Feeney gastou o dinheiro todo que ganhou em hospitais e universidades nos EUA Unidos, na Irlanda e no Vietnã. Uma grande influência para doar em vida e começar rápido."

Para enveredar por esse caminho, Vélez e a mulher estão criando uma plataforma filantrópica familiar, em fase de montagem de equipe e estratégia, com foco em criar oportunidades para crianças e jovens latino-americanos vulneráveis e desfavorecidos.



David Vélez, do Nubank, e a mulher, Mariel Reyes, que aderiram ao The Giving Pledge Divulgação

> Antes talvez a definição de sucesso fosse estar na lista da 'Forbes'. A ideia era ser o mais rico possível. Agora isso começa a mudar. Sucesso vai ser gerar muito valor para si mesmo e para a sociedade. Sou otimista
>
> **David Vélez**
> cofundador e presidente-executivo do Nubank

Ex-funcionária do Banco Mundial, Mariel é fundadora e CEO da (reprograma), startup social sediada no Brasil que treina mulheres marginalizadas em programação e as apoia na inserção no mercado de tecnologia.

Já os Horn investem em causas como combate à violência sexual contra crianças e adolescentes e fortalecimento da cultura de doação no Brasil via Instituto Liberta e Movimento Bem Maior, iniciativas criadas após a adesão ao Giving Pledge.

Além de terem em comum o fato de serem imigrantes que fizeram fortuna no Brasil, todos vêm de famílias com tradição na filantropia.

"Quando morreu, meu pai tinha pouco, mas doou 100% para caridade. Foi o melhor mentor que tive na vida. Me ensinou o caminho a seguir" diz Elie, judeu nascido na Síria que chegou bebê a São Paulo.

Mariel conta que os avós eram missionários metodistas que trabalhavam com refugiados. Moraram no Vietnã, na Jamaica, em Cuba.

"Meus pais sempre deram importância à consciência social. Estamos no mundo para deixar uma marca e ajudar aqueles que não tiveram oportunidade", diz a peruana. "Depois, conheci esse colombiano maravilhoso que compartilha esse valor de devolver."

Criado na Costa Rica, para onde a família se mudou quando tinha oito anos fugindo da violência na Colômbia no fim dos anos 1980, Vélez diz que a visão de responsabilidade social vem de berço.

"Esse sempre foi um valor muito grande, cultural. Cresci sentido que tinha responsabilidade com a comunidade, em fazer o bem e ter impacto na vida das pessoas."

Especialmente em um contexto de enorme desigualdade social. "O grande problema é a desigualdade de oportunidades. No Brasil e na América Latina, seu lugar e condição de nascimento ditam sua trajetória de vida. Isso é muito injusto. Ninguém escolhe onde nascer."

Nascida no Chile e radicada no Brasil há 44 anos, para onde se mudou ao se casar, Susy também fala do choque de riqueza. "Quando fizemos o IPO entrou tanto dinheiro que nem imaginava. A maior bênção foi que meus filhos apoiaram desde o início. Ver que eles estão indo pelo mesmo caminho é uma enorme alegria."

Os Horn têm três filhos adultos, enquanto David e Mariel são pais de quatro crianças, uma recém-nascida.

"Chegamos à conclusão de que deixar muito dinheiro para os filhos é um estrago. O que nos traz felicidade e satisfação são situações em que tivemos de brigar e trabalhar duro para alcançar" diz Vélez.

"Dar um cheque em branco para os filhos e tirar esse senso de superação da mesa. É criar uma vida sem obstáculos e oportunidade de construir um caráter forte."

Outros sentimentos a nortear o caminho da filantropia são a finitude e o legado, pontua o cofundador do Nubank.

"Por mais dinheiro que se tenha, ninguém ainda achou a cura da morte. Todos temos um fim, e não se leva nada. Não vou conseguir gastar todo esse dinheiro, por mais criativo que seja, e bilionários são criativos."

Comprar um jato de milhões não vai gerar felicidade adicional, argumenta Vélez.

"Como sociedade, é melhor investir em pessoas que vão melhor utilizar esse dinheiro do que deixar em uma conta em banco rendendo juros."

A filantropia também virou causa. Os casais esperam que o exemplo sirva de estímulo para mais adesões ao Giving Pledge. "Elie e eu éramos discretos, mas temos de contar a nossa história para outros se inspirarem", diz Susy.

Para a chilena, o compromisso de doação assinado por Vélez e Mariel é ainda mais poderoso do que o dela e de Elie, já aposentados. "Principalmente por ser um casal jovem e abrir mão da fortuna nessa etapa da vida. É exemplo um milhão de vezes mais forte."

Horn diz que já tentou convencer muitos outros bilionários, sem sucesso até o momento, mas não pretende desistir.

E dá um conselho: "Aprendi um truque contra mim mesmo. A partir do momento em que decidi doar 60%, aquele dinheiro não é mais meu, mas de terceiros. Então, sai do bolso com mais facilidade. Comigo funcionou. Passei a ser gestor, não mais proprietário."

Vélez se diz surpreso com a quantidade de empreendedores de outros unicórnios e empresários que o procuraram após o anúncio da adesão ao Giving Pledge.

"Antes talvez a definição de sucesso fosse estar na lista da 'Forbes'. A ideia era ser o mais rico possível. Agora isso começa a mudar. Sucesso vai ser gerar muito valor para si mesmo e para a sociedade. Sou otimista."

Escolhido por ser pastor, Milton Ribeiro fez gestão ideológica no MEC

Ministro da Educação foi exonerado nesta segunda (28) após suspeitas de corrupção na pasta

Nathalia Garcia e Paulo Saldaña

BRASÍLIA Nomeado como ministro da Educação por sua formação religiosa, o pastor Milton Ribeiro foi exonerado nesta segunda-feira (28) após denúncias de privilegiar pastores em um esquema informal de obtenção de verbas do MEC (Ministério da Educação).

Áudio revelado pela Folha mostrou o ministro falando em priorizar os amigos de um dos pastores e que isso seria um pedido do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Ribeiro chegou para comandar a pasta em 10 de julho de 2020, em aceno de Bolsonaro à ala evangélica que apoia o governo.

Pastor da Igreja Presbiteriana Jardim de Oração de Santos, litoral de São Paulo, e teólogo, Ribeiro foi escolhido para substituir Abraham Weintraub, depois que a indicação de Carlos Alberto Decotelli para o cargo não vingou por inconsistências no currículo.

O apoio do hoje ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) André Mendonça foi crucial para o convite feito a Ribeiro, apesar de sua falta de experiência em políticas públicas. Na época, Mendonça, que é pastor presbiteriano, era ministro da Justiça.

Ribeiro chegou ao MEC em um cenário crítico em meio ao fechamento das escolas devido à pandemia de Covid-19 e, quando assumiu, sequer conhecia a dimensão da pasta.

Foi visto como um ministro decorativo nos primeiros meses de sua gestão, privilegiando viagens e agendas com o presidente Jair Bolsonaro sem relação com a área. Até então, pouco tinha se envolvido nos temas do MEC.

Com o passar do tempo, Ribeiro foi se aproximando de políticos do centrão e intensificando o discurso ideológico, marca do bolsonarismo na área da educação.

Milton Ribeiro, no telão, em culto na Igreja Jardim de Oração, em Santos (SP)

Em junho de 2021, Ribeiro disse que pretendia analisar pessoalmente as questões do Enem para fazer um filtro ideológico no exame. Após repercussão negativa, recuou.

Mas, uma semana mais tarde, quis criar um "tribunal ideológico" do exame. O MEC preparava a criação de uma comissão permanente para revisão ideológica do Enem.

Uma portaria do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) falava em não permitir "questões subjetivas" e atenção a "valores morais". Na Comissão de Educação da Câmara, entretanto, Ribeiro mentiu ao dizer que a iniciativa nunca teria existido.

Sua gestão também foi marcada pela omissão do MEC no apoio a estados e municípios durante a pandemia de Covid-19, sem uma coordenação federal para garantir, entre outras coisas, conectividade para alunos e plataformas educacionais.

Coube ao Congresso derrubar o veto do presidente Jair Bolsonaro a um projeto de lei que previa o repasse de cerca de R$ 3,5 bilhões da União para que estados melhorassem a internet e a conectividade de escolas públicas do ensino básico, durante a pandemia.

A única iniciativa efetiva do MEC na educação básica foi o incremento de cerca de R$ 600 milhões no programa que repassa dinheiro para as escolas, em apoio à volta às aulas, depois de mais de seis meses do fechamento das instituições.

Falhas em transferências também marcaram a gestão de Milton Ribeiro à frente do MEC. Em março de 2021, o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) repassou equivocadamente R$ 766 milhões do Fundeb (principal mecanismo de financiamento da educação básica), causando prejuízo aos cofres da União.

Três estados e respectivos municípios receberam dinheiro a mais do que lhes eram devidos e, seis, a menos. Isso causou uma perda para o FNDE de, ao menos, R$ 1,3 milhão, segundo documentos obtidos pela Folha. Pelas redes sociais, Ribeiro minimizou a falha.

O caso sobre o balcão de negócios no MEC, que, segundo prefeitos, seria operado pelos pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, não é a primeira suspeita envolvendo o nome de Ribeiro e de outros evangélicos.

Em maio de 2021, a Folha revelou que o ministro atuou a favor de um centro universitário privado suspeito de fraude no Enade 2019 (exame de avaliação do ensino superior). A Unifil, de Londrina (PR), é presbiteriana, assim como o ministro. Ribeiro protelou o envio do caso à Polícia Federal, como preconizava a área técnica do MEC.

Em nome do ministro, o secretário-executivo da pasta, Victor Godoy Veiga, teria dado um recado a lideranças do Inep de que haveria demissões caso chegassem à PF indícios de fraude na faculdade ligada a pastores aliados.

Na época, a informação foi confirmada à Folha por três pessoas do alto escalão envolvidas com o tema.

As polêmicas não pararam por aí. Em janeiro deste ano, Ribeiro foi denunciado pela PGR (Procuradoria-Geral da República) ao STF (Supremo Tribunal Federal) pela prática do crime de homofobia. Em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, Ribeiro disse que a homossexualidade não seria normal e atribuiu sua ocorrência a "famílias desajustadas".

O então ministro chegou a se desculpar pelas declarações, mas posteriormente ironizou o processo. Não foi a única vez que Ribeiro expôs opiniões que associam negatividade à comunidade LGBTQIA+. O pastor já disse também que não ia permitir "ensinar coisa errada" nas escolas ao mencionar questões de gênero.

Ribeiro é o terceiro ministro de Bolsonaro a deixar o cargo em meio a crise e críticas por ter realizado poucas ações à frente do ministério.

O pastor substituiu Abraham Weintraub, que foi demitido por Bolsonaro em junho de 2020, após atacar ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) e chamá-los de "vagabundos". O presidente resistiu a demiti-lo. Weintraub também foi alvo do inquérito das fake news, que tramitou no Supremo, e ainda de uma investigação no tribunal por racismo por ter publicado um comentário sobre a China.

Antes dele, o MEC foi comandado pelo colombiano Ricardo Vélez Rodrigues que ficou no cargo por apenas quatro meses. Indicado por Olavo de Carvalho, Vélez foi demitido após meses de paralisia na pasta e disputas internas entre seus nomeados.

R$ 1,3 milhão
Foi a perda causada para o FNDE depois que três estados e respectivos municípios receberam dinheiro a mais do que lhes eram devidos e, seis, a menos

Leia mais sobre Milton Ribeiro em Política, na pág. A4

Ministro ilustra um governo que mistura descaso com mitomania

ANÁLISE

João Marcelo Borges

Pesquisador do Centro de Gestão Pública e Políticas Educacionais da FGV. Foi diretor de Estratégia Política do Todos Pela Educação e especialista em educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento

Milton Ribeiro tomou posse no Ministério da Educação (MEC) em 16 de julho de 2020, na esteira de uma crise institucional deflagrada pela divulgação da reunião ministerial em que o então ministro da pasta, Abraham Weintraub, sugerira ao presidente da República e a seus colegas de gabinete "botar todos esses vagabundos na cadeia, começando no Supremo Tribunal Federal".

Weintraub reclamava que Brasília gera distanciamento e alienação por parte dos detentores do poder político em relação aos problemas das pessoas comuns, isso enquanto discursava diante de um telão com propaganda do governo federal na qual figuravam apenas crianças brancas e loiras. Tratava-se de peça publicitária do programa Pró-Brasil, uma iniciativa gestada na Casa Civil, então ocupada pelo general Braga Netto, para promover investimentos estatais como forma de reaquecer a economia.

Essa breve lembrança da ascensão de Ribeiro ao MEC, creio, ilustra de maneira sintética a gestão do presidente Bolsonaro em todas as áreas do governo: uma mistura de descaso com mitomania, de teoria conspiratória com ignorância, de autoritarismo com incompetência, de anúncios espalhafatosos com a inoperância.

Doutor em educação pela Universidade de São Paulo e ex-reitor em exercício da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Milton Ribeiro não possuía experiência em ou conhecimento de políticas públicas educacionais quando assumiu o MEC. Assim como seus antecessores, ele não foi escolhido para o cargo por suas credenciais profissionais, mas sim por atributos pessoais valorizados por Bolsonaro: a submissão ao chefe, o uso instrumental da religião, o falso moralismo e, por que não dizer, certa predileção por ferir os mais vulneráveis.

O mais longevo dos ministros da Educação do governo Bolsonaro colecionou declarações absurdas em sua passagem pela pasta. Ainda antes de tomar posse, emergiu um vídeo do então pastor Milton Ribeiro defendendo o castigo físico em crianças como medida necessária para a cura. "Não importa", diziam os defensores de Ribeiro, "pois nessa fala ele estava na função de pastor e não de autoridade governamental".

Conquanto seja inegável que é possível separar convicções religiosas da ação profissional, essa separação é dificultada, senão desincentivada, por um governo que usa a religião como instrumento — quer para promover uma disputa entre "o bem e o mal" como alardeou Bolsonaro no último fim de semana, quer para autopromoção, como o fez Milton Ribeiro, já enquanto ministro, ao permitir que Bíblias Sagradas contendo suas fotos fossem distribuídas.

Quando tomou posse, as instituições de ensino brasileiras estavam há três meses sem aulas presenciais em função da pandemia de Covid-19 e o quadro sanitário piorava diariamente. Àquela altura, a experiência internacional e os especialistas em saúde pública já alertavam para um período longo de restrições por causa da pandemia. Nunca tantos alunos, profissionais da educação e instituições públicas e privadas de ensino precisaram tanto de um MEC competente, ágil, disposto a ouvir e a agir, a coordenar e negociar, a inovar e a apoiar a preservação do que já conquistamos. Nunca, também, o Ministério da Educação faltou-lhes tanto.

Enquanto autoridades nacionais de educação no mundo inteiro batalhavam por mais investimentos em suas áreas, esforçavam-se para construir soluções emergenciais rápidas, ainda que incertas em sua eficácia, para tentar mitigar os efeitos imediatos da pandemia, bem como buscavam construir confiança entre os diversos agentes do setor educacional, Milton Ribeiro restringia-se a exigir o retorno imediato das aulas presenciais na educação básica, sem jamais ter conseguido fazer isso sequer na rede federal de ensino que, mal ou bem, é atribuição direta do MEC (a despeito da autonomia universitária).

Enquanto as desigualdades educacionais aumentavam no Brasil, com milhões de alunos sem aula remota ou sequer acesso a materiais impressos, Ribeiro ocupava-se em atuar contra um projeto de lei construído pela bancada da educação do Congresso Nacional para oferecer dispositivos e conectividade aos estudantes mais pobres do país.

Impedir o acesso à educação e despreocupar-se com sua qualidade eram, infelizmente, atitudes esperadas de Milton Ribeiro. Afinal, ele mesmo reconheceu que, em sua visão, o ensino superior é para uma "elite", algo que um ministro jamais poderia defender em um país no qual menos de 20% das pessoas com idade entre 25 e 34 anos possui um diploma.

Por outro lado, assim como Quincas Berro D'Água teve duas mortes, é preciso reconhecer dois MECs nesses últimos vinte meses. Na gestão de Milton Ribeiro, para a sociedade, o que vimos foram a violência nas palavras, a omissão, o elitismo, a homofobia travestida de moralismo falso, o cristianismo instrumentalizado e, mais recentemente, suspeitas de improbidade.

Dentro do MEC, contudo, e graças aos esforços dos quadros técnicos do ministério, também foram gestadas boas iniciativas nesse período. Com efeito, a plataforma construída para apoiar redes públicas de educação básica na retomada das aulas presenciais é muito boa, mas chegou com mais de um ano de atraso. O empréstimo recentemente aprovado pelo Banco Mundial para aprimorar a qualidade dos anos finais do ensino fundamental nas regiões Norte e Nordeste também é um passo na direção correta.

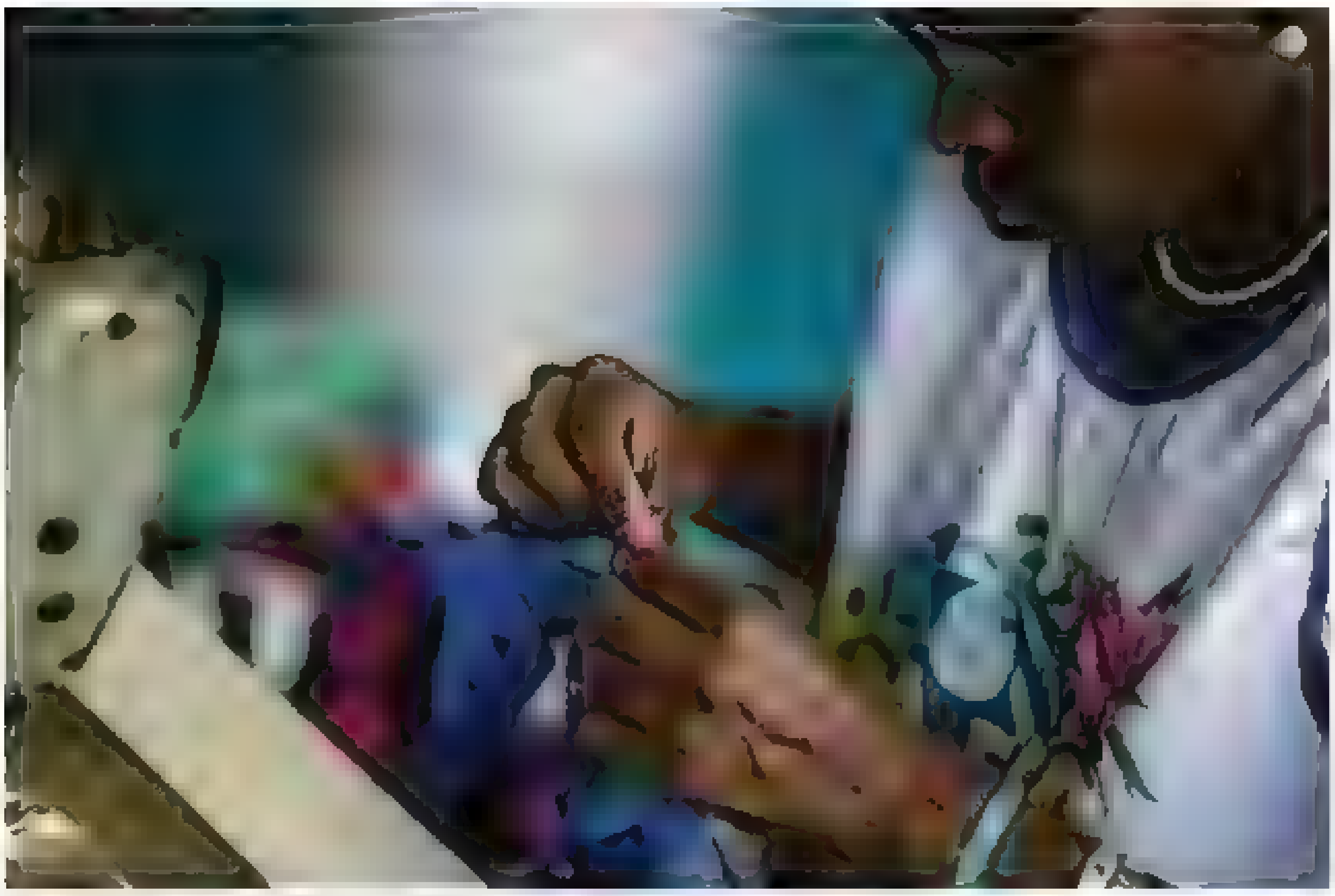
> [...]
> Na gestão de Milton Ribeiro, para a sociedade, o que vimos foram a violência nas palavras, a omissão, o elitismo, a homofobia travestida de moralismo falso, o cristianismo instrumentalizado

Por que poucas pessoas conhecem essas iniciativas, mesmo no campo da educação? Porque elas foram desenvolvidas a despeito de Milton Ribeiro. O melhor que ele fez nesses casos foi não atrapalhar — ou atrapalhar pouco. Não se envolveu, não deu visibilidade e nem usou seu cargo para liderar o país em torno do maior desafio educacional de nossa história. Por isso, é bem provável que essas iniciativas tenham pouco efeito prático nas redes de ensino.

A personagem de Jorge Amado pôde desfrutar de uma noitada com os amigos antes de se jogar no mar e morrer pela segunda vez. Milton Ribeiro não teve essa grandeza. Empossado para dar fim a uma crise institucional, ele sai deixando no colo do presidente da República outra crise, agora política. O pastor Milton Ribeiro certamente não se queixará, afinal, para ele, a "correção" necessária para a cura requer "severidade, rigor... deve sentir dor". Entrou desconhecido, destacou-se como reacionário e sai sob suspeita de improbidade. Parabéns aos envolvidos!

Desfiles da Sapucaí já estão à espera do Carnaval adiado

Tempo extra fez escolas de samba terminarem arranjos mais cedo neste ano



Funcionária trabalha em fantasia da escola de samba Beija-Flor, no Rio Eduardo Anizelli/Folhapress

Júlia Barbon e Matheus Rocha

RIO DE JANEIRO O refrão do samba-enredo ecoa baixo no silêncio do barracão enquanto quatro ou cinco homens colam as últimas tiras de dourado na traseira do carro alegórico enorme e avermelhado. O burburinho habitual já não existe mais.

"Isso aqui a essa hora seria pluma e paetê para todo lado", diz o aderecista Júnior Fernandes, 30. Ele conhece bem o ritmo da Beija-Flor, escola onde trabalha desde adolescente. "Antes a gente tinha que se virar nos 30", relembra.

Falta pouco menos de um mês para o Carnaval, mas neste ano a festa chegou atrasada. Por isso, a esta altura, os galpões onde as agremiações produzem seus desfiles já se esvaziaram de funcionários, que agora cuidam dos últimos detalhes da "perfumaria".

Em tempos normais, o prazo é apertado e as apresentações só costumam ficar prontas na semana em que as escolas colocam o pé na avenida. O objetivo desta vez, porém, é encobrir as alegorias e fechar os galpões da Cidade do Samba, na zona portuária do Rio de Janeiro, de 7 a 15 dias antes.

"Tem agremiação que até já terminou. "Como nos preparamos para fevereiro, já deixamos tudo praticamente pronto e lacramos o barracão", diz Tarcísio Zanon, carnavalesco da Viradouro, última campeã do Sambódromo da Marquês de Sapucaí, em 2020.

Ao lado de Marcus Ferreira, ele assume o enredo "Não Há Tristeza Que Possa Suportar Tanta Alegria", que promete contar a história do Carnaval de 1919, o primeiro depois da gripe espanhola e considerado o maior de todos os tempos, num paralelo com a pandemia do coronavírus.

O único elemento que falta é a comissão de frente, que precisa ensaiar de forma constante—o que desgasta a pintura e a cola dos elementos alegóricos. "E estamos fazendo uma revisão nas fantasias, porque não estávamos preparados para esse último adiamento", explica Zanon.

Há pouco mais de dois meses, quando as escolas já estavam a todo vapor, os prefeitos Eduardo Paes (PSD) e Ricardo Nunes (MDB) anunciaram em conjunto uma nova remarcação dos desfiles carioca e paulistano para 22 e 23 de abril, por conta da explosão de casos da variante ômicron.

Na Salgueiro, a soma de mais de dois anos de preparação permitiu que o carnavalesco Alex de Souza redesenhasse todas as fantasias, uma a uma. "Eu tive uma visão do enredo e depois pensei: não, acho que posso ir por outro caminho. Foi a primeira vez na vida que pude fazer isso", conta.

Ele inicialmente imaginou o enredo "Resistência"—que vai retratar territórios importantes para a cultura negra da cidade do Rio de Janeiro—de forma mais "crua e teatral", mas depois resolveu trazer "o lado mais espetáculo da coisa".

O prazo mais extenso também fez bem ao figurinista Fábio Santos, 42, da Beija-Flor. "Para a minha área, que é a criação, a calmaria é muito mais funcional do que o tumulto em si. Posso pensar mais", afirma ele, estranhando o vazio do ateliê no andar de cima do barracão, que agora só tem 12 dos 80 artesãos habituais.

Se, por um lado, o tempo extra trouxe mais tranquilidade, por outro trouxe ansiedade e desânimo. "As pessoas já estavam exaustas psicologicamente, tivemos que dar uma injeção de ânimo para continuarem acreditando", diz o carnavalesco da Unidos de Vila Isabel, Edson Pereira, lembrando que muita gente temeu um novo cancelamento da festa.

A demora trouxe ainda o cuidado redobrado com a manutenção dos materiais. Calor, maresia, poeira e até fezes de pombo ameaçam meses de trabalho nos galpões. Assim, as metálicas, por exemplo, oxidam facilmente. "É a beira do porto do Rio", aponta Zanon, da Viradouro.

"Tivemos que reforçar a cola para que não derreta e descole", detalha também o aderecista Júnior, em frente a um imenso carro branco da Beija-Flor protegido por uma lona preta—uma das alegorias, que vão retratar a contribuição intelectual negra para a construção do Brasil.

Os dois anos de pandemia exigiram das escolas driblar outro desafio: um mercado escasso e portanto extremamente caro das matérias-primas de Carnaval, em grande parte importadas da China e de outros países.

"A saída foi trabalhar com tecidos que são produzidos aqui, como cetim e oxford [mistura de algodão e elastano ou poliéster], e estampas próprias. A gente esperava essa baixa do mercado e se programou", explica o diretor de criação da escola de Nilópolis, André Rocha.

"Onde entra a dificuldade entra a criatividade", concorda Pereira, da Vila Isabel. Segundo ele, mais do que triplicou o preço de materiais como ferro, madeira e isopor, que vem do petróleo, sem contar a alta no valor do transporte e da mão de obra.

Muitos dos que viviam de Carnaval precisaram se reinventar e buscar outras fontes de renda durante a crise e acabaram não voltando em meio à incerteza dos desfiles, o que reduziu as equipes. Júnior, que coordenava a decoração de uma alegoria, teve que assumir três.

Além do baque econômico, a Vila Isabel sentiu o golpe da pandemia diretamente no seu enredo. Vai desfilar na avenida a história de Martinho da Vila, ícone da escola, tema aguardado por muitos membros veteranos da comunidade que se foram com a doença.

"Foi muito difícil mesmo equilibrar esse sentimento. Eles vão ser homenageados em vários momentos", conta Pereira. "O verso 'canta forte camarada que a vida vai melhorar' é justamente para dar esperança à nossa gente. Hoje o clima é de muita vontade, garra, desejo de que esse Carnaval aconteça", afirma.

Colégio homenageia alunos que salvaram colega esfaqueada

Mariana Zylberkan

SÃO PAULO Dois alunos foram homenageados nesta segunda (28) por reagirem para salvar a colega atacada por outro aluno a facadas na sala de aula da 8ª série do colégio Floresta, na zona leste de São Paulo.

Na última terça (22), um aluno de 12 anos golpeou oito vezes a colega de classe da mesma idade no intervalo entre as aulas, quando não havia professores presentes. Segundo a diretora da escola, Eloisa Maria Otavia Garcia, na hora do ataque, dois alunos se levantaram para ajudar a vítima.

Um deles segurou o braço do agressor e pediu a outro que o atingisse com a carteira para impedir novos golpes. Enquanto isso, uma aluna usou sua blusa para estancar o sangue da vítima, e logo apareceram dois professores.

Os dois estudantes de 12 anos foram aplaudidos e ganharam medalha em cerimônia que reuniu pais e alunos na volta às aulas após o ataque. Um deles foi ferido, mas passa bem.

"O que aconteceu foi uma fatalidade. O aluno nunca teve problema de agressividade e era um estudante exemplar", afirmou a diretora.

Ela, também dona da escola, conta que estava em uma reunião quando foi abordada por uma funcionária em prantos. "Vi um dos professores com a aluna no colo. Outro professor estava ao lado com o jaleco todo ensanguentado. Colocamos ela no carro e chegamos ao hospital Ermelino Matarazzo em quatro minutos", conta.

No trajeto, a aluna dizia que fora atingida por uma caneta e não sabia que era uma faca, pois fora atacada pelas costas. "Pelo sangramento, eu sabia que não tinha sido uma caneta, mas nunca pensei ter sido uma faca", disse a diretora.

"O socorro foi muito rápido e isso foi crucial para salvar a minha filha", diz Gady Xavier Nascimento, mãe da vítima.

Emocionada, ela agradeceu pelo apoio recebido da escola e dos demais pais durante a cerimônia desta segunda-feira.

Recuperada e em casa desde sábado (26), quando teve alta do hospital, a estudante ainda não decidiu se seguirá no mesmo colégio, disse a mãe. Caçula de quatro filhos, a menina é a quarta integrante da família a estudar no colégio Floresta, que frequenta desde os 4 anos.

A vítima e o colega agressor conviviam desde o fim de janeiro, quando foram retomadas as aulas presenciais na escola.

> Não sabemos o que aconteceu. Não podemos imaginar que só porque um aluno é tímido é porque tem problemas
>
> **Eloisa Maria Otavia Garcia**
> diretora do colégio Floresta

"Não sabemos o que aconteceu", disse Eloisa. "Não podemos imaginar que só porque um aluno é tímido é porque tem problemas", continuou.

As crianças que presenciaram o ataque terão acompanhamento psicológico. "Ficaram dois anos em casa presas a redes sociais e jogos. Não sabemos até que ponto foram influenciadas", disse a diretora.

A advogada da escola, Luciana Swab, disse que o agressor está internado na Fundação Casa, sem receber visitas.

A Fundação disse que ele está em quarentena de 14 dias, "padrão para todos os internos por conta da pandemia da Covid-19", quando não pode receber visitas. O contato com o pai se dá por telefone, segundo a instituição.

Na audiência de custódia, o juiz determinou internação provisória, de até 45 dias. Depois, nova audiência será marcada e, se condenado à internação, só poderá deixar a Fundação Casa após 3 anos.

Em carta ao grupo de pais da escola, o pai do agressor agradeceu o apoio ao filho "mesmo sabendo que fez uma coisa muito errada" e pediu desculpas por não ter "percebido alteração de comportamento".

A mãe da aluna atacada é assistente social em um posto de saúde e, até pouco antes do ataque, atuava em um grupo de apoio a vítimas de violência.

"Eu pedi para sair do grupo e hoje sei que Deus estava me preparando para não estar tão fragilizada neste momento, para lidar com essa situação com a minha filha", diz.

Ela também nega que a filha fizesse bullying contra o agressor, versão do aluno à polícia.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Idealizou e fundou a 'Disneylândia do Sumaré'

ADALBERTO COSTA DE CAMPOS BUENO (1926-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Ver crianças brincando em um espaço público e em segurança era um dos desejos de Adalberto Bueno. O sonho ganhou vida em um terreno particular na esquina das ruas Professor Paulino Longo e Plínio de Morais, no Sumaré, zona oeste da capital paulista.

Em 1969, lá nasceu o Adalbertolândia, um parquinho para a garotada da região. Segundo o próprio Adalberto dizia, "a única 'lândia' que é de graça". O nome foi ideia dos vizinhos e uma surpresa ao idealizador como forma de homenageá-lo.

De sua mente criativa e mãos incansáveis saíram os bancos para acomodarem os pais das crianças e os brinquedos. Os vizinhos ajudaram, seja com doações ou mão de obra.

Talentoso para trabalhos manuais, Adalberto gostava de pintar e de marcenaria. Divertido e engraçado, provocava risos e inventava objetos e brinquedos.

A Copa do Mundo de 1970 foi especial para os moradores da região. "Meu pai fez uma caixinha para colocar uma televisão e todos assistiram juntos. O parquinho deu para a gente não apenas a oportunidade de brincar num lugar seguro, mas proporcionou aos nossos pais e às crianças amizades de uma vida inteira. Gerações cresceram lá", afirma a filha Vivian Bueno, 61, proprietária de uma lavanderia na Califórnia.

Natural de Sorocaba (a 99 km de São Paulo), no interior paulista, Adalberto fez amizades que duraram até o final da vida. Também foi habilidoso no cultivo dos sonhos. Em um deles, o de estudar nos EUA, teve a ajuda do jornalista Assis Chateaubriand, fundador da TV Tupi de São Paulo, que custeou as passagens.

Na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Adalberto estudou publicidade, engenharia química e psicologia. Em 1958, voltou ao Brasil. Em janeiro de 1960, casou-se com Verita Bueno, amiga da namorada do irmão, e foi pai de dois filhos.

"Fazer o bem aos outros reflete em você" era a frase dele. Meu pai se deu para o bem comum, criou para alegrar a vida das crianças e sempre acreditou no trabalho honesto. Ele foi uma pessoa caridosa, comunitária, humana, de coração alegre, ativo, tinha o sorriso sempre estampado no rosto. Faça o bem, faça algo bom para os outros, ele dizia", conta Vivian.

Adalberto morreu dia 19 de março, aos 95 anos, por complicações causadas por infecção urinária. Na ocasião, ele estava com a esposa em São José do Rio Preto (a 438 km da capital paulista). Além dela, Adalberto deixa os filhos Marcos e Vivian e o neto Alexandre.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo
tel. (11) 3396-3800 e central 156, prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos), ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

saúde

654 012 mortes
86 entre domingo e segunda

Damares diz que nota antivacina foi por clima de 'confusão social'

BRASÍLIA A ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos) afirmou nesta segunda-feira (28) que sua pasta emitiu uma nota técnica sobre a vacinação de crianças contra a Covid-19 por haver um clima de "confusão social" e um temor entre os menores de idade de irem viver em abrigos.

As falas ocorreram durante [illegible] tos Humanos do Senado. Ela foi convocada para explicar a polêmica nota e a disponibilização de um disque-denúncia para receber acusações de "discriminação" de cidadãos e [illegible] vacinarem ou vacinarem seus filhos contra a Covid-19.

Damares negou que o Disque 100 tivesse o intuito de receber denúncias. Também disse que a nota técnica foi emitida [illegible] des individuais de quem optasse por não se vacinar ou imunizar seus filhos.

A ministra afirmou que a posição da sua pasta foi tomada somente após manifestação [illegible] sentido. Sem dar maiores explicações, externou um ambiente caótico e de grande apreensão na sociedade com pais temendo perderem as guardas de seus filhos

classificados Para anunciar ou ver mais ofertas acesse a.com.classificados 11 3224-4000

LEILÃO SEA/SC
07/04/2022 14:00
MAIS DE 1.200 TONELADAS DE MATERIAL FERROSO
0800 000 1986
WWW.CLICKLEILOES.COM.BR

folha

ASSINE A FOLHA
folha.com/assine

seminariosfolha
Acesse o site folha.com/seminariosfolha

PUBLICUM

equilíbrio

Pais e avós divergem sobre novas práticas na educação das crianças

Lista do que mudou nos últimos 40 anos inclui alimentação, castigos e os próprios cuidadores

Mariana Versolato

SÃO PAULO O chá e o suco para o bebê estão fora do cardápio, a papinha não deve ser uma misturebа liquidificada e o açúcar só pode ser oferecido depois dos dois anos de idade (e olhe lá). O aleitamento materno e o parto normal recebem mais apoio, com consultoras, doulas e fisioterapia pélvica. As palmadas e outros tantos castigos físicos, antes corriqueiros, viraram objeto de lei e encontram mais resistência, apesar de alguns se vangloriarem da violência por aí.

A lista do que mudou de uma geração para outra, da gravidez à educação, vai longe. E as novas práticas, como era de se esperar, podem causar estranheza, especialmente entre os mais velhos.

Segundo a pediatra e mãe Liana Menezes, que oferece o curso Avós Fora da Caixa para prepará-los para os novos tempos e reduzir eventuais atritos com os pais das crianças, não é que os avós de hoje tenham criado seus filhos errado.

“Eles fizeram o melhor que podiam à luz das informações que tinham. Mas o fato é que a ciência mudou, evoluiu, e eu os convido a se atualizarem”, diz.

“A maior treta é o açúcar, que antes era visto como luxo. Os avós têm essa memória afetiva do doce como recompensa, então hoje, diante da recusa dos pais, às vezes querem dar o doce escondido. Mas quando a pessoa descredibiliza o cuidador principal e pede para a criança esconder algo dos pais, criam-se dois problemas: a exposição em si ao açúcar, e normalizar que haja segredos dos pais nessa idade. A maioria das crianças que sofre abusos não conta aos pais porque o abusador pediu segredo.”

Elisabete Junqueira, criadora do portal Avosidades, com o neto Rafael, 7 Karime Xavier/Folhapress

Presidente do Departamento Científico de Pediatria Ambulatorial da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), Tadeu Fernando Fernandes também vê esse choque cultural cotidianamente.

“Mudou tudo. Antes era OK dar chá, suco com açúcar, comida com sal, e privilegiavam-se os carboidratos. Os nossos problemas eram a desnutrição e as doenças infecciosas. Hoje é a obesidade”, afirma Fernandes.

As mudanças não são só em relação às orientações médicas e à alimentação. Hoje os pais se tornam pais mais velhos, com mais independência financeira e com acesso a uma enxurrada de informações. E os avós se tornam avós mais tarde, com menos netos, ansiosos e sedentos por eles, e, em geral, com vontade de mimá-los e oferecer uma educação menos rígida do que a que receberam.

A editora Elisabete Junqueira é exemplo dessa transformação. Ela diz brincando que foi uma mãe “dinossaura” diante dos novos tempos.

“Naquela época, toda ajuda era bem-vinda. Fui mãe jovem e não tive tempo de ler, de me preparar. Criei meus filhos no padrão da família antiga, em que os avós opinavam e isso era considerado ajuda, e não invasão de privacidade. Quando meu neto mais velho nasceu, percebi que tudo tinha mudado e ninguém tinha me avisado”, diz ela, que criou o site Avosidade há sete anos, para tratar do tema, e vê conflitos de todas as ordens.

Há pais que reclamam de avós muito permissivos, refratários a mudanças ou intrometidos; tem avós que reclamam de filhos muito rígidos, com pouco jogo de cintura, há relações difíceis entre pais e filhos e também entre genros, noras e sogros. O desafio é achar o caminho para a convivência pacífica, que sempre passa pela conversa franca, sem guardar só para si mesmo o que incomoda.

“Os pais precisam deixar claras suas regras, com sinceridade e com afeto, e ver os avós como aliados. E os avós precisam respeitar as decisões dos pais, para que possam curtir muito seus netos sem tirar o protagonismo deles como principais cuidadores. Assim todo mundo ganha, especialmente a criança”, afirma Junqueira.

Menezes, do curso Avós Fora da Caixa, tem mais uma recomendação: “Eu aconselho que os avós perguntem: ‘No meu tempo era desse jeito, ainda se faz assim?’ em vez de impor.”

Ambas discordam da ideia de que o papel dos avós é “estragar” os netos. “Se você deixar a criança comer porcaria e ficar vendo TV, vai ser exceção, avó de datas comemorativas. Os pais não vão confiar em você para fazer parte dos cuidados cotidianos”, diz Menezes.

“Não pode fazer contrabando. Tem que seguir à risca, principalmente nos primeiros anos de vida. O refrigerante não serve pra nada, por que vai dar? Tem avó que me diz ‘mas meus filhos tomaram e estão bem’, e eu falo: ‘que bom que hoje a gente tem mais informações e o seu neto não vai tomar’”, afirma Junqueira.

Para Edna Maria de Albuquerque Diniz, professora do departamento de pediatria da Faculdade de Medicina da USP (Universidade de São Paulo) e avó, enquanto os pais falam “não” o dia inteiro, os avós dizem um pouco mais de “sim” — é verdade —, especialmente quando as crianças já estão um pouco maiores. Mas ela lembra que esse contato tem o potencial de fazer muito bem aos envolvidos.

“Os avós já criaram seus filhos, estão numa fase mais tranquila da vida, e sentem um carinho e um amor incontestáveis pelos netos que é difícil até de descrever”, diz Diniz.

“Avós são porto seguro, são ponto de apoio de ensinamentos e ajudam no desenvolvimento emocional dos netos, que se beneficiam do fato de ter outras pessoas além dos pais que os amam incondicionalmente e de uma forma acolhedora.”

Folha reestreia Equilíbrio, com foco em qualidade de vida e bem-estar

SÃO PAULO Com o objetivo de aprofundar a cobertura sobre bem-estar e qualidade de vida, a Folha reestreia nesta segunda-feira (28) o núcleo editorial Equilíbrio.

As reportagens irão abordar temas como relações familiares e amorosas, cuidados com o corpo e a mente, dicas para manter uma vida saudável, além de notícias sobre beleza e sexo. O leitor também terá à sua disposição conteúdo sobre animais de estimação, com informações para cuidar do bem-estar e da saúde do seu pet.

A editoria contará com textos exclusivos, mas também notícias feitas por parceiros nacionais e internacionais.

Os materiais veiculados pelo novo núcleo editorial serão diversos. Todos os gêneros e tipos corporais encontrarão reportagens que dialoguem com suas necessidades específicas de bem-estar e qualidade de vida. No ambiente online as seções da editoria serão divididas em relacionamentos, sexo, beleza, mente, família, corpo e pet.

Os textos contarão com comentários de especialistas e embasamento científico quando for necessário.

Todos os materiais produzidos terão como base os pilares que norteiam as práticas diárias da Folha, como o espírito crítico, a pluralidade e o apartidarismo.

O núcleo, que será comandado pela jornalista Victoria Damasceno, também irá dialogar com outras áreas do jornal.

Antes vinculado à editoria de Saúde, Equilíbrio se torna novamente um núcleo independente, com conteúdo que incluirá reportagens, colunas, perfis, projetos gráficos e depoimentos.

AVISOS DE LICITAÇÕES

PG SABESP MT 00185/22 - Prestação serviço engenharia para retrofit ... [illegible] ... Edital completo disponível para download a partir de 29/03/2022 www.sabesp.com.br/licitacoes ... [illegible] ... SP 29/03/2022 MT

PG SABESP MT 00131/22 - Prestação de serviços de engenharia para substituição ... [illegible] ... SP 29/03/2022 MT

PG SABESP MT 00316/22 - Aquisição de ... [illegible] ... SP 29/03/2022 MT

PG SABESP CSS 00633/22 - Prestação de Serviços de Ensaios de Ecotoxicidade Crônica com Ceriodaphnia dubia em Efluente Tratado e Água Bruta, para o Departamento de Controle da Qualidade dos Produtos Água e Esgotos - TOQ ... [illegible] ... SP 29/03/2022 (TO) A Diretoria

PRORROGAÇÃO DE DATAS

PG SABESP CSS 00802/22 - Prestação de Serviços de Transporte de Cal Hidratada ... [illegible] ... SP 29/03/22 (CS) A Diretoria

Água. Sabe de nós, não vai faltar.

Sabesp SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

Sopapos no Oscar e fora dele

O que poderia dar uma boa discussão caiu rapido no tabefe virtual

Vera Iaconelli

Diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, autora de "O Mal-estar na Maternidade" e "Criar Filhos no Século XXI". É doutora em psicologia pela USP

A festa de gala acabou se tornando festa de galos, deixando as redes sociais em polvorosa. Will Smith estapeou Chris Rock, depois de o comediante fazer piada com a calvície de Jada Pinkett Smith, companheira do primeiro. Atriz premiada com NAACP 2010 por sua interpretação na série dramática "Hawthorne", Jada sofre de alopecia e preferiu radicalizar raspando a cabeça. A perda dos cabelos não alterou em nada sua beleza estonteante, ainda que não tenha sido por opção.

Havia uma pedra no caminho do vencedor do Oscar de melhor ator e ele não teve dó, chutou com tudo. O humor é um tema caro à psicanálise, sobre o qual Freud discorreu em sua obra-prima "O chiste e sua relação com o inconsciente" (1905), na qual ele desvenda sua dimensão em nossas vidas, como forma de trazer à luz conteúdos inconscientemente recalcados, tornando-os socialmente aceitáveis.

Espécie de tráfico de material tido como condenável, junto com o sintoma, o sonho, o lapso e o ato falho, o humor é uma formação do inconsciente e como tal não se esgota, revelando seu caráter de ganho de consciência e oportunidade libertadora. Mas também, como sabemos, serve de escoadouro do que há de pior em nós. Sob o guarda-chuva da "brincadeirinha", humilhações e francas violências correm soltas.

Chris Rock teve uma atitude abominável, como costuma ser este humor que não visa nenhum ganho de consciência ou reflexão, mas apenas cliques. E, nesse quesito, quanto mais escatológico melhor. Não tenho dúvida de que, junto com algum eventual cancelamento, Rock surfará na onda publicitária que se seguiu ao acontecimento.

Resta saber o que pensar de Will Smith, cuja atitude lavou a alma de todos nós, que assistimos à cerimônia e sentimos vontade de socar o anfitrião, com razão. É de se imaginar o estado de nervos —absolutamente compreensível— de Smith, com os olhos do mundo aguardando para saber se sairia ou não vencedor da noite.

Como bem lembraram Joice Berth e Djamila Ribeiro, as mulheres negras são os sujeitos mais oprimidos e violentados de nossa sociedade e é raríssimo que os homens —negros, inclusive— as defendam, que dirá publicamente. Ponto para Smith, que fez o que desejávamos fazer a milhares de quilômetros de distância.

Mas a forma foi lamentável, dando uma outra camada ao acontecimento, no qual dois homens adultos ultrapassam os limites, respondendo à violência verbal com violência física. Ainda estamos em um momento no qual a mulher, principalmente negra, está tão oprimida e invisibilizada na cena, que só resta aos machos alfa se digladiarem. A coisa só não entornou de vez porque toda a violência de Rock está na língua ferina e ele parece habituado a sair impune apenas recolhendo o gozo de uma plateia que ri até das próprias humilhações.

Quando as mulheres reagem são barraqueiras e histéricas, quando os homens o fazem são nobres e cavalheiros. A cena toda é de uma misoginia exemplar, deixando a vítima estupefata.

Preparada para ver o companheiro brilhar, em uma noite de festa, assumindo publicamente sua calvície na meca da aparência artificial, Jada estava completamente desarmada diante da virulência do apresentador. Ainda assim, reconheceu de imediato o limite ultrapassado, sinalizando com o rosto, enquanto Smith e Lupita Nyong'o continuaram rindo até a ficha cair.

Smith não poderia tê-la defendido falando —como fez depois—, tinha que ser um tabefe mesmo? Afinal, é isso que esperamos dos homens, que sigam resolvendo as questões no muque? Acredito que não, pois o próprio Smith pediu desculpas em seguida.

O único saldo positivo teria sido a oportunidade de refletir sobre violência, racismo e misoginia. No entanto, as opiniões foram polarizadas com acusações mútuas e o onipresente fogo amigo. Resultado: o que poderia trazer um bom diálogo rapidamente sucumbiu à superficialidade e aos sopapos virtuais conhecidos por todos nós.

DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, **Jairo Marques** | QUI. Sergio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

esporte

ESPORTE AO VIVO | 13h Senegal x Egito Eliminatórias, ESPN | 16h45 Portugal x Macedônia do Norte Eliminatórias, TNT | 20h30 Bolívia x Brasil Eliminatórias, Globo e SporTV

Jogadores do Athletico comemoram em jogo pela Recopa Sul-Americana, contra o Palmeiras, na Arena da Baixada, em Curitiba Joka Madruga 23.fev.22/Reuters

Athletico continua a subir no Ranking Folha e passa Coritiba

Com mais um ano produtivo, equipe rubro-negra deixou arquirrival para trás

SÃO PAULO O Athletico Paranaense ganhou terreno no Ranking Folha do futebol nacional. A equipe viveu mais um ano produtivo, tendo chegado às decisões da Copa do Brasil e da Copa Sul-Americana e deu sequência à escalada na pontuação que vem registrando nos últimos anos.

Na edição de 2017 da lista, um ranking histórico que a Folha publica desde 1996, o clube ocupava a 20ª posição com 254 pontos. Agora, em uma série de campanhas longevas em torneios nacionais e internacionais, está em 17º lugar, com 327 pontos.

A escalada começou em 2018, quando o time rubro-negro conquistou a Sul-Americana pela primeira vez. Em 2019, veio o título da Copa do Brasil. O tri estadual, em 2018, 2019 e 2020, também contribuiu para a ascensão.

Em 2021, o Athletico triunfou novamente na Sul-Americana, derrubando o Red Bull Bragantino, o que lhe rendeu 15 pontos. Na Copa do Brasil perdeu a decisão para o Atlético Mineiro, mas levou 10 pontos pelo vice-campeonato.

Ganhou, assim, duas posições. Ficaram para trás o Paysandu — que conquistou o Campeonato Paraense, ganhou 5 pontos e alcançou 323 — e o arquirrival Coritiba, estacionado nos 322. Ultrapassado também pelo Paysandu, o Coritiba caiu da 17ª para a 19ª colocação.

Tornou-se comum ver o Athletico disputando títulos além do nível estadual. Campeão brasileiro em 2001 e vice em 2004, o clube levou quase duas décadas, mas voltou a ver figura frequente nas decisões.

Derrotado pelo Flamengo na final da Copa do Brasil de 2013, vingou-se nas quartas de final de 2019, no caminho para o título. Foi rara pedra no sapato do rubro-negro carioca em um ano em que ele conquistou a Copa Libertadores e levou a decisão do Mundial à prorrogação.

"A gente vem maturando durante os anos. A equipe já é madura, experiente", afirmou o zagueiro Thiago Heleno, 33, após o triunfo na última Sul-Americana. "Aprendemos a jogar jogos grandes, mata-matas. O time se acostumou a jogar finais, os jogadores sabem a atmosfera, como as coisas funcionam."

Enquanto o Athletico desfruta de um período de maior relevância no cenário sul-americano, o Coritiba vive um período difícil de subidas e descidas de divisão. Em 2021, a equipe ficou na terceira colocação da Série B e conseguiu o acesso à elite.

No Estadual deste ano, o Coritiba levou a melhor. Após vitória por 2 a 1 fora de casa, na Arena da Baixada, empatou por 1 a 1 com o arquirrival no Couto Pereira e avançou à decisão contra o Maringá. O campeão será definido no domingo (3).

Distante da elite, Brasiliense avança com mais um troféu

SÃO PAULO O Brasiliense foi um dos times que ganharam posições no Ranking Folha do futebol nacional. A equipe não teve o sucesso obtido por Atlético Mineiro e Athletico — vencedores do Campeonato Brasileiro e da Copa Sul-Americana, respectivamente —, mas voltou a exibir força regional.

O time amarelo triunfou mais uma vez no Campeonato Candango, a disputa no Distrito Federal. Com um gol de Keynan, venceu por 1 a 0 a decisão em jogo único contra o Ceilândia, no estádio Mané Garrincha, em Brasília.

Foi o décimo título do Brasiliense na disputa distrital. Com o deca, o time somou 5 pontos e chegou aos 73. Igualou-se à Chapecoense na 21.ª posição, deixando para trás o Bangu (70), vice-campeão brasileiro de 1985, e o Guarani (69), campeão brasileiro de 1978.

O jovem clube fundado em 2000 está distante do período em que teve relevância nacional. Em 2002, foi à final da Copa do Brasil, derrotado pelo Corinthians. Em 2005, disputou a primeira divisão do Campeonato Brasileiro.

Hoje, está na Série D, mas continua entre as principais agremiações do Distrito Federal. Superado pelo Gama nas decisões de 2019 e 2020, recuperou em 2021 um troféu que não erguia desde 2017.

O Ranking Folha do futebol nacional, publicado há 25 anos, é uma classificação histórica do desempenho dos times brasileiros. Ele distribui pontos por títulos e vice-campeonatos em competições estaduais, regionais, nacionais e internacionais de primeira divisão. Desde a primeira edição, de 1996, a lista passou por modificações, correções e revisões. A última grande revisão ocorreu em 2016.

Ranking Folha do futebol nacional 2021

Posição e pontos

Posição	Clube	Pontos
1º —	Flamengo	1 176
2º —	Palmeiras	1 052
3º —	São Paulo	963
4º —	Corinthians	939
5º —	Santos	903
6º —	Cruzeiro	844
7º —	Grêmio	793
8º —	Internacional	765
9º —	Vasco	737
10º ▲	Atlético-MG	687
11º ▼	Fluminense	670
12º	Botafogo	522
13º —	Bahia	441
14º —	Sport	380
15º —	Ceará	357
16º —	Fortaleza	350
17º ▲	Athletico	327
18º —	Paysandu	323
19º ▼	Coritiba	322
20º —	Vitória	292

Palmeiras consegue liberar Allianz, e decisão será no domingo

Alex Sabino

SÃO PAULO O Palmeiras conseguiu a liberação do Allianz Parque e a segunda final do Paulista deverá ser confirmada pela Federação para domingo (3).

Por ter feito a melhor campanha, o time alviverde tem direito de realizar o segundo jogo em seu estádio, mas havia um compromisso de a arena estar liberada no domingo para os preparativos do show da banda Maroon 5, que acontecerá no próximo dia 5. O Palmeiras desejava realizar a final no sábado (2). O São Paulo não aceitava.

Em congresso técnico da final do Paulista, ocorrido nesta segunda (28) pela manhã, os presidentes de Palmeiras e São Paulo conversaram pela primeira vez sobre a data da final.

Segundo pessoas que participaram do encontro virtual, Leila Pereira, mandatária alviverde, bateu o pé de que a segunda final teria de acontecer no Allianz Parque de qualquer maneira. Ela questionou Julio Casares, presidente são-paulino, sobre qual era o problema em atuar no estádio palmeirense. Casares não quis polemizar o assunto, que estava nas mãos da FPF (Federação Paulista de Futebol).

A insistência de Leila em atuar em casa é porque o São Paulo não queria realizar o jogo do título no sábado (2), ideia inicial do clube do Palestra Itália.

O jogo de ida será marcado para esta quarta-feira (30), às 21h35, no Morumbi. Isso apesar de a Record, dona dos direitos em TV aberta, ter um acordo com a Ferj (Federação Estadual do Rio de Janeiro) para transmitir a final do Carioca em rede nacional. Flamengo e Fluminense atuarão no mesmo dia e horário, no Maracanã.

O argumento de Casares era que os clubes receberam uma tabela da FPF de que o campeonato acabaria em 3 de abril e isso poderia mudar apenas por determinação da TV, o que não aconteceu. A dirigentes da federação, também argumentou que domingo é o dia nobre do futebol e mais propício para uma final.

O posicionamento do São Paulo sempre foi que, se o Palmeiras conseguisse liberar o estádio para domingo, a equipe não se oporia.

Uma final igual, mas bem diferente

Decisão do Paulista se repete em contexto bem distinto

Renata Mendonça

Jornalista, comenta na Globo e é colunadora do Dibradoras, canal sobre mulheres no esporte

São Paulo e Palmeiras decidirão o título do Campeonato Paulista de 2022. Uma final idêntica à de 2021 e, ao mesmo tempo, muito diferente.

Na do ano passado, o favoritismo pendia um pouco (nem tanto, mas um pouco) para o São Paulo pela campanha irretocável que fez na primeira fase e pelo momento da equipe muito bem encaixada na forma de jogar de Hernán Crespo. Do outro lado, o Palmeiras vinha de um período extremamente desgastante, incluindo a viagem para o Mundial e nenhum tempo para respirar entre o fim de uma temporada e o início de outra.

Mas em 2022 a realidade é outra. Desde a final da Libertadores de 2021, o Palmeiras fez o seu planejamento para chegar a seu auge físico já em fevereiro para o Mundial. O time fez uma boa participação lá, competiu bem com o Chelsea (perdeu na prorrogação) e voltou ainda mais forte para a temporada.

O São Paulo, por sua vez, começou 2022 titubeante. Já havia terminado 2021 de maneira melancólica, sem que Rogério Ceni tivesse conseguido encaixar o time, que lutou para não cair no Brasileiro. Mas a decisão de manter o ídolo no cargo foi acertada.

E, no imediatismo do futebol brasileiro, seria fácil mudar de ideia já no início ruim de Campeonato Paulista, em que o São Paulo, inclusive, viu-se fora da zona de classificação para as quartas de final no seu grupo. Mesmo com os reforços, o time demorou a engrenar.

O São Paulo que terminou 2021 com o pior ataque de sua história na era dos pontos corridos do Brasileiro chega à final do Paulistão com o melhor ataque da competição (24 gols marcados). Claro que estadual não é termômetro do que vai acontecer na temporada — vide o que aconteceu com o São Paulo no ano passado —, mas quem viu os primeiros jogos do time de Rogério Ceni no Paulista e viu os últimos percebe a clara evolução.

O Palmeiras de 2021 teve uma reclamação forte do técnico Abel Ferreira pela quantidade de gols sofridos no Brasileiro (foi a sexta pior defesa, com 43 gols tomados). "Não posso entrar em campo e sofrer gol da forma que estamos a sofrer. É falta de compromisso coletivo defensivo", disse, ainda na 23ª rodada. Em 2022, no Paulistão, o Palmeiras tem a menor média de gols sofridos da história da competição. A defesa da equipe comandada por Abel só foi vazada quatro vezes em 14 jogos.

Será o confronto do melhor ataque contra a melhor defesa do Paulista e também de dois times que aprenderam a usar muito bem a sua base.

Essa era tão vitoriosa do Palmeiras teve a participação direta das crias da Academia. Patrick de Paula, Gabriel Menino e Wesley foram alguns que se destacaram. No time atual, Danilo é peça essencial para o esquema de Abel Ferreira, meio-campista que marca, desarma, constrói, dá passes decisivos e até faz gol.

No São Paulo, as principais campanhas do time nos últimos anos tiveram meninos de Cotia como protagonistas. Em 2020, quando o clube brigou pelo título brasileiro, Brenner era artilheiro, Gabriel Sara despontou como grande promessa. Em 2021, o time campeão paulista teve gol de Luan ajudando a decidir na final contra o Palmeiras. Agora, de novo, os destaques do time ainda não são os badalados reforços, mas sim os meio-campistas Pablo Maia e Rodrigo Nestor, que sustentam a dinâmica de marcação e construção do time de Rogério Ceni.

A diferença é que o Palmeiras usa a base como complemento, o São Paulo aposta nela como solução — e muitas vezes sobrecarrega os meninos com essa pressão.

Não dá para negar que o Palmeiras de Abel Ferreira (com quase um ano e meio no cargo) é um time mais maduro, cheio de variações táticas e mais pronto para conquistar o título. A final é a mesma, mas o favoritismo em 2022 mudou de lado.

DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | **QUA. Tostão** | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

Saiba as principais orientações para votar este ano

Tayguara Ribeiro
e Lívia Marra

SÃO PAULO Os brasileiros irão às urnas no dia 2 de outubro para escolher presidente da República, governadores dos estados, senadores e deputados federais, estaduais e distritais. O segundo turno está marcado para o dia 30 de outubro.

Neste ano, o fuso horário para a votação será um só em todo o país, o de Brasília, das 8h às 17h. Com isso, os eleitores do Acre, por exemplo, terão que ir às urnas das 6h às 15h.

Quem vai tirar o título ou precisa regularizar o documento tem até o dia 4 de maio.

Quais cargos serão disputados nas eleições de 2022?

O eleitor vai escolher em outubro o presidente da República, os governadores dos estados, senadores e deputados federais, estaduais e distritais.

Quando serão as eleições?

O primeiro turno das eleições será realizado no dia 2 de outubro. O segundo turno está marcado para o dia 30 de outubro. A rodada extra de votação ocorre caso um dos candidatos para os cargos de presidente e governador não alcance a maioria absoluta de votos. Neste ano, o horário de início de votação será uniformizado em todo o país pelo horário de Brasília. O pleito ocorrerá entre 8h e 17h.

Qual o prazo para solicitar ou regularizar o título de eleitor?

Os eleitores têm até 4 de maio para regularizar o cadastro, transferir local de votação ou tirar o seu primeiro título de eleitor e conseguir participar da votação deste ano.

Todos com mais de 16 anos estão aptos a votar. Quem não tirar o título até maio só poderá pedir a emissão depois da eleição; quem tiver o título, mas não completar 18 anos até a eleição, não é obrigado a votar. O voto é facultativo para analfabetos e maiores de 70 anos.

Para regularizar o título, o eleitor precisa estar com o voto em dia, ter justificado as ausências e atendido às convocações, quando ocorreram, para trabalhar como mesário.

Se tiver multas eleitorais é necessário quitar as pendências. O procedimento pode ser feito pelo site do TSE.

Como transferir o título de eleitor?

Quem mudou de cidade, estado ou país e precisa transferir o título pode fazer a solicitação pelo site do TSE até 4 de maio. É preciso residir há pelo menos três meses no novo município e que já tenha transcorrido, no mínimo, um ano da data do alistamento eleitoral ou da última transferência de título. Para realizar o atendimento a distância é necessário digitalizar ou tirar fotografia da documentação necessária.

Perdi o prazo para tirar o título; e agora?

O eleitor que não tirar a primeira via ou regularizar o título até 4 de maio não poderá votar em outubro.

O nome social pode ser usado no título de eleitor?

Pessoas transgênero podem incluir o nome social no título de eleitor.

Para pedir essa alteração antes das eleições de outubro é preciso preencher o requerimento na página do Tribunal Superior Eleitoral até o dia 4 de maio.

Como encontro meu local de votação?

A consulta ao local de votação pode ser feita por meio do nome do eleitor ou do número do título eleitoral no site do TSE. As informações também podem ser obtidas no e-Título.

Pessoas com mobilidade reduzida podem votar em outra seção?

Pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida que queiram votar em outra seção ou local de votação têm de 18 de julho a 18 de agosto para informar a Justiça Eleitoral sobre o interesse na mudança.

A biometria vai ser usada nas eleições de 2022?

O TSE afirma que ainda não estão definidas as novas diretrizes sobre a biometria. Segundo o órgão, assim que existir uma definição ocorrerá uma "ampla publicidade". O cadastro biométrico dos eleitores que ainda não fizeram o procedimento continua suspenso, em consequência da pandemia de Covid-19. Nas eleições de 2020, o procedimento também foi vetado por causa do coronavírus.

Quais documentos preciso levar para votar?

No dia da votação, serão aceitos documentos oficiais com foto, inclusive os digitais: e-Título, carteira de identidade, identidade social, passaporte, certificado de reservista, carteira de trabalho e carteira nacional de habilitação.

Certidões de nascimento ou casamento não valem como prova de identidade na hora de votar. Não é obrigatório, mas a Justiça Eleitoral recomenda levar também o título de eleitor. O e-Título, versão digital do documento, pode ser usado. As pessoas que têm a biometria coletada pela Justiça Eleitoral também poderão utilizar o aplicativo e-Título como forma de identificação.

Não estarei no domicílio eleitoral; posso votar?

Pessoas que estiverem fora de seu estado de domicílio eleitoral poderão votar em trânsito apenas na eleição para presidente da República.

Quem estiver no mesmo estado, mas fora da cidade de origem, pode votar nas eleições para presidente, governador, senador, deputado federal e deputado estadual. Locais e outras definições sobre o voto em trânsito serão publicados por edital até 3 de agosto de 2022.

O que acontece se eu não votar?

Quem não votou nem justificou ausência por três eleições seguidas fica em débito com a Justiça Eleitoral e pode ser impedido de votar. O eleitor que não regularizar a situação não poderá obter passaporte ou carteira de identidade, receber remuneração de emprego público, participar de concorrência pública ou de concurso público. Segundo o TSE, estão passíveis de multa eleitores que não votaram nem justificaram a ausência a uma eleição, sendo cada turno considerado um pleito específico; se ausentaram dos trabalhos eleitorais, e realizaram o alistamento eleitoral fora do prazo previsto. Os débitos podem ser quitados via Pix ou por cartão de crédito, no site da Justiça Eleitoral.

Como e quando posso justificar ausência na votação?

A justificativa por ausência na votação poderá ser feita no mesmo dia e horário por meio do aplicativo e-Título, nos locais de votação ou em locais exclusivos para justificativas. Quem não justificar no mesmo dia poderá fazê-lo até 1º de dezembro de 2022, em relação ao primeiro turno, e até 9 de janeiro de 2023, em relação ao segundo turno, em qualquer zona eleitoral ou no site do TSE.

Moro no exterior; posso votar nas eleições de 2022?

Quem estiver no Brasil, mas for inscrito para votar no exterior, pode votar apenas na eleição para presidente da República. Brasileiros residentes no exterior podem votar desde que tenham requerido sua inscrição até 4 de maio.

Quem mora no exterior mas ainda tem o seu título de eleitor vinculado a uma zona eleitoral no Brasil precisará justificar a sua ausência nas eleições.

ACIDENTE REAL
Um membro da cavalaria do Palácio de Buckingham, em Londres, cai do cavalo durante uma cerimônia de troca da guarda Tom Nicholson/Reuters

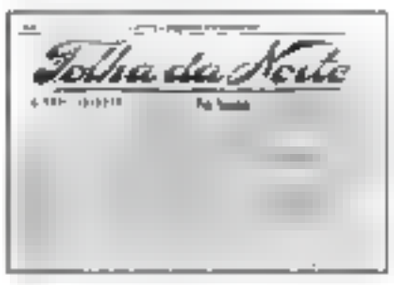
ACERVO FOLHA
Há 100 anos
29.mar.1922

José Bezerra Cavalcanti, governador de Pernambuco, morre aos 56 anos

Foi enterrado em Recife nesta quarta-feira (29) o governador de Pernambuco, José Rufino Bezerra Cavalcanti, morto aos 56 anos depois de enfrentar uma pneumonia.

Bezerra, que chegou a ser um dos mais importantes proprietários de usinas de açúcar, atuou como deputado federal de 1906 a 1914.

No governo do presidente Wenceslau Braz, ele foi nomeado ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, permanecendo no posto entre 1915 e 1917. Voltando a Pernambuco, foi eleito senador em 1918 e no ano seguinte assumiu o comando do governo estadual. Doente, precisou se afastar do cargo de governador.


Folha da Noite

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

PITACO CULTURAL | Mariana Aguiari
folha.com/pitacocultural

'Onde eu Moro' é sensível, mas não comparável à situação de rua no Brasil

Indicado ao Oscar de melhor curta documental, "Onde eu Moro" é um filme comovente e que mostra com um olhar bastante humano a crise de habitação nos Estados Unidos.

Acompanhando pessoas em situação de rua (as gravações foram feitas entre 2017 e 2020), o filme pincela problemas-chave na questão da falta de moradia americana: aumento do aluguel, falta de emprego, violência doméstica, desarranjos familiares, preconceito.

Tem, portanto, grande mérito (e pode surpreender ainda mais se os diretores, dentre eles um brasileiro, cumprirem a promessa e levarem alguns dos entrevistados para o tapete vermelho da premiação).

É impossível, entretanto, comparar o documentário com a situação dos moradores de rua no Brasil. Especialmente na cidade de São Paulo, onde essa população cresceu 31% durante a pandemia.

Enquanto o filme apresenta personagens aparentemente não adictos, muitos brancos e que estão na rua por não conseguirem pagar o aluguel, mas que sairiam dessa condição se assim pudessem—São Paulo esbarra em uma situação um pouco diferente.

De acordo com o último censo da prefeitura, divulgado em janeiro deste ano, 70,8% das pessoas sem moradia por aqui são pardas ou pretas. Mais de 75% delas têm as calçadas e albergues como "casa" há mais de dois anos, podendo passar de dez.

Muitas (e arrisco dizer a maioria, em meus quase quatro anos de trabalho semanal com pessoas vulneráveis), são usuárias de drogas ou álcool. Estão nas ruas por causa disso, ou se tornaram adictas porque foram parar nas ruas.

São esquecidas por serem vítimas de uma sociedade que exclui negros, trans, travestis. Que sobrecarrega mulheres, chefes de família. Que não dá e nunca deu oportunidades iguais para todos.

Sairiam das ruas se conseguissem pagar aluguel? Talvez. Mas como bancar uma casa quando, no Brasil, morar na rua é reflexo de um problema estrutural e de saúde pública?

"Onde eu Moro" joga luz, com sensibilidade, a quem está nas ruas por causa da crise econômica americana. O filme desperta a compaixão de quem o assiste e, quem sabe com o Oscar, poderá atrair ainda mais olhares para essa condição. É vitorioso por isso.

Mas não tente entender o que acontece com quem mora nas ruas ao redor de nossas casas só assistindo ao documentário. Não estamos falando da mesma condição.

Resolver o problema de quem não tem moradia, por aqui, resvala em promover saúde, acompanhamento psicológico, trabalho, casa e autonomia. E os aparelhos sociais não promovem autonomia ao tratar todos, seres humanos independentes, como uma coisa só.

As ruas do país são habitadas por pessoas que carecem de um olhar humanizado, mas que encontram indiferença. Não é filme, não tem indicação ao Oscar; é só realidade.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
TERÇA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 2022 C1

A flor da pele

Nicole Kidman no Oscar, em imagem que viralizou após o tapa de Will Smith

ANÁLISE

Leonardo Sanchez

A noite ia bem, o que é sempre difícil de prever, ainda mais num ano com tantas mudanças. O trio de apresentadoras estava tirando risadas fáceis da plateia, as performances musicais animavam e todos pareciam ter esquecido a Covid em sua celebração do cinema. Até que Will Smith subiu ao palco do Oscar e relembrou que não, o pandemão ainda não acabou.

Na verdade, à medida que saímos dela, mostramos que estamos com os ânimos mais exaltados e a paciência mais curta. Isso ficou claro quando Smith mergulhou a palma da mão na bochecha de Chris Rock.

Foi depois de o ator ouvir uma piada de mau gosto, que a princípio o fez rir. Mas sua mulher, Jada Pinkett Smith, ao lado, revirou os olhos em claro desentendimento, já que sua alopecia, uma condição que provoca queda de cabelo, motivou o comentário.

Parecia que o esquete havia acabado com a câmera de volta ao palco, até que Rock anunciou que Smith estava vindo em sua direção. Rindo, achando que aquilo fazia parte da graça, levou, então, o tapão na cara. De volta ao seu lugar, Smith gritou "tire o nome da minha mulher da sua boca" com palavrões no meio.

Daí em diante, a noite de festa e o clima de descontração mudaram. Demoraram tempo até convidados e espectadores entenderem que não, aquilo não estava no roteiro do cerimonial, e o desconforto reinou, tirando o brilho de qualquer um que vencesse algum Oscar na sequência, entre eles Smith.

Os discursos que vieram depois até tentaram reverter a derrocada, mas já era tarde demais. Uma agressão televisionada a milhões de pessoas, na festa mais glamorosa do entretenimento, afinal, não é algo de que se esquece facilmente.

Quem subiu ao palco a partir daí evitou mencionar o ocorrido, mas mandou mensagens sobre paz, união e essas coisas todas que esperávamos marcariam uma cerimônia pós-Covid, em meio a uma guerra na Europa e na esteira de protestos contra um dos maiores estúdios de Hollywood, a Disney, por patrocinar legisladores que aprovaram uma lei homofóbica.

Triunfou o estresse gerado por meses de quarentena, narizes abafados por máscaras e um noticiário que só põe as pessoas para baixo. Os famosos também sofreram com os efeitos da pandemia, mesmo que de suas mansões em Malibu.

É difícil pensar em alguém que não tenha vivido uma explosão de raiva ou tristeza nos últimos dois anos, como foi o caso de Smith ou de Miley Cyrus que, em passagem pelo Lollapalooza chorou, atacou de casamenteira, bateu no bumbum de Anitta e pediu apoio dos fãs no Twitter.

Na internet, as pessoas se dividiram, mas penderam para o lado do ator, tomando as dores de quem foi agredido primeiro, mesmo que não fisicamente. Uma reação teatral de Nicole Kidman, de queixo caído em determinado ponto da noite, viralizou.

Se no Brasil vemos reclamações sobre o elenco paz e amor do BBB, parece óbvio que um tapa levanta os ânimos como uma final de Copa do Mundo.

Continua na pag. C2

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

DENTRO DO RINGUE

O Mercado Livre estuda processar por difamação as empresas e associações que apontam a companhia como parte de um "camelodromo digital" e pedem que o governo comece a taxar o comércio eletrônico

RINGUE 1 Entre os que encabeçam o movimento contra essas companhias estão Luciano Hang, dono da Havan e amigo do presidente Jair Bolsonaro, Alexandre Ostrowiecki, CEO da Multilaser, a Abrinq (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos), a Abit (Associação Brasileira da Industria Têxtil e de Confecção) e a Abinee (Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica).

NO ALVO Após as manifestações dos empresários, a Receita Federal divulgou que pode baixar uma MP para impedir que empresas de comércio eletrônico estrangeiras vendam produtos para brasileiros sem pagar os devidos impostos.

NO ALVO 2 Se oficializada, a medida atingirá companhias como AliExpress e Shopee, da China, e Mercado Livre, fundada na Argentina e com atuação no Brasil desde 1999.

ALVO 3 "Parece um antijogo querer colocar o Mercado Livre nesse grupo, querendo prejudicar a nossa imagem", diz Fernando Yunes, vice-presidente sênior da empresa no Brasil. "Ou é isso ou estão desinformados sobre quem somos."

RESIDUAL Yunes aponta que a natureza do negócio do Mercado Livre é completamente diferente das outras citadas. "Enquanto essas empresas têm majoritariamente a importação dos produtos e vendas no Brasil, no Mercado Livre isso é uma pequenininha parte, de 5%", afirma.

LISTA Ele ainda aponta que a empresa pagou R$ 2,5 bilhões de reais em impostos no ano passado, que o Mercado Livre exige a formalização de seus usuários que atuem com maior volume, que gera quase 7.000 empregos por ano e que a companhia prevê investir no Brasil R$ 17 bi em 2021.

OUTRA COISA "Nos últimos anos, a gente vem ganhando participação de mercado em todos os trimestres. E, coincidentemente, começam esses ataques com mais visibilidade. Por isso parece um antijogo", avalia Yunes. "Concordamos que o Brasil deve ser mais duro, taxar as importações que vêm da Ásia. Mas não entendemos terem colocado a gente nesse grupo" finaliza.

FOI MAL Jair Bolsonaro ficou desgastado entre líderes evangélicos com a demora em demitir o ministro da Educação, Milton Ribeiro, que apresentou pedido de exoneração do cargo na segunda (28). Parlamentares ligados à bancada religiosa que sempre o defenderam se queixam de que o presidente os deixou "apanhar" sozinhos nas redes sociais por causa do escândalo que envolveu pastores e o ministro na distribuição de verbas da educação para prefeituras.

SOBROU Segundo eles, enquanto líderes evangélicos eram criticados em imagens e memes que os conectavam com dinheiro, outros s bolsonaristas eram poupados -inclusive Eduardo e Flávio Bolsonaro.

TELA

Paola de Orleans e Bragança e seu marido, o fotógrafo Tinko Czetwertynski II, na abertura das exposições individuais dos novos artistas representados pela galeria Vermelho, Ana Amorim e André Vargas. Os galeristas Jan Fjeld II e Thiago Gomide II, dono da Gomide & Co, também compareceram ao evento, ocorrido no sábado (26), em São Paulo

PIPOCA O caso Escola Base, cujos donos foram injustamente acusados de abusar sexualmente dos alunos, vai virar série documental no Canal Brasil. O episódio aconteceu em 1994 e ficou conhecido como um dos mais marcantes erros cometidos pela imprensa. A obra é dirigida por Paulo Henrique Fontenelle e está programada para estrear no segundo semestre de 2022.

PIPOCA 2 Dentre os entrevistados para a série estão Paula Mallun, única dona da escola viva, e as duas filhas dela, que eram crianças na época do ocorrido. Ainda são ouvidos pela produção jornalistas, como Boris Casoy e Heródoto Barbeiro, que trabalhavam na época no SBT e na TV Cultura, respectivamente.

NA TELA A transformação da vida de quatro brasileiros durante os governos de Lula na Presidência da República é retratada no documentário "O Povo Pode? Um País Pelo Olhar de Brasileiros". Dirigido por Max Alvim, o filme vai ser lançado no dia 4 de maio.

FOLIA O bloco Acadêmicos do Baixo Augusta vai realizar um festival de carnaval no dia 24 de abril, no vão do Anhangabaú, no centro de São Paulo. Após dois anos sem apresentações, o bloco retorna aos palcos com participação da escola de samba Vai-Vai e o do grupo Forrozin. A entrada é gratuita. Os ingressos devem ser retirados online, pois o número de lugares é limitado.

ESTANTE A editora Todavia vai lançar, em junho, o novo romance de Mariana Salomão Carrara, "Não Fossem as Sílabas do Sábado". A obra acompanha uma mulher grávida que perde o companheiro em um acidente causado por um vizinho. A autora foi finalista do prêmio Jabuti em 2020.

com Bianka Vieira, Bruno B. Soraggi, Karina Matias e Manoella Smith

A flor da pele

Continua da pág. C1

Nesse contexto pós-pandêmico, em que a paciência anda curta e os nervos de todos parecem estar à flor da pele, o ator incorporou toda a frustração reprimida dos meros mortais —e se você tende a rechaçar piadinhas feitas às custas de minorias, o momento da agressão foi ainda mais catártico, um tapa literal e metafórico na cara de quem faz troça com a dor dos outros.

Importante notar que, apesar de Smith ter sido o que mais se ofendeu, o comentário foi feito por um homem para zombar de uma mulher negra, por sua aparência.

Mas, para além da agressividade e do desconforto, o tapa viralizou porque mostrou que celebridades são gente como a gente. Elas também se enfurecem, choram e perdem a linha —como todo mundo faz vez ou outra. Talvez não a ponto de esmurrar uma pessoa, afinal, mas violência não deveria ser a resposta à violência.

O descontrole de alguém tão lendário quanto Will Smith, em um dos prêmios mais respeitados do mundo, do qual bilhões de pessoas sabem que jamais chegarão perto, fez com que ele descesse do Olimpo.

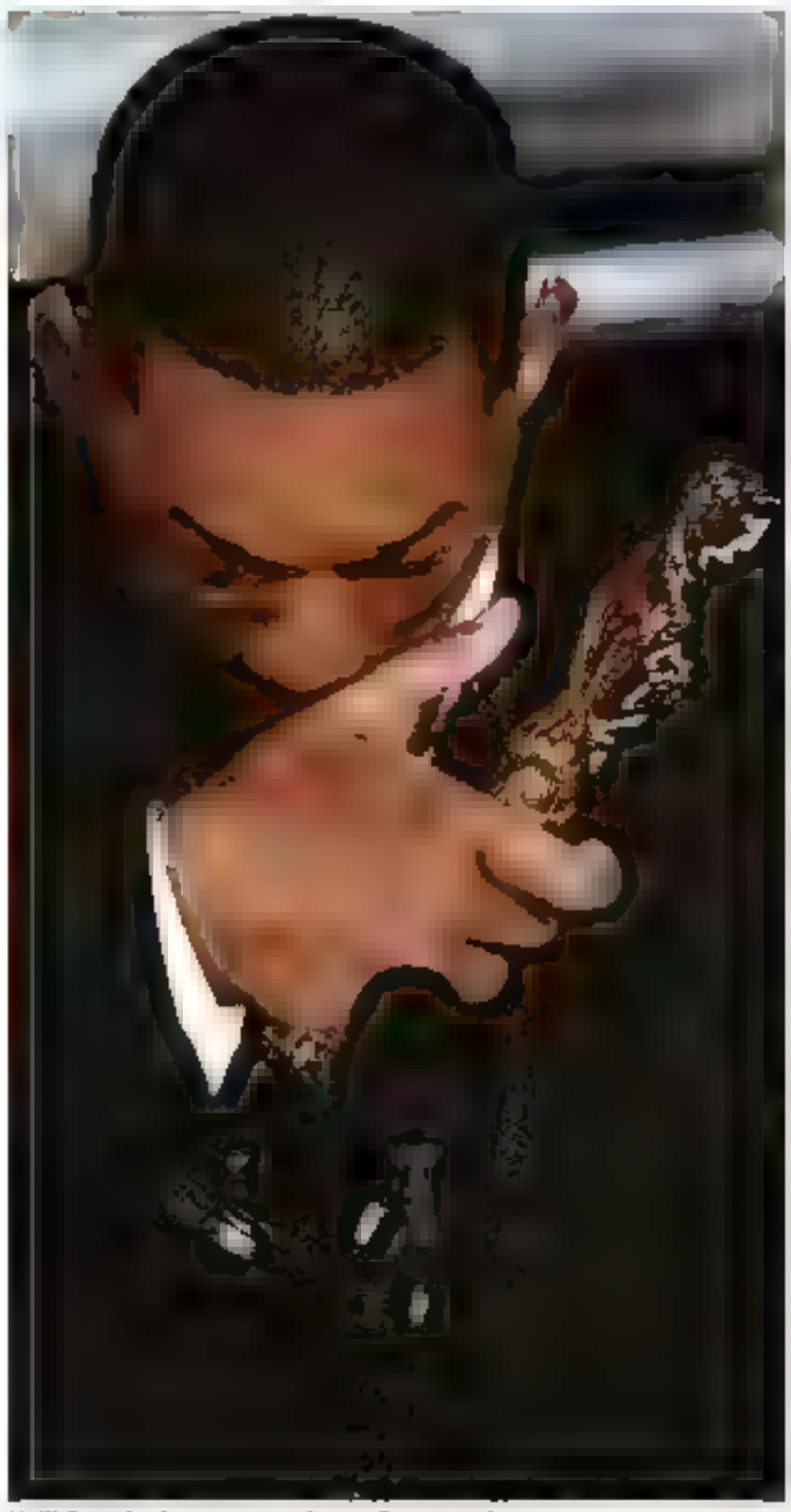
Não há nada mais humano do que as lágrimas que derramou mais tarde num momento de fragilidade mundana, enquanto agradecia à Academia pelo prêmio e pedia desculpas. Todos erram, até gigantes como Will Smith. Mas, como todos, será preciso lidar com as consequências.

Parece improvável que a Academia vá retirar seu Oscar, mas uma investigação formal foi aberta para avaliar possíveis punições —uma suspensão temporária de sua carteirinha de membro, perdendo, assim, o direito de votar no Oscar, é mais plausível. Chris Rock, por sua vez, já disse que não prestará queixas.

Independentemente do que for decidido, Smith vai sentir o peso de seu tapa por um bom tempo. Sua história em Hollywood e seu legado terão, já nos primeiros capítulos, a menção ao caso à frente de qualquer grande atuação ou ato da vitória no Oscar.

No futuro, lembraremos a cerimônia pelo constrangimento gerado na pista de cinema, e não pelo prêmio do protagonista de "King Richard".

Leia mais nas págs. C3 e C7



Will Smith chora ao ganhar o Oscar após tapa Robyn Beck/AFP

Will Smith já teve brigas com colega e deu declarações que pegaram mal

Ator que venceu Oscar após tapa em apresentador é conhecido por falas controversas sobre sexo e educação

SÃO PAULO Vencedor do Oscar de ator por "King Richard: Treinando Campeãs", Will Smith, de 53 anos, chamou atenção na premiação por outro motivo -o tapa que deu no rosto do comediante Chris Rock, que havia feito uma piada sobre a alopecia da atriz Jada Pinkett Smith, sua mulher.

A agressão, na noite do dia do domingo, chegou a ficar entre os assuntos mais comentados do Twitter na manhã de segunda-feira e gerou debates nas redes sociais. No entanto, esta não foi a única vez que o ator se envolveu em acontecimentos polêmicos.

Desde a briga com a atriz Janet Hubert no set de "Um Maluco no Pedaço", série que o alçou a fama nos anos 1990, até declarações sobre sua vida sexual, casamento aberto e o sonho de ter um harém de namoradas, o ator se notabilizou pelas controvérsias.

No começo de sua carreira, ele também se recusou a protagonizar uma cena de beijo com outro homem, como lembrou à Entertainment Weekly. A cena faria parte do filme "Seis Graus de Separação".

A trama conta a história de Paul, um jovem que se aproxima de um casal da alta sociedade em Nova York. Em certo momento, ele beija Trent Conway, papel de Anthony Michael Hall, um homem que o ensina a enganar as pessoas para conseguir dinheiro.

A cena acabou sendo feita com dublês. Will Smith fez questão de relembrar a polêmica para poder se desculpar por seu comportamento. "Foi muito imaturo da minha parte. Eu estava pensando 'o que meus amigos na Filadélfia vão pensar disso?'"

Protagonista da série "Um Maluco no Pedaço", o ator se desentendeu com a atriz Janet Hubert, que foi a primeira intérprete de Vivian, que na trama é tia do personagem. Ela teve de deixar o seriado e não poupou críticas a Smith, afirmando que ele foi responsável pelo declínio de sua carreira.

No especial da série, lançado pela HBO em 2020, o ator pediu desculpas pela primeira vez a Hubert. "Durante este período de gravidez dela eu não fui sensível e perspicaz. Hoje, com três filhos, aprendi algumas coisas que não sabia na época. Eu teria feito tudo muito diferente. Eu vejo como torneio as coisas muito diferentes para a Janet", disse Smith.

Apesar disso, Hubert enfatizou que a briga estancou sua carreira. "Você tirou tudo de mim com as suas palavras. Palavras podem matar. Eu perdi tudo, reputação, tudo mesmo. Eu entendo que você conseguiu seguir em frente. Você conhece aquelas palavras. Chamar uma mulher negra de 'difícil' em Hollywood é o beijo da morte", acrescentou. Smith está casado com Jada desde 1997, e em setembro do ano passado ambos disseram que estão num relacionamento aberto, encerrando rumores que há anos circulavam.

O que catalisou a declaração foi o fato de ter vindo à tona o envolvimento de Jada com o rapper August Alsina. Enquanto houve quem especulasse uma traição, foi o próprio músico que revelou que o affair era permitido pelo marido. Em novembro, com o lançamento de sua biografia, "Will", o ator afirmou que também estava tendo experiências com outras pessoas.

"Jada nunca acreditou em casamento convencional", afirmou na época. Em 2018, Jada havia contado que não queria ter se casado com o ator. E a contra que subiu ao altar com o ator por que foi obrigada pela mãe após anunciar que estava grávida. "Chorei durante todo o caminho até o altar. Estava tão chateada por ter tido que casar", afirmou na época.

Também na época do lançamento de seu livro, o ator disse que, em determinado momento de sua vida, estava fazendo tanto sexo que ter um orgasmo o fazia vomitar, declaração que chocou seus fãs.

Outra de suas falas polêmicas diz respeito à opção por ter educado os filhos que teve com Jada -Jaden, Willow e Trey— em casa, com ajuda de um tutor. "A vida escolar não é autêntica porque quando termina não é real", disse à T Magazine, em 2014. "As crianças que vão para a escola normal aborrecem, são deprimidas."

'No Ritmo do Coração' impõe derrota à Netflix

A vitoria do longa no Oscar foi outra bola fora do gigante do streaming, que vem batendo na trave cada vez com mais força

Sandro Macedo

SÃO PAULO Neste domingo, "No Ritmo do Coração" conseguiu uma façanha ao conquistar o Oscar de melhor produção. O filme com só três indicações teve 100% de aproveitamento e saiu ainda com as estatuetas de roteiro adaptado, para a diretora Sian Heder, e ator coadjuvante, Troy Kotsur.

Mas não foi dessa vez que a cerimônia premiou pela primeira vez uma produção original do streaming. Isso porque o filme não é exatamente uma produção da Apple TV+ apesar de ter seu selo no pôster.

Filmado antes da pandemia, entre agosto e outubro de 2019, o longa custou cerca de US$ 10 milhões. E quem dividiu essa conta foram as produtoras Pathé Films, Vendôme Pictures e Picture Perfect Federation. Mas foi durante sua passagem pelo Festival Sundance do ano passado que o filme causou burburinho.

Queridinho de crítica e público presentes no evento, foi alvo de um leilão para sua distribuição, vencido pela Apple TV+. A empresa pagou US$ 25 milhões para ter o longa em seu catálogo —valor muito maior do que o negociado normalmente em festivais.

É diferente do que acontece com outras produções da Apple TV+ consideradas "originais" do streaming, como é o caso dos recentes "O Canto do Cisne", com Mahershala Ali, e "A Tragédia de Macbeth", com Denzel Washington — outro indicado na cerimônia.

"No Ritmo do Coração" já tinha outros acordos fechados com distribuidoras em diferentes cantos do mundo bem antes da exibição em Sundance. É comum que distribuidoras menores se arrisquem e comprem filmes ainda no roteiro, pagando um valor bem menor — mas entrando na loteria de ter adquirido um tesouro ou um pepino.

A Nordisk Film, por exemplo, foi uma das empresas que apareceram bem antes da Apple e, de acordo com o site especializado Indiewire, lançaria o filme nos países nórdicos.

No Brasil, "No Ritmo do Coração" foi lançado nos cinemas pela distribuidora Diamond, em setembro do ano passado. Já em janeiro deste ano, o longa chegou ao streaming pelo Prime Video, que negociou sua exibição em território nacional com a própria Diamond — a plataforma não revela até quando pode exibir a obra em seu catálogo. Nos Estados Unidos, sim, o filme já está na Apple TV+.

A vitória de "No Ritmo do Coração" foi na verdade mais uma derrota da Netflix, gigante do streaming que vem batendo na trave cada vez com mais força. O revés de "Ataque dos Cães" pode estar associado a um certo constrangimento entre os membros da Academia em entregar o maior prêmio da indústria do cinema para uma produção concebida para ser exibida no conforto do lar.

"Ataque dos Cães", da Netflix, começou a corrida do Oscar deste ano como principal favorito. Com 12 indicações, recorde do ano, o filme era o mais elogiado pela crítica, mas foi perdendo espaço e saiu da festa com apenas uma estatueta — para a diretora Jane Campion.

Dessa forma, "Ataque dos Cães" entra para uma lista não tão pequena de fracassos da Netflix no Oscar — em muitos casos filmes superiores aos títulos consagrados. Na edição de 2019, "Roma", de Alfonso Cuarón, reinava com os principais prêmios do ano, incluindo o Leão de Ouro no Festival de Veneza — época em que a Netflix entrou em rota de colisão com Cannes. No Oscar no entanto, o apenas simpático "Green Book" saiu com a estatueta de melhor filme.

No ano seguinte, "O Irlandês" largou com dez indicações e o selo Martin Scorsese de qualidade; a lista para melhor filme ainda tinha o ótimo "História de um Casamento". Mas os títulos da Netflix viram o sul-coreano "Parasita" se tornar o primeiro longa de língua não inglesa a conquistar o Oscar principal — tirando o feito que deveria ter sido do mexicano "Roma".

No ano passado, com a temporada fartamente prejudicada pela pandemia da Covid-19, os principais estúdios resolveram adiar muitos dos principais candidatos, como "Amor, Sublime Amor", de Steven Spielberg. O título seria lançado no fim de 2020, mas ficou um ano no estaleiro de olho na volta do público.

Assim, parecia que os filmes do streaming teriam alguma vantagem. E quem liderou a lista dos indicados foi "Mank" da Netflix. Outro longa da empresa entre os principais do ano era "Os 7 de Chicago"; e a lista tinha ainda "O Som do Silêncio", do Prime Video. Todos perderam para "Nomadland", principal vencedor da noite.

Talvez seja mais justo que a Academia lance logo a categoria "melhor filme para streaming do ano". Pelo menos não passaria pelo constrangimento de premiar filmes como "Green Book" — ou "No Ritmo do Coração".

Os atores Ferdia Walsh-Peelo e Emilia Jones em cena do filme 'No Ritmo do Coração' vencedor do Oscar Divulgação

Transmissão do Oscar pelo Globoplay deixou público atordoado

ANÁLISE

Tony Goes

Antigo trunfo da Globo, a transmissão ao vivo da entrega do Oscar se tornou um abacaxi nos últimos anos. E não só por causa da queda do interesse do público, comum ao mundo inteiro.

Durante décadas, a cerimônia acontecia numa segunda-feira. Mas, a pedido da Prefeitura de Los Angeles, em 1999 a Academia transferiu a festa para domingo, para não atrapalhar ainda mais o já complicado trânsito da cidade.

Acontece que o domingo virou um dia quentíssimo para a Globo. Além do Fantástico, um dos carros-chefe de sua programação, a emissora exibe neste dia, nos primeiros meses do ano, a formação do paredão do Big Brother Brasil. O resultado é que a transmissão do Oscar passou a entrar no ar cada vez mais tarde, quando diversas categorias já haviam sido agraciadas. Os cinéfilos mais ricos migraram para a TV a cabo. Aos sem recursos, só restou reclamar.

Neste ano, a emissora mudou de estratégia. Deixou intacta sua grade de domingo, com o Fantástico seguido pelo BBB. E levou o Oscar para a plataforma Globoplay, com o sinal aberto a não assinantes.

Os cinéfilos de raiz (e bilíngues) contiuaram na TV paga. Afinal, o canal TNT oferece a cerimônia com o áudio original em inglês. Quem optou pelo Globoplay teve de aguentar a apresentadora Maria Beltrão e os atores Dira Paes, Fábio Porchat e Marcelo Adnet falando sem parar e cometendo algumas gafes.

Não foi um desastre épico como o protagonizado por Glória Pires na cerimônia de 2016. Convidada a dar seus pitacos, a atriz repetia toda hora que não se sentia capaz de opinar, já que não tinha visto quase nenhum dos filmes indicados naquele ano. Sua bisonha participação rendeu a ela muitas críticas e uma enxurrada de memes.

Neste ano, fizeram falta o jornalista Artur Xexéo, morto no ano passado, e o ator José Wilker, morto em 2014. Ambos eram comentaristas habituais da transmissão e profundos conhecedores da sétima arte. Dira Paes, Fábio Porchat e Marcelo Adnet não têm o mesmo verve.

Verve é o que não falta a Porchat e Adnet, dois dos maiores humoristas da atualidade. Mas eles poderiam ter se esforçado um tiquinho mais. Adnet, por exemplo, trouxe uma informação interessante sobre a atleta Lucy Harris, retratada no documentário "The Queen of Basketball" — morreu em janeiro passado, aos 66 anos. "Isso talvez faça do filme o favorito em sua categoria."

Só que ele não sabia que, àquela altura, o Oscar de melhor curta documental já havia sido dado — essa foi uma das oito categorias que a Academia decidiu não transmitir ao vivo. E, sim, "The Queen of Basketball" se saiu vencedor.

O mais quente momento da noite, o já histórico tapa de Will Smith em Chris Rock, rendeu um rápido debate entre Fábio Porchat e Eduardo Camargo, que forma com Felipe Oliveira o Diva Depressão — a dupla de humor fazia esporádicas entradas em vídeo.

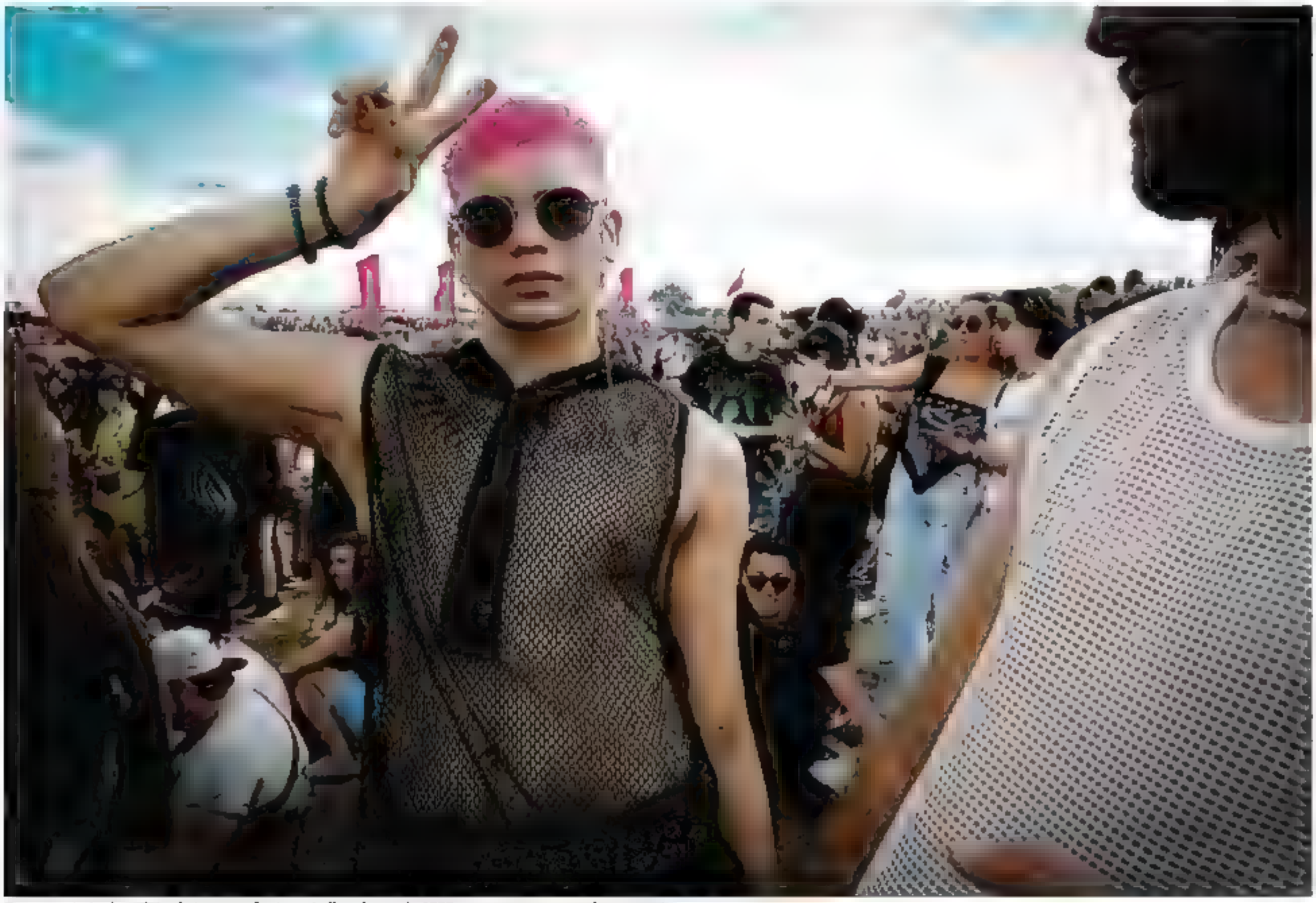
"Acho que [os criadores pretos de conteúdo] sabem como a questão do cabelo para as pessoas pretas é uma coisa que vai além de nós, pessoas brancas", disse Camargo. "Então fica uma situação difícil até mesmo de a gente comentar."

"Mas o Chris Rock é preto, a mulher do Will Smith é preta, o Will Smith é preto", interrompeu Porchat. "A questão ali foi de uma piada com uma doença super-indelicada, e realmente é, mas a gente não pode normalizar. A piada foi ruim, a pessoa levantou e deu um tapa na cara."

A discussão é interessante e poderia ter ido mais longe, não fosse a cerimônia ainda estar em andamento.

Quem realmente não parou um minuto de falar foi Maria Beltrão. A apresentadora, famosa pelo tom descontraído que dá ao programa Estúdio I da GloboNews, parecia acometida da síndrome de Rubens Ewald Filho. O crítico de cinema já morto também não conseguia ficar quieto durante o Oscar, como se o silêncio o incomodasse.

No frigir dos ovos, o Globoplay não fez um mau papel. Mas os futuros comentaristas precisam lembrar uma coisa — quem assiste ao Oscar está mais interessado na premiação do que neles. A cerimônia em si — e seus eventuais percalços — é a verdadeira estrela da noite.



Rapaz veste look repleto de transparência no Lollapalooza de 2022, que resgatou a moda periguete Fotos Fabiano Cardoso/Folhapress

Psicodelia e transparência resgatam a moda periguete no Lolla

Os 'lollapaloozers' quiseram botar o corpo para jogo na volta do festival depois de dois anos de isolamento

Marina Lourenço
e Pedro Martins

SÃO PAULO Os "lollapaloozers", como são conhecidos os frequentadores do Lollapalooza, quiseram botar o corpo para jogo com looks repletos de transparência e psicodelia na primeira edição do festival desde o início da pandemia.

Os mais ousados escolheram os tecidos de tule ou de laise, repleto de furinhos, que caem justos sobre o corpo e demarcam todas as curvas da silhueta. Foi uma aposta vista tanto entre os homens quanto entre as mulheres, que recorreram a um tapa-mamilos, normalmente no formato de estrela, para compor o look.

É uma tendência que já vinha em alta na moda com desfiles tomados nas so por transparências, mas também por fendas, nas passarelas de Nova York, Londres, Milão e Paris. A diferença é que antes restrita à noite, agora a ousadia também parece desfilar sob o sol do meio-dia.

A empresária Bruna Alcântara, que desfilou pelo Lollà neste sábado sem medo de mostrar o corpo, diz que um look de tule como o seu, inspirado por Kim Kardashian, é uma resposta à quarentena que nos trancou por meses dentro de casa.

É, para ela, que veio de Manaus para o festival em São Paulo, a reconquista do direito à diversão e também da autoestima. "Nos últimos dois anos, não saí de casa. Gosto de me sentir exposta, porque demorei muito tempo para me sentir confiante em relação ao meu corpo e agora, quero mostrar."

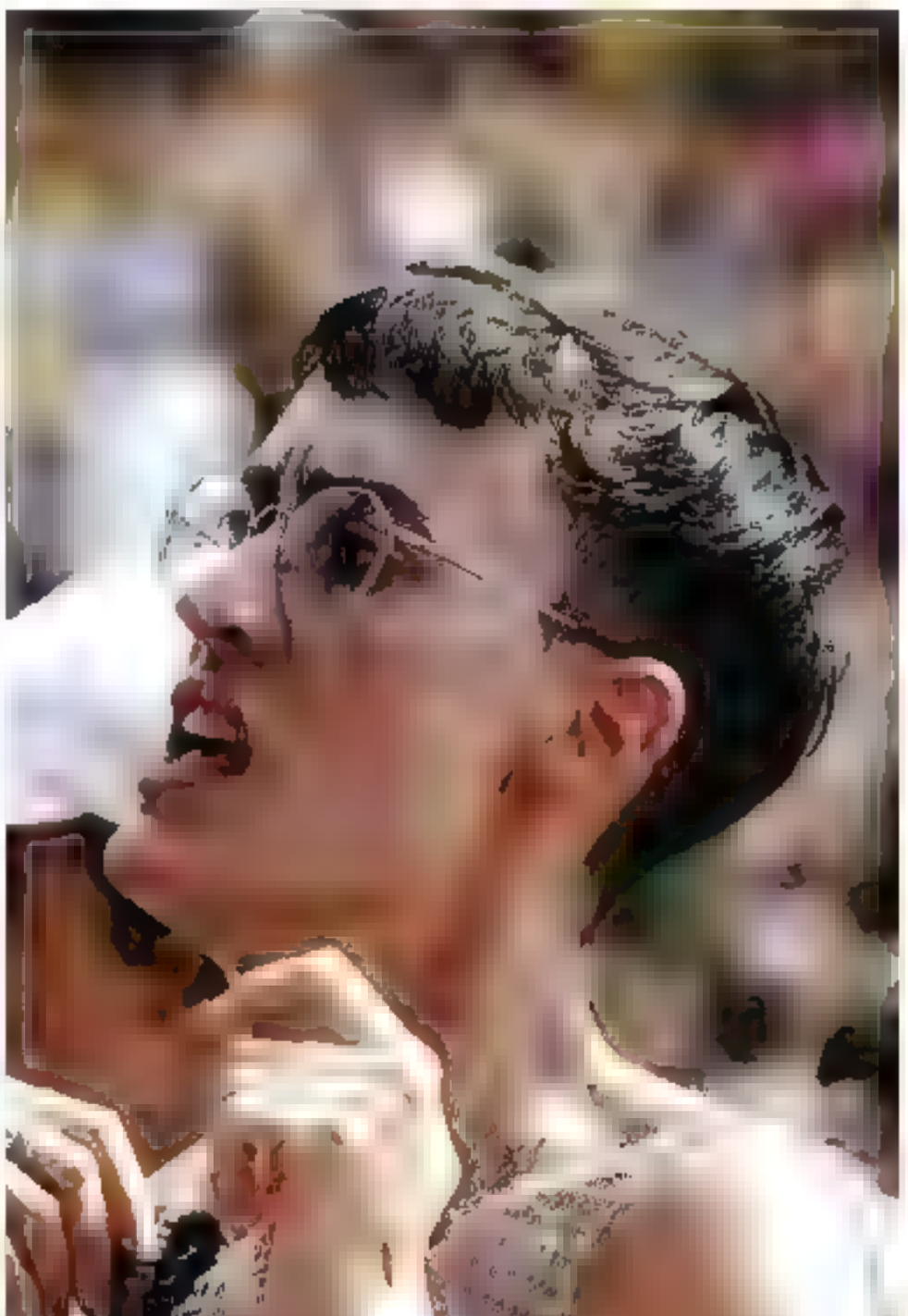
Sua visão é amparada pelo sociólogo Dario Caldas, diretor do Observatório de Sinais, um buró que acompanha o surgimento e a queda de tendências. "A moda atual está muito sexualizada. Ela aponta para o pós-pandemia, em que todos querem voltar a ser sexy e botar para quebrar" afirma.

As estampas psicodélicas não ficam para trás no que diz respeito à sensualidade. Num resgate do estilo tie-dye, que surgiu nas décadas de 1960 e 1970, elas podem ser — e normalmente são — combinadas com transparências.

É um estilo que quase sempre coladinho no corpo, traz formas geométricas distorcidas e embaladas por uma atmosfera hippie e alucinógena o que no Lolla apareceu em camisetas blusas vestidos, calças saias e até nos croppeds, tão famosos na internet.

Houve, ainda, um resgate do trompe l'oeil e suas cores vibrantes. Invenção do francês Jean Paul Gaultier nos anos 1990, é um estilo marcado por ilusão de ótica, com a sensação de que a pessoa está usando uma roupa sobre a outra.

A estampa foi vista no Lolla sobretudo em bodies que a estilista Pamela Madlangbayan criou numa parceria com a varejista chinesa Shein, que fez sucesso nas redes sociais depois de ter sido usada por Jade Picon no Big Brother Brasil. Talvez tenha sido ela, afinal, a grande inspiração dos "lollapalozers" de agora.



Quem é o dono da toalha de Lula que Pabllo Vittar mostrou no Lolla

Saymon Souza mora em Santos e conta que quase teve a bandeira tomada por seguranças do festival

Lucas Brêda

SÃO PAULO Uma toalha que custa menos de R$ 30 na internet, nas mãos de uma drag queen, foi capaz de causar um alvoroço que transformou os rumos do Lollapalooza Brasil —e chegou até o TSE, o Tribunal Superior Eleitoral. O responsável por levar o objeto, com rosto e nome do ex-presidente Lula, até Pabllo Vittar é Saymon Souza, maranhense que mora em Santos, em São Paulo.

"Gosto do Lula há muito tempo, porque fez parte da minha vida", diz. "Nasci no Maranhão, e muita gente que nasceu no Norte ou Nordeste tem essa gratidão aos governos do PT e principalmente ao Lula."

Conterrâneo da drag queen, que fez um dos shows mais celebrados do festival, Souza foi ao Lollapalooza para ver Pabllo, Doja Cat e Miley Cyrus, entre outros. Sabendo que a maranhense é apoiadora do petista, decidiu trazer a tal toalha para levar à cantora.

O resultado da ação é que a campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL), acompanhado pelo TSE, alegando suposta propaganda eleitoral irregular em benefício de Lula. O tribunal acatou esse pedido e determinou a multa de R$ 50 mil para o festival se houvesse outras manifestações a favor ou contra algum candidato, em caso que gerou protestos contra a censura dentro e fora do Lolla.

"Seria importante da Pabllo segurando essa bandeira no momento em que estamos vivendo. Só não fazia ideia da proporção que ia tomar."

Ele chegou ao palco no show anterior, do trapper Matuê, mas teve de sair correndo depois de uma tempestade. Conseguiu, no entanto, chegar à grade antes do show da drag queen e ficou encarando ela.

"A 'bandeira' chamou a atenção dela já no início do show, e ela fez o 'I'm a mess'. Depois, no fim, eu desceu e pegou. Foi muito rápido. Desceu, pegou, voltou e devolveu. Ela me reconheceu porque a gente já estava flertando."

Souza virou uma espécie de celebridade depois de levar a toalha até Pabllo. Nos dez minutos em que esteve com este repórter, três pessoas pediram para tirar fotos com ele e com a toalha.

Depois que soube da decisão do TSE, ele ficou surpreso. "Achei que não ia dar em nada. Já esperava isso do Bolsonaro, por causa do histórico antidemocrático dele. Mas o que surpreendeu mesmo foi a decisão do TSE de acatar o pedido."

"É muito louco pensar que um simples gesto, eu trazer a 'bandeira', fosse fazer isso tudo acontecer. Sabia que ia gerar alguma coisa, mas TSE?"

Apesar da repercussão, ele diz que não sente medo. "Meu Instagram agora não para. Já tenho ódio... Um monte de mané vem comentar em cima de Bolsonaro, mas não tenho medo não." Só ficou com receio de que a drag pudesse ser presa por causa dele. "Recebi mensagens dizendo 'a Pabllo vai ser presa por causa de você'. Eu só pensei: meu Deus, será que ela vai ser presa por causa de mim?' Mas, se ela e eu formos presos, o Felipe Neto já falou que ia pagar."

Souza, que é produtor audiovisual, ficou na grade no show de Marina Sena, no domingo, e novamente levou a toalha —desta vez, não teve sucesso. Mas no show de Gloria Groove horas depois, ele quase ficou sem a toalha.

Conforme registrou em vídeo, um segurança do Lollapalooza tentou tomar o objeto de suas mãos. Souza conta que estava na grade do show. "Ele falou 'você não pode fazer isso aqui, está proibida a propaganda política, e você tomar sua bandeira. Eu falei que não era uma propaganda política, e que sou público, não estou proibido de me manifestar'."

"Nessa hora [do vídeo] ele chamou outro cara e disse 'você não vai tirar?'. Eu falei que não ia tirar. Aí ele veio e puxou. As pessoas me ajudaram a segurar a toalha."

A organização do Lollapalooza nega que tenha dado esta orientação ao funcionário. A empresa produtora do festival, a T4F, ainda, entrou com recurso no TSE contra a tentativa de censura, dizendo que não pode agir como censora privada, "controlando e proibindo o conteúdo" das falas.

No show, Gloria Groove, com um macacão com o número 13, protestou contra a censura. "Eles querem calar a gente e isso? Censura em 2022 é o caralho. Fora, Bolsonaro!"

O produtor audiovisual Saymon Souza Lucas Brêda/Folhapress

Praticando o isolamento virtual

Rolei o Instagram até o inferno —e o inferno são os outros na internet

Manuela Cantuária

Roteirista e escritora, faz parte da equipe do canal Porta dos Fundos

Durante quase dois anos, fomos obrigados a praticar o isolamento social. Comemoramos aniversários por videoconferência, assistimos a shows sentados no sofá da sala, consumimos memes como entorpecentes.

Hoje, me vejo obrigada a praticar o isolamento virtual. Passei tempo demais em grupos de WhatsApp, threads do Twitter, lives do YouTube. Rolei a barra do Instagram até o inferno —e o inferno são os outros na internet. Já não reconhecia meus amigos sob os filtros que coravam suas bochechas, naqueles videozinhos editados como um tipe good vibes do Jack Johnson.

Agora, sinto que cada notificação do meu celular me rouba pelo menos um minuto de vida. Ainda que eu ame o remetente da mensagem com todas as minhas células, uma convocação para interagir virtualmente me parece mais cansativa do que uma convocação para ser mesária.

Tenho achado mais prático pegar a ponte aérea Rio São Paulo, atravessar a cidade ouvindo os desvarios de um taxista pró-Bolsonaro e ficar uma hora na fila de espera de um bar hipster em um bairro gentrificado para encontrar uma amiga do que responder sua mensagem de áudio.

No hora que aperto o botão para gravar, me sinto como uma atriz com medo de pal co e que esqueceu o texto e até o próprio nome. Enviar uma simples mensagem de áudio exige pensar em um roteiro, editá-lo, ensaiá-lo, para performar um monólogo de pouco mais de um minuto que será ouvido na velocidade dois. E não acaba por aí. Esse monólogo provavelmente será respondido com outro monólogo, exigindo de mim uma tréplica.

Os grupos de WhatsApp estão cada vez mais difíceis de acompanhar. Você fica três horas sem abrir as mensagens e se depara com pelo menos sete assuntos aleatórios, dois barracos e cinco indiretas acusando você de ser antissocial. Tenho para mim que esses grupos deveriam ser mediados como os debates eleitorais. "Candidato, seu tempo acabou." "Foco no assunto principal, por gentileza." "Prezados, vamos manter o decoro?"

Sabe aquela pessoa que é extrovertida na internet e reservada pessoalmente? Acho que me tornei o contrário disso. Às vezes, sinto nostalgia de um tempo que não vivi, em que a gente se comunicava por pombos-correio e não por essa garra tremedeira que carrega no bolso. Noutras, sei que é só ressaca de uma esbórnia virtual que parecia não ter fim.

Sem

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | **QUA. Gregorio Duvivier** | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Documentário indicado ao Oscar retrata a China moderna

Ascensão

Paramount+ 14 anos

Para seu primeiro longa, a documentarista sino-americana Jessica Kingdon percorreu mais de 50 locações na China continental. Por meio de imagens impressionantes, de operários em fábricas às aulas de etiqueta dos novos-ricos, ela revela os contrastes da segunda maior economia do mundo. O filme esteve entre os indicados ao Oscar de melhor documentário.

Amor

Multi 12 anos

Um banqueiro suíço vai a Buenos Aires, em 1980, para substituir um colega que desapareceu sem deixar pistas. Sem cenas de violência, o filme de Andreas Fontana revela um lado podre da ditadura militar da Argentina.

Os Mortos Não Morrem

Netflix 16 anos

Adam Driver, Bill Murray e Tilda Swinton combatem uma invasão de zumbis a uma pequena cidade americana. O diretor Jim Jarmusch mistura comédia e terror neste longa de 2019, ainda inédito nos cinemas brasileiros.

As Trambiqueiras

Amazon Prime Video 16 anos

Nesta comédia exclusiva da plataforma, duas donas de casa trocam suas vidas pacatas por um esquema de fraude imobiliário.

Guerras e Conflitos que Mudaram o Mundo

YouTube da Casa do Saber, grátis

Neste curso com sete aulas, o especialista em política internacional Tanguy Baghdadi fala de alguns dos conflitos mais importantes da história, da Guerra do Peloponeso até a recente Guerra ao Terror. Disponível até 15 de abril.

Que História É Essa, Porchat?

GNT 23h45 12 anos

O talk show comandado por Fábio Porchat chega à quarta temporada —e, depois de dois anos, volta a ter uma plateia ao vivo. Os convidados da estreia são os atores Ary Fontoura e Taís Araújo e a influenciadora Gkay.

#Provoca

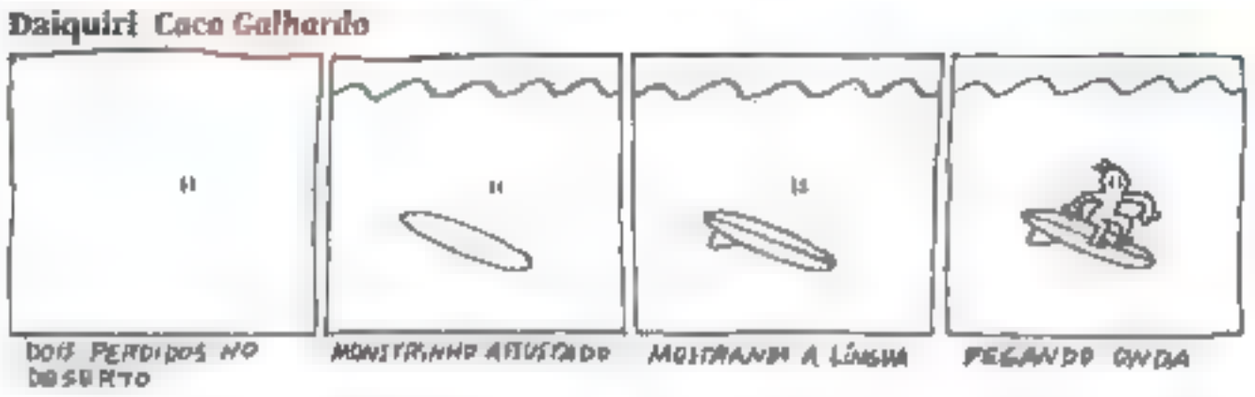
Cultura, 22h. 10 anos

O músico, compositor, ensaísta e professor de literatura José Miguel Wisnik conversa com Marcelo Tas sobre as intersecções entre a cultura popular e a erudita.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

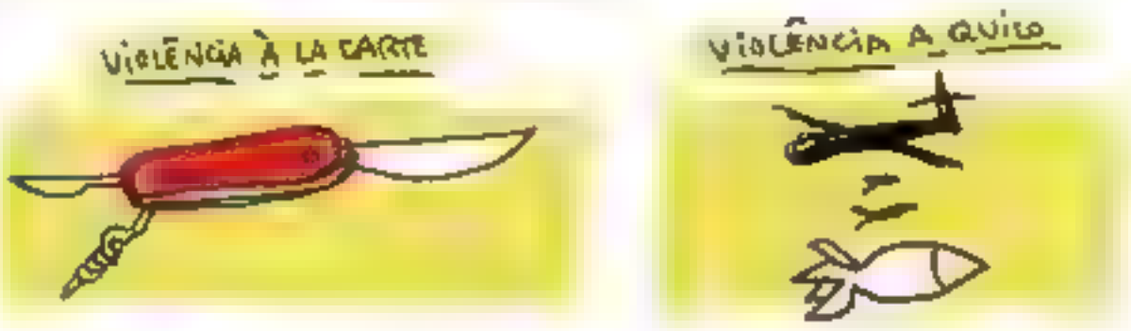
Daiquiri *Caco Galhardo*



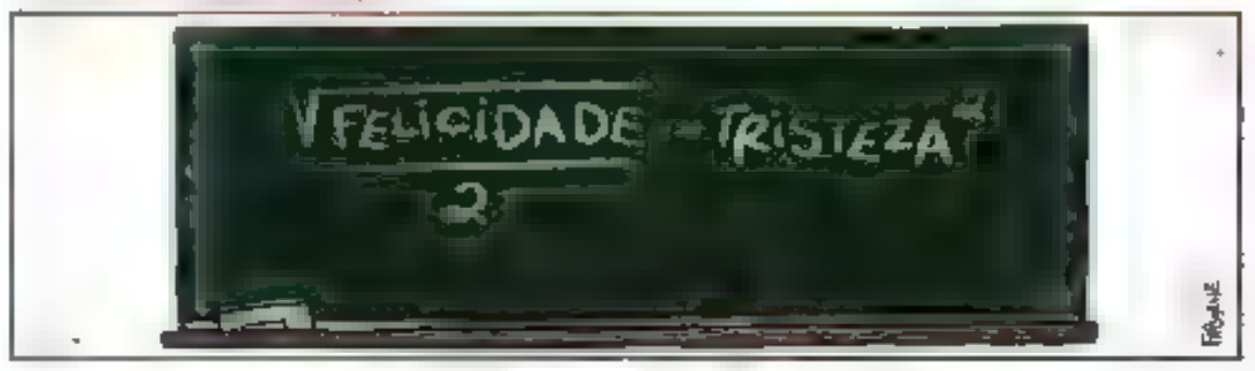
Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *Andre Dahmer*



Viver Dói *Fabiane Langona*



Pessumas Influências *Estela Mav*

SUDOKU

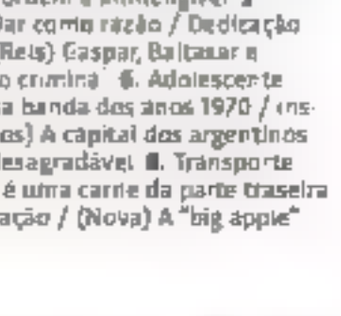
Desafio.art.br/fsp

MÉDIO

1							8
	2	5					
6	4		2		3		5
	6		8		5	3	
	7					1	
		2	4		7		8
	5		6		8		4	7
						1	9	
2								3

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o tabuleiro (nove quadrados divididos em nove linhas, com nove colunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid.

SOLUÇÃO



CRUZADAS

HORIZONTAIS

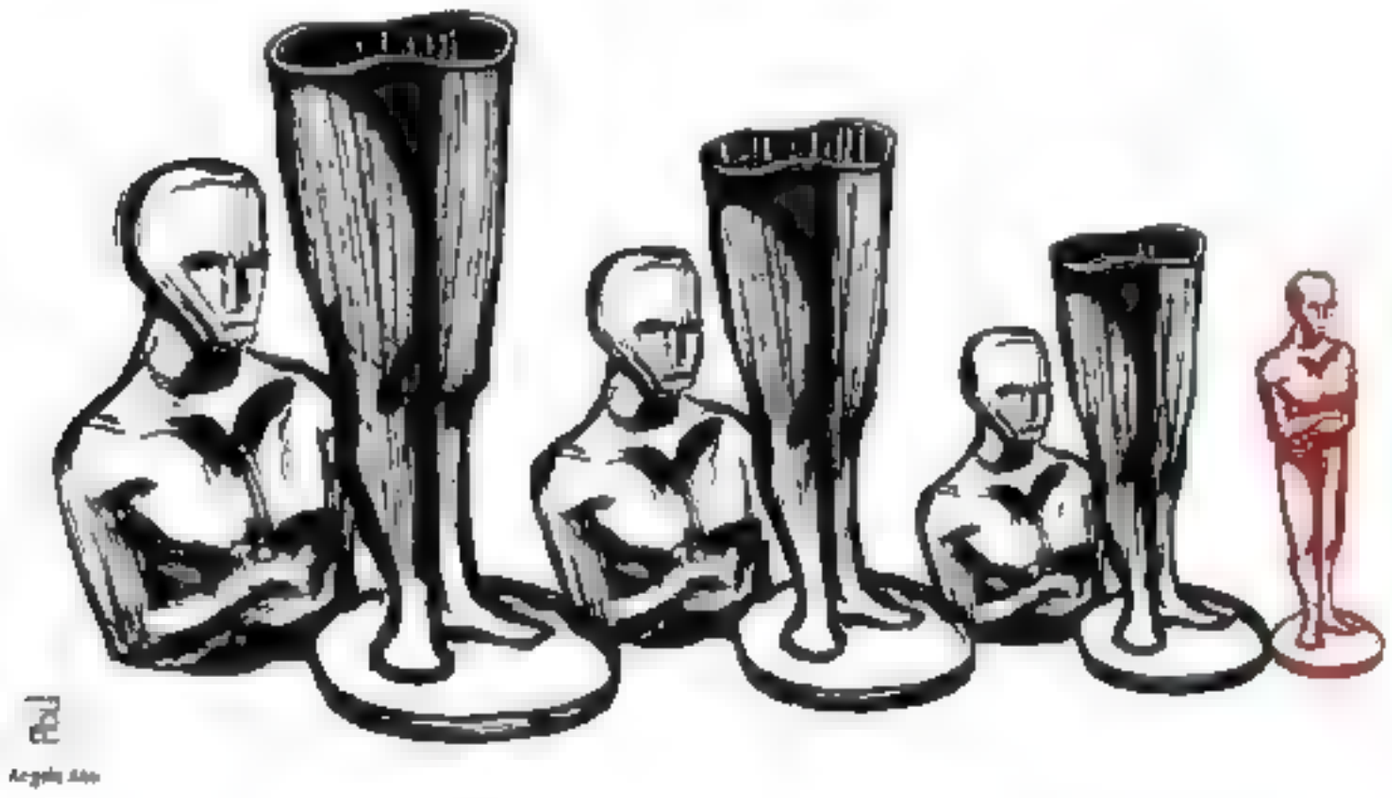
1. Vara flexível e longa usada para fustigar animais ou castigar pessoas **2.** Abreviatura (em português) de Honduras / Vasos que levam sangue ao coração **3.** Cidade pernambucana mato-grossense **4.** O Boeing ex-piloto de F1 / Um famoso imperador romano **5.** A véspera de hoje / O contrário de com **6.** Gestos para afastar o azar / O rio da Sibéria que forma o golfo homônimo **7.** Visão ilusória **8.** As iniciais do economista carioca Gudin / Um estilo decorativo muito enfeitado **9.** (Ingl.) Sol / Terra considerada nas suas qualidades produtivas **10.** Um quase nada / (Ingl.) Que desperta a libido **11.** (Ingl.) Rio / O João celebrado em 24 de junho **12.** Aquele que vota para presidente, deputado, vereador etc. **13.** Um grande sucesso da MPB, de Nana Caymmi.

VERTICAIS

1. O gênero musical de Pixinguinha / Professores **2.** (Quím.) Hólmio / Texto ou discurso sem ordem e ininteligível **3.** Sugerir / Padrão, qualidade **4.** Dar como razão / Dedicação ardente **5.** Um dano cerebral / (Reis) Gaspar, Baltasar e Belchior / Indiciado em inquérito criminal **6.** Adolescente, em inglês / (e Molhados) Famosa banda dos anos 1970 / Instituto de Criminalística **7.** (Buenos) A capital dos argentinos / Que provoca prejuízos, que é desagradável **8.** Transporte feito através de aviões / O mole é uma carne da parte traseira do boi **9.** Coisa que causa admiração / (Nova) A "big apple" nos EUA

HORIZONTAIS 1: Chibata **2.** Hon, Veias **3.** Cáceres **4.** Rau, Nero **5.** Ontem, Sem, **6.** Figas, Ob **7.** Miragem **8.** Eg, Rococó **9.** Sol, Solo **10.** Tic, Sexy **11.** Rhe, Rio **12.** Eleitor **13.** Só Louco

VERTICAIS 1. Chorão, Mestres **2.** Hó, Antiguo **3.** Incolor, Nível **4.** Alegar, Zelo **5.** AVC, Magos, Reu **6.** Teen, Secos **7.** Cf, Aéreo, Molesto **8.** Aterro, Colcão **9.** Assombro, York



Angelo Abu

Não olhe para trás

O Oscar era um sucesso porque não existiam as alternativas culturais de hoje

João Pereira Coutinho

Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Pobre Oscar. Ninguém quer saber mais sério a tese de incontáveis artigos publicados antes da premiação. O hype do show tem sido miserável. Os filmes indicados não fazem sucesso na bilheteria. Como explicar esse naufrágio?

Fiz uma experiência. Perguntei a amigos, familiares e até colegas qual foi o melhor filme a que assistiram nesse último ano. Quase ninguém deu a mesma resposta —e, entre as respostas, nenhuma foi a indicada ao Oscar principal.

Eu próprio, em momento de autoanálise, concluí que a melhor calhetada do meu ano foi, provavelmente, "A Crônica Francesa", de Wes Anderson. Escusa de procurar, leitor. Não foi indicado ao Oscar de melhor filme.

A fragmentação de gostos é imensa, eis o meu ponto. Nos anos dourados da adolescência, era o contrário. Sim, havia sempre um cocainômano que tinha um gosto particular por cinema alternativo ou música da Polinésia.

Mas era artigo raro e apostolado fracassou. Tenho a certeza que o desgraçado passou horas assistindo aos filmes do "Indiana Jones" e escutando as músicas do Queen às escondidas.

Os restantes falavam das mesmas coisas porque só havia as mesmas coisas para falar. A televisão privada só chegou a Portugal na primeira metade da década de 1990. A internet pelo menos para as famílias, na segunda metade.

E as plataformas de streaming, aqui, nasceram ontem.

Resultado: nos verdes anos, havia uma cultura geral e partilhada. Não por escolha, por ausência de escolha.

Há quem lamente essa perda civilizacional. A história é conhecida: a modernidade foi desintegrando os indivíduos, que deixaram de ter uma linguagem comum —religiosa, cultural, política, até simbólica— e se atomizaram para lá do tolerável.

A fragmentação do consumo cultural é apenas uma expressão desse hiperindividualismo, em que cada um persegue sadiamente os seus interesses, sem estabelecer pontes de contato com ninguém.

Por mais atraente que seja o diagnóstico, sobretudo para almas nostálgicas que sentem o apelo imemorial da tribo, não compro essa viagem. Por dois motivos.

Primeiro, esse mundo de uniformidade cultural era uma tristeza de meter dó. Sem possibilidade de consumir e compartilhar obras diversas, uma pessoa até acreditava que Oliver Stone era um grande diretor.

Mas o diagnóstico também está incorreto porque o fim da tribo não acabou com as tribos. Elas apenas se multiplicaram e segmentaram.

Anos atrás, o sociólogo francês Michel Maffesoli já tinha cartografado o fenômeno no seu "O Tempo das Tribos". Contra a ideia comum de que a sociedade de massas conduz ao individualismo, Maffesoli propunha o contrário: cada vez mais procuramos aqueles que sentem e pensam como nós, formando comunidades afetivas e estéticas (ou, melhor dizendo, afetivas porque estéticas).

É uma procura essencial e não instrumental, porque o fim dessas "tribos" não é obter um ganho que lhes seja exterior ou anterior.

O ganho é pessoal, existencial, identitário. E, excetuando os casos patológicos, produto da escolha individual e não da coerção da escassez.

A internet só veio acelerar essa dinâmica, às vezes de forma nociva (na política), mas também de forma benigna (nas "afinidades eletivas" de gosto). Pessoas que apreciam genuinamente cinema albanês ou música da Polinésia devem existir em qualquer canto do ciberespaço, sem necessidade de fazerem pose. E sem estarem condenadas à solidão.

No seu coluna do New York Times, Ross Douthat sugere que o problema do Oscar está na falta de já não existirem fãs mais "multicultural" que compartilham o gosto médio das massas.

Errado, companheiro. Esses fãs existem e, olhando para as dez indicados ao Oscar de melhor filme, quase todos encaixam no perfil.

O problema é que o sucesso planetário do Oscar impunha uma certa homogeneidade de opções e gostos, por falta de alternativas. As pessoas consumiam os mesmos filmes, discutiam sobre eles e, na hora da premiação, até torciam pelos seus eleitos.

Não mais: os seguidores do Oscar são hoje uma tribo entre várias tribos, sem um estatuto monopolista ou especial.

É um caminho sem retorno —e ainda bem.

PS. Escrevi a coluna antes de assistir à agressão de Will Smith a Chris Rock. É um momento histórico, que pode significar uma de duas coisas: ou a decadência do show é irreversível; ou Hollywood encontrou aqui uma forma de ressuscitar a cerimônia, obrigando os atores a imitarem os personagens da Marvel na vida real.

SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | **QUA. Marcelo Coelho** | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Atores em cena de peça fotografada por Lenise Pinheiro, homenageada com mostra no festival — Lenise Pinheiro/Folhapress

Festival de Curitiba traz teatro de carne e osso

Após hiato pandêmico, evento reúne remontagens de peças históricas que celebram retorno à experiência presencial

Marina Lourenço

SÃO PAULO Em clima de festa, o Festival de Teatro de Curitiba comemora 30 anos, na sua primeira edição presencial desde o começo da pandemia. Com início nesta segunda, vai até o dia 10 de abril.

Nomes como Mateus Solano, Vladimir Brichta, Júlia Lemmertz, Denise Fraga, Guta Stresser, Luis Melo, Deborah Colker, Denise Stoklos, Nicole Puzzi, Rosana Stavis e Edson Bueno estão na programação, que reúne shows, oficinas, palestras, exibição de filmes, lançamentos de livros, debates, performances, estreias, pré-estreias e, sobretudo, remontagens de peças que marcaram o festival nessas três décadas.

Segundo Leandro Knopfholz, cofundador do festival, a edição marca o retorno do teatro de carne e osso, depois de cancelamentos, adiamentos e experiências digitais.

Entre as estreias do evento, a principal é "G.A.L.A" monólogo de Gerald Thomas que traz uma mulher, vivida por Fabiana Gugli, sozinha num barco à beira do naufrágio.

Em entrevista no ano passado, Thomas definiu o espetáculo como autobiográfico e uma marca de seu "rompimento com Beckett". A peça abre a 30ª edição do festival.

Na lista das pré-estreias, há "Todo", de Guilherme Weber, na qual três fábulas se misturam. A primeira traz um grupo de funcionários imaginando que são deuses do Olimpo. A segunda mostra uma ceia em que os convidados discutem modernismo e pós-modernismo. E a terceira tem um escritor de livros infantis casado com uma mulher que teme intensamente a morte de seu bebê. A peça estreia oficialmente em junho, no teatro Sesi Firjan, no Rio de Janeiro.

Inspirado em Thomas Bernhard e dirigido por Marcos Damaceno, "A Afinista" é estrelado por Rosana Stavis e narra a história de três pianistas que vivem entre sonhos e frustrações. A estreia acontece em junho, também no Rio.

Entre os musicais, se destacam "A Hora da Estrela ou O Canto de Macabéa", adaptação do clássico de Clarice Lispector com trilha de Chico César, e "Cordel do Amor Sem Fim" com direção, cenário e figurino de Gabriel Villela —o primeiro estreou neste ano, o segundo é do ano passado.

O festival traz remontagens de sucessos como "O Casamento", da companhia Os Fodidos Privilegiados, "Conselho de Classe", da Cia. dos Atores, "Till, A Saga de um Herói Torto", do Grupo Galpão, e "Pessoas Brutas", dos Satyros.

"Resolvemos reapresentar 'Pessoas Brutas' no festival, porque a edição desse ano é muito emocional" diz Ivam Cabral, coautor da obra e fundador dos Satyros. Ele também aparece com o espetáculo "Aurora" e lança o livro "Entre o Nada e o Infinito", na feira literária do festival.

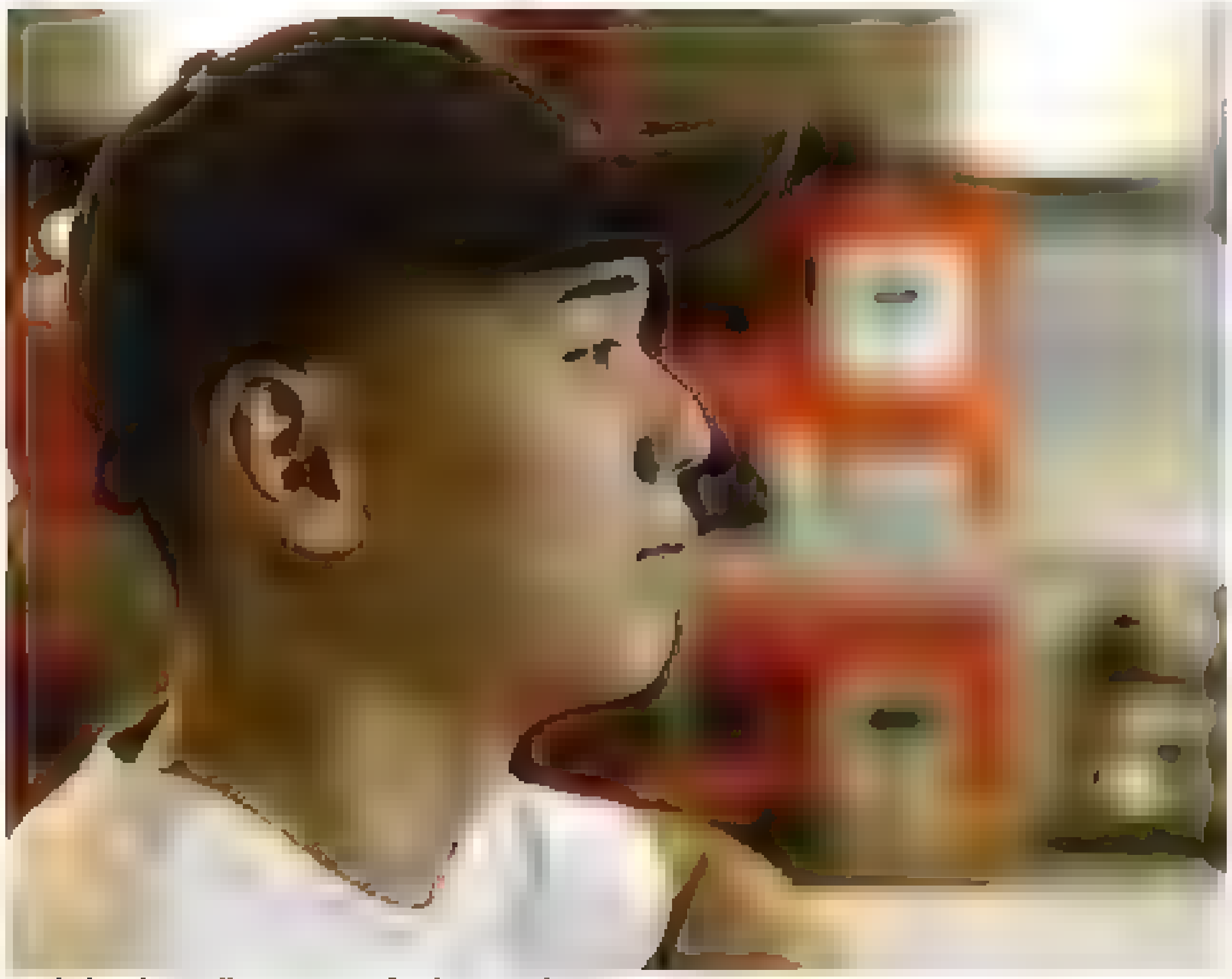
Com tom intimista, a obra, que ele diz ser sua "grande empreitada do evento", reúne vários relatos de seus diários, escritos entre 2009 e 2021.

Além de lançamentos literários, o festival traz a mostra fotográfica "Viva! 30 Anos por Lenise Pinheiro", que reúne mais de 400 imagens do evento, registradas pela fotógrafa.

30º Festival de Curitiba

De 28 de março a 10 de abril. De grátis a R$ 80. Mais informações em festivaldecuritiba.com.br/

comida



Paul Cho, da Paul's Boutique, foi da Bráz Elettrica até 2021 Fotos Rubens Cavallari/Folhapress

Anthony Falco é consultor desde 2017, e vem ao Brasil uma vez ao ano trabalhar com a equipe

SP aprende a comer pizza no melhor estilo de NY

Americano Anthony Falco e coreano Paul Cho, que já foram mestre e aprendiz, tocam casas rivais mas com mesma raiz

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Não é a primeira vez que a clientela da Bráz Elettrica topa com um pizzaiolo diferente atrás do balcão — um americano sorridente, de bochechas rosadas, que conhece muito bem a capital paulistana, apesar de só arranhar poucas palavras em português.

Consultor contratado pela Cia. Tradicional de Comércio desde a criação da rede, em junho de 2017, o americano Anthony Falco foi responsável pelo desenvolvimento do menu original e, pelo menos uma vez por ano, volta à cidade para interagir com a equipe e criar novas coberturas.

Na temporada mais recente, de 17 a 24 de março, Falco ainda conduziu um workshop para clientes e incluiu uma visita de cunho pessoal: foi provar as pizzas do ex-pupilo e atual concorrente, o coreano Paul Cho, que inaugurou a Paul's Boutique em fevereiro, no Itaim Bibi.

Falco e Cho são dois pontos fora da curva na cidade mais italiana do Brasil, onde a pizza sempre foi uma cultura associada aos imigrantes; eles tentam emplacar, por aqui, o jeito nova-iorquino de comer pizza.

"A Paul's Boutique tem a vibe nova-iorquina. A pizza é fantástica e só vai melhorar, porque o Paul é uma das pessoas mais talentosas com quem já trabalhei", rasga seda o mestre Falco.

Em comum, Bráz Elettrica e Paul's Boutique (que copia o nome de um álbum do grupo de hip-hop Beastie Boys) exibem ambientes jovens e coloridos, onde cervejas e coquetéis acompanham os pedidos.

Têm portas abertas desde o horário do almoço e zero apego às tradições. Assam as pizzas em fornos elétricos e não há talheres, pois a ordem é segurar a pizza com o guardanapo, ou com as pontas dos dedos mesmo. Mas as semelhanças terminam aí.

A Bráz Elettrica aposta na chamada escola neonapolitana (ou neopolitana), a bola da vez nas pizzarias moderninhas de Nova York, entre as quais se destaca a Roberta's — não por coincidência, a casa onde Falco aprendeu o ofício, trabalhou por oito anos e teve Cho como estagiário.

A massa, que passa por longa fermentação e surge do fermento natural que o próprio Falco trouxe na mala em 2017, gera bordas generosas e recebe coberturas nada ortodoxas. A de calabresa picante (R$ 37) leva um fio de mel, enquanto a portuguesa (R$ 37) não tem ovo cozido. É finalizada com um fio de gema crua sobre os demais ingredientes: muçarela, presunto, cebola caramelizada, azeitona e clara.

"Penso naquele cara em Nápoles, que viu o tomate pela primeira vez e foi ousado o suficiente para fazer um molho e colocá-lo sobre a pizza, sem se importar com regras. Esse é o espírito original da pizza, incorporar ingredientes do mundo", Falco poetiza.

A clientela paulistana parece ter aprovado seu espírito transgressor. Em quase cinco anos, a rede chegou a oito unidades.

Cho estudou na mesma cartilha. Embora tenha estagiado no Roberta's por apenas um mês, a parceria com o mentor teve vida longa em São Paulo: assim que inaugurou a Bráz Elettrica, Falco voltou para casa deixando o aprendiz no lugar de pizzaiolo-chefe, cargo que ocupou até 2021.

Agora, em seu primeiro empreendimento próprio, o coreano tomou um rumo diferente do mestre: a Paul's Boutique serve pizzas em grandes fatias sem exagero de cobertura, padrão adotado pelas pizzarias mais tradicionais de Nova York. Nos fins de semana, a fila chega à calçada.

Discos grandões, de 45 centímetros de diâmetro, são cortados em oito fatias. A massa de longa fermentação tem espessura fina e mais firme, que permite segurar o triângulo e dar mordidas a partir da ponta, sem que a fatia desmonte nas mãos.

Trata-se de algo bem diferente das pizzas em pedaços vendidas pelas padarias paulistanas, que pedem prato e talheres. O modelo que mais se aproxima é o da rede carioca Vezpa, que chegou a São Paulo em 2018 e já tem três unidades na capital.

Na Paul's Boutique, são seis coberturas dispostas no balcão aquecido, à espera dos clientes. Um dos hits é a de milho com muçarela, parmesão, manjericão, pimenta-do-reino e, veja só, creme de limão (R$ 11 a fatia).

"Por que só seis? Para evitar descarte, já que deixo as pizzas prontas no balcão. Em Nova York, é difícil encontrar um lugar que tenha mais do que três sabores. É muçarela, pepperoni e margherita no máximo", diz o pizzaiolo.

O toque paulistano vem da quase obrigação de ter sempre novidades. Inquieto, Cho já pensa em criar sabores em edições especiais em parceria com convidados. O primeiro deve ser o chef Matheus Zachini, do restaurante Borgo Mooca.

Entre abril e maio, a Bráz Elettrica também deve lançar pelo menos três sabores — os tais que Falco testou em sua última temporada na cidade.

Depois de ajudar a inaugurar pizzarias em 20 países, ele se diz impressionado com a qualidade das farinhas de trigo nacionais e a evolução da oferta de temperos e frutas no mercado local, o que sempre leva em conta na hora de criar. "Não quero fazer a mesma pizza em todos os lugares", diz o consultor.

Na entrevista que concedeu à **Folha**, ele cometeu algumas indiscrições, ainda não confirmadas pela empresa. "Tenho brincado com novos sabores, talvez abacaxi. É uma fruta tão brasileira! E testei algumas pizzas de sobremesa. Será que é segredo?" adiantou o pizzaiolo.

Pode ser que o cardápio incorpore ainda uma pizza siciliana, típica da terra da avó de Falco — a versão de massa alta mais parece uma focaccia. Ele só descarta a possibilidade de inventar uma pizza com catupiry, preferência declarada do paulistano. "Não gosto, preciso confessar", fecha questão.

Conhecido internacionalmente como pizza czar — esse é o título de seu primeiro livro, lançado nos Estados Unidos em 2021, ainda sem versão em português —, e ídolo entre pizzaiolos profissionais e amadores, especialmente os das novas gerações, Anthony Falco diz que a relação entre americanos e pizzas é visceral. E que os nova-iorquinos parecem ter uma credencial que os autoriza a criticar qualquer pizza que não seja de sua cidade.

Mas, sobre São Paulo, o czar reconhece: "Na cidade de vocês, essa cultura mais verdadeira. Sem dúvida, a capital da pizza é aqui."

> **Em Nova York, é difícil encontrar um lugar que tenha mais do que três sabores. É muçarela, pepperoni e margherita no máximo**
>
> **Paul Cho**
> criador da Paul's Boutique

Na Paul's Boutique, a massa é fina e firme: a ideia é segurar e morder a partir da ponta

> **A Paul's Boutique tem a vibe nova-iorquina. A pizza é fantástica e só vai melhorar porque o Paul é uma das pessoas mais talentosas com quem já trabalhei**
>
> **Anthony Falco**
> consultor da Bráz Elettrica

Bráz Elettrica
R. dos Pinheiros, 220, Pinheiros
(+ sete endereços)

Paul's Boutique
R. Dr. Renato Paes de Barros, 167, Itaim Bibi

TERRA VEGANA

Luisa Mafei
folha.uol.com.br/colunas/terra-vegana/

Bicho morto no meio do pão

Se eu pudesse voltar atrás, faria tudo completamente diferente.

Há uma grande tensão que ronda a vida de nós veganas e veganos todas as vezes em que botamos o pé para fora de casa. Sobretudo, quando alguém nos convida para comer — ou quando ninguém nos convida para nada e saímos, digamos, para resolver burocracias no cartório, sem saber por quanto tempo estaremos longe da nossa geladeira.

Esse fantasma da "fome" que assola o nosso estômago é uma tensão eletiva, e, num país como o Brasil, pode até soar um "luxo". Por isso, antes de seguir com as lamúrias de uma vegana que não sabe se encontrará ou não algo que possa comer no menu do restaurante, é importante ressaltar que existe um movimento expressivo de veganismo popular e periférico no país da fome não eletiva.

Isso quer dizer que, a algumas dezenas de quilômetros de Pinheiros, Higienópolis ou dos Jardins, existem pessoas que optaram por um veganismo sem chia ou spirulina, mas com muito arroz, feijão e uma variedade enorme de frutas e vegetais que não foram comprados no Pão de Açúcar.

Nunca tive pudor algum em abrir marmitas em restaurantes e bares, e, nas vezes em que fui chamada a atenção, respondia friamente "eu não como nada de origem animal e não tem nada que eu possa comer aqui, me desculpe", sem pensar no bolso do comerciante, ou na vergonha que minha melhor amiga passaria.

Esse hábito durou uns bons três meses, durante os quais sair de casa exigia todo um planejamento que culminava numa sacola térmica carregada a tiracolo para qualquer ocasião. Eu nunca deixei de ir a nenhum lugar "por não ter o que comer", e uma vez abri uma marmita linda, de salada no pote, em pleno McDonald's. Comprei um suco de maracujá para não ficar chato.

A gerente saiu detrás do balcão, foi até a mesa e me disse uma única frase: "não é permitido fazer piquenique no nosso estabelecimento". Era tudo o que precisava ouvir para começar o meu discurso em defesa dos animais. "Vocês estão servindo bicho morto no meio do pão."

Não tinha a menor consciência de que, além de salvar um total de zero animais com minhas sentenças em alto e bom som, estava reproduzindo a lógica de opressão contra a qual tentava lutar, apontando o dedo para uma trabalhadora que estava apenas trabalhando.

Mente quem diz que, se pudesse voltar atrás, faria tudo igual de novo. Eu faria completamente diferente.

De uns anos pra cá, entrei no abismo esporádico do "vou comer o que tiver". E descobri que eu estava errada. Sempre há pelo menos uma opção 100% vegetal. Pão com azeite. Azeitonas. Paçoca. Açaí. Vitamina de frutas com suco de laranja. Salada de frutas. Amendoim. Mandioca frita. Picolé de limão. Pastel de palmito. Polenta.

Outro dia mesmo, almocei batatas fritas com um chá de lata. Nada saudável, ainda mais para uma grávida. Mas é preciso olhar a comida para além do seu valor nutricional.

Comer é um ato fundante da nossa sociabilidade e, embora eu ainda seja fã das marmitas (carrego sempre comigo nos dias em que trabalho fora de casa), acho libertador fazer, eventualmente, um almoço completamente fora da casinha.

As batatas fritas, mergulhadas em ketchup, foram para num o melhor almoço da semana, porque enfim conheci a editora desta coluna, a Marcella Franco.

A sensação de que o encontro vale mais do que a comida também nutre. E um encontro sem tensões e julgamentos em relação ao que cada um come é terreno fértil para conversas que tocam e que fazem sentido — inclusive sobre o veganismo.

Na hora de pagar, sugeri ao operador do caixa algumas opções veganas que poderiam recheat, com simplicidade, os pães do sanduíche. Ele riu, e ficou de passar a sugestão adiante. Vou voltar para conferir.

UNIMED CAMPINAS - COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO

CNPJ nº 46.124.6.

seminários folha

O Brasil precisa ser discutido.

Existem discussões que não podem mais ser adiadas. Com o propósito de contribuir com ideias para solucionar os maiores desafios do país, a **Folha de S.Paulo** está promovendo debates importantes sobre temas relevantes à nossa realidade. Todos abordados com a credibilidade, o criticismo e o pluralismo que caracterizam o jornal.

- *saúde*
- *tecnologia*
- *cultura*
- *economia*
- *meio ambiente*
- *educação*
- *agricultura*
- *agronegócio*
- *indústria*
- *saneamento*
- *sustentabilidade*

e muito mais

Acesse o site
folha.com/seminariosfolha

FOLHA100
★★★

INFORMÁTICA DE MUNICÍPIOS ASSOCIADOS S.A. – IMA

Conselho Fiscal

Diretoria

Elga Teixeira Barreira - Diretor Presidente

Maria Amanda Gomide Guarnieri - Diretor Administrativo e Financeiro

Rodolfo Cesar de Sacti - Diretor de Inovação e Desenvolvimento

Michelle Cristiane Lopes - Diretora de Operações de Polo Tecnológico

Prefeitura de SOROCABA

HOSPITAL SÃO MARCOS S/A

CNPJ. nº 50.369.314/0001-44

EDITAL DE CONVOCAÇÃO - AVISO AOS ACIONISTAS

PREFEITURA MUNICIPAL DE POMPEIA/SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBATUBA

AVISOS DE LICITAÇÃO

FAZENDA ITAOCA AGROPECUÁRIA S/A

Demonstrações Financeiras (Valores Expressos em Milhares de Reais)

Balanços Patrimoniais em 31 de Dezembro de 2021 e em 31 de Dezembro de 2020 - em R$

Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido em 31 de Dezembro de 2021 - em R$

PPE Fios Esmaltados S.A.

seminários folha

O Brasil precisa ser discutido.

Existem discussões que não podem mais ser adiadas. Com o propósito de contribuir com ideias para solucionar os maiores desafios do país, a **Folha de S.Paulo** está promovendo debates importantes sobre temas relevantes à nossa realidade. Todos abordados com a credibilidade, o criticismo e o pluralismo que caracterizam o jornal.

- *saúde*
- *tecnologia*
- *cultura*
- *economia*
- *meio ambiente*
- *educação*
- *agricultura*
- *agronegócio*
- *indústria*
- *saneamento*
- *sustentabilidade*
- *e muito mais*

Acesse o site folha.com/seminariosfolha

FOLHA100

AGÊNCIA REGULADORA DE SERVIÇOS PÚBLICOS DO MUNICÍPIO DE PORTO FERREIRA - ARPFF

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOAQUIM DA BARRA

PREFEITURA MUNICIPAL DE BEBEDOURO

PREFEITURA MUNICIPAL DE IBIÚNA

PREFEITURA MUNICIPAL DE ...

AUSTA PARTICIPAÇÕES S.A.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE JARDINÓPOLIS

HOSPITAL SÃO LUCAS S.A.

DEPARTAMENTO DE ÁGUA E ESGOTO DE AMERICANA-SP

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA

Companhia de Habitação Popular Bandeirante

Acesse o site folha.com/seminariosfolha

PREFEITURA MUNICIPAL DE BRODOWSKI

HOSPITAL VERA CRUZ S.A.

AVISO DE ALTERAÇÃO - EDITAL DE CONCURSO

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

PREFEITURA MUNICIPAL DE BORBOREMA

AVISO DE LICITAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

UNIHOSP SAÚDE LTDA

SINDICATO DOS PROFESSORES DE SOROCABA

seminários folha

O Brasil precisa ser discutido.

Existem discussões que não podem mais ser adiadas. Com o propósito de contribuir com ideias para solucionar os maiores desafios do país, a **Folha de S.Paulo** está promovendo debates importantes sobre temas relevantes à nossa realidade. Todos abordados com a credibilidade, o criticismo e o pluralismo que caracterizam o jornal.

- *saúde*
- *tecnologia*
- *cultura*
- *economia*
- *meio ambiente*
- *educação*
- *agricultura*
- *agronegócio*
- *indústria*
- *saneamento*
- *sustentabilidade*
- *e muito mais*

Acesse o site
folha.com/seminariosfolha

FOLHA 100

Cabos de instalações em suburbio do Rio, moradores de comunidades são constrangidos a contratar acesso pirata à internet Ricardo Moraes 16 mar. 22/Reuters

Quadrilhas fazem milhares de reféns de banda larga pirata no país

Segundo autoridades, criminosos expulsam funcionários, forçando assim serviços de parceiros

MERCADO

Gram Slattery

SÃO PAULO | REUTERS Enquanto os moradores do Rio de Janeiro se abrigavam em casa devido às medidas de isolamento social impostas na fase mais aguda da pandemia, o policial civil Gabriel Ferrando recebeu uma dica de que algo suspeito estava acontecendo com o serviço de internet na cidade.

O acesso à internet caiu em amplas áreas da comunidade de Morro da Formiga, na zona norte da capital fluminense. Quando Ferrando perguntou a um técnico da operadora Tim encarregado de resolver o problema, o funcionário afirmou a ele que homens armados o expulsaram com um aviso para não voltar mais lá.

Acontece que um novo provedor de internet ficou com o terreno: uma companhia cujos investidores em um momento incluíram um suspeito de tráfico de drogas e armas e de ter vínculo com o grupo criminoso Comando Vermelho, afirmou Ferrando. A informação também consta de documentos encaminhados por autoridades e informações de junta comercial vistos pela Reuters.

Usando equipamento roubado, alguns da própria Tim, a nova empresa começou a oferecer seu próprio serviço de internet na comunidade, disse Ferrando. Os moradores do Morro da Formiga poderiam escolher entre ser assinantes do serviço ou ficarem sem ter acesso banda larga na região.

A Tim não comentou e repassou o assunto para a associação de operadoras de telecomunicações Conexis. Em comunicado, a entidade pediu que as autoridades do país protejam o serviço de operadoras legítimas.

Ferrando, um veterano da equipe da Polícia Civil de combate ao crime organizado no Rio de Janeiro, está tentando fazer isso. Em um pacote selado de documentos que detalham meses de investigação, ele pediu ao Ministério Público do Rio de Janeiro para abrir processo contra os piratas. O MPRJ não comentou ao ser questionado pela Reuters e nenhum processo foi aberto, até a publicação deste texto, para apurar o assunto.

Morro da Formiga não é a única comunidade a conviver com este tipo de problema. A Reuters entrevistou quase duas dezenas de executivos da indústria de telecomunicações, autoridades, técnicos acadêmicos e clientes de serviços de internet no Brasil e viu milhares de páginas de documentos encaminhados à justiça pela polícia.

As fontes e os documentos descrevem uma audaciosa campanha de sequestro de serviços de internet em dezenas de comunidades nas principais cidades do Brasil.

Os crimes são praticados por companhias associadas a criminosos que não têm medo de usar força e intimidação para expulsar rivais de suas áreas de atuação.

O resultado, afirmaram as fontes, é um quadro em que dezenas de milhares de brasileiros têm acesso apenas a serviços de baixa qualidade de acesso à internet. A indústria e autoridades estimam que esta "grilagem digital" gera milhões de reais por ano em lucro para os criminosos.

Provedores piratas de serviços desaparecem quando o acesso à internet cai e ficam impacientes quando a chega o dia de o cliente pagar a conta, disseram alguns usuários à Reuters. No bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro, um morador descreveu como um cobrador bate na sua porta todos os meses para receber a mensalidade de R$ 35 em dinheiro. Segundo um cliente que pediu para não ser identificado para não sofrer retaliação, os piratas pressionam a pagar no dia que querem e não admitem atrasos.

> O novo ouro agora para a atuação criminosa é esse do serviço de internet
>
> **Antonio Pessanha**
> promotor do MPRJ que está investigando atividade criminosa no setor de telecomunicações

O roubo e a destruição de equipamentos subiram 74% em 2020, representando cerca de R$ 1 bilhão em prejuízo anual, segundo a Retrofibra, associação cujos membros incluem empresas de infraestrutura de telecomunicações. A entidade afirmou que o prejuízo aumentou 16% no primeiro semestre de 2021 na comparação com um ano antes.

A indústria de telecomunicações não é o único alvo de quadrilhas. Criminosos há anos controlam distribuição de gás de cozinha, água e outros serviços básicos em muitas comunidades pelo país.

Mas, ao criarem suas próprias redes de banda larga, os criminosos estão revelando um aumento de sofisticação, segundo mais de 20 especialistas, representantes da indústria e autoridades entrevistadas pela Reuters.

Eles afirmaram que o esquema normalmente funciona da seguinte forma: primeiro, ladrões roubam ou vandalizam equipamentos de operadoras tradicionais de banda larga. Quando a equipe de conserto chega ao local, ela é ameaçada por homens armados que mandam que os técnicos não voltem mais ao local.

No ano passado no Rio de Janeiro, as "zonas de exclusão" subiram para 105 locais, segundo dados da Oi, operadora que está em recuperação judicial desde 2016. Esse número quadruplicou desde 2019, segundo a companhia.

Pouco depois que o serviço é interrompido, companhias de telecomunicações com laços com o crime organizado montam suas próprias redes, aproveitando a infraestrutura sequestrada da operadora legalmente estabelecida.

Em alguns casos, esses arranjos são operados diretamente por membros de quadrilhas que incluem o Comando Vermelho ou o Terceiro Comando Puro. Outras redes são organizadas por milícias. Em outros casos, a infraestrutura de acesso é operada por empresários que pagam criminosos para eliminarem a competição.

Os criminosos frequentemente recebem ajuda de funcionários corruptos das próprias operadoras, que vendem conhecimento técnico e equipamento, segundo o promotor Antonio Pessanha, que está investigando atividade criminosa no setor de telecomunicações do Rio de Janeiro.

Em um caso recente, um funcionário da Claro ofereceu vender equipamento da companhia para comparsas associados ao crime organizado, segundo registro de uma chamada telefônica que Pessanha afirmou que sua equipe obteve por meio de escuta. Ele não deu detalhes sobre o grupo ou identificou o funcionário da Claro ou outros participantes. A Claro não comentou o assunto.

No Morro da Formiga, o policial Ferrando afirmou que começou a receber informações anônimas de alguns dos 5.000 moradores no primeiro semestre do ano passado. Eles afirmaram que os serviços de internet banda larga das operadoras um dia param de funcionar.

Uma companhia domina esse mercado agora, disse Ferrando—uma empresa chamada JPConnect Serviços de Telecomunicações. A companhia foi criada em 2019, de acordo com documentos da Junta Comercial do Rio de Janeiro vistos pela Reuters.

Os registros mostram que, até o final do ano passado, a JPConnect era em parte controlada por um indivíduo chamado Paulo Cesar Souza dos Santos Jr., acusado por autoridades de ser membro do Comando Vermelho.

Em 2011, Santos foi indiciado por tráfico de drogas e armas, segundo documentos judiciais vistos pela Reuters. Mais tarde, ele foi absolvido.

Santos transferiu sua participação de 50% na JPConnect em setembro do ano passado para outro investidor, Alexandre Rodrigues de Almeida, conforme os documentos vistos pela Reuters.

Em janeiro, policiais fizeram uma operação na sede da JPConnect, no Morro da Formiga, disse Ferrando. Ele afirmou que os policiais encontraram equipamentos pertencentes à Tim, Oi, Claro e Telefônica Brasil.

Nenhuma empresa comentou as afirmações de Ferrando, e a Reuters não conseguiu contato com representantes da JPConnect. O número telefônico registrado pela empresa não estava funcionando até a publicação desta reportagem.

O advogado de Santos e Almeida, Ebert the Vieira de Souza Gomes, afirmou que a JPConnect atua legalmente e que ganhou mercado com a oferta de um produto de qualidade. Ele afirmou que Santos não tem conexão com o crime organizado e disse que seu cliente foi inocentado de todas as acusações relacionadas ao indiciamento de 2011.

O presidente da associação de operadoras Conexis, Marcos Ferrari, descreveu uma série de problemas vividos pelo setor no Brasil atualmente incluindo vandalismo, roubo, ameaça a funcionários e captura de áreas por grupos criminosos.

As autoridades precisam "combater este tipo de ação criminosa", disse Ferrari.

No Rio de Janeiro há uma série de outras operadoras de serviços de banda larga sob investigação, afirmam autoridades.

Entre elas está a Net&Com, que chegou às manchetes em março do ano passado quando a polícia fez uma operação na sede da empresa no centro da cidade como parte de uma investigação relacionada a tráfico de drogas.

A polícia afirmou que a firma é investigada por supostamente pagar criminosos associados ao Comando Vermelho para ajudá-la a controlar o mercado de telecomunicações em comunidades carentes na região metropolitana.

Nos documentos, autoridades afirmaram que a Net&Com pagava a quadrilha para expulsar competidores dos bairros onde a empresa opera atualmente. A Net&Com e seus executivos não foram acusados no processo.

Pedro Santiago, advogado da Net&Com, afirmou que a empresa é uma "vítima de uma caça às bruxas". Ele afirmou que acompanhou horas de gravações de escutas telefônicas feitas pela polícia e que elas não mostram qualquer vínculo entre a empresa e criminosos.

A polícia, nos documentos vistos pela Reuters, afirma que foram encontradas evidências de equipamentos roubados e conversas entre os participantes do esquema que mencionam o papel da Net&Com.

Pessanha, do MPRJ, afirmou que a investigação continua. "O novo ouro agora para a atuação criminosa é esse do serviço de internet."

Colaborou Rodrigo Viga Gaier

LEIA TAMBÉM

opinião
- Caminho está livre para São Paulo banir agrotóxicos p. 2

latinoamérica21
- O lento avanço na pauta de direitos LGBTQIA+ p. 3

mundo
- À espera dos russos, EUA treinam no Alasca p. 4

mundo
- Arsenal nuclear da URSS foi todo para a Rússia; entenda p. 5

f5
- 'Bridgerton' volta com novos protagonistas p. 6

STF abre o caminho para SP banir agrotóxicos

Tribunal decidiu que municípios têm competência para minimizar o uso de produtos que podem gerar danos à saúde

OPINIÃO

Nabil Bonduki
Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, foi relator do Plano Diretor e secretário municipal de Cultura de São Paulo

Há alguma luz no final do túnel. Enquanto o governo Bolsonaro e o Congresso liberam o uso de agrotóxicos, o STF (Supremo Tribunal Federal) decidiu que os municípios têm competência para evitar neutralizar ou minimizar o uso de produtos que causam riscos em potencial à qualidade de vida e ao meio ambiente.

O acórdão dá esperança para quem busca, através de leis municipais, proteger a saúde, o ambiente, a agricultura orgânica e a alimentação saudável dos cidadãos, minimizando os impactos que a proliferação dos venenos está causando.

A aprovação de agrotóxicos acelerou no governo Bolsonaro. Desde 2019, foram autorizados 1.549 novos registros, 562 em 2021. É uma boiada monstruosa. O total de pesticidas aprovados pelo atual governo representa 33% dos registros feitos desde 2000.

O que já está péssimo pode ir piorar. Em fevereiro, a Câmara dos Deputados aprovou, em regime de urgência, o Projeto de Lei nº 6.299/2002, que torna mais fácil a liberação de agrotóxicos. O PL voltou ao Senado, para a aprovação final.

Para a bancada ruralista, as mudanças trazidas pela nova lei irão dar mais celeridade na aprovação de novos agrotóxicos. Para especialistas, o projeto, apelidado de Pacote do Veneno, traz muitos retrocessos, como:

1. Possibilitar o registro de agrotóxicos nocivos e cancerígenos, ao excluir vedação contida na legislação em vigor. Para o Instituto Nacional do Câncer (Inca) o PL ameaça a saúde dos brasileiros.

2. Transferir a decisão sobre a aprovação de novos agrotóxicos apenas para o Ministério da Agricultura, tornando consultiva a opinião do Ministério do Meio Ambiente e da Anvisa;

3. Mudar o termo "agrotóxico" para "pesticida", mascarando a nocividade;

4. Conferir Registro Especial Temporário para agrotóxicos não analisados no prazo estabelecido pela nova lei, desde que já tenham sido aprovados em algum país da OCDE.

5. Remover a autonomia dos órgãos de saúde para publicar análises sobre agrotóxicos.

Frente a esse "liberou geral", que atende ao caráter predador do governo, a possibilidade de municípios restringirem o uso de veneno em seus territórios é essencial e precisa ser utilizada para preservar a saúde, o ambiente, a agricultura orgânica e a segurança alimentar da população.

Mas muitas iniciativas nesse sentido têm esbarrado em uma interpretação equivocada da Constituição e da legislação, que julga que o município não tem competência para atuar nessa questão.

Isso ocorreu em São Paulo. Em 2013, apresentei, em coautoria com outros vereadores, um PL que proibia o uso e a comercialização de 13 agrotóxicos proibidos em seus países de origem. Aprovado pelo legislativo, o PL foi vetado pelo prefeito.

Menos sorte teve o vereador Toninho Vespoli que, em 2018, apresentou projeto semelhante, barrado como ilegal ainda na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), sob o argumento de que "o herbicida 2,4-D encontra-se registrado e licenciado no âmbito federal e estadual, indicando que foram cumpridas as recomendações contidas na legislação".

A CCJ argumentou que o PL, "ao restringir a utilização do indigitado herbicida, afrontou a legislação federal que rege a matéria, não podendo ser considerado como de caráter suplementar".

Teses como essa foram superadas pela decisão tomada pela 2ª Turma do STF que, em novembro, negou recurso da empresa Dow Agrosciences Industrial contra lei do município de Saudades (SC) que impôs restrições ao uso do herbicida à base de 2,4-D.

> [...]
> **A agricultura orgânica é o caminho natural do desenvolvimento rural de uma área que está próxima de um dos maiores mercados consumidores**

Relator do processo, em julgamento iniciado em 2017, o ministro Celso de Mello (já aposentado) argumentou que município pode legislar sobre o assunto. Após quatro anos, o julgamento foi concluído com o voto-vista do ministro Gilmar Mendes, que seguiu o relator e confirmou a competência municipal.

O julgamento foi ao STF em decorrência da Dow Agrosciences Industrial ter interposto agravo regimental contra decisão de Mello, que manteve acórdão do TJ de Santa Catarina, que considerou não haver vício ou inconstitucionalidade na Lei 1.382/2000 do município de Saudades, que restringe o uso do 2,4-D para proteger culturas desenvolvidas no seu território e prevenir danos ambientais futuros.

Para o relator, "o exercício da competência do município está fundado na defesa e na proteção da saúde e na tutela da integridade do meio ambiente local" e a competência se legitima desde que o município legisle para tutelar e regular assuntos de interesse estritamente local, nos limites do artigo 30, inciso I, da Constituição Federal.

O relator destacou que incide no caso o postulado da precaução, que visa "evitar neutralizar ou minimizar riscos em potencial à qualidade de vida e ao meio ambiente" e que a lei municipal reconheceu, apoiada em pareceres técnicos, a potencial nocividade do agrotóxico.

Esses motivos levaram o Supremo a reconhecer a competência de todos os entes da federação para legislar sobre proteção ambiental. Para Mello, a "incolumidade do meio ambiente não pode ser comprometida por interesses empresariais, nem ficar dependente de motivações meramente econômicas".

O Estatuto da Cidade, ao estabelecer que "o plano diretor deverá englobar o território do município como um todo" (Art. 40º parágrafo 2º), consolidou a tese de que o município deve legislar sobre toda sua área, incluindo a zona rural.

Em São Paulo, banir os agrotóxicos do território municipal é uma decorrência direta dos objetivos do Plano Diretor Estratégico de 2014, que recriou a Zona Rural (27% do território) integralmente contida na área de proteção ambiental e dos mananciais.

O objetivo do Polo de Desenvolvimento Rural Sustentável, criado pelo PDE, é "promover atividades econômicas e gerar empregos na zona rural de modo compatível com a conservação das áreas prestadoras de serviços ambientais".

Isso é incompatível com pulverizar veneno em uma região que abastece de água 5 milhões de pessoas, impactando a saúde da população.

A agricultura orgânica é o caminho natural do desenvolvimento rural de uma área de proteção que está próxima de um dos maiores mercados consumidores para esses produtos do mundo.

A lei 16.140/2015, de minha coautoria, tornou obrigatório o uso de produtos orgânicos na alimentação escolar, gerando um imenso mercado cativo para essa produção. O Projeto Ligue os Pontos busca aproximar produtores rurais e consumidores.

São razões que justificam o banimento dos agrotóxicos em São Paulo, medida que está respaldada pelo acórdão do STF. Embora a produção rural seja pequena, leis e ações exemplares adotadas no município tendem a se reproduzir pelo país.

A agricultora Lourdes Bispo, integrante de uma cooperativa de produtores de alimentos orgânicos de São Paulo — Gabriel Cabral - 25.mai.18/Folhapress

CIÊNCIA FUNDAMENTAL

Pedro Lira
folha.com/cienciafundamental

Como correntes oceânicas refletem mudanças climáticas

"Com o que ser fazer, qual a pergunta mais importante que consigo responder?" Foi a partir dessa reflexão que Vinicius Ribau Mendes começou a estudar os impactos das mudanças climáticas nas chuvas da América do Sul.

Analisando sedimentos retirados do oceano como areia e lama, o geólogo investiga o passado da Terra para entender o presente e pensar em formas de nos preparar para o futuro.

Com o intuito de validar previsões e entender como as alterações nas correntes oceânicas afetam as chuvas, Mendes e sua equipe estão reconstituindo um quadro que se repetiu duas vezes ao longo dos últimos 20 mil anos: o colapso de um dos conjuntos de correntes oceânicas mais energéticos do mundo.

O projeto nasceu na Universidade Federal de São Paulo, onde o pesquisador lecionou, mas já é uma empreitada internacional, com colaborações de cientistas das universidades alemãs Ruprecht-Karls-Heidelberg e Universität Bremen, além da USP e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Mais do que necessária, a pesquisa é urgente. O Brasil enfrenta a pior crise hídrica em vinte anos e a maior já registrada em 91 anos.

Em dezembro de 2021, mais de 95 cientistas de instituições nacionais e internacionais assinaram um artigo de opinião na revista Nature a respeito da necessidade de investimentos em pesquisa, monitoramento do solo e novas fontes de energia renováveis.

Do contrário, futuras crises hídricas poderão comprometer a segurança alimentar do país e encarecer ainda mais o valor da energia.

É para esse cenário que caminhamos se, muito provavelmente quando a Célula de Revolvimento Meridional do Atlântico entrar em colapso novamente.

Responsáveis pela distribuição de calor entre os hemisférios norte e sul, essas correntes influenciam diretamente as chuvas de verão na América do Sul. Dada a marcante redução na intensidade dessas correntes, a possibilidade de colapso ainda neste século não é fantasiosa.

"O oceano e a atmosfera controlam o clima do continente. Essa relação equilibrada nos garante o verão chuvoso e o inverno seco, como estamos acostumados", explica Mendes. "Uma mudança drástica no regime de chuvas pode causar um caos social, impactando a agricultura, a produção de energia e o abastecimento de água em grandes cidades."

Registros geológicos de milhares de anos revelam que há cerca de 17 mil e 18 mil anos existiram dois momentos em que essas correntes pararam.

Essas informações estão guardadas no que o geólogo chama de "Diário da Terra", testemunhos marinhos removidos a mais de mil metros de profundidade para coletar sedimentos que armazenam registros tanto de variações do mar quanto do continente.

Por meio de camadas de sedimentos depositadas continuamente ao longo do tempo, conhecemos, com uma precisão enorme, as variações no volume de chuva e na temperatura do oceano de milhares de anos atrás", diz o pesquisador. "Sabendo das consequências geradas pelo colapso dessas correntes no ciclo de chuvas do passado, podemos alimentar modelos climáticos computacionais e gerar melhores previsões para o futuro."

O objetivo é construir um mapa de chuvas na América do Sul nesses dois períodos e, assim, fazer uma analogia com o futuro, caso essas correntes parem de novo. "A chuva vai aumentar ou diminuir? Depende. Em alguns lugares os reservatórios podem secar, enquanto em outros podem transbordar. Vemos hoje a expansão da agricultura em regiões que podem estar significativamente mais secas em poucas décadas, por isso precisamos de planejamento", justifica Mendes.

O método empregado no projeto é inovador e promete mudar a forma como a área investiga esses registros históricos. A nova metodologia para medir variações de precipitação em um testemunho marinho é baseada na luminescência, a capacidade que alguns materiais possuem de emitir luz quando estimulados.

Essa ferramenta permite medir características dos grãos de quartzo que contam a sua história no continente como o tempo que ficaram soterrados. Uma vez que as chuvas e os rios levam esses grãos para o oceano, sua história está diretamente relacionada às variações das chuvas.

Esse método tem mostrado algumas vantagens em relação aos existentes: é relativamente simples e barato, e ao que tudo indica mais sensível às variações das chuvas.

"Em estudos sobre o clima do passado, quanto mais técnicas utilizarmos, melhor. Vale lembrar que não se trata de substituir o que já existe, mas complementar com novas informações." Para garantir que o projeto chegue a resultados mais exatos, os mesmos testemunhos são analisados com metodologias já bem estabelecidas, como a técnica que usa isótopos de hidrogênio recuperados de matéria orgânica vinda do continente, de restos de folhas, por exemplo.

"A ciência não precisa ser necessariamente disruptiva e trazer uma pergunta que nunca foi feita. Existem perguntas importantes que ainda não foram respondidas", conclui o cientista.

É jornalista e social media no Instituto Serrapilheira

Na América Latina, direitos LGBTQIA+ avançam devagar

Conquistas de 20 anos não se concretizam por falta de reconhecimento legal

LATINOAMÉRICA21
OPINIÃO

Ericka López Sánchez
Pesquisadora do Departamento de Estudos Políticos e Governamentais da Universidade de Guanajuato (México). Especialista no status de cidadania de pessoas LGBTQIA+

Semáforos da av. Paulista modificados para a Parada Gay de 2019 Roberto Cruellari - 21.jun.19/Folhapress

O avanço do reconhecimento dos direitos LGBTQIA+ na América Latina começou com a chegada do século 21, quando, em 2002, a Suprema Corte argentina decidiu a favor da adoção por casais do mesmo sexo. Desde então, foram aprovados 73 direitos de alcance nacional em 13 países, que beneficiam de modo diferenciado as pessoas das diversidades sexuais e de gênero.

Os países que reconheceram os direitos LGBTQIA+ o fizeram através de quatro vias principais de aprovação: Executivos, Legislativos, Judiciários e órgãos públicos autônomos. Isso implica que os direitos, embora tenham alcance nacional, têm estatutos jurídicos diferentes.

Aqueles aprovados pelo Legislativo modificam as leis como os códigos civis; por outro lado, os que são reconhecidos pelas outras três vias nem sempre conseguem mudar a gramática legal e alguns inclusive requerem um segundo processo de judicialização.

Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, México, Panamá, Peru e Uruguai modificaram paulatinamente, ao longo de 20 anos, as estruturas cissexistas (a crença de que os corpos validados são aqueles cujas identidades binárias de gênero estão estritamente sujeitas à genitália, os homens "verdadeiros" têm pênis e as mulheres "verdadeiras" têm vulvas) e heterossexuais que imperam na ordem política, social e simbólica. Isso foi possível graças ao ativismo LGBTQIA+, que tem lutado desde os anos 1970, muitas vezes à custa de suas vidas.

Os processos históricos de transição política na região concentraram-se na formalidade processual, sob a necessidade de conceber os cidadãos a partir do imperativo da homogeneidade. Isso implica que, em prol de fazer prevalecer a razão normativa no espaço público para garantir a imparcialidade, negaram a especificidade dos corpos e seus desejos, assim como a diferença de raça, gênero, orientação sexual, entre outros traços que ameaçam a unidade e coerência homogênea da qual se articula a democracia liberal.

As lutas de longa data pelas diversidades sexuais e de gênero, assim como a escuta e atenção que receberam nos cenários internacionais de direitos humanos, permitiram que suas demandas ingressassem nos marcos de compreensão da legalidade dos direitos humanos. Isso significou que os países democráticos que firmaram acordos internacionais nesta área foram obrigados a atender a essas exigências.

> [...]
> O atraso com que os direitos das pessoas LGBTQIA+ começam a ser reconhecidos exige uma genuína empatia e acuidade legal dos governos democráticos da América Latina

Mas estes processos não têm sido automáticos.

Apesar da obrigação internacional que foi construída, as pessoas LGBTQIA+ tiveram que batalhar para fazer valer as convenções e tratados internacionais em matéria de direitos humanos. Essa batalha foi travada mediante diferentes estratégias, como alcançar os congressistas mais empáticos aos direitos LGBTQIA+ ou o litígio estratégico e até mesmo a chegada esporádica e limitada de pessoas das diversidades sexuais e de gênero a cargos de representação popular.

A experiência dos países no reconhecimento desses direitos evidencia que eles surgiram, na maioria das vezes, sem uma harmonização legal ou vinculativa.

Por exemplo, reconheceram as uniões civis ou o casamento igualitário sem a robustez legal que envolve o casamento heterossexual, que inclui o direito à adoção ou a gama de benefícios legais de previdência social, como o direito à saúde, à assistência infantil e à pensão do parceiro em caso de falecimento, entre outros.

Em muitos casos, como no México (2017), o voto das pessoas trans em todo o país foi aprovado pelo Instituto Nacional Eleitoral. A medida desse órgão público autônomo estabelecia na ausência legal de alcance nacional do reconhecimento do direito à identidade de gênero. Isso foi aprovado a nível subnacional, e foi somente em janeiro de 2021 que o mesmo órgão, a mando do Tribunal Federal Eleitoral, estabeleceu medidas afirmativas para que as pessoas de diversidade sexual e de gênero tivessem cotas de acesso às candidaturas para cargos de representação popular.

No Peru, o direito à identidade de gênero foi reconhecido em 2016 mediante uma sentença ditada pelo Tribunal Constitucional. Mas o processo de retificação de sexo em documentos de identidade deve ser feito através de procedimentos sumários (julgamentos abreviados), nos quais esse processo ainda está sob tutela judicial. Ou seja, a retificação do sexo deverá ser ordenada por um juiz.

Além disso, esses processos no Peru não preveem que as pessoas trans gozem do direito à identidade de gênero em seu DNI, embora o façam em outros tipos de documentos considerados "menores".

A esse respeito, foram apresentadas demandas diante do Tribunal, que, por sua vez, ordenou que o Registro Nacional de Identificação e Estado Civil reconhecesse o direito à identidade de gênero. A resposta até agora, no entanto, tem sido negativa.

Essas formas desenfreadas e desvinculadas de reconhecer os direitos reafirmam as condições de violência e discriminação que as pessoas LGBTQIA+ sofrem por não responderem aos mandatos cissexistas e heterossexuais sob os quais se encora a moral da condição cidadã liberal.

Não podemos esquecer que os direitos foram aprovados em apenas 13 países e que em alguns deles apenas 1 foi reconhecido, caso de El Salvador, ou 2 na Bolívia e no Panamá, ou 5 no Chile, frente aos 13 direitos na Argentina ou os 10 no Uruguai, onde também foram geradas políticas públicas a esse respeito.

O atraso com que os direitos das pessoas LGBTQIA+ começam a ser reconhecidos exige uma genuína empatia e acuidade legal dos governos democráticos da América Latina para reconhecer o direito de o compromisso tornar extensiva a dignidade dessas pessoas que historicamente têm vivido à margem da decência humana.

A ministra chilena do Interior e da Segurança Pública, Izkia Siches (à dir.), fala com mulher mapuche; na visita à região em conflito, ela sofreu tentativa de emboscada Marco Quintana - 15.mar.22/AFP

Boric determina fim da militarização de área mapuche que é alvo de disputa no sul do Chile

MUNDO

SANTIAGO | AFP Destacamentos de soldados deixaram áreas ao sul do Chile neste domingo (27), quase seis meses após serem deslocados para a região, onde ocorrem ataques atribuídos a grupos indígenas mapuches, que reivindicam a devolução de territórios.

A militarização de algumas províncias das regiões de Araucanía e Biobío, cerca de 600 km ao sul de Santiago, foi determinada pelo então presidente Sebastián Piñera em outubro, em meio a um aumento de ataques e assassinatos na área —onde também atuam grupos de defesa a mando de empresas florestais, proprietárias das terras reivindicadas pelos povos indígenas.

Piñera, alinhado à direita, em vários momentos usou a lei antiterrorismo e políticas linha dura para dispersar protestos mapuches. Para os representantes dos indígenas, pessoas detidas nesses enfrentamentos são presos políticos.

A instrução, ratificada dez vezes pelo Congresso, não foi renovada pelo governo de Gabriel Boric, 36, que assumiu o cargo em 11 de março —e que busca estabelecer diálogo na área, onde vive a maioria das comunidades mapuches.

O fim da militarização "não implica que o governo não tenha preocupação e não tenha a tarefa de garantir a segurança de todos os cidadãos do Chile", disse à imprensa o subsecretário do Interior, Manuel Monsalve, em visita à região.

Quatro dias após a posse de Boric, a ministra do Interior, Izkia Siches, sofreu uma tentativa de emboscada a caminho da comunidade mapuche de Temucuicui, onde agentes do Estado não têm permissão de acesso. Sua comitiva foi parada, deram-se tiros para o ar, e ela teve de ser retirada.

A falta de diálogo e de soluções provocou uma escalada de violência na última década na região, onde foi revelada também a atuação do narcotráfico e de grupos de defesa.

Os mapuches, muitos dos quais vivem em situação de pobreza, reivindicam a devolução de terras que ocupavam antes da chegada dos colonizadores espanhóis, e que hoje são territórios espalhados pelo sul do Chile e da Argentina.

folhamais guerra na ucrânia

Soldados americanos em exercício no Alasca Adi Adams - 14.mar.22/The New York Times

EUA exploram Alasca atentos a possível invasão pela Rússia

Com a guerra, competição por soberania e recursos no Ártico pode aumentar

MUNDO

DELTA JUNCTION (ALASCA) | THE NEW YORK TIMES Depois de saltar de paraquedas no interior do Alasca, o capitão Weston Iannone e seus soldados marcharam por quilômetros sobre neve profunda, indo finalmente montar acampamento temporário numa crista perto de um pequeno bosque de abetos esqueléticos que também lutavam para sobreviver.

Escurecia, a temperatura caíra para abaixo de zero e os 120 homens e mulheres reunidos como parte de um grande exercício de treinamento no Alasca subártico ainda não haviam montado barracas. Ainda não haviam recebido combustível, essencial para se manterem aquecidos durante a longa noite que vinha pela frente.

"Tudo é um desafio, desde água até combustível, alimentos, deslocamento de pessoas, garantir o conforto do pessoal", disse Iannone, 27, o comandante da companhia, enquanto seus soldados escavavam mais fundo na neve, buscando uma base firme sobre a qual montar suas barracas de dormitório.

"O que estamos fazendo aqui é treino inerente —para descobrir até onde podemos ir, física e mentalmente."

O exercício militar realizado este mês, o primeiro desse tipo, envolveu 8.000 soldados e foi conduzido perto de Fairbanks, no Alasca.

Havia sido planejado muito tempo antes da invasão russa da Ucrânia, mas foi inspirado em parte pelas iniciativas agressivas da Rússia nos últimos anos para militarizar o Ártico, uma região do mundo onde Estados Unidos e Rússia compartilham uma extensa fronteira marítima.

A tensão vem crescendo na região há anos, com diferentes países reivindicando o controle de rotas marítimas e reservas energéticas que estão se tornando acessíveis em decorrência da mudança climática. Agora, com a ordem geopolítica alterada pela invasão russa da Ucrânia, a competição por soberania e recursos no Ártico pode se intensificar.

O governo federal americano está investindo centenas de milhões de dólares na costa oeste do Alasca para ampliar o porto de Nome, que pode transformar o polo de serviços de águas profundas que abastece e atende às embarcações da Marinha e Guarda Costeira americanas que navegam ao norte do Círculo Ártico.

A Guarda Costeira prevê colocar no mar três novos navios quebra-gelo —mas a Rússia já tem mais de 50 em operação.

Ao mesmo tempo em que os EUA denunciam a expansão militar agressiva da Rússia no Ártico, o Pentágono tem seus próprios planos para aumentar sua presença e capacidades na região, trabalhando para reconstruir suas habilidades de trabalho em clima frígido relegadas ao segundo plano durante duas décadas de guerra no Iraque e Afeganistão.

A Força Aérea transferiu dezenas de caças F-35 para o Alasca, anunciando que esse estado vai abrigar "mais caças avançados que qualquer outro lugar no mundo". No ano passado o Exército americano divulgou seu primeiro plano estratégico para "recuperar a hegemonia no Ártico".

A Marinha, que este mês conduziu exercícios acima e abaixo da calota de gelo polar ao norte do Círculo Ártico, também traçou um plano para proteger os interesses dos EUA na região, alertando que uma presença fraca ali significaria que "a paz e a prosperidade serão cada vez mais desafiadas pela Rússia e China, cujos interesses e valores diferem profundamente dos nossos".

Os preparativos têm custos altos, tanto em termos de verbas quanto de pessoal. A companhia de Iannone conseguiu terminar de montar suas barracas antes de meia-noite e sobreviveu à noite sem incidentes, mas outras companhias não se saíram igualmente bem: oito soldados sofreram lesões provocadas pelo frio e quatro outros foram levados ao hospital após um incêndio num veículo de transporte de tropas.

Enquanto isso, quatro fuzileiros navais americanos morreram quando sua aeronave caiu durante outro exercício recente em temperaturas muito baixas, este na Noruega.

A Rússia, cuja costa oriental fica a apenas 88 km da costa do Alasca, separado desta pelo estreito de Bering, há anos vem priorizando a expansão de sua presença no Ártico, reformando e ampliando seus aeroportos militares, construindo bases, treinando tropas e desenvolvendo uma rede de sistemas de defesa militar na fronteira norte.

Com o clima em processo de aquecimento provocando o encolhimento do gelo marítimo na região, populações valiosas de peixes estão se deslocando para o norte, enquanto minerais raros e as substanciais reservas árticas de combustíveis fósseis se convertem em alvo crescente de exploração. O tráfego de embarcações tanto comerciais quanto de turismo deve aumentar.

Dois anos atrás, Moscou levou seus próprios "jogos de guerra" para o Mar de Bering. Comandantes russos testaram armas na região e exigiram que embarcações pesqueiras americanas operando em águas pesqueiras dos EUA saíssem de seu caminho —ordem que a Guarda Costeira americana recomendou que obedecessem.

Em diversas ocasiões a Rússia tem enviado aviões militares até o limite do espaço aéreo dos EUA, levando jatos americanos a decolar às pressas para interceptá-los.

Neste mês, em resposta à escalada de sanções internacionais impostas à Rússia, um deputado russo reivindicou que o Alasca, comprado pelos EUA da Rússia em 1867, fosse devolvido ao controle russo —um gesto possivelmente apenas retórico, mas que mesmo assim refletiu a deterioração do relacionamento entre as duas potências mundiais.

As águas extensas do Ártico foram durante séculos uma terra de ninguém, cujo acesso era impossibilitado pela calota de gelo e cujas fronteiras territoriais exatas —reivindicadas pelos Estados Unidos, Rússia, Canadá, Noruega, Dinamarca e Islândia— eram incertas.

Mas, com o derretimento do gelo marítimo abrindo novas rotas marítimas e despertando o interesse dos vários países pelas imensas reservas de hidrocarbonetos e minerais situadas sob o leito do mar ártico, os complexos tratados, reivindicações e zonas limítrofes que regem a região foram abertos a novas disputas.

Canadá e Estados Unidos nunca chegaram a um acordo sobre o status da Passagem do Noroeste entre o Atlântico e o Mar de Beaufort.

Também a China vem procurando marcar presença na região, declarando-se um "estado próximo ao Ártico" e formando parcerias com a Rússia para promover o desenvolvimento e utilização ampliados e supostamente sustentáveis das rotas comerciais árticas.

"Estamos numa situação bastante tensa aqui", disse Troy Bouffard, diretor do Centro de Segurança e Resiliência Ártica da Universidade do Alasca em Fairbanks. "Ou cedemos à Rússia, a seu controle extremo das águas superficiais, ou elevamos ou escalamos a questão."

Nos últimos anos a atenção maior tem sido voltada à ampliação dos canais diplomáticos e à colaboração em uma série de desafios regionais por meio do Conselho Ártico. Mas esse trabalho foi suspenso quando a Rússia invadiu a Ucrânia.

Em Nome, que espera posicionar-se como porta de acesso marítimo ao Extremo Norte, não é de hoje que se veem evidências da chegada de uma nova era para o Ártico.

O prefeito John Handeland disse que o gelo marítimo formado no inverno, que no passado continuava presente até meados de junho, pode agora desaparecer no início de maio e não voltar até o final de novembro.

Mas há vários interesses locais que precisam ser levados em conta quando se trata de levar o desenvolvimento mais ao norte no Ártico. Os indígenas do Alasca receiam os efeitos do desenvolvimento sobre o frágil ambiente da região, da qual muitos deles dependem para a caça e a pesca, disse Julie Kitka, presidente da Federação de Povos Indígenas do Alasca.

"Acho que nossos povos entendem que nossas forças armadas precisam proteger nosso país e que precisam, sim, investir numa presença no Ártico", ela disse. "Mas isso precisa ser feito com inteligência."

Dan Sullivan, o senador federal republicano que representa o Alasca, disse que, embora possa haver pouco perigo de uma invasão russa no Alasca, existe sim uma preocupação com o acúmulo de forças e recursos militares russos na região.

O Alasca já é um dos estados americanos mais militarizados, com mais de 20 mil militares da ativa lotados em lugares como a base Eielson da Força Aérea e Fort Wainwright, na região de Fairbanks, a base conjunta Elmendorf-Richardson, em Anchorage, e a estação aérea da Guarda Costeira em Kodiak.

O maior exercício de treinamento do Exército —o primeiro exercício do Centro de Treinamento de Combate realizado no Alasca— aconteceu em volta de Fort Greely, 160 km a sudeste de Fairbanks. O Alasca também sedia partes críticas do sistema de defesa antimísseis dos EUA.

Bouffard disse que a quebra nas relações provocada pela invasão russa da Ucrânia pode abrir a porta a uma série de problemas futuros sobre os quais só é possível especular no momento.

Embora não haja conflito iminente no Ártico, é muito possível que surjam atritos em torno de como a Rússia utiliza as águas costeiras ou disputas sobre exploração sob o leito do mar.

Os Estados Unidos também precisam estar preparados para ajudar seus aliados no norte da Europa que compartilham um futuro incerto com a Rússia nas vias marítimas árticas, segundo Bouffard.

Isso quer dizer que os Estados Unidos precisam estar preparados para uma série de problemas potenciais. Num exercício militar separado conduzido no Alasca nas últimas semanas, equipes da Marinha e do Exército treinaram estratégias para conter contaminação química, biológica, radiológica e nuclear sob temperaturas geladas.

No grande exercício de "jogos de guerra" realizado pelo Exército perto de Fort Greeley, os soldados ensaiaram um cenário no qual paraquedistas tomam um aeroporto e lançam operações para controlar o novo território. Em seguida, uma força adversária era mobilizada para tentar recuperar a área.

Aquecedores portáteis foram usados para manter os motores funcionando, além de lubrificantes que funcionam em temperaturas abaixo de zero. Alguns soldados usaram esquis e raquetes de neve para se deslocar, além de motos de neve e unidades de suporte suficientemente leves para movimentar-se sobre neve espessa.

Para muitos dos soldados sob o comando de Iannone, defender o aeródromo exigiu que estabelecessem posições em áreas remotas usando meios mais rudimentares. Um grupo de armas pesadas derrubou árvores à mão e usou um trenó para puxar um grande Sistema Aprimorado de Aquisição de Alvos para um ponto mais elevado de onde os soldados podiam visualizar quilômetros de paisagem em volta.

Eles montaram uma tenda com um pequeno fogão para aquecimento, protegido por um muro de neve por todos os lados. Para se manterem aquecidos, revezaram-se em turnos de uma hora cada diante das tendas —meia hora durante a noite.

Mesmo assim, o soldado Owen Prescott, 21, disse que estava achando difícil resistir ao frio à noite e estava experimentando com camadas de roupas para se manter aquecido quando a temperatura se aproximava dos 20 graus negativos. Comendo ração do Exército aquecida, contou que ele e seus colegas estão se concentrando em não virar vítimas do frio antes mesmo de iniciar sua missão de combate hipotético.

"O duro é encarar o frio, aguentar-se no frio", disse Prescott, natural do sul da Califórnia. "Passei a vida toda de shorts e chinelos."

Tradução Clara Allain

> Estamos numa situação tensa aqui. Ou cedemos à Rússia, a seu controle extremo das águas superficiais, ou elevamos ou escalamos a questão
>
> **Troy Bouffard**
> diretor do Centro de Segurança e Resiliência Ártica da Universidade do Alasca

Rússia herdou arsenal nuclear soviético; saiba por que motivos

EUA tiveram ação decisiva para que Ucrânia, Cazaquistão e Belarus se tornassem Estados sem essas armas

MUNDO

SÃO PAULO A Rússia tem atualmente o segundo maior arsenal nuclear do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. O poderio tem sido evocado na guerra na Ucrânia ora por autoridades de Moscou, em tom de alerta no caso de "ameaça existencial contra o país", ora por Kiev e aliados, que repudiam o espantalho.

O posto se deve em parte ao desenvolvimento desse tipo de tecnologia militar durante o período da União Soviética, sob a Guerra Fria, mas também a acordos feitos com as demais repúblicas após a dissolução do bloco comunista e à pressão justamente dos EUA à época.

Com o fim da URSS, em 1991, Cazaquistão, Ucrânia, Belarus e Rússia assinaram um tratado para dividir o controle do enorme arsenal nuclear da nação que se desmontava.

Então, os cazaques herdaram o segundo maior campo de testes nucleares do mundo e os ucranianos, que hoje não têm mais armas atômicas, à época se tornaram o terceiro maior estoque do mundo.

A transição nuclear teve participação dos principais líderes envolvidos também na dissolução soviética.

Em 1991, quando o enorme arsenal da União Soviética acabou dissolvido entre algumas de suas repúblicas que se tornavam independentes, notou-se a necessidade da criação de algum tipo de acordo para garantir não só o controle desses armamentos (e evitar que uma guerra nuclear começasse), mas também sua manutenção adequada — sem o devido cuidado, as ogivas poderiam causar um desastre sem precedentes.

Em julho daquele ano, pouco após o fim do bloco comunista, Rússia e EUA assinam o acordo chamado de Start 1 (sigla em inglês para "redução estratégica da ameaça de armas"), que, dentre outras coisas, versava sobre a redução, de ambos os lados, do arsenal nuclear dos países.

Meses mais tarde, Rússia, Ucrânia, Cazaquistão e Belarus firmaram um acordo para criar um comando compartilhado entre os países do espólio atômico soviético.

Mas a pasta com os detalhes mais secretos (como os códigos que autorizavam o lançamento das ogivas) foi passada diretamente por Mikhail Gorbatchov, ex-líder soviético e que comandou o fim do bloco, para Boris Ieltsin, o novo presidente russo.

Portanto, ainda que o termo determinasse que o lançamento de ogivas precisava de comum acordo entre os quatro países, o poder de "apertar o botão" se concentrava na Rússia.

James Baker, então secretário de Estado dos EUA, relatou posteriormente à revista Forbes o trecho de uma conversa com Ieltsin: "[Ele] contou que eles [Ucrânia, Cazaquistão e Belarus] acreditavam que teriam armas nucleares, quando, na realidade, isso nunca aconteceria".

Um desentendimento do tipo poderia levar a um problema de proporções nucleares. E, nesse sentido, os EUA, como a maior potência atômica no mundo, agiram para garantir que a solução do problema atendesse também aos seus interesses, como revelou Baker na mesma entrevista.

"Realmente, queríamos lidar com apenas um país, não com os quatro. Não queríamos acabar com mais quatro países com armas nucleares", afirmou.

Então, já em maio de 1992, os quatro países e os EUA assinaram o Protocolo de Lisboa, que não só incluía Ucrânia, Cazaquistão e Belarus no acordo Start 1, mas também nomeava esses três como Estados não nucleares e a Rússia como Estado nuclear.

Era o primeiro passo para a concentração do arsenal pelos russos.

Cada um dos países fez suas negociações para a transferência dos armamentos.

A única exigência era que tudo estivesse terminado até 1997, pois aquele era o ano de validade de uma boa parte do arsenal nuclear soviético, quando então ele já precisava estar sob cuidado russo para evitar uma catástrofe.

O Cazaquistão fez uma troca de armas atômicas por armas não atômicas já em 1992. A Belarus entregou seu estoque e recebeu em troca garantias de segurança —atualmente, inclusive, o país revê sua posição de não nuclear alegando uma ameaça de que nações fronteiriças da Otan, como a Polônia, estoquem mísseis desse tipo.

A Ucrânia foi mais reticente em abrir mão do seu arsenal. Assinou o Memorando de Budapeste (documento do qual, além dos Estados já citados, também o Reino Unido é signatário) com as condições da transferência apenas em 1994 e já sob resistência interna de alguns de seus políticos.

Volodimir Tolubko, ex-militar e então membro do Parlamento, dizia que a decisão era prematura e que os ucranianos deveriam manter parte das armas como maneira de dissuadir possíveis invasões.

Naquela época, todas as repúblicas ex-soviéticas caminhavam em clima de incerteza política, já que todos os seus governos eram recém-instalados. A Ucrânia, por exemplo, havia conquistado sua independência apenas três anos antes, em 1991.

O acordo com os ucranianos previa como troca a garantia de sua segurança, o respeito de suas fronteiras e o pagamento de milhares de dólares pela Rússia e pelos EUA.

"Se a Ucrânia não tivesse abandonado as armas nucleares, ninguém a reconheceria como um país independente", lembrou em 2011 Volodimir Litvin, presidente do Conselho Supremo do país, segundo o jornal Gazeta Russa.

A fala de Litvin mostra como o então recém-nascido Estado era receoso sobre seu futuro —e não apenas por ameaça de vizinhos.

Segundo o então presidente ucraniano, Leonid Kravtchuk, foram os EUA os responsáveis por impor a condição do desarmamento completo ao país, ameaçando-os justamente com possíveis sanções, tática hoje aplicada contra os russos na guerra da Ucrânia.

"Caso não retirássemos as ogivas da Ucrânia, não apenas se iniciaria uma pressão, mas o país sofreria um bloqueio", recordou ele posteriormente.

Teste de lançamento de míssil balístico intercontinental Yars em local indefinido na Rússia Ministério da Defesa da Rússia - 18 fev.22/AFP

Músicos em Kharkiv tocam para pessoas abrigadas em metrô

Hervé Bar

KHARKIV (UCRÂNIA) | AFP Em Kharkiv, atacada quase que diariamente pelas forças russas, um grupo de músicos ucranianos ofereceu no último sábado (26) um concerto a um público reduzido, mas emocionado. Sem o som dos bombardeios, foi como se o tempo parasse por alguns minutos em meio à guerra.

Durante meia hora, três violinistas, um violoncelista e um contrabaixista tocaram para algumas dezenas de pessoas em uma das principais estações de metrô da segunda maior cidade da Ucrânia, perto da fronteira com a Rússia.

No subsolo, protegidos de foguetes e mísseis de longo alcance, os músicos com idade entre 20 e 35 anos executaram na sequência o hino nacional, um trecho da "Suíte nº 3" de Johann Sebastian Bach, "Humoresques", de Antonin Dvorak, e melodias do folclore ucraniano.

Também interpretaram uma composição do ucraniano Miroslav Skoryk frequentemente usada pelo presidente Volodimir Zelenski em seus vídeos e publicações nas redes sociais.

O concerto foi realizado na escadaria de mármore de uma estação com ares de catedral, sob o olhar encantado de cidadãos refugiados. Dezenas de famílias vivem no local desde o início da invasão russa, em 24 de fevereiro, fugindo da guerra na superfície e dormindo em vagões de trem ociosos.

"Isso nos ajuda a encher o coração e a superar os momentos difíceis", disse Sergui Polituchi, idealizador do concerto e diretor do Kharkiv Music Fest. Um dos eventos mais prestigiados da Ucrânia, o festival deveria ter começado justamente no sábado (26) —caso o país não estivesse no meio de uma guerra.

Com escolta armada, assistiram ao recital o governador da região de Kharkiv, Oleg Sinegubov, e o prefeito da cidade, Igor Terejov.

Entre os cinco músicos estava o violoncelista profissional Denos Karachevtsev, cujos vídeos se apresentando em frente a prédios bombardeados de Kharkiv viralizaram nas redes sociais nos últimos dias.

"Era uma ideia simples, de ser útil à minha gente, ao meu país, à minha cidade natal. Amo a cidade, seu povo, e vou fazer tudo o que puder para ajudar", disse o violoncelista à agência de notícias AFP.

"As pessoas me contaram que meus vídeos lhes trouxeram de volta um pouco de normalidade à vida. É algo importante nesse momento. Não temos medo, somos fortes, e cada um pode ajudar da sua maneira."

A violinista Tatiana Shuj estava radiante após a curta, mas intensa, apresentação. "Todos foram à minha casa para um único ensaio", contou. "Nos primeiros dias da guerra, um silêncio total tomou conta de mim. Depois, entendi que precisamos continuar vivendo, pelos nossos ideais, nosso país, nosso futuro."

Para ela, tocar instrumentos e se apresentar é algo que músicos devem fazer sob qualquer circunstância. Com um sorriso, ela acrescentou: "Talvez tenha sido o melhor show da minha vida".

Músicos se apresentam dentro de estação de metrô onde dezenas de famílias estão vivendo, na intenção de fugir da guerra na superfície Aris Messinis/AFP

Kate Sharma (Simone Ashley) e Anthony Bridgerton (Jonathan Bailey) em cena da segunda temporada de 'Bridgerton', da Netflix Divulgação

'Bridgerton' busca manter interesse com novos protagonistas

Segunda temporada será centrada no visconde Anthony, filho mais velho da família, que busca por uma esposa

F3

Vitor Moreno

SÃO PAULO Com a segunda temporada agora disponível na Netflix, 'Bridgerton' volta com mais dramas de alcova e fofocas do mundinho aristocrático de Londres no período da Regência (1811-1820).

Porém, os novos episódios chegam com um novo status se comparados aos que lançaram a produção no Natal de 2020. De lá para cá, a série se tornou a segunda mais assistida da plataforma de streaming (era a primeira, mas foi superada pelo fenômeno coreano "Round 6") e amealhou 12 indicações ao Emmy.

O criador da série, Chris Van Dusen, diz que tentar manter a boa repercussão entre público e crítica não foi algo que o assustou. "Acho honestamente que sempre houve um sentimento de pressão sobre a série por sabermos que ela é inspirada em livros muito queridos, que já tinham fãs entusiasmados no mundo todo", diz em entrevista à Folha, lembrando a obra de Julia Quinn.

"As pessoas têm uma ligação muito forte e apaixonada por esses personagens", afirma. "Essa pressão sempre existiu para mim. Eu sempre digo que podem vir com mais. A pressão funcionou na primeira e acho que vai funcionar na segunda temporada também."

Não bastasse toda a expectativa sobre as novas aventuras amorosas dos irmãos da família Bridgerton, na qual a trama é centrada, o criador precisou lidar com outra questão: a ausência do protagonista que roubou a cena na primeira temporada.

Isso porque Regé-Jean Page, que interpretou o duque de Hastings e enamorou meio mundo enquanto conquistava o coração da irmã mais velha dos Bridgertons, preferiu não renovar seu contrato. Daphne (Phoebe Dynevor) ainda aparece, mas com um tempo de tela consideravelmente menor —ela apenas cita o marido, que parece estar sempre muito ocupado para os eventos da família dela.

"Acho que isso é o que faz 'Bridgerton' ser 'Bridgerton'", avalia Van Dusen, lembrando que cada temporada é baseada em um dos livros da franquia, em que cada obra é centrada na história de um dos irmãos. "Foi justamente o que me atraiu ao projeto, a possibilidade de mudar de foco a cada temporada."

O protagonista da segunda temporada é Anthony Bridgerton (Jonathan Bailey), o filho mais velho e herdeiro do título de visconde. Se na primeira temporada ele cogitou abdicar da nobreza e viver sua paixão por uma cantora de ópera, desta vez ele estará com os dois pés atrás em relação ao amor.

"É uma trama completamente nova e incrivelmente diferente, mas igualmente excitante, sexy e escandalosa", garante o criador.

Nela, Anthony decide que finalmente é hora de se casar, o que deixa a mãe dele, Violet (Ruth Gemmell), muito feliz. Até ela perceber que o filho não está querendo um amor, mas simplesmente alguém que o ajude a cumprir com o dever de procriar e que ocupe bem o cargo de viscondessa.

"Ele não tem a menor intenção de achar alguém que ele ame, quer um casamento sem amor envolvido", adianta Gemmell. "Isso é algo doloroso para a mãe, então ela não mede esforços para mexer os pauzinhos e agir por trás dos panos para mudar a situação."

Primeiro, Anthony vai se interessar por Edwina (Charithra Chandran), que parece uma jovem com todos os requisitos que ele julga necessários. Porém, ele terá que dobrar a irmã dela, Kate (Simone Ashley), que é extremamente desconfiada e não o considera o homem ideal para a caçula.

"Não é que a Violet acredite que Edwina seria uma péssima escolha para Anthony, mas quando ela perceber a falta de amor enquanto ele a está cortejando, isso a preocupa", diz a atriz. "Já com relação a Kate, depois de algum tempo, ela vê que tem algo ali que poderia ser maior."

Van Dusen não esconde que será Kate, e não Edwina, quem mudará a forma de ver o mundo do visconde. "O arco da temporada é sobre cabeça versus coração", avalia. "Kate e Anthony são como um espelho um para o outro nesse aspecto."

"Ambos sentem muita responsabilidade e põem a família em primeiro lugar, inclusive acima deles mesmos", explica. "Sempre existe muita afinidade entre pessoas que estão passando pelas mesmas coisas e lidando com os mesmos problemas."

Kate e Edwina, vale dizer, chegam como uma das novidades da temporada de bailes e festas da alta sociedade londrina retratada na série. A mãe delas, Mary Sharma (Shelley Conn), fazia parte desse círculo social, mas mudou-se para a Índia para viver um grande amor.

Mesmo que não sejam muito bem-vistas pelos demais, elas são acolhidas por Lady Danbury (Adjoa Andoh). "Minha personagem tem um senso muito forte de certo e errado e ela acredita que não agiu corretamente com Mary no passado", explica a atriz. "Ela recebe as Sharmas em casa para se redimir e encara como desafio reestabelecer a reputação da Mary", adianta. "Ela usa todo a sua influência para introduzir Edwina na sociedade e tenta suavizar as coisas para toda a família. Acredito que isso vem da culpa que ela sente por não ter defendido a amiga quando deveria, então agora ele quer corrigir isso."

Outra linha importante da trama é a de Lady Whistledown (cuja voz é feita pela atriz Julie Andrews). A identidade secreta da fofoqueira anônima já foi revelada para o público no final da primeira temporada —trata-se de Penelope Featherington (Nicola Coughlan)—, mas não para os demais personagens.

A autora do fictício panfleto sobre a nata da sociedade da época vai ter que se virar para continuar espalhando suas fofocas enquanto o cerco se fecha. A própria rainha Charlotte (Golda Rosheuvel), que está meio entediada com a rotina de eventos sociais, encontra diversão em resolver o mistério de quem é a mexeriqueira de plantão.

"Acho que a rainha está intrigada em saber quem escreve aquilo, como ele é feito e nos efeitos que aquelas palavras têm sobre as pessoas", analisa Rosheuvel. "Essa é definitivamente uma das forças que conduzem a personagem e a trama, e deve continuar até que a identidade dela seja revelada. Veremos se Penelope e a rainha vão ter um embate em algum momento."

Sobre o futuro, ela ainda não pode falar. Mas sobre o passado da rainha Charlotte ela já está mais que feliz em contar que estará envolvida no spin off (série derivada) que a Netflix encomendou sobre a monarca.

A produção, que ainda não tem data de estreia, está sendo escrita por Shonda Rhimes, produtora de "Bridgerton".

"Vamos ver a jovem rainha Charlotte, assim como a jovem Lady Danbury e a jovem Violet Bridgerton", antecipa a atriz. "É uma história sobre as origens delas, mas desta vez não será centrada só nos Bridgertons. Será interessante ver o passado desses personagens e entender como eles chegaram aonde estão agora."

Van Dusen, que começou como assistente de Shonda Rhimes na produtora dela, a Shondaland, dá sua dica para que a nova série seja tão bem recebida quanto a original. "Adaptações sempre serão diferentes do material original, então sempre desafio a mim mesmo e ao meu incrível time de roteiristas a preservar a essência dos livros", diz.

"Tem umas coisinhas que não tem como tirar, como as brincadeiras entre os membros da família, que estão sempre implicando e provocando um ao outro", diverte-se. "Já a Violet ama a própria família com uma ferocidade que nós quisemos muito tentar mostrar da forma como era descrita nos livros. Nós realmente tentamos manter a verdade dos personagens."

As dicas também valem para Jess Brownell, que deve ser a roteirista principal e produtora executiva da série na terceira e na quarta temporadas (já encomendadas pela Netflix). É que, com o sucesso de "Bridgerton", Van Dusen vai comandar novas produções —a primeira é uma adaptação do romance queer "They Both Die at the End" ("Os Dois Morrem no Final", em tradução livre).

"'Bridgerton' sempre será um projeto do qual terei muito orgulho", comenta o criador. "O sucesso e a tremenda repercussão da série me abriram muitas portas e estou muito animado de agora poder tocar outros projetos e extremamente entusiasmado com o que vem por aí."

> "É uma trama completamente nova e incrivelmente diferente, mas igualmente excitante, sexy e escandalosa"
>
> **Chris Van Dusen**
> criador da série

Bridgerton - 2ª Temporada

Com Jonathan Bailey, Simone Ashley, Charithra Chandran, Claudia Jessie, Nicola Coughlan e Julie Andrews. Disponível na Netflix. 16 anos.